



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO DE HISTÓRIA - PROFHISTÓRIA

Nivaldo Jorge da Silva

**Escamas do tempo - do *flâneur* ao *zappeur*:**  
uma proposta de Ensino de História com o Mercado Público de Florianópolis

Florianópolis  
2025

Nivaldo Jorge da Silva

**Escamas do tempo - do *flâneur* ao *zappeur*:**

uma proposta de Ensino de História com o Mercado Público de Florianópolis

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Ensino de História – ProfHistória da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Ensino de História.

Linha de Pesquisa: Saberes Históricos em Diferentes Espaços de Memória.

Orientador(a): Profª. Dra. Mônica Martins da Silva.

Florianópolis

2025

Ficha catalográfica gerada por meio de sistema automatizado gerenciado pela BU/UFSC.  
Dados inseridos pelo próprio autor.

Silva, Nivaldo Jorge da  
Escamas do tempo - do flâneur ao zappeur : uma proposta  
de Ensino de História com o Mercado Público de  
Florianópolis / Nivaldo Jorge da Silva ; orientadora,  
Mônica Martins da Silva, 2025.  
211 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa  
Catarina, Centro de Ciências da Educação, Programa de Pós-  
Graduação em Ensino de História, Florianópolis, 2025.

Inclui referências.

1. Ensino de História. 2. Ensino de História. 3.  
Mercado Público de Florianópolis. 4. Educação Patrimonial.  
5. Educação na Cidade. I. Silva, Mônica Martins da. II.  
Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-  
Graduação em Ensino de História. III. Título.

Nivaldo Jorge da Silva

**Escamas do tempo - do *flâneur* ao *zappeur*:**

uma proposta de Ensino de História com o Mercado Público de Florianópolis

O presente trabalho em nível de Mestrado foi avaliado e aprovado, em 05 de agosto de 2025, pela banca examinadora composta pelos seguintes membros:

Profa. Mônica Martins da Silva, Dra.  
Universidade Federal de Santa Catarina

Profa. Carmem Zeli de Vargas Gil, Dra.  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Prof. Jezulino Lúcio Mendes Braga, Dr.  
Universidade Federal de Minas Gerais

Certificamos que esta é a versão original e final do trabalho de conclusão que foi julgado adequado para obtenção do título de Mestre em Ensino de História

Insira neste espaço a  
assinatura digital

Prof. Dr. Alfredo Ricardo Silva Lopes  
Coordenador do Programa

Insira neste espaço a  
assinatura digital

Prof. Dra Mônica Martins da Silva  
Orientadora

Florianópolis, 07 de agosto de 2025.

Para Izaura, Elisângela e Gabriel. A primeira deu-me o direito de ter uma história, a segunda partilha comigo a história e o terceiro me mostra o sentido dessa história.

## AGRADECIMENTOS

“Eu sou porque nós somos” é uma das frases mais utilizadas para ilustrar o modelo filosófico ubuntu, originado no continente africano. É com essa frase que pretendo externar os meus agradecimentos a todos que compartilharam locais e experiências comigo e, por esquecimento ou espaço, não foram citados nesta seção da dissertação. Aprendi, aprendo e continuo aprendendo com todos que me cercam. Essa é a essência do professor e acredito que seja a essência do ser humano.

Entre os nomes que pretendo destacar, o primeiro é o da minha mãe. Sem ela eu não estaria aqui, tanto biologicamente quanto profissionalmente. Sem nunca ter pisado em uma sala de aula, sem saber ler nem escrever, viúva, doente e com seis filhos aos 36 anos, ela me mostrou e continua me mostrando que a sabedoria está em todos os lugares. Seu conhecimento transcende graduações, mestrados e doutorados. Sua memória transcende qualquer outra que já vi. Seu exemplo de vida é meu modelo. Eu sou porque você é, mãe. Muito obrigado por tudo!

Minha esposa Elisângela, companheira e professora de todas as horas. Ter você ao meu lado mudou minha vida e minha forma de ver o mundo. Sua quietude e sabedoria colaboram para eu me tornar o que sou. Obrigado, meu amor!

Meu filho Gabriel. Amigo, companheiro, aluno e professor. Tento colocar você nos meus ombros, mas sinto que já estou nos seus. Obrigado pelo ser humano que você está se tornando. Tenho um orgulho enorme de dizer todos os dias que você é meu filho. Siga os seus passos, meu estimado “garotinho”, e obrigado por tudo o que você tem me proporcionado.

Meus colegas professores e alunos das escolas por onde passei. Alguns me perguntam o que faço para ter sucesso profissional e eu respondo que apenas copio um pouquinho de cada colega que trabalhou ao meu lado e de cada aluno que passou pelos meus diários de classe. E é isso mesmo. A sabedoria transmitida através da convivência diária com vocês me faz aprender e ser um pouco melhor a cada experiência trocada. Muito obrigado, amigos.

Meus amigos Hélio e Elzenilton (Mito). Nossa convivência de mais de 50 anos me trouxe até aqui. Foram muitas gargalhadas, conselhos e aprendizagens. Ter vocês sempre ao meu lado me tornou o que sou. Você, Hélio, acabou de superar uma doença terrível e me mostrou a força e a tranquilidade para enfrentar momentos difíceis. Você, Mito, infelizmente já nos deixou em 2019. Dedico esta dissertação à sua memória e a todas as grandes jogadas que você fez na vida. As palavras a mim dedicadas em seu leito de morte foram a grande inspiração para a volta à universidade. Obrigado por ter existido e ainda existir em minhas memórias, meu grande amigo.

Aos meus irmãos Nilson, Nelson, Nagib e Jorge, e à minha irmã Roseli, meus sinceros agradecimentos por toda a convivência e por tudo que fizeram por mim. Nossa família tem seus problemas, mas vocês foram, são e sempre serão grandes estímulos e exemplos para o desenvolvimento do meu trabalho.

Aos meus sogros, Alécio e Bete, e toda a família, agradeço de coração os exemplos de humildade e compreensão que vocês me trouxeram em diversos momentos. Agradeço também a confiança e a tranquilidade que vocês demonstraram diante das dificuldades da minha jornada.

Aos professores do curso ProfHistória agradeço a experiência incrível que vocês me proporcionaram. Obrigado aos idealizadores do Mestrado Profissional pela oportunidade oferecida aos professores de História deste país. E um obrigado mais do que especial ao Sandor, ao Alfredo, ao Elison e à Janine, da UFSC, e ao José Rollo e à Neilane, da UEM. Vocês entendem a essência do ProfHistória e são grandes exemplos de profissionais corretos, dedicados e inspiradores.

É impossível deixar de fora o Sílvio, da UFSC, do Pará, do Avaí, amigo do peito. Foi você que me deu a confiança necessária para chegar até aqui. foi você que disse que era possível, tanto com palavras quanto com diversos exemplos de perseverança.

Por último, um agradecimento mais do que especial à minha orientadora, Mônica. Você, mais do que ninguém, soube ler e entender a essência do Nivaldo professor e do Nivaldo ser humano. Sua dedicação, profissionalismo e busca pela excelência foram a base para a dissertação que estou apresentando. Ela é o que é por causa do seu talento e perspicácia, professora. Muito obrigado por todas as orientações.

“Mas a cidade não conta o seu passado, ela o contém como as linhas da mão, escrito nos ângulos das ruas, nas grades das janelas, nos corrimãos das escadas, nas antenas dos para-raios, nos mastros das bandeiras, cada segmento riscado por arranhões, serradelas, entalhes, esfoladuras” (Calvino, 1991, p. 14-15).

## RESUMO

Dissertação de Mestrado que apresenta uma proposta de Educação Patrimonial para o Ensino de História, a partir das percepções sobre a cidade e suas camadas de tempo, chamadas metaforicamente de “escamas”. Elas são interrogadas com o objetivo de desvendar as histórias presentes no Mercado Público Municipal de Florianópolis, em diferentes temporalidades, possibilitando a criação de mecanismos para que os estudantes e a população em geral construam conhecimentos acerca do espaço, reconhecendo as suas transformações e os seus diferentes sujeitos e práticas sociais e culturais. O trabalho foi desenvolvido por meio de pesquisa de cunho qualitativo, utilizando a pesquisa bibliográfica e a análise de fontes documentais, mobilizadas para a construção da proposta didática que se baseou no “paradigma indiciário” proposto por Carlo Ginzburg. As fontes oficiais e as notícias de jornais são utilizadas como pistas ou “escamas” do passado, por meio das quais os estudantes buscam indícios para reconstruir e/ou interpretar histórias, utilizando a metodologia de investigação que considera a dúvida como parte integrante do processo de conhecer. Além disso, o Mercado é analisado como local de trabalho, abastecimento e comércio, e também como espaço onde diferentes sujeitos convivem e entram em conflito, além de permitir compreender as transformações que ocorreram e relacioná-las com as mudanças na própria cidade e seus processos de modernização, higienização e exclusão. Como Dimensão Propositiva, foi desenvolvido o site pedagógico denominado “Escamas do Tempo” ([www.historiamercadopublico.com.br](http://www.historiamercadopublico.com.br)), que traz a proposta de diferentes percursos dentro do Mercado que possibilitam o trabalho do flâneur, aquele que caminha sem rumo pela cidade, mas que é alguém consciente das mudanças e procura analisá-las e entendê-las; e do zappeur, aquele que caminha pela cidade sem um roteiro pré-definido, preferindo se guiar por aquilo que mais lhe chama a atenção no momento. Destinado principalmente aos estudantes e professores do Ensino Básico, o roteiro proposto desenvolve uma proposta de Ensino de História que contempla diferentes narrativas sobre a história da cidade a partir dos pressupostos da Educação Patrimonial.

**Palavras-chave:** Ensino de História; Educação Patrimonial; Mercado Público de Florianópolis; Educação na Cidade.

## ABSTRACT

Master's Dissertation that presents a proposal for Heritage Education in the teaching of History, based on perceptions of the city and its layers of time, metaphorically referred to as "scales." These are interrogated with the aim of unraveling the stories present in the Florianópolis Municipal Public Market across different time periods and enabling the creation of mechanisms for students and the general public to build knowledge about the space, recognizing its transformations and its diverse social and cultural subjects and practices. The work was developed through qualitative research, utilizing bibliographical research and analysis of documentary sources, mobilized to construct the didactic proposal based on the "evidential paradigm" proposed by Carlo Ginzburg. Official sources and newspaper reports are used as clues or "scales" of the past, through which students seek evidence to reconstruct and/or interpret stories, using a research methodology that considers doubt as an integral part of the process of knowing. Furthermore, the Market is analyzed as a place of work, supply, and commerce, and also as a space where different subjects coexist and clash, in addition to allowing an understanding of the transformations that have occurred and relating them to the changes in the city itself and its processes of modernization, sanitation, and exclusion. As a Propositive Dimension, the educational website "Escamas do Tempo" (Escamas do Tempo) ([www.historiamercadopublico.com.br](http://www.historiamercadopublico.com.br)) was developed. It proposes different routes within the Market, enabling the work of the flâneur—those who wander aimlessly through the city but are aware of its changes and seek to analyze and understand them; and the zappeur—those who wander through the city without a pre-defined itinerary, preferring to be guided by what most catches their attention at the moment. Aimed primarily at elementary school students and teachers, the proposed itinerary develops a History Teaching approach that encompasses different narratives about the city's history based on the premises of Heritage Education.

**Keywords:** History Teaching; Heritage Education; Florianópolis Public Market; Education in the City.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Relógio instalado no vão central do Mercado .....	32
Figura 2 - Mercado atual em formato 3D, mostrando que o presente e o passado convivem em um mesmo espaço .....	36
Figura 3 - Foto de Josef Brüggemann do Mercado de Desterro (1867) .....	46
Figura 4 - Planta topográfica da cidade de Nossa Senhora do Desterro (1876) .....	48
Figura 5 - Infográfico com as duas alas do Mercado e as ruas no seu entorno .....	53
Figura 6 - Aterro para a construção do Mercado Novo (1896) .....	54
Figura 7 - Mercado inaugurado em 5 de fevereiro de 1899 .....	55
Figura 8 - Imagem do Mercado vendida como lembrança de Florianópolis (1911) .....	58
Figura 9 - Praça Fernando Machado, em 1924, com a réplica da Ponte Hercílio Luz e o prédio da Alfândega ao fundo .....	61
Figura 10 - Maquete do Miramar .....	62
Figura 11 - Interior do Mercado na década de 1920 .....	63
Figura 12 - Mercado já ampliado e com as duas torres na década de 1950 .....	65
Figura 13 - Praia do “Vai Quem Quer”, ao lado do Mercado, na atual rua Francisco Tolentino na década de 1930 .....	67
Figura 14 - Vista aérea da área do Mercado (1956) .....	68
Figura 15 - Vista da área do Mercado antes dos grandes aterros da década de 1970 .....	70
Figura 16 - Montagem do Mercado com uma foto atual e outra anterior aos aterros .....	71
Figura 17 - Montagem do Mercado com uma foto atual e outra da década de 1970 .....	74
Figura 18 - Mercado antes das reformas da década de 1980 (vista da Avenida Paula Fontes em direção à rua Jerônimo Coelho) .....	78
Figura 19 - Vão central do Mercado ainda aberto ao trânsito de automóveis na década de 1960 .....	79
Figura 20 - Roda de capoeira no vão central do Mercado .....	82
Figura 21 - Mapa da localização do Mercado Público Municipal de Florianópolis .....	85
Figura 22 - Vista aérea da Praça XV de Novembro, com o Mercado ao fundo (de onde partem as setas) .....	88

Figura 23 - Página de abertura do site <i>Escamas do Tempo</i> .....	95
Figura 24 - Segunda aba do site <i>Escamas do Tempo</i> .....	96
Figura 25 - Terceira aba do site <i>Escamas do Tempo</i> .....	97
Figura 26 - Quarta aba do site <i>Escamas do Tempo</i> .....	98
Figura 27 - Quinta aba do site <i>Escamas do Tempo</i> , com o direcionamento para cada uma das oito escamas .....	99
Figura 28 - Abertura da Escama 1, apresentando suas subdivisões e orientações.....	100
Figura 29 - Trecho do site <i>Escamas do Tempo</i> com o detalhamento de uma subdivisão da Escama 1 .....	100
Figura 30 - Mapa do Mercado Público com as etapas do percurso e a localização dos QR Codes.....	102
Figura 31 - Trecho do “Material para os Professores” com o quadro amarelo de orientações .....	104
Figura 32 - Trecho do “Material para os Professores” com as orientações da aba “Conhecendo o Mercado” .....	105
Figura 33 - Trecho do “Material para os Professores” com as orientações sobre o trabalho com as escamas .....	106
Figura 34 - Trecho do “Material para os Professores” com o quadro rosa de aprofundamento.....	107

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - População da Ilha de Santa Catarina em 1872.....	50
---	----

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

<b>APE</b>	Arquivo Público do Estado
<b>ACOVEMAPUF</b>	Associação dos Comerciantes e Varejistas do Mercado Público
<b>BNCC</b>	Base Nacional Comum Curricular
<b>BU</b>	Biblioteca Universitária
<b>CAPES</b>	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
<b>CEDUC</b>	Coordenação de Educação Patrimonial
<b>CNPq</b>	Conselho Nacional de Pesquisa Científica
<b>DOESC</b>	Diário Oficial do Estado de Santa Catarina
<b>EMBRATEL</b>	Empresa Brasileira de Telecomunicações
<b>IHGSC</b>	Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina
<b>IPHAN</b>	Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
<b>IPUF</b>	Instituto de Planejamento Urbano de Florianópolis
<b>ND</b>	Jornal Notícias do Dia
<b>NSC</b>	Nossa Santa Catarina
<b>SEPHAN</b>	Serviço de Patrimônio Histórico, Artístico e Natural
<b>SPHAM</b>	Serviço de Patrimônio Histórico, Artístico e Natural do Município
<b>UFSC</b>	Universidade Federal de Santa Catarina

## SUMÁRIO

	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>16</b>
<b>1</b>	<b>ENSINAR HISTÓRIA DENTRO E A PARTIR DO MERCADO .....</b>	<b>22</b>
1.1	A HISTÓRIA DE VIDA DO FILHO DA VIÚVA CRIOU UM PROFESSOR.....	22
1.2	O PROFHISTÓRIA E AS POSSIBILIDADES DE ENSINAR HISTÓRIA COM O MERCADO PÚBLICO DE FLORIANÓPOLIS.....	26
1.3	O TEMPO DO MERCADO E O ENSINO DE HISTÓRIA .....	31
1.4	A EDUCAÇÃO PATRIMONIAL NO BRASIL RECENTE.....	36
<b>2</b>	<b>UM MERCADO EM CONSTRUÇÃO.....</b>	<b>44</b>
2.1	O ABASTECEDOR: AS BARRAQUINHAS E A CONSTRUÇÃO DO PRIMEIRO MERCADO PÚBLICO .....	44
2.2	O ABASTECEDOR: O CONVÍVIO DENTRO DO MERCADO E DA CIDADE ...	48
2.3	O ABASTECEDOR: A CONSTRUÇÃO DA PRIMEIRA ALA DO ATUAL MERCADO PÚBLICO .....	52
2.4	A DEMOLIÇÃO DO MERCADO VELHO.....	60
2.5	O ABASTECEDOR: A CONSTRUÇÃO DA SEGUNDA ALA DO ATUAL MERCADO PÚBLICO .....	64
<b>3</b>	<b>DE UM MERCADO ESVAZIADO A UM MERCADO RESSIGNIFICADO....</b>	<b>68</b>
3.1	O FECHAMENTO DO PORTO, OS ATERROS E O DISTANCIAMENTO DO MAR 68	
3.2	A PATRIMONIALIZAÇÃO E O EMOLDURAMENTO DO MERCADO PARA A EXPLORAÇÃO TURÍSTICA .....	75
3.3	O CONTROLE DOS CORPOS E DOS COSTUMES .....	80
<b>4</b>	<b>ESCAMAS DO TEMPO - DO <i>FLÂNEUR</i> AO <i>ZAPEUR</i>: UMA PROPOSTA DE PERCURSO NO MERCADO PÚBLICO MUNICIPAL DE FLORIANÓPOLIS .....</b>	<b>87</b>
4.1	A IDEIA ORIGINAL PARA O PERCURSO.....	87
4.2	A INCLUSÃO DOS CAMINHANTES .....	89
4.3	OS CAMINHANTES SENSÍVEIS.....	91
4.4	A ORGANIZAÇÃO DO SITE E DO PERCURSO .....	93

4.5	A ORGANIZAÇÃO DO MATERIAL PARA OS PROFESSORES.....	103
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>108</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>113</b>
	<b>APÊNDICE A - Material para os Professores .....</b>	<b>127</b>

## INTRODUÇÃO

Durante sua história, a cidade de Florianópolis, localizada no estado de Santa Catarina, teve dois Mercados Públicos em sua área central. Um de 1851 a 1899, e outro de 1899 até os dias atuais, passando pela construção de uma segunda ala em 1931. Não é conveniente analisar os dois Mercados de forma isolada, pois os processos de construção e exploração do prédio e a convivência entre diferentes grupos sociais em um mesmo espaço possibilitam a análise de diferentes disputas políticas que envolveram a apropriação da cidade por meio do confronto de valores, ideais civilizatórios e ressignificação urbana e histórica.

Começando pelas barraquinhas de comércio, passando pela criação dos primeiros partidos políticos de Santa Catarina, pelo processo de expansão urbana e de desenvolvimento turístico, o Mercado Público pode representar diversas transformações ocorridas na cidade. A história do prédio confunde-se no tempo com discursos políticos, econômicos, sociais e médico-higienistas que dominaram, em diferentes temporalidades, os debates públicos desde que Florianópolis, ainda denominada Nossa Senhora do Desterro<sup>1</sup>, era uma pequena cidade portuária do sul de um país recém independente.

Tenho um período extenso de pesquisas sobre a edificação, que vem desde que fui aluno do curso de História da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), na turma do primeiro semestre de 1988. Na disciplina de História de Santa Catarina, tive o meu contato acadêmico inicial com o Mercado ao desenvolver um trabalho de pesquisa sobre o tema. O interesse aumentou, e ele terminou por ser o ponto central do meu Trabalho de Conclusão de Curso, com o título de *Pontos para a História do Mercado Público Municipal de Florianópolis* (Silva, 1991), e de uma infinidade de pesquisas ao longo de mais de 30 anos.

Foram diversas consultas no Arquivo Público do Estado, na Biblioteca Universitária, na Biblioteca Pública do Estado e em arquivos diversos, que geraram um acervo pessoal de imagens, cópias e anotações de documentos, artigos de jornais e entrevistas. Muitas das observações para o trabalho foram feitas a partir das minhas próprias vivências. Tanto no passado, quando eu era um frequentador do local, quanto do momento atual, quando vou ao espaço fazer observações sobre o cotidiano do lugar.

Em 1996, em conjunto com a Associação dos Comerciantes e Varejistas do Mercado Público (ACOVEMAPUF), a minha pesquisa foi transformada em livro. A obra *A descoberta*

---

<sup>1</sup> A data oficial da fundação da cidade de Nossa Senhora do Desterro é o ano de 1726. Em 1893, devido às consequências da Revolução Federalista, o nome foi mudado para Florianópolis.

*do Mercado Público* (Silva, 1996) tornou-se uma das principais referências sobre os dados gerais acerca da história do prédio. Cito, como exemplo da importância do trabalho, o fato de que até aquele momento as autoridades e os comerciantes acreditavam que o Mercado tivesse sido inaugurado em 1896, baseados no trecho do livro de Oswaldo Rodrigues Cabral, que dizia que “o edifício levantado em 1851 só viria a ser demolido 45 anos depois, isto é, em 1896” (Cabral 1979, p. 96). Tratava-se do chamado “Primeiro Mercado”, erguido em frente à atual Praça XV de Novembro e, na falta de dados mais específicos sobre o atual prédio, convencionou-se que ele teria sido inaugurado com a demolição do anterior. As pesquisas que fiz, no entanto, comprovaram que a verdadeira data de inauguração do prédio foi em 05 de fevereiro de 1899. As festas de aniversário organizadas pelos comerciantes e pela prefeitura, que eram realizadas no dia 23 de março, aniversário da cidade, passaram a ocorrer na data correta a partir de então.

Desde o início do curso do Mestrado Profissional em Ensino de História (ProfHistória), meu grande desafio foi encontrar uma forma de direcionar o potencial desses documentos acumulados ao longo dos anos para o Ensino de História. Ao acrescentar novas pesquisas bibliográficas e análises de novas fontes oficiais e de notícias de jornais, entendi que o melhor caminho seria desenvolver uma proposta de Educação Patrimonial dentro do Ensino de História, voltada para professores e estudantes do Ensino Básico, buscando trabalhar o ensino da história do Mercado, a partir de uma proposta de Educação Patrimonial que sensibilize o estudante a interrogar e desvendar as camadas de história presentes no Mercado Público Municipal de Florianópolis.

Sendo assim, trago também a pesquisa historiográfica para dentro do ProfHistória, buscando potencializar a Educação Patrimonial dentro do Ensino de História e privilegiando essa pesquisa em documentos, entendendo o próprio objeto de estudo como um documento e proporcionando uma forma de conceber a patrimonialização como algo que é construído coletivamente e não imposto pelas autoridades.

A proposta parte da ideia citada no artigo *Educação patrimonial: percursos, concepções e apropriações*, de Carmem Gil e Zita Possamai, em que afirmam que o “bem patrimonial não é o elemento estruturante da educação patrimonial, mas a relação que se estabelece entre o sujeito, o patrimônio e o espaço onde está situado esse bem” (Gil; Possamai, 2014, p. 23). A dimensão propositiva de minha dissertação, com base nos diversos documentos que acumulei ao longo do tempo e em minha experiência de sala de aula, leva em conta que a patrimonialização do Mercado foi sendo construída ao longo do tempo, a partir das relações pragmáticas e utilitárias de seus frequentadores e trabalhadores, e também dos diversos planos

e olhares pensados e criados para Florianópolis. No entanto, não descartei desse processo o papel do Estado, já que foi ele quem deu início a essa estratégia, quando ainda não havia relação de identificação do Mercado Público como bem cultural pela população.

Como desenvolver uma proposta de Educação Patrimonial com o Mercado Público como objeto para o Ensino de História é o grande desafio da minha dissertação. Mobilizar fontes históricas sobre o Mercado como “pistas” foi a maneira encontrada para questionar as formas como o Patrimônio vem sendo trabalhado em nossas salas de aula. Essas pistas seriam as fontes de uma forma geral, tanto os documentos escritos pelas autoridades quanto as publicações feitas em jornais. Da mesma forma, registros presentes na construção e na organização do espaço serviriam para uma análise minuciosa, livre e renovada (Lima, 2018, p. 109), possibilitando a leitura do espaço e facilitando a identificação das camadas de História e o trânsito entre o passado e o presente no Patrimônio que é o Mercado Público Municipal de Florianópolis (Gil, 2021, p. 3).

A ideia de utilizar fontes como “pistas” remete ao “paradigma indiciário”, do historiador Carlo Ginzburg, que parte do princípio da utilização das fontes como pistas do passado. O paradigma indiciário é um modelo de interpretação que se baseia na busca de indícios para reconstruir histórias, usando uma metodologia de investigação que considera a dúvida como parte integrante do processo de conhecer, partindo do pressuposto de que a realidade está repleta de pequenos detalhes que permitem vê-la em uma profundidade pouco costumeira. Os indícios, portanto, seriam as “pistas” para reconstruir e/ou interpretar histórias.

Busco, portanto, dentro das camadas de História do Mercado, muitas vezes escondidas pelo tempo e pelos diferentes discursos, caminhos para os estudantes buscarem indícios, fazerem averiguações e refletirem sobre o presente e o passado. A proposta é utilizar a ideia do caráter artesanal do ofício do historiador, treinando o olhar do estudante para dominar métodos de análise que compreendam a historicidade do Mercado Público em seu contexto de criação e desenvolvimento.

O trabalho com as fontes como “pistas” oferece as possibilidades de compreender a história dos sujeitos, das memórias, das atividades, das práticas e da história da edificação. Com o uso de documentação diversa e com a sugestão de uma caminhada presencial/virtual dentro do prédio, este trabalho busca possibilitar aos estudantes uma reflexão sobre os diversos usos do patrimônio. Creio que é uma forma de dar liberdade para que o estudante faça suas próprias leituras dos patrimônios, partindo da sua realidade e deixando em aberto as possibilidades para que ele faça seu próprio roteiro, da forma como achar mais interessante, seja ele um *flâneur*, um *zappeur* ou mesmo um *blasé*.

No texto *Os Museus e a Cidade*, José Reginaldo Santos Gonçalves (2003) analisou a obra de Walter Benjamin (1994) e citou experiências do mundo moderno e o surgimento de duas figuras, denominadas *flâneur* e *blasé*. O primeiro é aquele que caminha e vislumbra todos os detalhes de uma cidade. O segundo é aquele que caminha no ritmo dos outros, perdendo o contato com o ambiente que está a sua volta. Ao analisar a obra de Johannes Mario Simmel (1973), o autor ainda cita uma terceira figura, que é o “homem das multidões”, um sujeito frio e indiferente a tudo aquilo que vê e sente (Gonçalves, 2003, p. 174-175). De um modo geral, muitos de nós, professores, almejamos que os estudantes tenham a visão da primeira figura, denominada *flâneur*, que olhem para tudo com prazer e reflitam, questionem e tentem entender o que está a sua volta.

Uma outra figura que venho percebendo em sala de aula, desde antes da febre dos aparelhos celulares e seus assemelhados, despertou o meu interesse e tornou-se fundamental para o desenvolvimento desta dissertação. Na leitura do artigo *Flâneur, blasé, zappeur: variações sobre o tema do indivíduo*, Marco Toledo de Assis Bastos (2007) apresentou-me ao *zappeur*, aquele que “tem a lógica do controle-remoto, pilhando cenas, ideias e sons, e os organiza segundo um tempo interior que não se conecta com as aglomerações urbanas” (Bastos, 2007, p. 7-8). Ele não segue um roteiro pré-definido, mas guia-se apenas pela subjetividade estabelecida pelos estímulos momentâneos.

A intensidade dos movimentos dentro do Mercado, as constantes mudanças ocorridas no local, os estudos do ProfHistória e a experiência de 33 anos de sala de aula me mostraram que a ideia do roteiro puro e simples poderia ser aprimorada para ser aplicada dentro do Mercado Público. Muitos dos estudantes com os quais tenho trabalhado, além de se comportarem como *blasés* e “homens da multidão”, também desenvolvem o comportamento do *zappeur*. Eles têm dificuldades para focar em um único cenário e pressa para acabar as tarefas, sejam as desenvolvidas em sala de aula, nas saídas de estudo ou mesmo a navegação em sua página preferida. Pensando nisso, desenvolvi a ideia de que um roteiro virtual/presencial seria o mais indicado para possibilitar o trabalho do *flâneur* e do *zappeur* e, ainda, tentar provocar o interesse do *blasé* e do “aluno da multidão”.

As observações no local despertaram meu olhar para o desenvolvimento de uma proposta de um percurso sem um ponto fixo de partida ou chegada, bem ao gosto do *zappeur*. O fato de o prédio do Mercado não ter uma entrada ou uma saída determinada e começar e terminar ao gosto do caminhante, levou-me a uma proposta na qual o estudo da história também possa ser feito dessa forma. Inúmeros pontos do prédio podem chamar a atenção do frequentador, destacando-se o relógio, os produtos, os bares ou qualquer ação que porventura

esteja ocorrendo e que chame a atenção dos presentes. Ele caminha pelo Mercado ao sabor da visão ou da audição. O que lhe chamar a atenção será motivo para uma apreciação ou um questionamento rápido. Pode ser um produto, uma música, uma conversa ou mesmo uma parte do prédio. Dependendo do estímulo e da sua identificação, sua atenção poderá se alongar.

Não podemos esquecer que o Mercado é um espaço distinto da sala de aula e aberto a uma série de possibilidades voltadas para a Educação Patrimonial, devido às suas diferentes temporalidades físicas, sociais e culturais. Joan Pagès Blanch e Sonia Regina Miranda, no artigo *Cidade, Memória e Educação: conceitos para provocar sentidos no vivido* (2013), discutem essa questão e afirmam que em uma área urbana esses fatores são mais visíveis ou perceptíveis do que aqueles “advindos do discurso histórico disciplinarizado pelos currículos, pelos livros didáticos e pelas imagens de um patrimônio histórico universal, distante e abstrato” (Blanch; Miranda, 2013, p. 69). Educar com e pela cidade possibilita ao aluno caminhar na fronteira entre o racional e o emocional; partir do seu livro didático, da sua sala de aula, do seu mundo virtual, para a reflexão em torno da circulação das multidões e do cenário urbano modificado constantemente pelas intervenções humanas no decorrer da história.

Acredito, portanto, que as cidades e, por consequência, o Mercado, “podem ser objetos de explicação e de produção narrativa em relação ao que se passou, funcionando como receptáculos, portanto, da operação historiográfica” (Blanch; Miranda, 2013, p. 25). Da mesma forma, elas trazem memórias que possibilitam o enriquecimento do processo de ensino-aprendizagem “ancoradas em um processo claro de intencionalidade didática” e de operações de esquecimento que levam à reflexão sobre “as seleções e políticas da memória ativadas pelas diferentes decisões de guarda e preservação” (Blanch; Miranda, 2013, p. 25).

Dessa forma, trago no Capítulo 1 uma série de reflexões acerca de minha prática pedagógica durante os 33 anos que estou em sala de aula, que não está dissociada de minha vida pessoal, carregada de lutas e com influências diretas na vida profissional. Juntei a esses pontos, análises relacionadas ao Ensino de História, à Educação Patrimonial e à patrimonialização oficial do Mercado Público Municipal de Florianópolis. Creio que essas discussões são fundamentais para apresentar as diversas possibilidades de mobilizar a história do Mercado Público no desenvolvimento de uma proposta de Educação Patrimonial no Ensino de História.

Nos capítulos 2 e 3 farei uma viagem no tempo para analisar as fontes que nos levam ao conhecimento de algumas facetas da história do Mercado Público Municipal de Florianópolis. Partindo das barraquinhas, os primeiros aglomerados de mercadores da cidade no início do século XIX, vou chegar à construção do “Mercado Velho”, estrategicamente

instalado na frente da praça central em 1851, depois de uma série de polêmicas que deram origem aos dois primeiros partidos políticos de Santa Catarina. Em seguida, vou chegar aos períodos de construção das duas alas do prédio atual. A primeira inaugurada em 1899 e a segunda em 1931. A partir daí, o estudo vai focar na ressignificação do papel do Mercado Público dentro de um contexto de esvaziamento da sua importância para o abastecimento da cidade e de construção de uma estratégia de desenvolvimento turístico.

No capítulo 4, como dimensão propositiva, apresento um site pedagógico, que desenvolvi, com um roteiro presencial/virtual para abordar a proposta por meio da Educação Patrimonial voltada para o Ensino de História e para os docentes, orientando o seu uso com os estudantes em diferentes contextos escolares. Partindo da ideia de que é possível estabelecer diferentes percursos a partir do prédio do Mercado, criei um material para mostrar a centralidade da construção dentro do imaginário da cidade e explorar os sentidos dos estudantes, dentro do emaranhado de sensações que o Mercado Público Municipal de Florianópolis proporciona.

O site pedagógico [www.historiamercadopublico.com.br](http://www.historiamercadopublico.com.br) traz a proposta de diferentes percursos presenciais e/ou virtuais dentro do Mercado, a fim de possibilitar o trabalho do *flâneur*, aquele que caminha sem rumo pela cidade, mas é alguém consciente das mudanças e procura analisá-las e entendê-las; e do *zappeur*, aquele que caminha pela cidade sem um roteiro pré-definido, preferindo guiar-se por aquilo que mais lhes chama a atenção no momento. Direcionado para estudantes e professores do Ensino Básico, mas possibilitando o acesso ao público em geral, o material traz uma série de atividades e reflexões a partir de oito estações chamadas de “escamas”, que possibilitam aos estudantes reflexões e interrogações que os levam à retirada dessas escamas através de uma viagem no tempo nos corredores do Mercado Público.

Com a ideia de que o material impresso não atende mais ao interesse do *zappeur*, o site [www.historiamercadopublico.com.br](http://www.historiamercadopublico.com.br) também disponibiliza para download o “material para os professores”, que apresenta orientações para o trabalho em sala de aula com os estudantes, definindo discussões e trabalhando conceitos que serão utilizados durante o percurso.

# 1 ENSINAR HISTÓRIA DENTRO E A PARTIR DO MERCADO

## 1.1 A HISTÓRIA DE VIDA DO FILHO DA VIÚVA CRIOU UM PROFESSOR

Pisei pela primeira vez na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) no início do ano de 1988. Antes disso, foram onze anos em escolas públicas estaduais, quatro deles no período noturno, pois o dia era reservado para o trabalho braçal em um engenho de beneficiamento de arroz e, posteriormente, em um abatedouro de coelhos, realizando as mais diversas tarefas, inclusive a de vigilante noturno. Chegar à universidade era algo impensável para um garoto pobre, quinto dos seis filhos de uma mãe analfabeta e de um pai que faleceu quando ele tinha apenas quatro anos de idade.

Em minhas memórias, recorro com clareza o trajeto de ônibus até a UFSC pelo bairro Saco dos Limões e a conversa ingênua com o cobrador na chegada ao ponto final da linha UFSC via Carvoeira:

- Chegamos na universidade?
- Sim.
- Mas em qual prédio fica a universidade?
- Em todos?
- E agora? Para onde vou?”

Conto essa passagem, muitas vezes repetida em sala de aula, para contextualizar o Brasil de 1988, recém-saído de um período de 21 anos de ditadura militar e onde chegar à universidade era coisa para poucos. Mesmo tendo notas altíssimas em toda a vida escolar, nunca fui orientado sobre o que era o ensino superior e sobre as possibilidades na carreira estudantil. Para um garoto pobre da periferia, o trabalho braçal era o principal prato oferecido em um “cardápio de vida” que incluía também jogar futebol ou aderir à criminalidade, já tão presente na comunidade da Vila Santa Rita, na divisa dos municípios de São José e Biguaçu. Ali ninguém havia tido ainda o atrevimento de entrar em uma universidade. A conversa nos inúmeros bares era que “a tal de ‘dificuldade’ era só para ricos” e que “o filho da viúva estava se achando importante e se metendo onde não devia”.

A própria inscrição no vestibular veio depois de uma conversa e de uma quase imposição de um colega de trabalho formado em química, que disse que se eu não me interessasse por algum curso, deveria me “inscrever para qualquer coisa, porque o importante era estar lá dentro”. Agradeço até hoje o conselho, pois estar “lá dentro” foi a experiência mais importante que tive e a “qualquer coisa” que escolhi foi o curso de História, que transformou a

minha visão de mundo e colaborou para mudar completamente minha vida e a vida de muitas pessoas ao meu redor.

Foi no curso de História da Universidade Federal de Santa Catarina que comecei a entender os motivos pelos quais ninguém da minha família ou da minha comunidade ainda havia feito contato com o ensino superior. Comecei a perceber que não era uma questão de capacidade, mas sim de oportunidades, de esclarecimento e de concentração do conhecimento em determinada parcela da sociedade.

Comecei pela primeira vez a entender que as minhas diversas crises de choro quando estava escondido em meio a sacos de farelo de arroz, fugindo de trabalhos pesados e de inúmeros castigos físicos e morais, eram na verdade reflexos de grandes escolhas dentro da macropolítica e da história do meu país. Percebi que quando chorava revoltado murmurando que “queria ser rico para poder estudar, jogar futebol e não ter que trabalhar tanto para ajudar no sustento de casa”, eu estava repetindo apenas o que milhões de garotos brasileiros sentiam e ainda sentem por não terem as oportunidades necessárias para o seu digno desenvolvimento. O “quero ser rico” nada mais era do que mostrar insatisfação com uma sociedade que relega boa parte de sua população a fazer escolhas que não faria se tivesse condições mínimas de sobrevivência.

A dicotomia entre os problemas e alegrias de uma comunidade pobre e o meio acadêmico marcou toda a minha vida universitária, profissional e pessoal. Na comunidade, eu era diretor da Associação dos Moradores e do clube de futebol “Atlético Vila Santa Rita”, que ajudei a fundar em 1988 e que existe até hoje. Eu era citado constantemente como exemplo do tradicional “basta batalhar que você consegue”. Essa fala muito me incomodava e ainda me incomoda, pois eu via a luta diária de todos os meus amigos, cada qual do seu jeito, e entendia que é necessário muito mais do que simplesmente “batalhar”. Batalhar todos batalhamos, mas quantos espaços a sociedade deixa para as classes menos privilegiadas?

Na comunidade, sentia que havia uma vigilância constante, inclusive da minha parte. O que falar, como falar e como me portar em situações que enfrentava por estar convivendo em outro meio, muito distante daquele que meus amigos e vizinhos estavam acostumados. Eram situações muitas vezes embaraçosas, que eu tentava superar buscando um aprendizado e a utilização dentro do curso. Nos dias de hoje, ainda vejo essa situação e entendo que parte do meio acadêmico continua distante da vida cotidiana das comunidades mais carentes e desprovidas de acesso às necessidades básicas.

Na universidade, a vigilância era outra. Eu precisava mostrar que era possível conviver com meus colegas, mesmo vindo de um meio onde sequer se falava em ensino superior. Com

inúmeras dificuldades, eu procurava ter uma postura que permitisse uma aceitação por parte dos colegas que considerava erroneamente como vindos de um grupo elitizado. Essa situação foi muito importante em minha formação e na minha vida profissional, pois, desde o primeiro momento de convívio com os alunos, procuro entender suas realidades familiares, sociais e econômicas.

Em um curso de História carregado de dificuldades, onde ainda trabalhava em casas noturnas nos finais de semana, convivi com uma divisão que, em certos aspectos, ainda está estabelecida no Ensino de História em diversas escolas do país e mesmo nos debates políticos. A turma 88.1 foi dividida infantilmente em “antas”, aqueles que não dominavam as teorias, vinham de famílias mais humildes e se ligavam aos professores tradicionalistas; e “iluminados”, os marxistas, ligados à esquerda universitária, aos grandes debates políticos e que eram apoiados pelos professores inovadores e considerados mais descolados.

A divisão perdurou por todo o curso e os debates e as gargalhadas foram memoráveis, tendo uma série de repercussões posteriores em nossas vidas profissionais e acadêmicas. Como eu já fazia na relação entre a universidade e a minha comunidade, tentei gravitar entre os dois grupos. Mesmo estando ligado mais diretamente aos chamados de “antas”, não fechava as portas ao diálogo com os “iluminados”, e procurava entender e aprender com suas perspectivas e visões de mundo.

Na parte final do curso, dois fatos relevantes alteraram meu rumo. Fui selecionado com uma Bolsa de Iniciação à Pesquisa do CNPq, o que me possibilitou trabalhar diretamente na pesquisa com jornais na Biblioteca Pública do Estado e com professoras como Rosângela Miranda Cherem e, indiretamente, Joana Maria Pedro. Ao mesmo tempo, a disciplina de História de Santa Catarina exigiu um trabalho sobre um tema ligado à história local e foi aí que iniciei os estudos sobre o Mercado Público Municipal de Florianópolis.

Como estudioso da temática, percebo como minha história de vida está ligada à minha prática diária em sala de aula e à escolha do Mercado Público como objeto de pesquisa no ProfHistória. O fato de eu estar estudando o Mercado está diretamente ligado à minha larga experiência de vivência e pesquisa, que produz afinidade e proximidade com o tema. Relembro que, quando criança, sair do bairro Serraria, em São José, e ir para a “cidade”, como chamávamos Florianópolis, era um acontecimento marcante, digno de ser contado com pompas na sala de aula no dia seguinte. Nessas aventuras, o prédio do Mercado chamava a atenção. Sua imponência na entrada da cidade, minha mãe pechinchando nas bancas de peixe e todas aquelas pessoas circulando, eram fatores que despertavam a atenção e tornavam-se o momento mais marcante da viagem.

Hoje vejo que aquilo que presenciei se referia às pequenas atividades econômicas que ocorriam em uma edificação histórica e comercial. Depois veio o período em que fazia entregas de arroz no Mercado e passei a olhar o local pelo ângulo dos trabalhadores. Em seguida, como estudante da Universidade Federal de Santa Catarina e professor, surgiu o olhar do historiador. O tempo foi passando e a possibilidade de colocar em prática a ideia de analisar o prédio sob outra perspectiva levou-me a fazer o Mestrado no curso ProfHistória.

Faço essa análise para afirmar que a concepção de História que tenho e o meu trabalho em sala de aula têm uma relação direta com a minha vivência e com as minhas memórias. Como professor, busco constantemente novas narrativas e novos objetos de estudo para atrair a atenção dos alunos em sala para a importância e a compreensão da História como algo que faz parte de suas vidas. Isso é fruto da experiência e da minha própria história de vida.

Sou um projeto frustrado de jogador de futebol ou projeto social inacabado de trabalhador braçal, que se transformou em um professor com mais de 30 anos de experiência com turmas de Ensino Fundamental e Ensino Médio nas escolas da região da Grande Florianópolis. Desde que lecionei pela primeira vez no grupo Escolar Venceslau Bueno, em Palhoça, procurei trabalhar os conteúdos de História a partir da vivência dos estudantes e tentando mostrar que vários caminhos eram possíveis, tanto para eles quanto para figuras colocadas como heroicas nos livros de História. Ao levar isso aos alunos, acredito que eles consigam fazer as ligações desejadas com suas próprias histórias e entender que os heróis tão decantados são construções históricas que atendem a diversos interesses.

Trabalho atualmente como professor efetivo da rede pública do estado de Santa Catarina na Escola de Educação Básica Professora Claudete Maria Hoffmann Domingos, no bairro Ponte do Imaruim, em Palhoça, e como assessor de direção na Escola de Ensino Básico Ângelo Cascaes Tancredo. Antes, passei por duas escolas públicas de São José: Cecília Rosa Lopes, em Forquilha, e Homero de Miranda Gomes, no Bairro Ipiranga, onde tive uma importante experiência como Diretor Geral.

Na rede privada, atuo desde 2003 no Colégio Fórmula, no bairro Paganí, em Palhoça. A escola era inicialmente uma unidade do Colégio Energia e tinha a sua sede no bairro Ponte do Imaruim. Lecionei também em outras escolas privadas, como o Colégio Carrossel, em Palhoça, o Colégio Dom Jaime, em São José, o Colégio Ideologia, em Santo Amaro da Imperatriz, e o Colégio Energia, em Florianópolis e em Joinville.

Em todas elas, fui adquirindo experiências e convivendo com profissionais sérios e dedicados que contribuíram para me tornar o profissional que sou hoje. Entendi, em todos esses anos, que um fator essencial para conseguir a aceitação e o reconhecimento dos alunos é entrar

no seu dia a dia e conhecer um pouco mais deles, de suas famílias e de seus olhares sobre o mundo, procurando mostrar que a História, que muitas vezes chega pronta e embalada em livros e apostilas na sala de aula, é apenas uma construção cercada de interesses de diversos grupos políticos e econômicos.

Mesmo com toda essa vivência, passei trinta anos sem me atrever a retornar à universidade e iniciar um curso de Mestrado, principalmente depois que tive meu projeto rejeitado na banca de ingresso em 1994. Consequência das divisões durante o curso de graduação e da minha pouca experiência e falta de orientação, percebi que as possibilidades de ficar dentro do meio acadêmico estavam aniquiladas naquele momento.

Foi aí que comecei a me dedicar inteiramente à vida de professor de História e, até o ano de 2020, não pensei mais com seriedade em fazer o curso de Mestrado. A aceitação e excelente convivência com os alunos, a relativa melhoria na vida financeira e a inevitável acomodação profissional e familiar foram fatores decisivos para essa situação.

A pandemia, no entanto, virou um momento de reflexão de toda uma trajetória e de busca de novos horizontes. Convencido pelo amigo, professor do Centro de Ciências da Educação, Sílvio Domingos dos Santos, fui apresentado ao Mestrado Profissional em Ensino de História (ProfHistória). A partir daí, fiz toda uma organização para realizar a prova em 2022, quando fui aprovado e iniciei o curso na turma de 2023.

## 1.2 O PROFHISTÓRIA E AS POSSIBILIDADES DE ENSINAR HISTÓRIA COM O MERCADO PÚBLICO DE FLORIANÓPOLIS

O ProfHistória começou a ser pensado efetivamente em 2012 e teve suas primeiras turmas iniciadas no ano de 2014. Tendo como objetivo possibilitar aos professores que atuam no ensino público uma rede nacional de cursos de mestrado profissional, o programa preencheu duas lacunas que se colocavam diante dos professores de História. A primeira é aquela que dificulta a conciliação entre o trabalho em sala e a produção de um projeto de pesquisa para o mestrado acadêmico. Com a possibilidade de desenvolver o projeto durante o curso, o ProfHistória permite àqueles que estão em sala de aula uma maior segurança para o desenvolvimento de suas atividades profissionais.

A segunda lacuna é o distanciamento entre o que é ensinado nas universidades e o que é trabalhado no cotidiano da sala de aula. “No ambiente acadêmico, o ensino se volta a uma formação que exige a aprendizagem da filosofia e da epistemologia da disciplina” (Pereira; Seffner, 2008, p. 118). Já no ambiente de sala de aula “os objetivos e procedimentos são

definidos em diversos níveis, todos eles fortemente políticos” (Pereira; Seffner, 2008, p. 118). O que ensinar e como ensinar são questões presentes no cotidiano da sala de aula que os cursos universitários muitas vezes ignoram e que o ProfHistória se propõe a analisar.

Dando espaço para os professores que estão em sala de aula discutirem, reverem e aprimorarem suas práticas, o ProfHistória possibilita uma aproximação entre escola e academia que antes não era possível. Ainda é algo muito novo, que carece de uma análise mais profunda dos rumos que as escolas brasileiras estão tomando, mas as perspectivas são animadoras para o trabalho em sala de aula. No meu caso, coloco mais uma grande questão na pesquisa que me propus a fazer, que é a de trazer a cidade e o Mercado visualizados e/ou vividos pelos alunos ao encontro da pesquisa histórica e do conteúdo estabelecido para ser trabalhado pelo professor em sala de aula.

Ao refletir sobre essas questões, destaco os estudos de Ana Maria Monteiro, que afirma ser o professor um profissional que atua na relação direta entre passado e presente, convivendo na fronteira entre os saberes historiográficos e os saberes pedagógicos. Do ponto de vista da História, o diálogo envolve o processo de produção de conhecimento histórico e “a utilização das fontes, o documento, a temporalidade, a operação historiográfica, o discurso, a narrativa histórica, a construção do fato, entre outros” (Monteiro; Penna, 2011, p. 192). Do ponto de vista da Educação, parte do entendimento de que o conhecimento produzido pelos historiadores obedece a regras diferenciadas daquelas utilizadas pelo professor dentro da sala de aula, que realizam “muito frequentemente, um movimento para relacionar os fatos estudados com a realidade dos alunos” (Monteiro; Penna, 2011, p. 193).

Tenho trabalhado ao longo desses anos com alunos de diversos níveis de escolaridade, indo do sexto ano do Ensino Fundamental até o terceiro ano do Ensino Médio, passando também por turmas de cursos pré-vestibular e acompanhando de perto o trabalho de minha esposa com turmas de Educação Infantil. Devido a essa experiência, vejo que é fundamental proporcionar experiências educativas desafiantes que os levem ao desenvolvimento do processo de aprendizagem e ao desenvolvimento de sua capacidade de interpretação e reflexão crítica.

A mídia e a internet trouxeram para a sala de aula uma nova forma de acessar o conhecimento histórico. Atualmente os alunos não odeiam a História, mas odeiam a forma como ela chega embalada em suas carteiras. Em sua dissertação do Mestrado Profissional em Ensino de História, Julio Junior Moresco, ao analisar vários autores como referencial teórico, destacou Renilson Rosa Ribeiro, que “apresenta como o ensino de História é fundamental para a educação e os desafios de tornar as aulas mais atrativas” (Ribeiro, 2018 apud Moresco, 2018,

p. 15). Uso esse trecho do trabalho do colega para acrescentar ao meu estudo a discussão sobre a questão da “atratividade” nas aulas em geral e, particularmente, nas aulas de História.

Faço um paralelo com os escritos do pedagogo americanista Murilo Mendes, que em 1935 já preconizava uma nova forma de ensinar História voltada para o educando e para o tempo presente, porque:

Se o nosso objetivo é acabar com a passividade dos alunos de história, porque estamos certos de que só se aprende o que se exercita, os grandes problemas de método do ensino de história dizem respeito à organização das atividades em que os adolescentes possam se interessar e que satisfaçam às finalidades em vista (Mendes, 1935 apud Freitas, 2004, p. 167).

Praticamente cem anos depois, continuamos com preocupações semelhantes às de Murilo Mendes. Em 1935, ele já condenava a História voltada para o civismo e para os modelos prontos que deixavam o aluno como um quadro em branco pronto para ser inundado com o conhecimento histórico dos professores. Na maioria das salas de aula do ano de 2024, situações semelhantes continuam acontecendo, pois ainda temos um ensino de História que afasta o estudante da dúvida e do questionamento, tão constantes em suas vidas cotidianas.

Ainda falando sobre o intelectual modernista Murilo Mendes, sua descrição sobre a visão dos alunos a respeito das aulas de História perpetuou-se no tempo:

Nossos adolescentes também detestam a História. Voltam-lhe ódio entranhado e dela se vingam sempre que podem, ou decorando o mínimo de conhecimento que o ponto exige ou se valendo levemente da cola para passar nos exames. Demos ampla absolvição à juventude. A História como lhes é ensinada é, realmente, odiosa (Mendes, 1935 apud Schmidt; Cainelli, 2004, p. 29).

Entendo que a atração maior deve ser o conhecimento, sendo o professor apenas um facilitador desse conteúdo. Costumo lembrar aos meus alunos que a História trabalhada em sala de aula não é tão atrativa porque muitas vezes aparece como um filme que tem o final já conhecido. É um verdadeiro *spoiler*. É comum os alunos serem apresentados a personagens históricos prontos, como se fossem produtos que chegam embalados às prateleiras das lojas. Assim eles conhecem apenas a “Princesa Isabel que acabou com a escravidão”, o “Dom Pedro I que proclamou a independência”, a “Anita Garibaldi que lutou na Revolução Farroupilha” e diversos outros casos.

Alguns professores tentam criar narrativas mais atrativas, mas acabam, muitas vezes, esbarrando na problemática inerente ao estudo da História, que é o final já conhecido. Na visão do aluno atual, a História da sala de aula não trabalha com o suspense, com os planos desfeitos,

com os sonhos não realizados. Erinaldo Cavalcanti (2021) mostrou essa mesma preocupação, citando o célebre alerta de Paul Ricoeur (2012) de que “o passado tinha um futuro” para expressar o seu sentimento. Ele discute os motivos para as aulas de História serem malvistas pelos alunos e por uma parcela significativa da população e questiona as ligações do “ensino de história à preocupação com o presente e com o futuro que os adolescentes podem experimentar” e a insatisfação com o fato de que a História que “os historiadores contam e tentam explicar e interpretar, parece estranha ao que os homens fazem e experimentam” (Cavalcanti, 2021, p. 253-256).

A História é construída no cotidiano, mas é levada aos alunos como algo distante de suas realidades. Ela é contada como um produto cheio de certezas, mas sabemos que a vida é feita basicamente de dúvidas. Essa discussão que tanto me preocupa e toma minhas análises em sala de aula me fez refletir sobre os escritos de Ítalo Calvino, em *As cidades invisíveis*, de que “os futuros não realizados são apenas ramos secos do passado: ramos secos” (Calvino, 1991, p. 29). Em sala de aula, os alunos não recebem a oportunidade de pensar sobre os “ramos secos” dos principais acontecimentos ou pretensos heróis. No entanto, eles percebem que as suas vidas estão se constituindo em uma sucessão de podas desses ramos. Eles sonham e não realizam boa parte desses sonhos, mas os sonhos continuam povoando o seu imaginário e moldando o seu futuro e a sua forma de ver o presente e, conseqüentemente, o trabalho do professor em sala de aula. Os alunos concluem, assim, que os personagens dos livros de História são criaturas sobre-humanas, pois chegam ao final de suas missões sem ter dúvidas sobre o caminho a escolher.

O professor de História que entende a sua aula como algo distante da realidade, não dá ao aluno a possibilidade de refletir sobre suas próprias vivências, e colabora para que ele cresça em um ambiente onde não se percebe como construtor de uma nova realidade. No artigo *Viver e pensar a docência*, de Pereira, Meinerz e Pacievitch (2015), foi muito bem colocado que

[...] se trata de reconhecer que uma aula de História não é uma ilha, mergulhada numa atemporalidade que estabelece uma relação de esquecimento e desinteresse pelo que ocorre nos contextos sociais. Ela precisa estar sempre à espreita, uma vez que nela se criam e redefinem memórias, assim como se repensam os relatos sobre o passado (Pereira; Meinerz; Pacievitch, 2015, p. 34).

Caminhando pela cidade, nossas memórias são despertadas e, tal qual uma propaganda subliminar, somos “educados” pelo patrimônio ali presente. Não é algo automático, mas as construções que ficaram, até por uma questão de tecnologias e durabilidade, geralmente fazem referência aos grupos dominantes. Os nomes de ruas, praças e as estátuas, aí somente por uma escolha deliberada, fazem o mesmo. Somos levados a aprender um discurso que homogeneiza

e mantém a hegemonia de grupos que impõem o seu capital de simbologias e representações (Tolentino, 2016, p. 42).

Na escola, o trabalho com a Educação Patrimonial sem uma reflexão e análise prévia de conceitos facilita esse discurso, pois os alunos deixam de identificar suas próprias referências e vão de encontro à referência dominante estrategicamente colocada no centro das cidades ou em construções que representam o domínio dos europeus ou da elite local. Em geral, “a educação patrimonial é pensada a partir de um patrimônio cultural já eleito, fetichizado, cabendo ao aluno aceitá-lo e preservá-lo, mesmo que não se identifique com esse patrimônio nem se reconheça nele” (Tolentino, 2016, p. 43).

Dentro das várias temporalidades do Mercado, é possível traçar um paralelo entre o patrimônio histórico harmonioso, seletivo e exclusivista apresentado à população pelas autoridades e um local configurado como espaço de disputas, presente nas memórias dos seus antigos frequentadores e trabalhadores. Abordar um Mercado pronto, limpo, branco, elitizado e pacífico aos alunos é incorrer no erro de tentar homogeneizar a história da cidade, excluindo negros, mulheres e outros grupos marginalizados. Laurajane Smith (2021) afirma que “o patrimônio autorizado tende a reforçar a legitimidade de narrativas históricas consensuais ou recebidas” (Smith, 2021, p. 8). A população e os turistas recebem uma narrativa que nada mais é do que um “Discurso Autorizado de Patrimônio”, que “molda a prática profissional da gestão e conservação do patrimônio” e serve apenas aos interesses dos grupos econômicos hegemônicos (Smith, 2021, p. 2).

A questão patrimonial é um campo de lutas tanto na constituição desses patrimônios quanto na forma como eles são emoldurados para serem lançados às gerações seguintes. É diante desse contexto que entra a Educação Patrimonial defendida em minha dissertação, pois entendo que:

[...] a educação patrimonial tem sido vital tanto para manter a interpretação sobre o passado que foi consagrada pelo Estado quanto para questioná-la e problematizá-la. A educação tem, assim, um papel estratégico no campo do patrimônio, apesar de ser frequentemente relegada pelas instituições de Estado como algo secundário, para a qual poucos recursos são destinados e sobre a qual qualquer profissional pode falar (Scifoni, 2022, p. 2).

Tanto no caso do Mercado quanto em outros, ver o Patrimônio como algo resultante de uma hierarquia soa como autoritário e impositivo por parte de determinados grupos sociais e econômicos que detém o poder. As aulas de História podem desenvolver a reflexão sobre como a patrimonialização é inventada no decorrer da História e aparece no presente como algo

já estabelecido. O consagrado “é assim porque sempre foi assim” pode dar lugar ao “o que foi feito para ser assim”. Ao desnaturalizarmos a questão patrimonial, possibilitaremos ao estudante fazer os seus próprios questionamentos e encontrar o seu papel e as suas memórias dentro daquele lugar patrimonializado.

A desnaturalização do Patrimônio que proponho está diretamente ligada ao ensino de História. Simone Scifoni (2022) diz que o Patrimônio

[...] tem um efeito prático e um papel pedagógico que se vincula à capacidade de, por meio dele, falar sobre algo e valorizar certos passados. No entanto, a partir dele, é possível, também, silenciar sobre conflitos e tensões, bem como sobre um passado violento e de opressão aos grupos sociais subalternizados (Scifoni, 2022, p. 2).

A confiança na comunidade e nas pessoas que construíram o Patrimônio é fundamental para a construção de uma educação que traga o diálogo entre o Patrimônio e a comunidade. O conhecimento “deve considerar os seres, a subjetividade, a afetividade e a esfera irracional” (Morin, 2011, p. 23 apud Demarchi, 2016, p. 279). Com isso, alunos e professores devem analisar e “entender a construção histórica que levou à hierarquização de saberes, implicando em inferiorizações e desumanizações” (Demarchi, 2016, p. 287). Os entendimentos da comunidade não podem ser vistos como inferiores em relação aos do pesquisador acadêmico ou mesmo aos do professor.

Muitos estudantes da região não conhecem o Mercado e tampouco têm experiências com ele, mas podem, a partir do estudo de sua história, conhecer partes importantes da história de Florianópolis e de Santa Catarina, posicionando-o assim como um lugar em que múltiplos sujeitos trabalharam e frequentaram. Nesta dissertação, pretendo incentivar o conhecimento da história do local, auxiliando na construção de memórias e representações sobre o espaço e interpretando a patrimonialização autorizada de acordo com as suas próprias vivências e necessidades.

### 1.3 O TEMPO DO MERCADO E O ENSINO DE HISTÓRIA

O relógio do antigo “Cabo Submarino”, chamado de “Big Ben Ilhéu”, chegou à Florianópolis em 1911 e é um dos destaques do vão central do centenário prédio. Inicialmente instalado na rua João Pinto, era um apetrecho de grande utilidade para a multinacional inglesa *Western Telegraph*. Na década de 1970, quando o governo brasileiro nacionalizou as telecomunicações, criando a EMBRATEL e fechando os escritórios da empresa no país, alguém

lembrou que o velho relógio combinaria com os ares do Mercado Público e doou-o à municipalidade em 1975 (MANEZINHO [...], 1991, p. 10). Desde então, o relógio está presente no prédio do Mercado, como se estivesse mostrando que, apesar de o tempo passar, o passado e o futuro estão presentes naquele local.

Figura 1 - Relógio instalado no vão central do Mercado



Fonte: acervo do autor.

Ao sentar-se em uma das mesas do vão central, olhar para o relógio e para as paredes e frequentadores do Mercado e, ao mesmo tempo, como historiadores, analisarmos as diversas fontes ligadas à sua história, podemos perceber as diversas expectativas ali concretizadas ou não. Analisando essas expectativas que se tornam passadas, as experiências ficam ao alcance dos nossos olhos e das nossas possibilidades de estudo. Como o Mercado foi testemunha, coadjuvante ou ator principal em diversos momentos marcantes da história da cidade, busco a perspectiva de Reinhart Koselleck (1923–2006) para afirmar que ele pode ser a materialização de um “espaço de experiência” e de um “horizonte de expectativa”, que são

[...] categorias do conhecimento capazes de fundamentar a possibilidade de uma história. Em outras palavras: todas as histórias foram constituídas pelas experiências vividas e pelas expectativas das pessoas que atuam ou que sofrem. Com isso, porém, ainda nada dissemos sobre uma história concreta — passada, presente ou futuro (Koselleck, 2006, p. 306).

A sensação é que dentro do Mercado todos esses tempos parecem estar presentes. E não falo apenas da estrutura física, mas das pessoas que ali circulam, dos produtos que são comercializados e até mesmo das novas expectativas criadas para o futuro baseadas nas experiências do passado. Sendo assim,

[...] tem sentido se dizer que a experiência proveniente do passado é espacial, porque ela se aglomera para formar um todo em que muitos estratos de tempos anteriores estão simultaneamente presentes, sem que haja referência a um antes e um depois (Koselleck, 2006, p. 311).

Dessa forma, trabalhar o Mercado e a cidade possibilitam o trabalho com o material que está diante dos olhos e com o imaterial, que vai ser buscado na memória ou naquilo que não aparece mais aos olhos do espectador:

[...] nesta busca dos tempos e espaços perdidos, o historiador deve olhar o passado em palimpsesto da urbs em busca não só das formas e funções que sobreviveram e que se apresentam, explícitas e visíveis, ao pesquisador. É preciso ressuscitar o implícito e o invisível à superfície, desenterrando aquilo que não mais se vê: o sugerido, o intuído e pressuposto, o transformado, o desaparecido e o lacunar, o ausente (Pesavento, 2003, p. 27)

As várias camadas temporais do Mercado são uma fonte inestimável para o estudo da história da cidade e da construção do conhecimento histórico nos estudantes. No prédio, é possível o encontro de diferentes temporalidades e discursos nos seus contornos e pinturas, mas também no estudo de suas fontes, de seus frequentadores e trabalhadores, e daqueles que sempre estiveram lá, mas foram apagados em nome da construção de uma nova cidade emoldurada ao sabor de grandes interesses econômicos. É como se os corredores e o vão central do Mercado formassem um microcosmo dentro de Florianópolis, contendo os diversos grupos econômicos e sociais que a formam e contando pontos diversos de sua História.

Ao trabalhar a cidade que contém o Mercado e o Mercado que contém a cidade, busco apoio em Sandra Jatahy Pesavento (2003), que também abordou algo semelhante sobre o tema ao afirmar que “assim como pensa o seu futuro, a cidade inventa o seu passado, sempre a partir das questões do seu presente” (Pesavento, 2003, p. 80). Segundo ela,

[...] o historiador precisa ter filigranas no olhar para ver, neste espaço transformado, destruído, desgastado, renovado pelo tempo, a cidade do passado. Para ensinar, para socializar na lembrança a imagem do que não mais se pode observar, desafiando a mudança ocorrida no espaço e no tempo, para dar a ver uma ausência e fazer falar o silêncio, o historiador se defronta com um desafio, que deve vencer (Pesavento, 2003, p. 26).

As transformações ocorridas em Florianópolis e no Mercado Público em suas diversas temporalidades deixaram registros de uma cidade que foi vista, pensada e narrada por variados sujeitos históricos. Essas memórias abrem as portas para o estudo de questões e disputas atuais, que envolvem tanto a temática urbana quanto a educação patrimonial e o Ensino de História.

Pesavento (2003) ainda usa o conceito de “palimpsesto” como metáfora para designar as diversas camadas temporais presentes em uma cidade. Tal qual os palimpsestos originais, que são documentos escritos sobre textos antigos, as cidades vão sendo reconstruídas e recontadas ao sabor do tempo. Cabe a nós, historiadores e professores de história, encontrar essas camadas ou abrir as portas para que os estudantes, a partir de suas vivências e interesses, encontrem as camadas com as quais suas memórias se identificam.

Não é o caso de traçarmos uma cronologia pura e simples da história do Mercado, mas de entendermos que a história não pode se desgarrar do tempo. No caso do Ensino de História em sala de aula, vejo com preocupação a relegação das datas a um segundo plano. Uma frase muito utilizada em minhas aulas, principalmente nas introdutórias, é que “nunca vou perguntar datas, mas os alunos devem saber todas”. Tento com essa frase de efeito demarcar a importância do tempo dentro do aprendizado de História. O “saber todas” representa uma base temporal necessária para o aluno entender os conceitos básicos, fazer as ligações cronológicas e temporais devidas e estabelecer as diferentes mentalidades presentes em cada período histórico. Perguntar datas em provas ou outras atividades é realmente ultrapassado, mas não levar aos alunos o mínimo de suporte temporal é incorrer em grave erro como professor de História.

Em minha pesquisa, busco compreender a edificação dentro de um contexto histórico de transformações sociais e urbanas. Com o propósito de identificar múltiplas experiências e sociabilidades que poderão ser utilizadas para o Ensino de História, desenvolvi uma proposta de Ensino de História do Mercado que contempla diferentes narrativas a partir dos pressupostos da Educação Patrimonial, oferecendo a possibilidade de estudar a História em diferentes temporalidades, utilizando e/ou provocando diferentes memórias.

Para ilustrar esse ponto, destaco a entrevista que fiz com o famoso comerciante Gedeão Mansur, falecido em 1999, na qual ele contou detalhes de como montou a primeira loja especializada em painéis de alumínio da cidade e como criou e formou os seus seis filhos a partir dessa atividade. Em uma de suas falas, ele disse que “no início, o Mercado não era lugar de mulher séria”, mas que começou a trazer as filhas a partir dos anos 70, quando “as coisas começaram a mudar” (Mansur, 1991). Essa afirmação, extremamente machista nos nossos dias, era vista com naturalidade e até de forma elogiosa naquele momento.

Fazer uma análise dessa entrevista hoje, após o falecimento do depoente e frente a todas as mudanças de pensamento ocorridas nos anos posteriores, assim como no meu processo de aprendizagem e envelhecimento é, sem dúvida, um trabalho diferente daquele que foi feito em 1991. Como bem disse Alessandra Passerini no texto *A memória entre política e emoção* (2011), ao falar de um material recolhido anteriormente na cidade de Piemonte, onde ela não

havia feito a relação entre memória, envelhecimento e consciência de idade, ela disse: “mesmo se os entrevistados tivessem dado sinais nesta direção, eu não saberia ter aproveitado” (Passerini, 2011, p. 103). A autora estava falando de outras circunstâncias e fazendo referência apenas ao envelhecimento dos entrevistados, mas a análise sobre os diferentes tempos de memória é perfeita para a minha situação de entrevistador e de historiador. É com essa visão do tempo e do meu próprio tempo que desenvolvi uma proposta de Educação Patrimonial e Ensino de História dentro do Mercado Público.

Ainda sobre o tempo do Mercado, utilizo dois trechos de notícias publicadas em jornais de diferentes períodos históricos. O primeiro foi publicado no dia 14 de maio de 2024, quando o site *NSC Total* retratou a preocupação com a situação atual do Mercado Público Municipal de Florianópolis:

Dos quatro banheiros existentes apenas um está funcionando e de maneira precária e com falta de higienização adequada, goteiras no vão central atingindo pessoas que utilizam o espaço. E o pior é em relação ao sistema preventivo de incêndio, com o alarme central inoperante, com as bombas de água que estão desativadas assim como o sistema de pressão que não funciona — revela o promotor de Justiça, Daniel Paladino (Delosantos, 2024. n.p.).

Em um período em que a cidade de Florianópolis é reconhecida como um polo turístico internacional, chama a atenção o descaso do poder público com o local, que é projetado por muitos como “a passarela” ou a “porta de entrada da cidade”. Problemas relativos à falta de higiene, estrutura precária e possibilidades de incêndios são constantes na história do prédio.

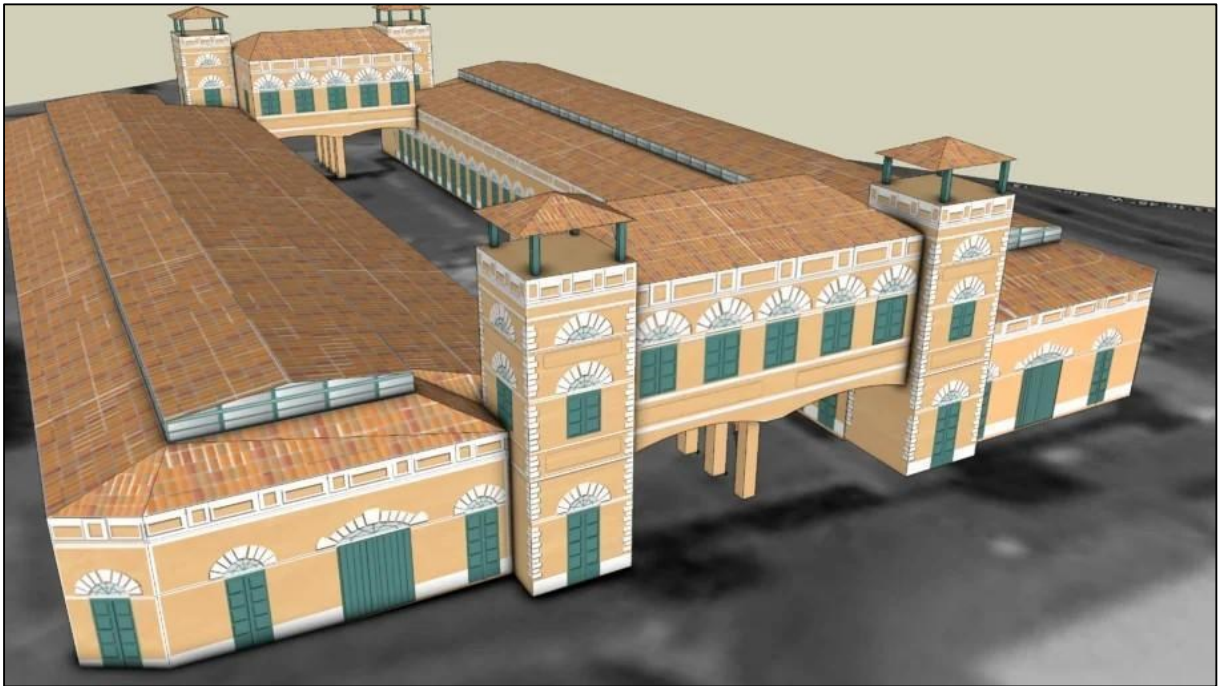
Um outro relato, extraído do jornal “República”, de 09 de fevereiro de 1899, quatro dias depois da inauguração do prédio, mostra que a preocupação de determinados setores da imprensa era semelhante:

Planejado com absoluta ausência de estética e demonstrando erros crassos da técnica de construção: de costas às exigências do público e dos comerciantes a quem é destinado; falta dos principais elementos que pudessem transformá-lo em coisa aceitável, atacando de frente rudimentares princípios higiênicos; [...].  
Aos compartimentos destinados à venda de carne, na parte que comunica com o interior, para isolá-los completamente dos compradores, foram já adicionadas, algumas tábuas brutas, que àquelas divisões dão o aspecto de verdadeiros currais.  
Suprido de água apenas por uma bomba, colocada ao centro, ressentem-se o mercado novo do principal elemento de asseio (INTERESSES [...], 1899a, p. 1).

São dois momentos históricos com 125 anos de diferença entre si, mas a análise dessas fontes mostra que o Mercado exerce um papel catalisador dos olhares da imprensa e da população em geral. Ressignificado como um local de turismo, o estabelecimento não cumpre

mais a sua função primária de posto abastecedor da cidade, mas é um importante artefato histórico e cultural, uma espécie de vetor temporal para as transformações importantes que ocorreram na cidade desde o Período Imperial.

Figura 2 - Mercado atual em formato 3D, mostrando que o presente e o passado convivem em um mesmo espaço



Fonte: 3D Warehouse (2014).

#### 1.4 A EDUCAÇÃO PATRIMONIAL NO BRASIL RECENTE

A Constituição de 1988 (Brasil, 1988) e a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) (Brasil, 1996) regem o ensino de História à nível nacional. Aliás, a Constituição faz referência a apenas duas disciplinas escolares: a língua materna, interpretada por muitos como Língua Portuguesa, e à História. Na LDB, está posto que “o ensino da História do Brasil levará em conta as contribuições das diferentes culturas e etnias para a formação do povo brasileiro, especialmente das matrizes indígenas, africana e europeia” (Brasil, 1996, art. 26). Esse artigo foi modificado pela Lei n. 10.639, de 9 de janeiro de 2003 (Brasil, 2003), que estabeleceu a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”, e posteriormente pela Lei n. 11.645, de 10 março de 2008, que tornou obrigatório o estudo da história e cultura indígena e afro-brasileira nos estabelecimentos de Ensino Fundamental e Médio (Brasil, 2008).

Um pouco mais tarde, a Base Nacional Comum Curricular, de 20 de dezembro de 2017, defendeu uma relação entre construção, narrativa e interpretação do conhecimento histórico, mas com uma sequência curricular ainda voltada para o pensamento eurocêntrico, da mesma forma que vinha sendo feito até então, ou seja, os objetivos políticos acabam sobrepondo os objetivos epistemológicos e filosóficos da disciplina. O professor pode até entrar em sala de aula com uma visão decolonial, buscando valorizar diferentes etnias, mas o conteúdo programático estabelecido o leva a colocar em prática um viés eurocentrado.

A reflexão de Carretero sobre a “quem o professor de História é fiel? À disciplina ou à sua versão didatizada” (Carretero, 2010, p. 48) é altamente pertinente para a temática que levanto em minha dissertação. O professor de História está realmente preparado para fugir dos desafios impostos pelos currículos estabelecidos? É realmente possível desenvolver um trabalho que atinja objetivos didáticos e cognitivos a partir da Base Nacional Comum Curricular (BNCC)? Creio que sim, desde que o professor entenda que a grade curricular pode ser moldada, o que de forma alguma inviabiliza um trabalho crítico e de valorização das diferentes culturas.

Uma perspectiva de saída dessa situação perpassa a formação dos educadores e a compreensão do amplo processo que é estar dentro da sala de aula, diante de alunos que recebem toda uma outra série de estímulos e aprendizados históricos por meio das mídias, das redes sociais, das famílias e até mesmo das igrejas. Passa também pela compreensão de que o professor é um facilitador do processo de construção do conhecimento histórico do aluno, pois o “conhecimento histórico não é adquirido como um dom, como comumente ouvimos os alunos afirmarem” (Schmidt; Cainelli, 2004, p. 30). Os alunos, muito pais e, infelizmente, a sociedade em geral.

Até os anos 1980, a temática do Patrimônio Cultural esteve mais presente em estudos do campo da Arquitetura e da Antropologia. A partir desse período, ela passou a ganhar mais espaço entre historiadores, e a preocupação com o tema instigou abordagens acerca dos contextos históricos e sociais dos bens culturais. A história desempenha um papel fundamental na compreensão do significado do Patrimônio, contextualizando-o no tempo, espaço e articulando-o às memórias e práticas sociais de sujeitos históricos diversos. Bem como ele é construído diuturnamente por cada morador da cidade e não apenas pelas autoridades que escolhem o que deve ou não ser patrimonializado.

A Constituição de 1988 trouxe grandes mudanças nesse sentido ao definir, em seu artigo 216, quais são os bens de natureza material e imaterial:

- I. as formas de expressão;
- II. os modos de criar, fazer e viver;
- III. as criações científicas, artísticas e tecnológicas;
- IV. as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais;
- V. os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico (Brasil, 1988, art. 216).

Doze anos depois, o Decreto n. 3.551, sancionado pelo presidente Fernando Henrique Cardoso em 04 de agosto de 2000, instituiu o Registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial que constituem patrimônio cultural brasileiro e criou o Programa Nacional do Patrimônio Imaterial (Brasil, 2000). Tal documento determinou, em seu parágrafo 1º, a criação dos “livros de registro”, que funcionam da seguinte forma:

- I - Livro de Registro dos Saberes, onde serão inscritos conhecimentos e modos de fazer enraizados no cotidiano das comunidades;
- II - Livro de Registro das Celebrações, onde serão inscritos rituais e festas que marcam a vivência coletiva do trabalho, da religiosidade, do entretenimento e de outras práticas da vida social;
- III - Livro de Registro das Formas de Expressão, onde serão inscritas manifestações literárias, musicais, plásticas, cênicas e lúdicas;
- IV - Livro de Registro dos Lugares, onde serão inscritos mercados, feiras, santuários, praças e demais espaços onde se concentram e reproduzem práticas culturais coletivas (Brasil, 2000).

O Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), por meio da Coordenação de Educação Patrimonial (CEDUC), criada em 2009, adota atualmente a ideia de que o Patrimônio Cultural é uma “Construção Social” que deve ser apropriado socialmente. Portanto,

O ganho está em não conceber o patrimônio como um produto dado, que existe por si só e antes mesmo do sujeito social. Por isso, a educação patrimonial é concebida também a partir da noção de referências culturais, que são conformadas socialmente com a participação efetiva dos detentores e produtores dessas mesmas referências, por meio de um processo permeado de consensos e conflitos a ele inerentes (Tolentino, 2016, p. 40).

Maria Cecília Londres Fonseca (2021) aprofunda o conceito de referências culturais definindo que elas devem ser desfocadas dos bens materiais “para a dinâmica de atribuição de sentidos e valores”, valorizando sua dimensão simbólica para determinados grupos (Fonseca, 2021, p. 112). Segundo ela,

[...] essa perspectiva afirma a relatividade de qualquer processo de atribuição de valor – seja valor histórico, artístico, nacional etc. – a bens, e põe em questão os critérios até então adotados para a constituição de patrimônios culturais, legitimados por disciplinas como a história, a história da arte, a arqueologia, a etnografia etc. Relativizando o critério do saber, chamava-se atenção para o papel do poder (Fonseca, 2021, p. 112).

O Mercado Público Municipal de Florianópolis está incluído dentro das cinco categorias citadas na Constituição de 1988, mas dou um destaque maior para as formas de expressão e para os modos de criar, fazer e viver, pois, diversas manifestações e relações culturais ocorrem dentro dele e no seu entorno. Analisar o Mercado apenas como uma edificação ou como parte de um conjunto urbano é esquecer os conflitos, as contradições sociais e as relações de trabalho cotidianas que ali se desenrolaram. Como olhar para o prédio e esquecer daqueles que ali buscavam e buscam diariamente o seu sustento? Como esquecer dos escamadores e escamadoras de peixes? Onde estão as danças, as disputas, as músicas e os sonhos ali sonhados?

No entanto, não podemos esquecer que:

Voltadas para monumentos e visando à conservação de sua integridade física, as políticas de patrimônio centradas no instituto do tombamento certamente contribuíram para preservar edificações e obras de arte, cuja perda seria irreparável. Contudo, esse entendimento da prática de preservação terminou por associá-la às ideias de conservação e de imutabilidade, contrapondo-a, portanto, à noção de mudança ou transformação, e centrando a atenção mais no objeto e menos nos sentidos que lhe são atribuídos ao longo do tempo (Fonseca, 2003, p. 59).

Fazer uma análise da história do Mercado Público e entrar em suas diferentes memórias e temporalidades é um exercício fecundo para os objetivos da minha dissertação, já que busco evitar que o prédio e sua História sejam apresentados como algo pronto e acabado. Não pretendo ver o Mercado como algo anterior e superior às pessoas que o circundam, pois estaria seguindo uma “acepção instrutivista de educação, seguindo uma veia colonizadora em relação ao patrimônio cultural” (Tolentino, 2018, p. 46). Creio que devo respeitar os saberes prévios dos estudantes e frequentadores do Mercado Público ao tratar de sua História, e não pretendo desenvolver aqui um guia de como estudá-la, até porque entendo que a Educação Patrimonial é um processo e não uma metodologia.

A grande referência para aqueles que tratam a Educação Patrimonial como uma espécie de metodologia é o *Guia Básico de Educação Patrimonial* (Horta *et al*, 1999), criado por uma equipe do Museu Imperial. O material é inspirado em trabalhos desenvolvidos na Inglaterra e chamados de *Heritage Education*, que estavam comprometidos com as políticas

estatais de conservação de patrimônios edificados. Em fins dos anos 1980, o termo ganhou força no Brasil, “objetivando a conservação do patrimônio remanescente do período colonial e do caráter nacionalista da cultura brasileira” (Silva, 2015, p. 207).

Esse formato ignorou as novas práticas educativas voltadas para o patrimônio em constante crescimento no país e contribuiu para “a disseminação de uma educação patrimonial construtivista e opressora” (Tolentino, 2018, p. 38). Em seu famoso artigo intitulado *O que não é educação patrimonial: cinco falácias sobre seu conceito e sua prática* (Tolentino, 2018, p. 38), o sociólogo paraibano Átila Tolentino, defendeu uma atuação “efetiva é dialógica, reflexiva e crítica, que contribui para a construção democrática do conhecimento e para a transformação da realidade” (Tolentino, 2018, p. 38). Para ele, o patrimônio precisa ser visto como um elemento social, inserido na vida da população e, “nas práticas educativas, deve ser levada em conta a sua dimensão social, política e simbólica” (Tolentino, 2018, p. 38). Termos como “alfabetização cultural”, “conscientização” e “conhecer para preservar” acabam por contribuir para a imposição de um modelo cultural sobre o outro e ignoram as construções coletivas e as disputas envolvidas nos processos de patrimonialização.

Em seus artigos, Átila Tolentino (2016) critica o fato de que nas escolas brasileiras se desenvolveu uma prática de fazer visitas guiadas ao chamado centro histórico das cidades sem que os alunos façam “qualquer reflexão sobre suas próprias referências culturais, sobre o local onde moram ou sobre o entorno da escola” (Tolentino, 2016, p. 43). A supervalorização dos projetos ligados a bens culturais oficializados pelo Estado leva o Patrimônio a ser imposto ao aluno e o coloca em um papel de alguém que precisa conhecer algo superior para preservá-lo para as próximas gerações. O próprio termo “Educação Patrimonial” torna-se redundante e inconsistente, na medida que a “patrimonialização” por si só é uma forma de “educação”, tornando os dois termos indissociáveis (Tolentino, 2016, p. 39).

O estudo de História em sala de aula tem o potencial de problematizar as situações destacadas acima e toda a discussão acerca do Patrimônio, ao construir novas definições a respeito do tema e questionando a patrimonialização que já está posta. Por meio do trabalho em sala de aula, é possível “dessacralizar identidades, questionar as escolhas do patrimônio consagrado e ampliar as bases do que se considera como patrimônio” (Gil, 2014, p. 50).

Na escola, em particular nas aulas de História, temos o local ideal para esse fim. Mas o Patrimônio não pode ser apresentado como algo estranho ao aluno. Ele precisa ser mostrado como algo que faça parte dele e do seu dia a dia. A melhor forma de entender isso é através daquilo que ele está vendo e que marca sua região e sua própria comunidade escolar. Não se deve partir do pressuposto de que os alunos devem compreender o patrimônio, mas se deve

propor estratégias para que o trabalho com a Memória, a construção das identidades e as narrativas históricas estejam presentes. É assim que podemos compreender que a patrimonialização não é algo dado e natural.

De acordo com o IPHAN, que modificou suas concepções ao longo do tempo, o professor é um “mediador para a apropriação do conhecimento e para a sua construção coletiva”, reconhecendo as comunidades locais “como produtoras/detentoras de saberes locais, e que os bens culturais estão inseridos em um contexto de significados locais associados às memórias dos lugares.” (Tolentino, 2016, 43). Dessa forma, a educação deixa de apenas reproduzir o que está posto como uma verdade absoluta que sempre esteve ali e que não pode ser contestada. Essas concepções também se modificaram no próprio IPHAN.

Sendo assim, pesquisar o Mercado Público Municipal de Florianópolis é uma tarefa que exige inicialmente a compreensão daquilo que o espaço representa para a cidade. Ele existe como prédio, como representação e como local de disputas sociais, políticas e econômicas. Para analisar esse espaço tão importante na compreensão da História da cidade, pretendo partir do pressuposto de pesquisa qualitativa de Maria Paz Sandim Esteban (2010), que defende a flexibilidade como uma característica fundamental ao dar valor para “diferentes elementos linguísticos, sociais, culturais, políticos e teóricos” (Esteban, 2010, p. 130) na interpretação, na linguagem e nas narrativas.

O livro *Memória e Patrimônio – Ensaio Contemporâneo* (2003), organizado por Mário Chagas e Regina Abreu, foi fundamental para uma leitura mais consistente da categoria do Patrimônio dentro do Mercado Público. Formada por sete textos de diferentes autores, a obra trabalha com diversos conceitos, com a questão legal e com a teorização da questão patrimonial. Logo na introdução, referindo-se ao Decreto n. 3.551/2000, os autores destacam o seguinte trecho:

Se durante décadas predominou um tipo de atuação preservacionista, voltada prioritariamente para o tombamento dos chamados bens de pedra e cal — igrejas, fortes, pontes, chafarizes, prédios e conjuntos urbanos representativos de estilos arquitetônicos específicos —, o referido decreto pôs em cena uma antiga preocupação de alguns intelectuais brasileiros, entre os quais se destacou Mário de Andrade, qual seja, a de valorizar o tema do intangível, contribuindo social e politicamente para a construção de um acervo amplo e diversificado de expressões culturais, em diferentes áreas: línguas, festas, rituais, danças, lendas, mitos, músicas, saberes, técnicas e fazeres diversificados (Abreu; Chagas, 2003, p. 13).

Minha visão sobre Educação Patrimonial, Mercado Público e Ensino de História foi sendo modificada durante os estudos do curso do Mestrado Profissional em Ensino de História (ProfHistória). De início, tinha a ideia de que o material supera o intangível, pois via os grandes

prédios tombados como as principais manifestações da patrimonialização. Entendia também que o termo “patrimônio cultural” somente poderia ser aplicado ao bem ou manifestação que fosse oficializado. Apesar de ver a patrimonialização de forma crítica, não entendia o quanto de disputas estavam contidas nesse processo até sua chegada aos profissionais da educação e aos estudantes e população em geral.

As diversas leituras e orientações durante o curso me levaram aos conceitos básicos de “Patrimônio”, ligados à ideia de herança, posse ou identidade, e passaram para as discussões sobre o desenvolvimento das políticas de patrimonialização, notadamente a partir da Revolução Francesa. Confesso que, à medida que as leituras foram se sucedendo, senti que faltava alguma coisa para uma elucidação do que eu queria desenvolver dentro do Mercado Público a partir da ideia de “Patrimônio”.

Outra grande colaboração veio com a leitura do texto de Laurajane Smith (2021), quando ela defende que “todo patrimônio é intangível, no sentido de que patrimônio é uma prática ou uma performance.” (Smith, 2021, p. 3). A arqueóloga australiana e grande estudiosa do tema do Patrimônio ainda afirma que:

É mais profícuo entender patrimônio como uma negociação política subjetiva de identidade, lugar e memória. Todo patrimônio é intangível, na medida em que patrimônio é um momento ou um processo de (re)construção cultural e social de valores e sentidos. É algo que acontece em sítios e lugares que, em linhas gerais, podemos definir como sítios patrimoniais, mas que não pode ser reduzido a coisas materiais. É um processo, ou de fato uma performance, em que identificamos valores e sentidos culturais e sociais que nos ajudam a dar sentido ao presente, às nossas identidades e aos sentidos de lugar físico e social (Smith, 2021, p. 3).

Faltava somente um ponto para alinhar completamente meus pensamentos, que era o lugar dos bens materiais em todo esse processo, e na sequência do texto veio a resposta:

Não estou de forma alguma dizendo que as coisas materiais não importam. Estou apenas dizendo que o que importa é como elas são usadas, e não o simples fato de existirem! Patrimônio apenas se torna patrimônio quando é usado, quando se transforma em uma ferramenta cultural na negociação do significado que o passado tem no presente (Smith, 2021, p. 4).

Não quero, portanto, tratar o Mercado como um Patrimônio atemporal e distante dos sujeitos que o construíram. Ele é um bem cultural construído e transformado historicamente, por meio das múltiplas apropriações daqueles que nele trabalham, transitam e frequentam. Nesse sentido, compreendo que a Educação Patrimonial não deve estar voltada apenas para bens já oficializados pelo poder público, pois não acredito que os “públicos-alvo devem ser

instruídos, esclarecidos e informados acerca da valorização de um patrimônio supostamente pertencente a eles” (Souza; Thompson, 2016, p. 13). Abordar o Mercado Público na perspectiva da educação patrimonial é reconhecer a sua historicidade como Patrimônio e os significados desse processo para os sujeitos envolvidos dentro do processo de reconhecimento pelos órgãos estatais.

Isso não significa que aquilo que está posto não é importante. O estilo do prédio, a comparação com outras edificações e as simbologias colocadas pelo poder dominante não podem ser desconsideradas. O que questiono são os apagamentos de determinadas memórias e construções sociais em nome de um discurso único, que transformam o Mercado em uma simples mercadoria emoldurada para o consumo turístico. Entendo, a exemplo de João Lorandi Demarchi (2016), que o “fetichismo, a transformação do bem cultural em uma mercadoria, em um produto espetacular empobrece a cultura e embrutece os homens” (Demarchi, 2016, p. 288-289). Defendo um modelo de Educação Patrimonial que valorize todo o processo de construção e não apenas o modelo perene que aparece nos folhetos de propaganda, onde o “patrimônio parece ser visto como um presente do passado” (Silva, 2015, p. 212).

Nos capítulos seguintes, vou procurar analisar como o Ensino de História, acompanhado de uma Educação Patrimonial, crítica e desnaturalizada, pode auxiliar a encontrar esses apagamentos e a colaborar para que os estudantes entendam que os diferentes momentos da construção da história do Mercado Público Municipal podem contribuir para o estudo da história de Florianópolis. Dentro de uma dimensão propositiva, vou sugerir atividades que possam auxiliar na compreensão desses elementos e, conseqüentemente, possibilitar uma dinamização do processo de ensino-aprendizagem da disciplina de História em sala de aula.

## 2 UM MERCADO EM CONSTRUÇÃO

### 2.1 O ABASTECEDOR: AS BARRAQUINHAS E A CONSTRUÇÃO DO PRIMEIRO MERCADO PÚBLICO

Os mercados municipais são uma constante na História do Ocidente. Podemos encontrar referências a locais chamados de “mercados” na Mesopotâmia, no Egito e em outras civilizações da Antiguidade. Mesmo não sendo necessariamente criados pelo poder estatal, pois emergiram como pontos de encontro de mercadores de diferentes origens, eles foram regulados ou controlados por estruturas governamentais e simbolizaram a responsabilidade do Estado com o abastecimento da população cidadina. A existência desses “mercados” ao longo da História raramente era questionada, pois a necessidade de abastecimento estava acima de qualquer discussão.

No século XIX, os países europeus também desenvolveram modelos de construção que deveriam servir como “Mercados Públicos” e o destino desses prédios seguiu um roteiro semelhante ao de Florianópolis. Tratava-se ainda de uma visão onde o Estado deveria controlar a produção e circulação de mercadorias dentro das grandes cidades e, ao mesmo tempo, vigiar as populações que frequentavam tais locais. Dentro do discurso médico-higienista-sanitário do período, a presença de pessoas das mais diversas origens e condições sociais assoberbava a possibilidade de epidemias que tanto medo geram.

Já no século XX, com a modernização da produção, do transporte, da ciência, da indústria e do comércio, surgiram novas formas de abastecimento das cidades. As grandes redes de supermercados, os shopping centers e até mesmo o comércio eletrônico, em um momento mais tardio, levaram a um esvaziamento dos Mercados Públicos e ao questionamento sobre a sua utilidade dentro do espaço urbano. Segundo Silvana Maria Pintaudi, esses locais passam então a ser apropriados como “lugar tradicional, onde se pretende produzir uma identidade para a sociedade” (Pintaudi, 2006, p. 82). Com sua função original sendo ocupada por outros, portanto, os mercados municipais buscam formas diferentes de sobrevivência, adaptando-se às novas necessidades das cidades dos seus habitantes.

Em muitas cidades, os Mercados Públicos foram construídos fora do centro urbano, com o objetivo de manter afastadas as classes menos favorecidas, acusadas de serem vetores de uma série de doenças. Nesses locais, também estavam presentes peixarias e matadouros que exalavam o mau cheiro ou os “miasmas”, tão temidos pelas populações urbanas do século XIX. Segundo Alain Corbin (1987), tratava-se de “uma ‘toaleta topográfica’, indissociável da ‘toaleta

social’, que a limpeza de ruas e a instalação dos locais de confinamento atestam.” (Corbin, 1987, p. 119). Construir Mercados Públicos fora dos centros urbanos foi a forma encontrada em muitas cidades para fazer essa “higienização” do olhar e da sociedade.

No caso de Nossa Senhora do Desterro/Florianópolis é possível observar uma forte discussão nesse sentido no processo de construção do primeiro Mercado Público, inaugurado em 06 de janeiro de 1851, quando uma série de discursos médicos, higienistas e sociais buscaram reajustar e remodelar os grupos vistos como marginalizados. Tratava-se de uma grande disputa onde estiveram envolvidas as “barraquinhas”, como eram chamados os primeiros aglomerados de mercadores da cidade:

Os primeiros aglomerados de mercadores de Nossa Senhora do Desterro concentravam-se na praia em frente à praça principal da cidade, atual Praça XV de Novembro. Eram vendedores de todo tipo de gêneros alimentícios, que com o correr do tempo, construíram barraquinhas, quiosques, e até uma banca para a venda de peixes, quando estes não eram vendidos nas próprias canoas (Silva, 1996, p. 19).

Nessas barraquinhas, e posteriormente no Mercado, os corpos físicos se encontravam e a elite via imagens ao fundo que não estavam enquadradas nos seus planos para o futuro da região<sup>2</sup>.

O primeiro prédio construído para servir de mercado foi inaugurado no dia 6 de janeiro de 1851, quando o Presidente da Província entregou as chaves da obra concluída ao presidente da Câmara Municipal. Quatro dias depois, em 10 de janeiro, “segundo um edital assinado pelo presidente da Câmara Clemente Antônio Gonçalves e pelo secretário Manoel Joaquim de Almeida Coelho, na praça do Mercado principiou-se a venda de carne, peixe e todos os demais gêneros” (Anuário Catarinense, 1951, p. 27).

As obras iniciaram três anos antes, quando em março de 1848, por meio da Lei n. 252, o Presidente da Província foi autorizado a construir o Mercado na praça principal da cidade, onde deveria ser seguida a planta que acompanhava o decreto, de autoria do primeiro tenente engenheiro João de Sousa Melo e Alvim. Conforme a planta, o prédio tinha “154 palmos de frente e 97 de fundo, construídos de paredes de dois e meio e três palmos de espessura” (Santa Catarina, 1849, p. 45).

---

<sup>2</sup> O programa Santa Afro Catarina trabalha com o patrimônio cultural associado à cultura negra em Santa Catarina. Apresentando uma série de documentos e propostas de atividades e percursos, é uma das principais fontes para a história de Nossa Senhora do Desterro no século XIX e fonte de inspiração para a minha dimensão propositiva, que será apresentada no capítulo 3 (Santa Afro Catarina, 2023).

A obra foi construída pelo governo provincial, que o entregou pronto para a cidade de Nossa Senhora do Desterro. Em sua fala relativa ao ano de 1850, o Presidente da Província assim descreveu o edifício:

Acha-se dividido em pátio central, corredores e casinhas. Sendo estas 12, além de 4 bancas, cada uma das quais correspondente a 3 quartos. As casinhas têm portas, e janelas, e divisão de paredes de estuque, e são assoalhadas de taboado, as bancas são cercadas por gradeamento de madeira, e ladrilhadas de tijolo, assim como o pátio, e corredores, tem 4 portões de entrada, com soleiras, e escada para o lado do mar com 14 degraus também de contaria. Tem 24 semicírculos de 2 palmos de diâmetro [...] (Arquivo Público do Estado de Santa Catarina, 1850, p. 16).

Figura 3 - Foto de Josef Brüggemann do Mercado de Desterro (1867)



Fonte: acervo de Ylmar Corrêa Neto (Passos, 2019, p. 110).

A construção do primeiro prédio para servir de Mercado Público ocorreu depois de uma série de discussões a respeito do local ideal para a sua instalação. Em 1845, devido à visita do Imperador D. Pedro II à cidade, as barraquinhas foram retiradas do local e armadas nas proximidades de Santa Bárbara e Ponte do Vinagre, onde hoje se situa o prédio da Capitania dos Portos, local um pouco mais afastado da praça central, que era citado como o mais imundo da cidade na época.

No entanto, o grupo ligado ao influente comerciante e deputado João Pinto da Luz queria que o Mercado fosse construído justamente onde estavam as barraquinhas, já que sua casa comercial estava instalada ao lado da praça, no início da rua que hoje leva o seu nome:

A escolha de local para a venda de tais gêneros, porque a família Luz queria que o novo mercado ali se construísse e Francisco Duarte Silva, prestigiado por Amaro Pereira ‘torcia’ para que o Largo de Santa Bárbara fosse o preferido, deveu a província a organização dos partidos ‘cristão’ e ‘judeu’, este chefiado por Amaro e aquele por João Pinto, partidos que se transformaram em ‘saquarema’ e ‘luzia’, para, finalmente, tomarem as denominações de ‘conservador’ e ‘liberal’ (O VELHO [...], 1931, p. 6).

Esses fatos mostram que os mandantes locais entendiam que as barraquinhas realmente não condiziam com a porta de entrada da cidade. Mas, por outro lado, um determinado grupo colocava seus interesses comerciais acima de qualquer outro que pudesse aparecer. Tão logo o Imperador retornou para o Rio de Janeiro, as barraquinhas voltaram para a praça central e a discussão continuou:

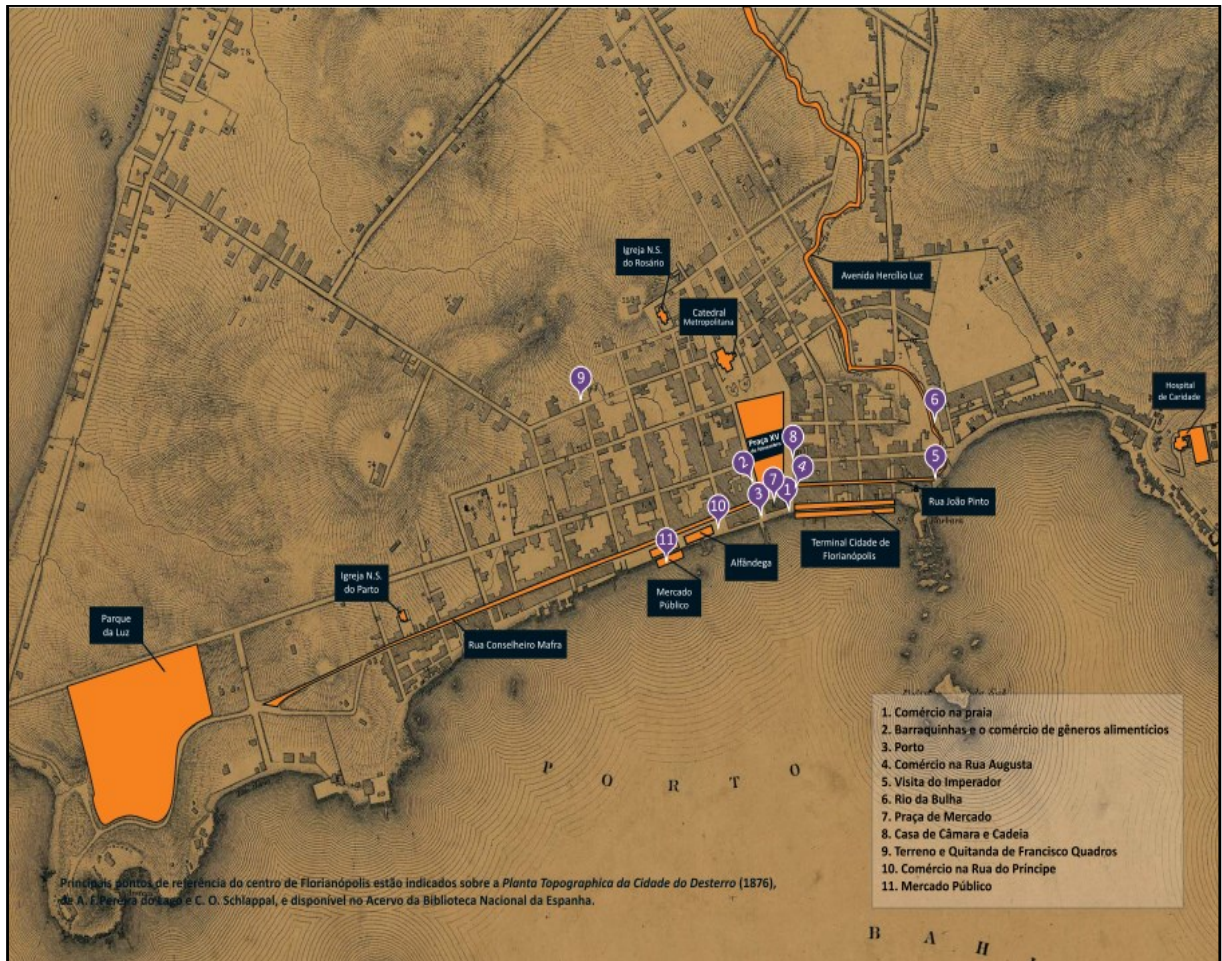
De fato, logo após o retorno do Imperador para a corte, os “barraquistas”, como eram chamados os que desejavam a volta das barraquinhas à praça principal da cidade, organizaram um documento com 62 assinaturas, requerendo a sua volta. Enquanto isso, os “vinagristas”, que desejavam a permanência das barraquinhas nas imediações da Ponte do Vinagre, não perderam tempo, e organizaram outro documento com 144 nomes, requerendo a continuação delas no mesmo local (Silva, 1996, p. 21).

O grupo de João Pinto, do Partido Conservador, apresentou menos assinaturas, mas acabou triunfando, e não só as barraquinhas retornaram para a frente da praça como o novo prédio para servir de mercado foi construído no mesmo local.

As discussões sobre o local ideal para a construção do primeiro Mercado devem levar em conta que a elite desterreense, formada basicamente por comerciantes e armadores, ocupava os salões tradicionais, o espaço político e, nos dias de festa ou do *footing* dominical, os pontos estratégicos na parte da central da cidade, ou mesmo da Praça da Matriz, como era denominada a atual Praça XV de Novembro. Com relação à praça, uma das principais reivindicações dos grupos detentores do poder era o seu cercamento, para impedir o acesso das classes menos favorecidas, durante o seu passeio aos domingos.

Os grupos considerados marginalizados também tinham seus locais definidos dentro da cidade, como os bairros da Figueira e da Toca, os morros e o Mercado Público, por ser um local de trabalho e onde, até a década de 1940, os produtos em decomposição eram jogados ao mar, ou aos pobres que ficavam aguardando. Fora esses pontos, a circulação em outras áreas da cidade dava-se apenas por meio do trabalho ou, em outros casos, sob a estreita vigilância das autoridades, que procuravam fazer com que fosse mantida uma disciplina aceitável, segundo os seus padrões. Os discursos desses grupos não foram escritos, mas sua resistência cotidiana foi registrada nos jornais e nos diversos documentos escritos pelas autoridades públicas.

Figura 4 - Planta topográfica da cidade de Nossa Senhora do Desterro (1876)



Obs.: a foto está acrescida dos principais pontos de referência histórica do centro urbano e o roteiro histórico destaca o porto, o primeiro Mercado e as ruas da antiga Desterro.

Fonte: folder do roteiro histórico (Santa Afro Catarina, 2025).

Nesse contexto, o Mercado nos fornece um aspecto essencial: era o ponto central de abastecimento da cidade, com produtos vendidos frequentemente em estados de decomposição. Partindo daí, entendemos que se a população mais pobre já estava lá, pelo trabalho, pelos preços baixos e pela chance de encontrar alimento gratuito. Os ricos também frequentavam o local para comprar o seu sustento, devido à falta de opções de compra de alimentos na cidade e pelo desejo de fiscalizar a qualidade do produto que iria alimentá-lo. Os outros locais de abastecimento não passavam de pequenos entrepostos nos vilarejos da ilha.

## 2.2 O ABASTECEDOR: O CONVÍVIO DENTRO DO MERCADO E DA CIDADE

O Mercado Público vai representar então o ponto da cidade onde o convívio das elites com os grupos marginais tornar-se-á obrigatório. Dentro do Mercado se dará o confronto entre a “parte civilizada” e a “parte bárbara” da cidade, e uma relação de convivência será

estabelecida. Nesse ponto, aproximamo-nos do estudo de Sidney Chalhoub (1986), que analisa o problema do controle social da classe trabalhadora do Rio de Janeiro no início do século XX. Esse controle era exercido de várias formas:

[...] desde a tentativa de disciplinarização rígida do tempo e do espaço na situação de trabalho até o problema na normatização das relações pessoais ou familiares dos trabalhadores, passando, também pela vigilância contínua do botequim e da rua, espaços consagrados ao lazer popular (Chalhoub, 1986, p. 31).

Em meu estudo não se trata apenas de a elite lançar um olhar distante sobre o outro, mas de a elite ver esse outro na sua frente, desfrutando do mesmo espaço público, e lançar olhares, buscando sua subordinação. Nossa análise desse aspecto não paira somente no fato de as elites formularem regras para o seu espaço, ou de garantir a exclusividade com o seu dinheiro; trata-se dos grupos pobres aceitarem e obedecerem ou não essas regras em um espaço como o Mercado, onde são a maioria sente-se à vontade para fazer seus costumes imperarem.

Os grupos que traçaram planos para a cidade de Nossa Senhora do Desterro no século XIX eram os mesmos que administravam toda a província, e a chegada dos discursos médico-higienistas, fortes na Europa do século XIX, serviram de inspiração para os olhares lançados no período de construção do primeiro prédio para o Mercado Público. Fruto de uma série de discussões geradas pelos diferentes discursos lançados sobre a cidade, sua construção nos revela as relações entre uma elite compromissada com as visões de progresso e civilização vindas da Europa e os diversos setores populares compostos basicamente por brancos pobres e negros escravizados e libertos.

A população negra de Nossa Senhora do Desterro, tão esquecida pela historiografia tradicional, desempenhou um papel decisivo na história da cidade. A grande quantidade de negros escravizados e livres dentro do centro urbano fez com que as elites dirigentes voltassem os olhos para esse grupo e procurasse moldá-lo aos seus padrões de civilidade. Escondê-los das vistas do Imperador não era um pensamento restrito a um determinado fato histórico ou a um determinado grupo político. Para eles, de acordo com os ideais civilizatórios de branqueamento da sociedade, o negro era a representação do atraso no Mercado, em Desterro e em Santa Catarina.

Diversos estudos apontam que, ao longo do século XIX, mais de 30% da população da capital catarinense era formada por negros, sendo que a quantidade de escravizados beirava os 15%, mas é perceptível na historiografia tradicional e na mídia local a negação da presença desses grupos na formação da sociedade florianopolitana e catarinense. Em um contexto

posterior, a marca da divulgação de Santa Catarina passa a se desenvolver em torno da valorização do imigrante europeu, notadamente o alemão e o italiano.

Tabela 1 - População da Ilha de Santa Catarina em 1872

	Desterro.	(%)*	Município	(%)	freguesias	(%)**
branca	5.232	66,1	18.319	75,9	13.087	80,7
parda	1.255	15,8	2.661	11,0	1.406	8,6
preta	1.432	18,1	3.164	13,1	1.732	10,7
total pretos e pardos	2.687	33,9	5.825	24,1	3.138	19,3
total	7.919		24.144		16.225	
mulheres	4.122	52,1	12.490	51,7	8.368	51,6
homens	3.797	47,9	11.654	48,3	7.857	48,4
"que sabem ler"	3.515	44,4	6.816	28,2	3.019	18,6
livres			20.785	86,1		
escravos			3.359	13,9		
brasileiros	7.097					
Total estrangeiros	822	11,7	1.047	4,3	225	1,4
alemães	278					
africanos	209					
portugueses	198					
espanhóis	39					
italianos	37					
franceses	27					
paraguaios	14					
ingleses	8					
austriacos	6					
holandeses	4					
russos	2					

\* Percentuais em relação ao total da população de Desterro.  
 \*\* Percentuais em relação ao total das freguesias.

Fonte: tabela organizada por André Luiz Santos a partir do Recenseamento Geral 1872, e do jornal O Conciliador de 17 e 24 de abril, 1 e 8 de maio de 1873, ano II, números 59, 60, 61 e 62 (Santos, 2009, p. 133).

Os olhares dessa elite dirigente voltaram-se para vários pontos da cidade, mas as barraquinhas e o Mercado Público tornaram-se o foco de atuação e criação de novas perspectivas para a capital catarinense. Na porta de entrada da cidade, ao lado do cais e do porto, recebendo membros da elite diariamente, o prédio do Mercado tornou-se uma obsessão para aqueles que falavam em uma cidade progressista e civilizada.

Em uma região onde não havia o grande latifúndio monocultor, os grupos de origem africana circulavam em todos os pontos da cidade e exerciam os mais diversos trabalhos, como serviços domésticos, pequena agricultura, trabalhos manuais e comércio em geral. Quitadeiras, carregadores, pedreiros, carpinteiros, marinheiros, pescadores e pombeiros<sup>3</sup> eram figuras que gravitavam no centro urbano e em torno das barraquinhas e do Mercado Público. Conforme nos relata Paulino de Jesus Cardoso:

<sup>3</sup> Os pombeiros, típicos das ilhas dos Açores e do litoral de Santa Catarina, eram vendedores ambulantes de leite, peixe, galinhas e outros gêneros.

Contudo, era o burburinho urbano formado por milhares de africanos e afrodescendentes, em suas atividades cotidianas: buscando água nas fontes, lavando roupas nos regatos, fazendo compras no mercado, transportando pesados fardos em canoas, carroças ou nos ombros nus, levando recados, vendendo carne, frutas, peixe, doces, limões de cheiro no carnaval, jogando as matérias fecais no mar, iluminando os lampiões, guardando seus mortos, vestidos nos trajes de gente pobre de escravos e libertos, ou nas muitas fardas dos diferentes corpos militares que, em vigília, ora guardavam, ora com suas brigas perturbavam o sossego, que a cidade mais se assemelhava ao mundo escravista do Império, mostrava sua face africana (Cardoso, 2008, p. 238).

Com isso, as críticas em relação às barraquinhas continuaram ocorrendo, mesmo depois da inauguração do prédio de 1851. Os problemas higiênicos e sociais persistiram e, já em 28 de janeiro, 18 dias depois da abertura ao público, o jornal *O Novo Íris* publicou um artigo onde reclamava da falta de higiene dentro do Mercado, dizendo que “as paredes das casas (ou as bancas), em que se recolhe e vende a carne, já estão ficando sujas de sangue, o que, além de indecente e nauseante vem a tornar-se uma fonte perene de despesas!” (CORRESPONDÊNCIA, 1851, p. 4).

Os mandantes locais tentaram criar mecanismos proibitivos, como um regulamento interno que continha 74 artigos, cerceando, entre outras coisas, a circulação de escravizados e mendigos, a realização de jogos e danças, e ainda organizando um rígido controle sanitário (Arquivo Público do Estado de Santa Catarina, 1850, p. 120-126). Os documentos oficiais possibilitam um exercício interessante para o historiador, pois mostram a visão da elite governante e, paralelamente, seus interesses e modos de operar o poder.

A criação de um regulamento interno mostra que o controle das classes marginais seria feito mesmo em um local onde elas eram tradicionalmente dominantes. As elites mostravam que o seu discurso médico-higienista-social teria que ser imposto. As mudanças efetuadas na cidade nesse momento, apesar de poucas, mostraram que a população pobre passaria a ficar sob severa vigilância. Sua livre colocação dentro da cidade estava condicionada, a partir daí, aos humores e aos sonhos das elites dirigentes, mesmo que as mudanças tenham perdido intensidade nas três décadas subsequentes.

Na década de 1880, as reclamações com relação à falta de espaço na área do Mercado já eram frequentes e, a partir da Proclamação da República, iniciam-se os projetos para a construção de um galpão para abrigar os colonos e os pescadores. O “Galpão do Peixe”, como ficou conhecido, foi inaugurado em 30 de janeiro de 1891 (GALPÃO [...], 1891, p. 3.), ao lado do prédio do Mercado, mas somente depois de uma sequência interminável de discussões a

respeito do local ideal – que girava em torno de Santa Bárbara<sup>4</sup> ou área do Mercado –, semelhantes às ocorridas nos anos de 1840:

A construção do galpão para abrigo das embarcações dos colonos que formam as feiras em determinados dias da semana, deve ser, sob qualquer ponto de vista, construído em Santa Bárbara. É ponto abrigado e obrigado para as pequenas embarcações que vem às feiras, em ocasiões de vento sul, de longa data se reconhece aquele local como o mais apropriado para tal fim. Construir o galpão em outro local, junto à alfândega, como se diz, é erro, e erro muito mais.

Sendo a alfândega uma repartição de primeira ordem, onde entra e sai o comércio grosso, e tendo com o tempo de ser aumentada pois, nos parece que não mais andaremos para trás, é ridículo e de mau gosto ter ao lado um galpão para as feiras semanais. Aquele ponto da cidade é onde está a força do comércio, portanto já tem o valor local reconhecido. Construído o galpão em Santa Bárbara, lugar inteiramente morto agora, tomará animação e o valor locativo aumentará, os casebres que lá estão vão desaparecer para dar lugar a edifícios melhores (O GALPÃO, 1890, p. 2).

A construção do galpão na área central mostra a força política e econômica dos comerciantes que gravitavam em torno do porto. É certo, porém, que o prédio foi apenas uma solução temporária, pois foi demolido em 1899, juntamente com o Mercado Velho.

### 2.3 O ABASTECEDOR: A CONSTRUÇÃO DA PRIMEIRA ALA DO ATUAL MERCADO PÚBLICO

Os discursos defendendo mudanças na área central aumentaram de intensidade com a Proclamação da República, em 1889, pois as ideias positivistas de progresso e civilização ganharam espaço na imprensa e nos olhares das elites dirigentes<sup>5</sup>. Para essas elites, ter um prédio velho e quebrado na porta de entrada da cidade não condizia com os conceitos de uma cidade civilizada. Dessa forma, no final do século XIX e no início do século XX, ocorreu na cidade a “instalação e a circulação de uma diversificada série de imagens, discursos, valores e práticas que densificam todo um campo de variados graus de reformas sociais, políticas, urbanísticas, administrativas, sanitárias etc.” (Araújo, 1989, p. 9-10). A ideia era dar à Florianópolis os ares de uma cidade moderna e civilizada.

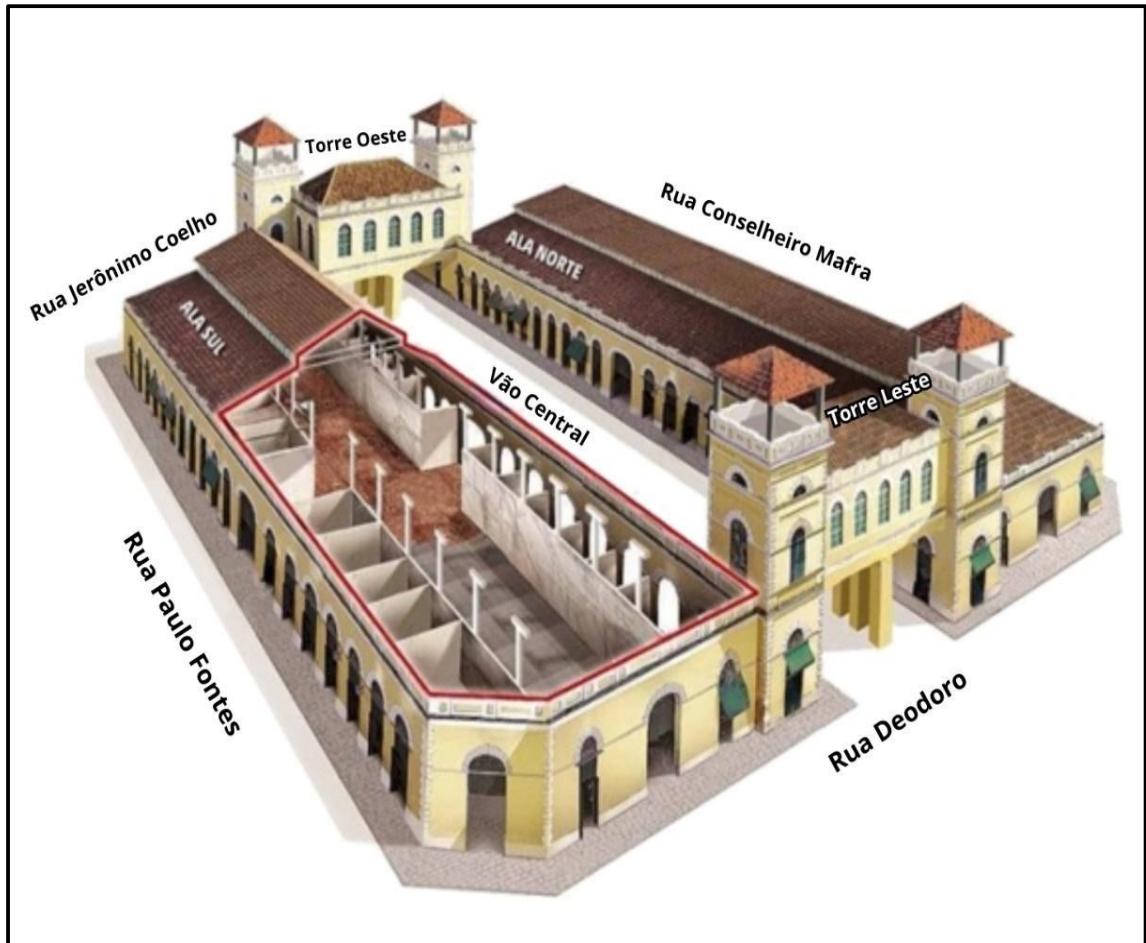
É dentro desse contexto que se constrói um novo prédio para o Mercado Público no final do século XIX, e sua nova ala, no início da década de 30 do século XX. Além dessas

<sup>4</sup> Santa Bárbara, próxima ao rio da Bulha, atual Avenida Hercílio Luz, fica em torno do Forte com o mesmo nome. No século XIX, era tratada como uma área mais afastada do porto e onde aquilo que as elites viam como a sujeira da cidade poderia ficar escondida dos olhares dos visitantes.

<sup>5</sup> Sobre os diferentes discursos e a propagação das ideias de progresso e civilização na capital de Santa Catarina, ver a dissertação de mestrado de Rosângela Miranda Cherem, intitulada *Caminhos para muitos possíveis – Desterro no final do Império*, de 1994.

construções, também fazem parte do período obras e acontecimentos importantes como a reforma do palácio do governo em 1895; a mudança do nome da cidade, de Desterro para Florianópolis, em 1894; e as dragagens do porto e alguns aterros, no final do século XIX (Silva, 1996, p. 34).

Figura 5 - Infográfico com as duas alas do Mercado e as ruas no seu entorno



Fonte: adaptado de Nienow (2014).

Nos três primeiros decênios do século XX, destacam-se a implantação das primeiras redes de água encanada, em 1909; a iluminação pública, por meio de energia elétrica, em 1910; a construção de uma rede de esgotos, de 1913 a 1917; aterros, calçamentos de ruas, ajardinamento de praças, construção e reformas de edifícios públicos e obras de maior vulto, como a Avenida Hercílio Luz, denominada “Saneamento”, e a ponte com o mesmo nome, inaugurada em 1925 (Silva, 1996, p. 34).

Em relação ao Mercado, o superintendente municipal, Henrique Monteiro de Abreu, autorizou, já em 1895, a chamada de “concorrentes, para a edificação de um novo prédio, conforme a planta aprovada pelo conselho municipal” (GOVERNO [...], 1896, p. 1). Esse

Mercado “foi construído no alinhamento da Rua Altino Correia, (atual Conselheiro Mafra), com apenas uma das alas que existe hoje em dia, exatamente a que fica à direita, olhando-se em direção à Ponte Hercílio Luz” (Silva, 1996, p. 35). É a parte denominada atualmente como ala norte.

Figura 6 - Aterro para a construção do Mercado Novo (1896)



Fonte: Blog Fotos Antigas de Florianópolis (2011a).

A cerimônia de lançamento da pedra fundamental, em 28 de dezembro de 1896, ocorreu às vésperas das eleições legislativas e trouxe à cidade até representantes dos grandes jornais do Rio de Janeiro, como *O Paiz*, *Jornal do Brazil* e *A Notícia*. Os jornais locais também noticiaram o fato com destaque para o *República*, que valorizou o momento dizendo que:

Foi colocada ontem, à 1 ½ hora da tarde, a pedra fundamental do edificio do novo mercado, perante grande concorrência. [...] Depois de colocada a pedra, foi servido um copo d’água oferecido às pessoas presentes por uma comissão do comércio [...]. O local em que vai ser edificado o novo mercado estava embandeirado tocando durante a festa a banda musical do Corpo de Segurança (NOVO MERCADO, 1896, p. 1).

Diante das eleições para o Senado e para a Câmara Federal, que seria no dia 30 de dezembro, o jornal oposicionista, *O Estado*, que se intitulava *Órgão do Partido Republicano Federalista*”, faz um contraponto interessante:

Mel para apanhar ... voto

Quando os cofres do estado estão vazios, todos os funcionários em atraso, e importantes obras paradas por falta de numerário, assenta-se a 1ª pedra para a construção do novo mercado e anuncia-se a chegada de um engenheiro para estudar a construção de esgotos e a iluminação elétrica no distrito da capital!! ...Tudo isso não passa de engodo para iludir-se a boa-fê dos incautos e pegar-se talvez alguns votos mais. Era preciso que já não fosse conhecido o sistema ... Não, desta vez ainda não pega.. (MEL [...], 1896, p. 1.).

O desenrolar dos fatos mostrou que o lançamento da pedra fundamental não era simples propaganda eleitoral e, depois de três anos de trabalho, a inauguração do novo prédio do Mercado deu-se em 05 de fevereiro de 1899 e foi um dos grandes acontecimentos da cidade no final do século XIX. Um pouco antes, no dia 01 de fevereiro, o *Restaurante Econômico* abriu suas portas ao público no novo prédio (NOVO MERCADO, 1899, p. 1), mas a inauguração oficial, no entanto, ocorreu somente no dia 05 de fevereiro, conforme o próprio jornal *República* e o seu concorrente, o jornal *O Estado*.

Figura 7 - Mercado inaugurado em 5 de fevereiro de 1899



Fonte: Blog Florianópolis Ontem e Hoje (2010a).

Na edição do mesmo dia 02 de fevereiro, o jornal situacionista *República*, antevia a festa e afirmava que “felizmente vai o público gozar de mais um importante melhoramento, com que, sem dúvida, terá vantagens e comodidades incompatíveis no velho pardieiro da praça” (NOVO MERCADO, 1899, p. 1). Como a cerimônia ocorreu em um domingo, a edição

seguinte do jornal foi publicada apenas na terça-feira, dia 07 de fevereiro, e noticiou assim a inauguração do Mercado Público Municipal de Florianópolis:

Foi anteontem inaugurado o novo mercado, situado à rua Altino Correia. Às 6 1/2 horas da manhã, compareceram o Sr. Senador Raulino Horn, ilustre superintendente municipal, e os Srs. conselheiros Inocêncio Campos, vice-presidente; José Boiteux, primeiro secretário; Pereira Oliveira, e Pedro Rosco, bem assim o Sr. Antônio de Castro Gandra, construtor do importante edifício. Já então era enorme a concorrência. Percorreram aqueles cidadãos todas as dependências; em que primava a ordem. A noite esteve o Mercado iluminando a gás acetileno, sendo avultado o número de pessoas que o visitaram. Congratulamo-nos com a população desta capital pelo melhoramento que acaba de adquirir, cabendo a situação republicana todos os louvores pelo interesse com que trata do bem público (NOVO MERCADO, 1899, p. 1).

O jornal situacionista destaca apenas as autoridades, deixando de lado a participação das classes populares, que usufruíam e viveriam dentro do novo prédio a partir daquele momento. Ele destaca também a ordem presente no local, algo que tranquilizava, ao menos por algumas poucas horas, os grupos dominantes da cidade. Para corroborar o sonho de organização, o uso da novidade do gás acetileno, que substituiu os lampiões de querosene, mostrava ao público o progresso tão falado entre as elites dirigentes da cidade: “Não resta dúvida que o acetileno vai entre nós, encontrando franco acolhimento por parte daqueles que procuram viver às claras, desterrando para longe o fumarento e desagradável querosene.” (ACETYLENO, 1899, p. 1).

Diferente do *República*, o jornal *O Estado*, representante da oposição na época, era publicado aos domingos. Na edição do dia da festa, no entanto, a única notícia sobre o novo prédio dizia respeito aos favores concedidos pela municipalidade a alguns comerciantes:

Poucos dos antigos vendedores de frutas e verduras do velho mercado lograram um lugarzinho no novo. Só o obteve quem soube agachar-se nas dobras da casaca dos chefetes situacionistas; os outros foram impiedosamente excluídos (INAUGURA-SE [...], 1899, p. 1).

Na edição da terça-feira, 07 de fevereiro, o órgão da oposição diz que foi liberada a venda do pescado no Galpão do Peixe, “visto que o lugar que lhe é destinado em o novo mercado não tem capacidade para a época de abundante pescaria.” (AINDA BEM [...], 1899, p. 1). Em seguida, são feitas uma série de críticas ao fechamento do mercado velho, que deveria ser reformado e reaberto ao público “de sorte que ali tenhamos também açougue, legumes, pequeno comércio de charque e molhados, restaurante ao alcance dos que não podem ir à mesa do hotel [...]” (AINDA BEM [...], 1899, p. 1). Para arrematar, na mesma página, o jornal faz

uma pequena referência à festa de inauguração dizendo que “foi adubada com um pequenino conflito de que resultou uma cabeça quebrada. Mau sinal!” (A INAUGURAÇÃO, 1899, p. 1).

As discussões travadas pelos dois principais jornais da cidade refletiam ainda o clima da Revolução Federalista, ocorrida entre os anos de 1893 e 1895 e que teve um governo provisório dos rebeldes em Nossa Senhora do Desterro entre os meses de setembro de 1893 e abril de 1894. A revolta foi debelada a mando do Presidente da República, Floriano Peixoto, e registrou vários fuzilamentos e enforcamentos de pessoas influentes na sociedade local. Silva diz que “em 1889, o jornal ‘República’, órgão da situação republicana, e o jornal ‘O Estado’, órgão da oposição federalista, travaram através da imprensa uma luta feroz que ainda cheirava às mortes de 1894” (Silva, 1996, p. 39). Um artigo do jornal situacionista publicado no início de 1899 ilustra claramente o clima da cidade:

O ilustre senhor comandante da guarnição oficiou ao Sr. Dr. Prefeito da polícia, no sentido de serem tomadas providências a fim de evitar-se a distribuição de anúncios de uma charutaria desta capital, nos quais se recomendava a compra de maços de cigarros com os retratos de ‘todos os fuzilados na fortaleza de Santa Cruz’, visto como não consta, naquele comando, que se tivessem dado fuzilamentos, quer de civis, quer de militares, naquele estabelecimento pertencente à sua jurisdição. [...] a fim de que o proprietário da respectiva charutaria cesse incontinentemente a exposição, distribuição e venda dos maços de cigarros com retratos acompanhados do epíteto – fuzilado (O ILUSTRE [...], 1899, p. 1).

A construção de um novo Mercado é o cenário para uma luta política que persistirá por muitos anos. Dessa forma, um mês antes da inauguração do novo prédio, as críticas do jornal oposicionista se intensificaram. No geral, variam em questões como a sujeira no Mercado antigo, e no restante da cidade, atravessadores no comércio de pescado, limitação no número de licenças para a venda desses no Mercado Novo e, como já dissemos, críticas ao fechamento do Mercado Velho.

Embora algum tempo depois tivesse ocorrido a liberação da venda do peixe em outros pontos da cidade, por parte do superintendente Raulino Horn, o jornal continua combatendo as autoridades nos assuntos referentes à venda do peixe no Mercado Novo. Antes da inauguração, o órgão oposicionista já afirmava que a área destinada à venda de peixe “é um extenso corredor com grandes bancas cimentadas, ao centro, deixando de cada lado tão pequeno espaço que muito mal poderão passar duas pessoas a par” (O MERCADO, 1899, p. 1). Segundo o jornal, mesmo antes de ser inaugurado, o prédio já necessitava de reformas “carecendo de reparos na cobertura, e as paredes externas, a julgar pelo modo por que foram construídas, não se lhes pode assegurar muitos anos de resistência aos pampeiros por que é sempre batido o local onde se acha esse edifício” (O MERCADO, 1899, p. 1). Para a oposição, “apesar dos preconceitos com

que os incensadores da municipalidade pretendem-nos fazer acreditar nos melhoramentos que nos traz o mercado novo, sempre lhe diremos que aquilo não presta” (O MERCADO [...], 1899, p. 1).

Figura 8 - Imagem do Mercado vendida como lembrança de Florianópolis (1911)



Fonte: Blog Florianópolis Ontem e Hoje (2010b).

O jornal oposicionista vê os primeiros problemas surgidos no novo prédio após a inauguração como uma oportunidade de ganhar espaço político e lamenta:

Se s. ex. tivesse um pouco de boa vontade, se quisesse retirar a sua proteção a esses tantos exploradores inconscientes, veria que é um crime imoral o que se pratica no mercado desta capital. Mas o senador Raulino Horn anda agora entretido em outras empresas e não lhe convém descer até o albergue do pobre e olhar a miséria em que ele se arrasta e define. [...] É raro o dia em que não se expõe à venda certa quantidade de carne em franco estado de decomposição como raro é o dia em que não se encontra peixe no mesmo estado, nas bancas do mercado (INTERESSES [...], 1899b, p. 1).

O termo “albergue do pobre”, usado nos jornais com certa frequência para se referir ao Mercado, dá uma noção de quem são os principais frequentadores do local naquele momento. Da mesma forma, a oposição condena o descaso da administração municipal para com essa

parte da população. As críticas aos gêneros alimentícios continuam e, no dia seguinte, outra notícia chamativa e carregada de ironia é publicada em *O Estado*:

A que será devido um cheirinho pouco agradável que se sente ao entrar pela manhã, no mercado novo? Responda-o quem quiser ou quem souber, que nós não o podemos..., não o queremos, para que não se diga que estamos caluniando a carne-verde...negra que se vende ali (A QUE [...], 1899, p. 1).

As notícias do período nos revelam que o novo prédio construído para servir de Mercado Público era um espelho do que ocorria na cidade como um todo naquele momento. Fortes ressentimentos políticos, conchavos entre grupos econômicos e discursos sobre progresso, civilização e questões sanitárias faziam parte do panorama mais amplo em que o Mercado estava inserido.

O novo regulamento do Mercado foi sancionado pelo então superintendente municipal, Henrique Monteiro de Abreu, em 28 de abril de 1898, e dizia, em seu artigo 1º, que a finalidade do estabelecimento era servir “de centro à compra de gêneros alimentícios: a carne verde, toda a qualidade de pescado, aves, ovos, frutas, hortaliças, legumes, cereais, produto da lavoura e quitanda para alimentação” (Florianópolis, 1898, art. 1º). No entanto, o artigo 12º liberou a comercialização de gêneros não-alimentícios (Florianópolis, 1898, art. 12º) e o jornal de oposição critica o fato: “dissemos sempre que o novo mercado não satisfaz as necessidades da nossa população, por ter sido aproveitado para fins diversos dos que lhe eram naturalmente destinados” (INTERESSES [...], 1899b, p. 1).

Em relação ao aluguel dos boxes, denominados à época “casinhas”, o regulamento dizia que ele deveria ser feito por concorrência pública e apenas a “pessoas morigeradas e de bons costumes” (Florianópolis, 1898, art. 3º), e “aquele, porém, que se tornar rixoso ou habitualmente ébrio, ou que praticar atos imorais usando de palavras, gestos ou sinais indecorosos, será obrigado a despejar as casinhas que ocupar.” (Florianópolis, 1898, art. 9º). Os donos dos boxes também não poderiam usá-los para depósito de produtos a serem vendidos em atacado, pois o Mercado seria uma área exclusiva de vendas a varejo (Florianópolis, 1898, art. 37º).

O artigo 24º era muito semelhante ao regulamento de 1850, pois dizia que no Mercado e em suas imediações estava proibida a realização de “jogos, tocatas, danças e quaisquer outros divertimentos que possam ocasionar alaridos”, também não era permitido “vagarem ébrios e mendigos”, ou que os criados e outras pessoas demorassem “mais tempo que o necessário para fazerem suas compras” (Florianópolis, 1898, art. 24º).

Por outro lado, entendendo que aquilo que é proibido e colocado na lei é o que se pratica costumeiramente, podemos perceber que o Mercado era um local onde os grupos populares se sentiam à vontade para praticar as suas atividades de lazer. Jogar, dançar e gritar eram práticas comuns naquele espaço desde sua inauguração, conforme resume Oswaldo Rodrigues Cabral (1979):

O mercado da praça, pelo ajuntamento em suas imediações, das pessoas mais brutas da cidade – escravos, carregadores, vendeiros, pombeiros, marinheiros, soldados – sempre foi lugar de badernas, algumas simples acerto de contas resolvidas a tapa, outras mais sérias, solucionadas à faca... ‘Se fosse relatar todas as ocorrências policiais de que o mercado foi palco, cenário ou arena – bem, faria um volume só para registrá-las’ (Cabral, 1979, p. 197).

O objetivo do regulamento era basicamente controlar a circulação das pessoas no local, como de resto em todo o centro urbano, concretizando o antigo sonho de criar e manter a higiene na cidade, mas os registros nos jornais ao longo do tempo corroboram as falas de Oswaldo Rodrigues Cabral (1979) e de outros historiadores. Relatos de roubos, receptação, gritarias, correrias, jogos com bola, ataques a mulheres e outros são comuns nas páginas dos periódicos.

#### 2.4 A DEMOLIÇÃO DO MERCADO VELHO

A demolição do prédio de 1851 iniciou-se no mês seguinte à inauguração, pois o jornal *República* anunciava, em 23 de março de 1899 que “começou ontem a demolição das paredes externas do velho mercado” (COMEÇOU [...], 1899, p. 1). Dois dias depois, segundo o mesmo órgão de imprensa, a atividade já estava concluída e o local tornou-se um ponto de embarque e desembarque de passageiros, transferindo-se para lá o trapiche, que ficava no alinhamento do palácio. Segundo o jornal *O Estado*, a obra era desnecessária e atacava diretamente as camadas mais humildes da população, pois:

A pequena praia que ali está, à frente desse mercado, é imprescindível. Murmurar, no vago embora, que ela desaparecerá, é entristecer a esses milhares de pobres homens que ali vem, em canoas, na maior parte pequenas e frágeis abastecer-nos [...] em porções ao alcance de todos os bolsos. Não valeria a pena sacrificar qualquer projeto de luxo aos interesses e a comodidade dessa pobre gente. Ignora o governo municipal que a doca em construção à frente da linha do cais correspondente no mercado novo, não serve convenientemente [...] (AINDA BEM [...], 1899, p. 1).

O jornal refere-se aos colonos e pescadores que chegavam do continente e de diversas partes da Ilha para abastecer o Mercado todos os dias. O cais em questão impedia o atracamento

das pequenas embarcações, que eram obrigadas a irem em direção à região de Santa Bárbara. O *República*, no intuito de diminuir as críticas oposicionistas, também traz uma publicação sobre o tema, feita a pedido de um leitor:

Vai abaixo o mercado velho, / Fica acima o mercado novo; / Alguém jamais terá à porta / O camarão, a cebola, o ovo. / Grita o grupinho / Contra o mercado novo / Pois é sina de tal gente / Cacetejar o pobre povo (SOLICITADAS, 1899, p. 1).

O espaço ocupado pelo prédio demolido, por sua vez, foi ocupado em seguida por uma praça, que recebeu o nome do coronel Fernando Machado, morto na Guerra do Paraguai. Nesse local, em 1924, foi construída uma réplica da Ponte Hercílio Luz, exclusivamente para que o homenageado, já muito doente, fizesse uma inauguração simbólica da obra. O governador faleceu no mesmo ano de 1924 e a ponte somente foi aberta ao público em 13 de maio de 1926.

Figura 9 - Praça Fernando Machado, em 1924, com a réplica da Ponte Hercílio Luz e o prédio da Alfândega ao fundo



Fonte: acervo da Casa da Memória Anita Hoepcke.

O local sofreu mais algumas pequenas intervenções até a construção de um trapiche e do icônico bar “Miramar”, inaugurado em 28 de setembro de 1928:

O edifício compunha-se de um trapiche que adentrava ao mar por cerca de vinte metros. Por isso, os usuários do bar sentiam-se bebendo a bordo de um navio, recebendo a brisa do mar. Acomodava também um restaurante e um elegante café, sede dos boêmios, intelectuais e farristas da cidade, e aqueles que buscavam, em nome de uma boa conversa e o aconchego de uma boa bebida. Sua estrutura original apresentava uma grande quantidade de detalhes. A frontaria do portal de acesso continha elementos neoclássicos, insinuações em art-decô e a parte alta da fachada ostentava um vitral com dois golfinhos em massa, decorando a platibanda recortada (Nonnemarcher, 2007, p. 17-18).

A construção dos grandes aterros<sup>6</sup> da década de 1970 levou à demolição do icônico bar em 24 de outubro de 1974. mas, na memória de muitos, ele ainda é um ponto de referência da cidade (Nonnemarcher, 2007, p. 18).

Figura 10 - Maquete do Miramar



Fonte: maquete confeccionada pelo designer gráfico Marcos Luiz e extraída da página do Facebook “Arquivo Histórico Desterro”, disponível em: [https://www.facebook.com/p/Arquivo-Hist%C3%B3rico-Desterro-100064311117174/?locale=ga\\_IE](https://www.facebook.com/p/Arquivo-Hist%C3%B3rico-Desterro-100064311117174/?locale=ga_IE) e acessada em: 14 jun. 2025.

Com a construção do Miramar e do cais anexo, a prefeitura aproveitou para iniciar as obras de ampliação do Mercado de 1899. Sua inauguração deu-se em 24 de janeiro de 1931 e somente veio a ser efetivada depois de novas discussões a respeito de onde deveria ser construído um novo Mercado Público. Chama a atenção, entre outras propostas, um

<sup>6</sup> A construção dos aterros e as suas interferências no cotidiano da cidade são analisadas por Paulo César dos Santos em sua dissertação *Espaço e Memória: o Aterro da Baía Sul e o desencontro marítimo de Florianópolis*, de 1997.

requerimento à Prefeitura Municipal pedindo licença para construir um novo mercado com adaptações higiênicas em São Luiz, no final da Avenida Hercílio Luz:

O hábil e ativo construtor, Sr. João Selva acaba de requerer ao Conselho Municipal desta cidade a devida licença para a construção de um novo mercado, com adaptações higiênicas modernas e que será edificado no lugar denominado S. Luiz, ponto terminal da Avenida Hercílio Luz. O Sr. Selva pensa em montar em anexo ao Mercado um elegante Bar, aproveitando, assim, a situação pitoresca daquele arrabalde à beira-mar (NOVO MERCADO, 1925, p. 5).

O recorte mostra que, passado mais de um quarto do século XX, levantou-se novamente a hipótese de tirar o Mercado do centro da cidade, transferindo-o, juntamente com o povo que o frequentava, para um local mais afastado, onde os frequentadores do prédio ficassem escondidos dos olhares vigilantes dos donos do poder e do discurso dominante.

Figura 11 - Interior do Mercado na década de 1920



Fonte: acervo do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina (2025).

Ainda mais fortes do que as propostas de tirar o Mercado do centro da cidade, eram as reclamações quanto ao seu apertado espaço. Nos jornais, comentava-se que a cidade crescera muito nos últimos quinze anos e que o Mercado e as suas imediações permaneceram imutáveis, estando apinhados de gente em todos os instantes do dia. Segundo o diário *Folha Nova*, era comum ver o povo disputando o espaço do prédio entre si ou com “montanhas de sacos, peixes

colocados nos corredores, latas e até mesmo deselegantes jacas”. “Quem não quiser estragar os sapatos e sujar os ternos, não penetre na terrível bruaca”. Isso porque, continua o jornal: “autos-caminhões, lanchas, navios, cavalos de cangalha, carros e carroças lá se amontoavam para levar as mercadorias que abasteciam o Mercado”. Como se não bastasse “pisa-se em cascas de banana, em pedaços de abóbora, em fragmentos untuosos de invólucros rotos, em coisas múltiplas que escorregam e sujam”. Para não fugir do lugar comum, o jornal arremata: “de resto, o local parece não comportar qualquer aumento dele. Há, contudo, outros lugares que poderão ser aproveitados com vantagem, como o Largo 13 de Maio.” (É PRECISO [...], 1926, p. 1).

## 2.5 O ABASTECEDOR: A CONSTRUÇÃO DA SEGUNDA ALA DO ATUAL MERCADO PÚBLICO

Nem São Luiz, nem Largo 13 de Maio, na atual Prainha, nem outro local. O novo prédio do Mercado foi construído ao lado do prédio anterior. Fruto do trabalho dos funcionários da empresa *Irmãos Corsini & Cia* — que também construiu o *Hotel La Porta*, o *Grupo Escolar Venceslau Bueno* e o Mercado Público de Palhoça, entre outras obras — o novo prédio foi denominado inicialmente “Primeira Ala”, por ser o primeiro partindo-se do mar. Tinha o mesmo estilo da ala antiga e ficou pronto depois de mais de dois anos de trabalhos:

Na manhã de ontem, o mercado foi finalmente franqueado ao povo, para a venda de pescado e de carne. Os açougues, de irrepreensível asseio, apresentavam agradável aspecto, estando todos os açougueiros e seus auxiliares vestidos e cobertos de aventais e gorros brancos.

Esses açougues, segundo verificamos, serão em número de 16, sendo 13 destinados exclusivamente à venda de carne verde. Dos três restantes, um é reservado à venda de miúdos e os outros dois à de carne de porco.

Não podemos deixar, ao terminar estas rápidas notas, de registrar aqui a excelente impressão que nos causou a inauguração do mercado novo (FOIFRANQUEADA [...], 1931, p. 3).

Um dos grandes destaques da inauguração foi um moderno sistema de encaixe de mangueiras com cinco registros ligados à rede de encanamentos, permitindo uma lavagem rápida de todo o prédio, principalmente das áreas destinadas ao peixe e à carne. O sistema citado substituiu o poço que existia no centro do prédio desde sua inauguração.

Um pouco antes, em agosto de 1930, o jornal *Ilha Verde*, trouxe detalhes da obra:

A nova ala tem 16 portas para casas de comércio, W.C., diversos bebedouros pelo sistema moderno sendo a área central destinada para a exposição de artigos coloniais. Uma vez inaugurada a nova construção, a parte existente que passará por completa reforma, terá a ala central do mesmo também destinada para a exposição de gêneros coloniais, onde ficará a residência do administrador e dormitórios para colonos e bombeiros. No vão central terá uma rua. A nova ala tem 80 m x 20 m e o total das duas será de 3.500 ms (O NOVO MERCADO, 1930, p. 20).

A obra foi executada na administração do prefeito Heitor Blum e complementada com a ligação entre as duas alas, feita com a construção de duas pontes com torreões nos seus dois extremos. A parte antiga sofreu diversas modificações na fachada e na parte interna para se tornar idêntica à nova. O vão central, a partir dos aterros feitos na década de 1970, tornou-se a continuação da Rua Francisco Tolentino, e foi aberto para o trânsito de veículos até seu fechamento em 1985. A inauguração da obra de reforma e ampliação ocorreu em 06 de janeiro de 1932, conforme noticiou o jornal *República*:

Foi ontem inaugurada a primeira ala do mercado público com a presença de numerosos colonos.

Essa ala, que tem a frente para a rua Conselheiro Mafra, é ampla e espaçosa, tendo quatro modernas plataformas, onde os colonos colocam os produtos à venda (MERCADO [...], 1932, p. 2).

Nesse momento, percebemos uma certa indefinição nas nomenclaturas e a ala antiga é denominada também “primeira ala”, por ser a mais antiga. Com o passar dos anos, os termos “Ala Norte” (1899) e “Ala Sul” (1931) passam a predominar e são usados até hoje.

Figura 12 - Mercado já ampliado e com as duas torres na década de 1950



Fonte: Blog Fotos Antigas de Florianópolis (2011c).

Mesmo com a reforma encerrada, Nivaldo Jorge da Silva diz que “a parte interna do prédio antigo foi fechada e durante muito tempo abriu apenas duas vezes por semana para a feira dos colonos, enquanto na parte externa o comércio de armarinhos e outros produtos em geral continuou funcionando normalmente” (Silva, 1996, p. 46).

Uma definição interessante do que era o Mercado nos anos 1930 foi dada por Germann Fress, um milionário alemão que, a bordo do seu iate *Fjord II*, costumava viajar por diferentes cantos do planeta. Na sua estadia em Florianópolis, fez uma série de anotações que foram publicadas no jornal argentino *La Nación* e reproduzidas nas páginas do jornal *Gazeta*:

O Mercado é alegre e buliçoso, mercadorias muito heterogêneas, provisões de toda classe, bilhas e potes de barro, chapéus de palha, penas de aves exóticas, miniaturas de canoas talhadas no garapuvu. Há negros de tipos tão extravagantes, que se hesita se eles se vendem também, por curiosidade (COMO UM [...], 1935, p. 2).

É a visão de um milionário reproduzida em um jornal estrangeiro e depois em um jornal de Florianópolis dentro de um contexto em que a palavra turismo começa a circular nos meios de comunicação. Ao descrever a variedade de produtos, ele mostra a comercialização da produção local. Ao descrever os frequentadores, mostra sua visão racista e escravista e possibilita-nos perceber a grande presença de negros no prédio.

Com 46.520 habitantes em 1929 (POPULAÇÃO [...], 1930, p. 14), a cidade era outra (tinha até um outro nome) e três prédios foram construídos para servir de Mercado Público, tendo um deles sido demolido há mais de trinta anos. No entanto, a impressão de que pouca coisa mudou em relação à época das barraquinhas está correta, pois o abastecimento dos moradores era feito quase que exclusivamente no Mercado Público. Os habitantes que não plantavam o que comiam — ricos, pobres ou miseráveis — continuavam forçados a irem lá todos os dias buscar as provisões necessárias para si próprios e para suas famílias.

Um grande questionamento da população era que durante a ampliação ninguém atendeu a antiga reivindicação de implantar uma câmara frigorífica. Para boa parte dos munícipes, uma cidade que já era denominada por muitos como “civilizada”, não poderia comportar, no seu mais importante centro de abastecimento, peixes e carnes sendo conservados com sal e creolina, e isso por no máximo meio-dia, quando então eram postos fora no cais do Mercado, onde os urubus estavam à espera.

Para as elites dirigentes, talvez mais intolerável do que a má conservação dos gêneros, até mais do que os urubus, fosse a multidão de famintos que se amontoava no local para disputar com as aves o seu sustento diário. Era comum a aglomeração do povo a partir das 11h da manhã

para esperar, principalmente pelos restos de peixe. Devido a isso e aos pequenos biscates que surgiam, o Mercado na época era ainda dominado pelas classes mais baixas da população e, ao mesmo tempo, era um local que não poderia ser evitado pelas classes mais abastadas, pois era o ponto central e quase exclusivo de abastecimento da cidade.

Figura 13 - Praia do “Vai Quem Quer”, ao lado do Mercado, na atual rua Francisco Tolentino na década de 1930



Fonte: BLOG Fotos Antigas de Florianópolis (2011b).

A primeira câmara frigorífica foi instalada somente em 19 de agosto de 1939, marcando uma mudança de cenário e começando a gestação do Mercado que a Ilha conhece hoje. Com a “frigorífica”, como era chamada pelos mercadistas, os produtos em início de decomposição eram jogados ao mar em uma escala muito menor, o que obrigava os grupos mais pobres a buscarem seus alimentos de outra forma e, em muitos casos, em outros locais. Não se pode afirmar, porém, que os menos abonados abandonaram totalmente o Mercado, pois sempre surgiam sobras de alguns produtos para matar a sua fome, ou até mesmo um “biscate”, trabalho temporário que possibilita a compra de seu sustento dignamente. A frigorífica mudou a cara do Mercado, alterando sua estrutura comercial e social sem alterar substancialmente sua estrutura física.

### 3 DE UM MERCADO ESVAZIADO A UM MERCADO RESSIGNIFICADO

#### 3.1 O FECHAMENTO DO PORTO, OS ATERROS E O DISTANCIAMENTO DO MAR

Teoricamente, com a aceleração cada vez maior do crescimento da população, o Mercado deveria ser ampliado seguidamente para dar vazão às necessidades alimentícias dos moradores de Florianópolis, no entanto, isso não se fez necessário, porque com o crescimento da cidade e com o adensamento do centro urbano, a iniciativa privada vai paulatinamente construindo pequenos “mercados particulares” nas vilas mais distantes do centro, e em seguida nas mais próximas. Diferentemente das casas de comércio de gêneros alimentícios existentes desde o século XIX, boa parte daquelas surgidas nas décadas de 40, 50 e 60 optaram por buscar seu abastecimento diretamente com os produtores, sem a necessidade de passar pelo Mercado Público. Eram casas comerciais particulares, que aproveitavam as comodidades da ponte e das estradas bem como a maior acessibilidade dos automóveis. Lojas semelhantes foram criadas por todo o município naquele momento e, disfarçadamente, sem que os olhos das autoridades percebessem, roubaram uma parte do movimento diário do Mercado Público.

Figura 14 - Vista aérea da área do Mercado (1956)



Fonte: acervo Casa da Memória Anita Hoepcke.

Paralelo a esse processo, o aparecimento de um novo tipo de comércio varejista abriu caminho para um esvaziamento ainda maior do prédio do Mercado. As grandes redes de supermercados que, de uma forma um tanto tímida e humilde, chegaram a Florianópolis no início dos anos 1970 fizeram a cidade conhecer o estilo de comércio que os norte-americanos e ingleses vivenciavam desde o século XIX: novidades, compras em grandes quantidades a preços baixos, gêneros alimentícios negociados diretamente com o produtor rural ou com os grandes industriais, higiene e propagandas chamativas. A inauguração do primeiro supermercado da cidade de Florianópolis, localizado na Avenida Mauro Ramos, foi assim noticiada pelo jornal *O Estado*, em 29 de janeiro de 1971:

O Supermercado A Soberana é o primeiro de Florianópolis, projetado e construído de acordo com as modernas técnicas do sistema varejista “self service”. Com área de aproximadamente 500 m<sup>2</sup>, possui todos os requisitos necessários ao perfeito funcionamento do autosserviço e em condições de igualdade com os maiores estabelecimentos congêneres, das grandes capitais, em função de sua ampla área útil, liberdade total de movimentação, higiene absoluta e racionalização dos serviços (INAUGURAÇÃO [...], 1971, p. 2).

O trecho da notícia faz referência ao tamanho, à higiene, à racionalização e principalmente ao novo modelo de autoatendimento que estava chegando das grandes capitais e, antes disso, dos Estados Unidos<sup>7</sup>.

Em sua dissertação apresentada à Universidade de São Paulo (USP), intitulada *Mercados públicos em São Paulo: arquitetura, inserção urbana e contemporaneidade*, Diego Vernille da Silva (2017) faz uma análise da relação entre mercados públicos, supermercados e shoppings centers, apontando que:

Os supermercados representam a concentração do capital varejista na medida em que são uma unidade comercial que opera fornecendo uma imensa gama de produtos sob seu controle. Os mercados públicos, por sua vez, eram então formados pela reunião de diversas unidades comerciais independentes, com suas respectivas bancas ou lojas (Silva, 2017, p. 50).

Com mais controle sobre os fornecedores e os preços, os supermercados foram ganhando espaço e dominando o abastecimento das grandes cidades. Após os supermercados, surgiram as grandes lojas de departamentos, com um estilo ainda mais agressivo de vendas. Eram concorrentes de peso que fizeram com que o Mercado perdesse de uma vez por todas a

---

<sup>7</sup> Diego Vernille da Silva (2017, p. 49) estabelece os anos de 1915 e 1916 como a origem dos primeiros supermercados. Ele cita o comerciante de Memphis, Clarence Saunders, que buscou a redução da interação dos seus funcionários com os clientes para reduzir os custos.

exclusividade no abastecimento da gente florianopolitana. Muitos boxes que vendiam frutas, verduras, carnes e peixes cerraram suas portas, sendo logo em seguida substituídos por outros que vendiam artigos diversos da finalidade do Mercado Público.

Para agravar ainda mais a situação do Mercado, tivemos o fechamento do porto e a construção dos aterros. Cabe destacar aqui a importância dos estudos de Renata Rogowski Pozzo (2010), *Modernidade capitalista em Florianópolis-SC e a dinâmica do centro urbano*, a respeito do desenvolvimento das áreas comerciais no centro da cidade e do planejamento estratégico para o desenvolvimento turístico; Luciana Carla Sagi (2006), *Capacidade institucional para a gestão do turismo: estudo de caso do estado de Santa Catarina*, que faz uma análise dos planos de desenvolvimento turística da Ilha de Santa Catarina; Marina Toneli Siqueira (2008), *Entre a prática e o discurso: a formação de espaços simbólicos na Florianópolis contemporânea*, que analisa os simbolismos contidos nas modificações ocorridas em Florianópolis nas últimas décadas; Maria Helena Lenzi (2016), *A invenção de Florianópolis como cidade turística: discursos, paisagens e relações de poder*, que analisa a construção dos discursos em torno do turismo na cidade; e Cláudia Cristina Zanela (1999), *Atrás da porta: o discurso sobre o turismo na Ilha de Santa Catarina (1983-1998)*, que faz uma análise dos planos de desenvolvimento turístico para a Ilha de Santa Catarina.

Figura 15 - Vista da área do Mercado antes dos grandes aterros da década de 1970



Fonte: acervo Casa da Memória Anita Hoepcke.

O fechamento definitivo do porto de Florianópolis, em 1965, e a construção do Aterro da Baía Sul, no início dos anos 1970, foram os arremates finais de um processo de decadência que ocorria desde o início dos anos de 1940. Parte dos frequentadores e abastecedores diretos foram afastados do Mercado e a relação direta com o mar foi rompida. Junto a esse contexto, começa na cidade o debate sobre o desenvolvimento turístico, que aos poucos vai dominando o imaginário dos florianopolitanos e mudando os rumos do Mercado Público.

Figura 16 - Montagem do Mercado com uma foto atual e outra anterior aos aterros



Fonte: ND+ (2022).

Em uma reportagem intitulada *Turismo – destino da Ilha de Santa Catarina*, o jornal *O Estado* reproduz um trecho retirado da fala do chanceler alemão chamado Luthor, quando em visita à Santa Catarina nos anos 1920 (TURISMO [...], 1955). O trecho serve para a compreensão das mudanças advindas pela introdução da mentalidade de exploração turística que tomou conta de Florianópolis a partir da segunda metade do século XX. Sentado no palácio do governo, ao lado do então governador Adolfo Konder, Luthor definiu a cidade como “um dos pontos mais interessantes e pitorescos do globo”:

WUNDERSCHOEN (maravilhoso). Não leve a mal senhor governador o conselho que tomo a liberdade de dar-lhe. Antes de pousar no aeroporto, dei no meu avião, algumas voltas por cima da ilha e fiquei maravilhado com as belezas que ela apresenta. Tenho para mim que o destino dela não é nem de ordem agrônômica, nem no plano industrial. O seu destino é TURISMO” (TURISMO [...], 1955, p. 4).

Na verdade, o político alemão apenas repetiu o que tantos outros estrangeiros disseram a respeito das belezas naturais dessa terra. Entre esses relatos, chama a atenção e ilustra qualquer outro que possa aparecer, a manifestação do suíço-alemão Carl Friedrich Gustav Seidler, mercenário a serviço do exército brasileiro que aqui esteve em 1825:

Os naturais desta ilha chamam-na com razão o Jardim do Brasil. Ela merece este nome pela luxuriante vegetação, por seu clima temperado extremamente saudável e pelas encantadoras vistas que se tem para longe de quase todos os pontos. Outrora esse jardim era lugar de desterro de criminosos portugueses, de onde o nome da capital; realmente por esse preço era-se tentado a praticar algum crime para também ser desterrado, pois era ceder por um instante ao inferno em troca do resto da vida no céu (Berger, 1984, p. 280).

A beleza da Ilha é bastante citada entre os viajantes, mas sua exploração nos moldes capitalistas é recente. O aumento dos discursos de desenvolvimento turístico ocorreu apenas a partir da década de 1950, quando alguns políticos e empresários começaram a aplicar medidas para o desenvolvimento do turismo na Ilha de Santa Catarina. Destaca-se a criação do departamento de Turismo da Prefeitura de Florianópolis e um Projeto de Lei apresentado na Câmara Municipal de Florianópolis em outubro de 1955, no qual o vereador Gercino Silva pregava a necessidade da criação de uma taxa especial para levar a Ilha a ser um centro de turismo no Sul do Brasil (A CÂMARA [...], 1955, p. 8). A proposta causou uma controvérsia enorme na região e, na esteira do Projeto de Lei aprovado em seguida, mas não colocado totalmente em prática, outras iniciativas vieram, iniciando-se uma lenta corrida em busca da criação de uma estrutura turística para Florianópolis.

Um fator importante que também pesou nesse processo de fomento ao turismo foi a preocupação com os baixos índices de atividade comercial em Florianópolis na década de 50. Segundo uma pesquisa feita na época, a capital dos catarinenses colocava-se ao lado de Cuiabá, como uma das capitais com os piores desempenhos comerciais do país, vencendo apenas Teresina e algumas cidades menos cotadas do Norte do Brasil. Incentivar a vinda de novos compradores para incrementar a atividade comercial da cidade era uma das soluções sugeridas pelos jornais e buscadas pelas autoridades (TURISMO [...], 1955, p. 4).

O governo do estado criou, depois de algumas iniciativas esporádicas, a Secretaria de Cultura, Esporte e Turismo, no início da década de 70. Ela deveria organizar de vez as diferentes

medidas tomadas por particulares e prefeituras, visando o desenvolvimento turístico catarinense. Com isso, passou-se finalmente a entender que o crescimento do turismo não dependia apenas de questões naturais, mas de condições ideais para que os viajantes fossem recebidos da melhor forma possível.

Juntos então, mesmo que de uma maneira um tanto desarticulada, governos e iniciativa privada mobilizaram forças para pavimentar estradas, criar bons hotéis com pessoal capacitado, criar centros de informação turística, programar festas populares e levar o nome da Ilha para outras partes do país e do exterior. Em nome do turismo, a economia de Florianópolis foi dinamizada. Pode-se dizer que foram concluídas as estratégias de saneamento iniciadas nos primeiros anos do século XX. As antigas mansões e os prédios públicos do agora denominado “Centro Histórico” viraram anacronismos em meio aos arranha-céus que tomaram conta da cidade.

O prédio do Mercado Público era uma dessas construções, fadada a ser um mero local de demonstração sobre o que já foi Florianópolis nos velhos tempos. Para entrar nesse concorrido rol de atrações que a capital catarinense passou a fornecer aos visitantes, as autoridades e os comerciantes modernizaram sua estrutura e seus objetivos, percebendo que o prédio já não tinha mais a função de abastecedor de gêneros alimentícios em uma cidade que não conhecia supermercados, lojas de departamentos e o turismo capitalista.

Marcando essa procura de novos rumos, está a união dos comerciantes em uma associação fundada em 30 de junho de 1980 e registrada no Diário Oficial do Estado em 12 de maio de 1986 (SANTA CATARINA, 1986, p. 38). A Associação dos Comerciantes e Varejistas do Mercado Público Municipal de Florianópolis (ACOVEMAPUF) passou a atuar diretamente nas decisões tomadas pelos órgãos públicos em relação ao local. Dois anos depois, foi criado o “Fundo de reserva do Mercado Municipal”, tendo o “objetivo de obter reservas financeiras, visando à conservação, manutenção e melhorias do prédio”. O Fundo era constituído de “20% (vinte por cento) da arrecadação efetuada pela prefeitura do valor correspondente às taxas de ocupação e demais encargos incidentes sobre as instalações do Mercado Público”, e sua administração seria formada por seis membros, sendo três indicados pela prefeitura e três pela Associação dos Comerciantes (SANTA CATARINA, 1988, p. 23).

Esse é um momento importante, pois vemos que os comerciantes percebem que não são meros coadjuvantes no processo de transformação do Mercado, pois eles passam a lutar pelo controle da administração do prédio e a mobilizar discursos e atores políticos para concretizar as mudanças que consideram necessárias dentro do prédio. Eram eles que conviviam e entendiam a demanda dos frequentadores naquele momento. Um exemplo é que,

em 1984, segundo o comerciante Pedro Elias, proprietário do Box 30, “90% de sua clientela era de argentinos” (Jornal de Santa Catarina, 1984, p. 16).

Esse dado quebra a ideia de que os turistas passaram a vir ao Mercado depois da modernização. Foram os comerciantes que, percebendo a alta demanda de turistas, organizaram-se para modernizar o Mercado e atrair e fidelizar ainda mais a nova clientela.

Figura 17 - Montagem do Mercado com uma foto atual e outra da década de 1970



Fonte: ND+ (2022).

A criação do Centro Cultural Luiz Henrique Rosa foi um marco da reinauguração do velho edifício, ocorrida em 16 de dezembro de 1988 (NOSTALGIA [...], 1988, p. 15). Com o fechamento do vão central, em 25 de abril de 1984 (1º DIA [...], 1984, p. 7), a área criada em 1931, com a construção da segunda ala, os atropelamentos e abalos na estrutura do prédio causados pelo intenso trânsito de automóveis deixaram de ocorrer. Com isso, os comerciantes e a prefeitura iniciaram um processo de organização de atividades culturais no local. Sendo assim, foi construída uma casa de estuque, organizada a degustação de comidas tradicionais, realizada uma demonstração da confecção de louças de barro e a construção de uma canoa de garapuvu por meio das machadadas de “Seu Zico”. Isso tudo ocorria durante o dia, porque nas noites de sexta ou sábado, o “sambão” e o pagode tomavam conta do espaço (CASA [...], 1986, p. 6). Nos anos posteriores, essas atividades foram perdendo espaço no local para a exploração comercial, pois as mesas e cadeiras dos bares e restaurantes foram tomando todo o espaço.

### 3.2 A PATRIMONIALIZAÇÃO E O EMOLDURAMENTO DO MERCADO PARA A EXPLORAÇÃO TURÍSTICA

O tombamento oficial do prédio pela Prefeitura Municipal de Florianópolis ocorreu por meio do Decreto n. 035/84, de 20 de março de 1984:

Art. 1º Fica tombado, nos termos do art. 1º e art. 6º da Lei Municipal nº 1202 de 02.04.74, como Patrimônio Histórico e Artístico do Município, o Mercado Público de Florianópolis, localizado à Rua Francisco Tolentino, de propriedade do Município, devendo o tombamento ser inscrito no competente Livro de Tombo, do Serviço de Patrimônio Histórico, Artístico e Natural do Município – SPHAM (Florianópolis, 1984).

O decreto fechou qualquer possibilidade de demolição ou venda a particulares, como vinha se cogitando nos bastidores políticos do município. Algumas especulações davam como certa a sua venda para o Grupo Pão-de-Açúcar, e ela somente não aconteceu devido ao trabalho rápido dos comerciantes e dos seus representantes na Câmara dos Vereadores (ACOVEMAPUF LUTA [...], 1991, p. 3).

A política de proteção ao patrimônio foi instalada em Florianópolis com a criação da Lei Municipal n. 1.202, de 02/04/1974 (Florianópolis, 1974), que dispõe sobre a proteção do patrimônio histórico, artístico e natural do município e criou o Serviço de Patrimônio Histórico, Artístico e Natural (SPHAM, posteriormente denominado SEPHAN). Atualmente, na estrutura municipal, as atribuições sobre o patrimônio cultural estão divididas entre o Instituto de Planejamento Urbano de Florianópolis (IPUF), por meio da SEPHAN, responsável pelo patrimônio cultural de natureza material, e a Fundação Cultural de Florianópolis Franklin Cascaes, responsável pelo patrimônio cultural de natureza imaterial.

As concepções de patrimônio vigentes em 1984 valorizavam a materialidade da edificação como o elemento central da sua valorização. Assim, o que foi reconhecido como patrimônio foi o seu prédio e a estrutura física, incorporando também as características arquitetônicas e os estilos de construção. Atualmente, essa questão já não faz mais tanto sentido, já que os bens culturais são vistos a partir dos usos e dos significados dados pelas pessoas que neles circulam, e o Mercado impacta significativamente na dinâmica econômica e cultural da cidade de Florianópolis.

É importante destacar que o município implantou a Política Cultural para os Locais de Memória apenas no ano de 2009, através da Lei n. 7.955/2009 (Florianópolis, 2009), alterada em 2010, pela Lei n. 8209/2010 (Florianópolis, 2010). Esses locais de memória passaram a ser

protegidos por meio de inventário e sinalizados com placas contendo referências culturais e históricas de Florianópolis.

O prédio do Mercado Público também foi tombado provisoriamente no âmbito estadual pela Fundação Catarinense de Cultura por meio da “Portaria de Tombamento Provisório”, de 30 de agosto de 2021, que decidiu:

Art. 1º Promover o tombamento provisório da edificação denominada “Mercado público Municipal de Florianópolis”, localizada na Rua Jerônimo Coelho, 60 – Centro-Florianópolis/ SC.

Art. 2º Considera-se como área de entorno do bem tombado, para os efeitos do art. 18, da Lei nº 17.565, de 06 de agosto de 2018, a poligonal definida num limite de 50 m a partir do perímetro da edificação.

Art. 3º A área de entorno a que se refere o Art. 2º tem caráter provisório, podendo ser retificada, conforme a necessidade, a partir dos estudos que serão realizados na fase de instrução técnica do processo de tombamento em curso (Santa Catarina, 2021, p. 18).

O objetivo de boa parte das autoridades envolvidas com o tombamento do Mercado era basicamente o de transformá-lo no que é hoje: um produto para ser vendido aos turistas. Um documento do Instituto de Planejamento Urbano de Florianópolis, publicado em 2004, diz que:

[...] o uso do Mercado Público é uma das atividades mais tradicionais do centro de Florianópolis. O colorido, a relação com o céu aberto, o sol, a música, a alegria e a informalidade confundem-se para tornar esse lugar um ponto de lazer e turismo único em todo o Brasil (Meneghello, 2018, p. 109).

O processo ocorrido no Mercado Público Municipal de Florianópolis aproxima-se da análise feita por Françoise Choay (2001), quando ele analisa as estratégias do Estado francês para desenvolver uma espécie de culto patrimonial no país após a Segunda Guerra e, notadamente, a partir dos anos 1980 quando a estratégia passou a ser atrelada ao turismo cultural:

Por sua vez, os monumentos e o patrimônio históricos adquirem dupla função - obras que propiciam saber e prazer, postas à disposição de todos; mas também produtos culturais, fabricados, empacotados e distribuídos para serem consumidos. A metamorfose de seu valor de uso em valor econômico ocorre graças à “engenharia cultural”, vasto empreendimento público e privado, a serviço do qual trabalham grande número de animadores culturais, profissionais da comunicação, agentes de desenvolvimento, engenheiros, mediadores culturais. Sua tarefa consiste em explorar os monumentos por todos os meios, a fim de multiplicar indefinidamente o número de visitantes (Choay, 2011, p. 211).

A cerimônia de assinatura do registro oficial do Mercado no Livro de Tombos da cidade deu-se no vão central, quando o prefeito Cláudio Ávila da Silva e diversas autoridades

presentes destacaram a enorme importância do Mercado para a história da cidade. Curiosamente, muitos torciam para que o evento demorasse o mínimo de tempo possível, pois temiam que o prédio caísse sobre suas cabeças. É lamentável, mas na época alguns mal-informados acreditavam que o falado “tombamento” representaria a queda do histórico prédio, que era seu estado de penúria e abandono, conforme um artigo do jornal *O Estado*:

Infestado de cupim, centenas de goteiras, nenhum banheiro, instalações elétricas inexplicavelmente inacabadas, sujeira amontoada em muitos cantos e apenas dois extintores de incêndio para todo o prédio, as 300 pessoas que trabalham diariamente nos 136 boxes do velho Mercado Público Municipal de Florianópolis, convivem a todo instante com a insegurança, acrescida de inevitáveis e constrangedores apuros de ordem fisiológica, aliviadas por incursões apressadas ao mictório do terminal urbano de passageiros, distante uns 300 metros. Nunca, desde que foi construído em 1898, este tradicional ponto de vendas e comércio esteve com sua imagem tão comprometida junto ao público como atualmente (RECUPERAÇÃO [...], 1983, p. 9).

Convém destacar que o texto se refere ao antigo terminal de ônibus da rua Francisco Tolentino. Mesmo com as denúncias, a reforma e o tombamento, a situação não mudou, conforme um artigo do jornal *Diário Catarinense*, onde a Secretaria de Saúde ameaçava interditar o prédio, classificado como “insalubre ao último grau” porque:

Ratazanas enormes fuçam no lixo, fezes enroladas em jornais amontoam-se pelos cantos. Moscas varejeiras sobrevoam e multiplicam-se nessa imundície. Vermes, fedor, esgotos abertos borbulham água escura e fétida. De alimento para este batalhão de transmissores de doenças: muito peixe estragados, verduras e frutas malcheirosas e esmagadas. Este cenário não é o do lixão do Itacorubi, que você pode evitar. No local, milhares de pessoas passam todos os dias, fazem suas compras, acreditando estar levando o melhor para casa e pagando até mais caro – é o Mercado público Municipal (SAÚDE [...], 1987, p. 9).

O trabalho de reforma do prédio, que já havia começado em agosto de 1983 com algumas raspagens (RECUPERAÇÃO [...], 1983, p. 9.), perdurou por cinco longos anos até a reinauguração completa, em 16 de dezembro de 1988 (NOSTALGIA [...], 1988, p. 15). Essa reforma começou com verbas municipais, recebeu algumas verbas estaduais e somente terminou porque o governo federal liberou o montante necessário para a conclusão das obras. Tudo se concretizou porque os comerciantes faziam peregrinações seguidas ao gabinete do prefeito, e ele, pressionado, embarcava em direção à Brasília (REFORMADO [...], 1988, p. 9; PREFEITO [...], 1987, p. 5). Também somente foi possível com a atuação de vários trabalhadores anônimos, e de um em especial, Marcos dos Santos Xavier, que morreu eletrocutado durante os trabalhos (PINTOR [...], 1983, p. 6).

Figura 18 - Mercado antes das reformas da década de 1980 (vista da Avenida Paula Fontes em direção à rua Jerônimo Coelho)



Fonte: acervo Casa da Memória Anita Hoepcke.

Nas obras de restauração, foram colocadas portas novas; recuperadas as grades e esquadrias de madeira; substituído o piso das duas alas; revestidas as paredes externas e os passeios; implantados os tão sonhados sanitários e recuperado completamente o telhado, inclusive com a re colocação da cobertura das quatro torres. Para terminar, a pintura geral, que devolveu ao prédio o bege e o verde originais de 1931 (RECUPERAÇÃO [...], 1983, p. 9).

Antes da reinauguração, porém, a Prefeitura Municipal, por meio da SUSP (Secretaria de Urbanismo e Serviços Públicos), organizou um mutirão de limpeza no local, após convocar os comerciantes para uma reunião. Nela, discutiram se os ratos do Mercado pertenciam aos comerciantes ou ao prefeito; ou então se os ratos iam até o Mercado apenas para comer ou se realmente moravam lá. Discutiram também uma punição aos comerciantes que não participassem do mutirão com o fechamento dos seus boxes por três dias (COMERCIANTES [...], 1987, p. 24).

A punição mostrou-se desnecessária, porque os comerciantes e funcionários aderiram em massa ao movimento pela higiene. Depois do trabalho efetuado em um gelado final de semana de julho de 1987, os caminhões da prefeitura levaram para o aterro do Itacorubi 14 cargas de lixo acumuladas por 88 anos no prédio (O MUTIRÃO, 1987, p. 5).

Figura 19 - Vão central do Mercado ainda aberto ao trânsito de automóveis na década de 1960



Fonte: acervo Casa da Memória Anita Hoepcke.

A vistoria final foi feita pelo prefeito Edson Andrino, que definiu também o fim da velha câmara frigorífica de 1939 (PREFEITO [...], 1987, p. 5). Ultrapassada pelo andar do tempo, ela foi substituída por freezers, que decretaram a solução final para os problemas de conservação de carnes e peixes no Mercado Público. Na mesma ocasião, o comércio aberto de pescados na entrada ao lado da alfândega da ala da Avenida Paulo Fontes foi encerrado, tendo sido criados oito boxes (PREFEITO [...], 1987, p. 5). Era o enterro de um estilo de comércio que remetia ainda à época das barraquinhas.

Destaco também que o ato de ficarmos atentos aos apagamentos de memória é um dos pontos fundamentais da minha proposta de Educação Patrimonial. Como afirma Ecléa Bosi, é importante “interpretar tanto a lembrança quanto o esquecimento” (Bosi, 2003, p. 18). Ao caminhar pelo Mercado, é importante percebermos o que não está mais lá, por obra do tempo ou por obra de discursos dominantes que impuseram uma nova realidade ao espaço. A roda de capoeira é um grande exemplo. Analisando os regulamentos do Mercado, Danuza Meneghello (2018) constata que existe uma forte proposição de valorização da cultura açoriana, tida como a “verdadeira da cultura local”:

Valorização da cultura local? Qual é a cultura local em Florianópolis? Só é considerada cultura local o que está desde a colonização açoriana? E a cultura Guarani é cultura local? E as manifestações culturais que os negros trouxeram e desenvolveram aqui durante o período escravista é cultura local? (Meneghello, 2018, p. 110).

Ao analisar os fundamentos do Grupo Capoeira Angola Palmares, que organiza a Roda de Rua do Mercado Público, a autora buscou “discutir o uso privado dos espaços públicos e a roda de capoeira como possibilidade de resistência, de conscientização política, em Florianópolis e, mais especificamente, no Mercado Público da capital” (Meneghello, 2018, p. 5).

Ao definir que “aquele é um local de passagem de coisas e gentes” (Meneghello, 2018, p. 122), ela defende que os regulamentos internos são uma forma de controle dos costumes e dos grupos populares, principalmente a partir das grandes mudanças ocorridas a partir da década de 1980:

Hoje temos duas grandes diferenças: a primeira é que ao se propor a revitalização do Mercado não se sentaram na mesa os capoeiras, os raps, os pagodeiros. Sentaram os setores representantes principalmente do comércio. E o segundo aspecto é que ficou espaço zero para a roda de capoeira. Exclusão total, tanto na hora das negociações sobre o espaço do vão central, como posteriormente quando se concretizou qual espaço “restou” para qualquer atividade que não seja de bar e restaurante. Então a luta não é pela volta do que se tinha, pois nada se tinha, é sim pelo reconhecimento que no Mercado Público de Florianópolis é preciso possibilitar a diversidade do uso (Meneghello, 2018, p. 113-114).

A roda de capoeira foi tirada do Mercado, portanto, em nome da açorianidade, da cultura local e da livre circulação de clientes. Com isso, as novas gerações deixam de ver, de reconhecer e de criar memórias do Mercado como um espaço da cultura negra tão presente e tão apagada em Florianópolis. Uma proposta de Educação Patrimonial dentro do Mercado poderia levar a reflexões importantes nesse sentido, ao buscar as memórias desses grupos ainda presentes no local.

### 3.3 O CONTROLE DOS CORPOS E DOS COSTUMES

Ao fazer esse apanhado histórico, creio ser importante destacar que o Mercado Público teve diversos regulamentos durante sua história. O regulamento de 1899 deixava clara a finalidade do estabelecimento já em seu primeiro artigo: “centro de compra de gêneros alimentícios: a carne verde, toda a qualidade de pescado, aves, ovos, frutas, hortaliças, legumes, cereais, produto da lavoura e quitanda para alimentação” (Florianópolis, 1898, art. 1º). Cabia ao administrador do Mercado a condução da vigilância interna. Ele deveria “fazer conduzir à presença de autoridades competentes os que prender em flagrante por estarem praticando qualquer ato criminoso” (Florianópolis, 1898, art. 22º). Os comerciantes também eram controlados pela municipalidade, pois “aquele que se tornar rixoso ou habitualmente ébrio, ou

que praticar atos imorais usando de palavras, gestos ou sinais indecorosos, será obrigado a despejar a casinha (box) que ocupar (Florianópolis, 1898, art. 9º).

O regulamento interno do Mercado do ano de 1955, que estava incluído em uma série de regramentos para toda a cidade, dizia que o local era destinado à “venda, a varejo, de gêneros alimentícios, carnes, produtos de pequena lavoura, de horticultura, de pomicultura e floricultura, aves, laticínios, peixes, doces, queijos e objetos de uso diário para consumo e asseios domésticos” (Florianópolis, 1955, art. 1.665). Ele trouxe uma série de leis semelhantes às de 1899, destacando-se o artigo 1.681 que dizia ser “terminantemente proibida a venda de bebidas alcoólicas” no local (Florianópolis, 1955, art. 1.681). O curioso é que os bares e restaurantes, locais de maior destaque nas mudanças ocorridas a partir da década de 1980, transgrediram o regulamento do estabelecimento. Além desses preceitos, existiam alguns outros que eram descumpridos ocasionalmente, como a proibição da instalação de padarias, de ruídos e sons excessivos, de cercar e tomar fregueses etc.

Em relação aos frequentadores, o regulamento dizia que “é inteiramente livre a entrada e saída de pessoas nas horas regulamentares no recinto do Mercado, porém ficam sujeitos à ordem e disciplina interna, sendo punidos com multas, expulsão ou vedação da entrada nos casos graves quem transgredir os preceitos legais” (Florianópolis, 1955, art. 1.669).

Em 2015, o Decreto n. 15.347 aprovou um novo regramento para o Mercado que, entre outras coisas, permitiu bares, mesas nas ruas, apresentações culturais, musicais ou qualquer tipo de evento no Espaço Luiz Henrique Rosa (Florianópolis, 2015, art. 12). A definição do que se entende por bar, deixou bem clara a liberação de bebidas:

Espaço destinado ao preparo e venda de petiscos em geral, porções individuais, estilo comida de boteco, preferencialmente regional com até 3(três) acompanhamentos, e consumo de bebidas alcoólicas ou não; incluindo produtos de origem orgânica, sem lactose ou outro derivado animal e sem glúten; vedados serviços de self service, a quilo, rodízio e produtos de tabacaria. Facultada a degustação in loco (Florianópolis, 2015, art. 16).

Depois de uma sequência de regramentos<sup>8</sup>, revogados a partir de 2015, o Decreto n. 25.093, de 2023 (Florianópolis, 2023), consolidou a administração do Mercado para a Secretaria Municipal de Turismo, Cultura e Esporte e definiu que o uso dos boxes se daria “por meio de contrato de concessão de uso oneroso, intransferível e pelo prazo de 180 (cento e

<sup>8</sup> O ano de 2015 marca o início da publicação de uma série de regramentos, que revogaram os antecessores e mostravam as fortes discussões que estavam estabelecidas a respeito do uso do local. As Leis são as seguintes: 15.347/2015, 18.487/2028, 20.043/2019, 23.264/2021 e 25.093/2023.

oitenta) meses, prorrogáveis por igual período, contados a partir da assinatura do Contrato.” (Florianópolis, 2023, art. 2).

O atual regulamento mostra o cenário final da transição que vem desde o surgimento das grandes redes de supermercados em Florianópolis. Com o fechamento do porto, o rompimento da relação direta com o mar e a perda de sua função original de abastecimento de gêneros alimentícios para a população, o poder público e os comerciantes do Mercado buscaram alternativas ligadas ao contexto de desenvolvimento turístico da cidade. Com isso, ocorreu no Mercado um processo de elitização que consistiu na criação de locais dentro do Mercado que atendessem aos desejos dos turistas e das classes mais altas da população.

Figura 20 - Roda de capoeira no vão central do Mercado



Fonte: Meneghello (2018, p. 95).

Os eventos organizados no vão central são controlados rigidamente pela Prefeitura Municipal e atendem cada vez mais aos interesses do turismo e das classes mais abastadas. Segundo o parágrafo 1º do artigo 4º do atual regramento:

Ficam permitidas apresentações culturais, musicais e/ou qualquer tipo de evento no Espaço Luiz Henrique Rosa (Vão Central), desde que solicitado à Secretaria Municipal de Turismo, Cultura e Esporte com antecedência mínima de 30 (trinta) dias, sendo liberada a colocação de músicos e bandas somente na passarela do meio do vão central, em estrutura que ocupe no máximo, 50% (cinquenta por cento) da largura da referida passarela, de modo que não prejudique a passagem de pedestres e a área indicativa de deficientes visuais (Florianópolis, 2023).

A exclusão da roda de capoeira do vão central do Mercado é um exemplo disso. O “Grupo Capoeira Angola Palmares” organizava a Roda de Rua do Mercado Público e trazia uma reflexão sobre a escravidão e a população negra em Nossa Senhora do Desterro/Florianópolis, mas foi proibido de ocupar o vão central e, no momento, a roda de capoeira é realizada no Largo da Alfândega (Meneghello, 2018).

Os apagamentos são constantes no Mercado atual, que é vendido aos turistas e à população em geral como um local harmonioso. Com quase 200 anos de relações com a cidade, o Mercado é colocado como uma marca, que é uma propriedade da cidade. No texto *O patrimônio como categoria de pensamento* (2003), José Reginaldo dos Santos Gonçalves afirma que patrimônio representa “propriedade, uma forma de demarcar o que é meu e o que é do outro” (Gonçalves, 2003, p. 26). Segundo Yamamoto (2008), esse objetivo foi alcançado, pois

Um estudo na construção e em toda a concepção do Mercado Público, mostra em seu estilo, a sua finalidade: a preocupação da alta classe em fazer algo para, antes de servir ao público, servir como uma decoração da cidade, um lugar que fosse esteticamente bonito, que deixasse a cidade com uma aparência melhor, com status de uma cidade grande e importante. Seu objetivo foi alcançado, visto o que o Mercado Público se tornou um símbolo da cidade, cartão-postal e local de visitação, com seus boxes famosos, como o “Box 32” ou o “Ponto 15” dentre outros, ao mesmo tempo em que mantém sua função, pitoresca dentro desse contexto, de vender produtos alimentícios (Yamamoto, 2008, p. 7).

Na continuidade do artigo, a autora cita a contradição criada pela instalação de um sistema de tratamento de esgotos logo na principal entrada rodoviária da cidade e a sujeira de algumas ruas e vielas, mas arremata que “cercado por isso, está o Mercado Municipal. Símbolo do Manezinho da Ilha, símbolo de Florianópolis, com toda sua beleza e diferenças culturais, sociais e econômicas” (Yamamoto, 2008, p. 7). Essa forma de pensar, no entanto, ignora a parcela da população que sequer conhece e/ou frequenta o lugar e aqueles que não o tratam como algo tão significativo.

Busco trabalhar a ideia do Mercado como um Patrimônio que precisa ser conhecido e interpretado, e não partir dele como uma premissa representativa da totalidade da população. Da mesma forma, ele também não é um patrimônio seletivo e exclusivista de determinados grupos. Em seu estudo sobre as ruas do centro da cidade e seus dispositivos de vigilância e circulação de corpos, Natassia Alano (2019), faz uma análise sobre a perspectiva mercadológica no trato com os patrimônios edificados, lançando seu olhar para o processo de remodelação do Mercado Público e afirma que mesmo que “que não haja restrições de acesso ao público”, o “controle o controle se versa na própria configuração espacial, arquitetônica e econômica que, ‘automaticamente’, afasta determinados sujeitos daquele entorno” (Alano, 2019, p. 451-452).

A configuração que vemos atualmente no Mercado Público é a de ausência formal de restrições à livre circulação de pessoas. No entanto, um conjunto de normas, discursos e vigilâncias impõem um constrangimento aos grupos populares que tentam ocupar e mesmo frequentar o espaço, pois “sua configuração espacial e utilização de materiais mais sofisticados podem expulsar outros corpos daquela ambientação” e, dessa forma, “o patrimônio histórico no espaço público passa, nesse sentido, a ser tomado como espetacularização cultural e histórica, em uma perspectiva mercadológica de produção de alguns corpos e renegação de outros que não contribuem para esse contrato” (Alano, 2019, p. 454).

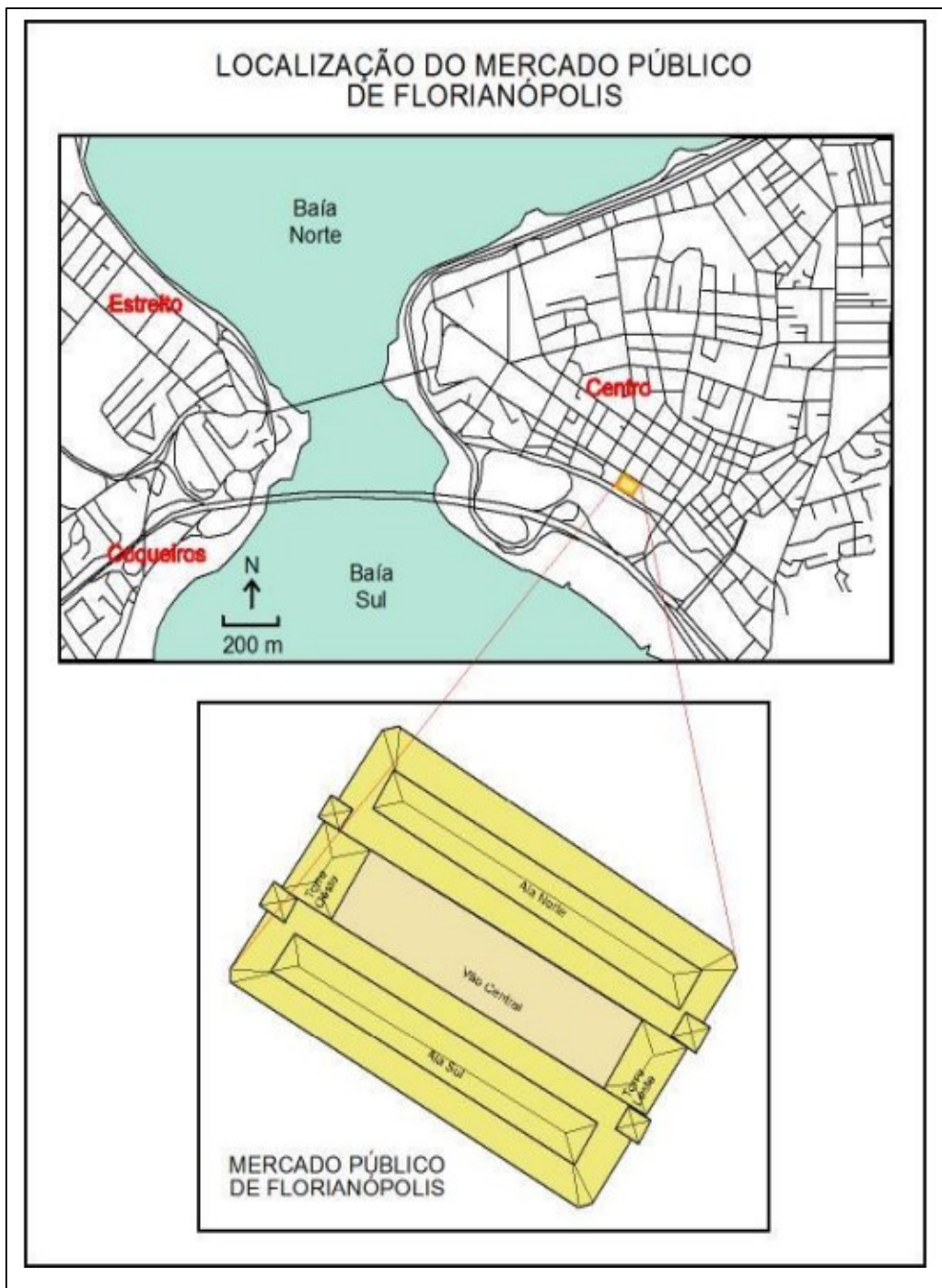
Nos capítulos seguintes, vou procurar analisar como o ensino de História, acompanhado de uma Educação Patrimonial, crítica e desnaturalizada, pode auxiliar a encontrar esses apagamentos e colaborar para que os estudantes entendam que os diferentes momentos da construção da história do Mercado Público Municipal podem contribuir para o estudo da história de Florianópolis. Dentro de uma dimensão propositiva, vou sugerir atividades que possam auxiliar na compreensão desses elementos e, conseqüentemente, possibilitar uma dinamização do processo de ensino-aprendizagem da disciplina de História em sala de aula.

Entendo que tratar o Mercado atual como um lugar de todos ou uma passarela da cidade e sua história mostra uma forma de propaganda que hipervaloriza o lugar dentro do contexto de construção do turismo. O mar não está mais presente, o número de peixarias está diminuindo e os grupos populares pouco aparecem, devido aos preços exorbitantes e às regras de controle impostas pelos gestores e administradores. Mas os meios de comunicação e divulgação tradicionais mostram um Mercado com cheiro de mar e onde as relações ocorrem de forma harmoniosa e respeitosa.

O Mercado Público já não cumpre a sua função original. Vende alimentos, é verdade, mas funciona muito mais como um ponto turístico. É a “passarela da cidade”, dizem os mais entusiastas. “Possui os balcões mais democráticos da cidade”, dizem outros. Tudo isso

corresponde à realidade, pois, de uma forma contraditória, o Mercado foi ressignificado e tornou-se ponto de encontro das grandes personalidades que visitam ou moram na ilha. Ao mesmo tempo, as classes marginalizadas, que tiveram no Mercado a continuidade de seu quintal, não abandonaram o prédio e convivem com os elementos dos grupos mais privilegiados.

Figura 21 - Mapa da localização do Mercado Público Municipal de Florianópolis



Fonte: elaborado por Márcio Marchi (Meneghello, 2018, p. 85).

Como professores e pesquisadores do Ensino de História, podemos questionar essas afirmações e narrativas, sem necessariamente deixar de valorizar a relevância histórica do Mercado e a sua grande potencialidade para o trabalho em sala de aula. O Mercado atual, harmonioso, elitizado, branco e masculino oferece a possibilidade de ser estudado com o intuito de encontrar as vozes e os rostos dos grupos que foram apagados com o desenrolar dos anos. Os conflitos sempre estiveram presentes e ali foram criados diferentes discursos para imaginar a área central da cidade. Ao abordarmos a história do prédio do Mercado Público emoldurada para o consumo, podemos descortinar que a harmonia vendida à população e aos turistas encobre uma série de práticas que foram ocultadas devido aos interesses dos grupos que comandam a cidade.

O Mercado que hoje é vendido como “porta de entrada” ou “passarela” da cidade, foi construído dentro de um contexto que buscava escondê-lo da maioria dos olhos. Os grupos que se consideram dominantes na atualidade e que exaltam a centralidade geográfica e patrimonial do Mercado, contradizem a elite do século XIX, que desejava a construção do prédio distante dos olhos das “pessoas de bem”.

Por outro lado, agora que a construção já é centenária e oficialmente patrimonializada, o desejo está focado em colocar em um segundo plano grupos que foram fundamentais para construir a sua História. O Mercado precificado que é vendido nas propagandas é construído a partir de discursos que valorizam a higiene, a convivência harmoniosa e a açorianidade, e escondem as disputas, a negritude, os problemas com as questões de higiene e limpeza e até mesmo a presença feminina. Mulheres, negros e grupos populares são relegados a um segundo plano na propaganda de um Mercado que representaria a “açorianidade”<sup>9</sup> de Florianópolis e que é apresentado como sendo da elite, da classe média e do homem branco.

---

<sup>9</sup> O termo “açorianidade” começou a ser discutido em Florianópolis a partir do ano de 1948, quando o Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina (IHGSC) organizou o Primeiro Congresso de História Catarinense, e ganhou muita força em 1984, quando foi realizada a Semana de Estudos Açorianos. Dentro do contexto de expansão turística, o conceito de “açorianidade” ganhou o apoio do empresariado e do governo estadual e municipal, que passaram a valorizar termos como “manezinho” e “ilha da magia” e a utilizar, entre outras coisas, o Mercado de Florianópolis como um dos símbolos do “ser açoriano” (Zanela, 1999).

## 4 ESCAMAS DO TEMPO - DO *FLÂNEUR* AO *ZAPEUR*: UMA PROPOSTA DE PERCURSO NO MERCADO PÚBLICO MUNICIPAL DE FLORIANÓPOLIS

### 4.1 A IDEIA ORIGINAL PARA O PERCURSO

Nas partes anteriores desta dissertação, procurei destacar pontos importantes da história do Mercado Público Municipal de Florianópolis dentro de suas diversas temporalidades, abordando aspectos ligados à minha prática como professor, ao Ensino de História e aos conceitos de Educação Patrimonial. Agora é o momento de juntar esses elementos e propor uma abordagem de desnaturalização desse bem cultural, oficializado como patrimônio pelo governo municipal em 1984.

Partindo da ideia de que a Educação Patrimonial é um espaço de diálogos, de compreensão de disputas e de ações muitas vezes ligadas ao poder público, o site do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico nacional (IPHAN) defende que ela envolve tanto processos formais quanto não formais e deve colaborar para o reconhecimento, a valorização e a preservação. Ainda estão presentes as ideias de construção coletiva e democrática e de participação efetiva das comunidades<sup>10</sup>. Pretendo, portanto, apresentar na dimensão propositiva premissas baseadas em uma Educação Patrimonial que dê sentido à classificação do Mercado como Patrimônio e que parta da comunidade a relevância dada ao objeto a ser estudado.

Segundo o Regimento Geral do ProfHistória (ProfHistória, 2025), a dimensão propositiva deve buscar as possibilidades de produção e atuação na área do Ensino de História que traduzam a apropriação dos debates e estudos ao longo do curso, a criticidade em relação às práticas trabalhadas que contribuam para o avanço dos debates e a melhoria das práticas do profissional de História dentro e/ou fora da sala de aula<sup>11</sup>. A ideia que busco em minha proposição é a de evitar impor aos colegas professores uma forma única de estudar a história do Mercado Público, por meio de um guia ou uma cartilha. Penso que um site pedagógico, contendo um roteiro virtual/presencial e que explore as nuances do saber histórico contidas no estudo da história do Mercado pode fornecer aos colegas diversas possibilidades de canalizar a história e os usos do prédio dentro de uma abordagem de Educação Patrimonial.

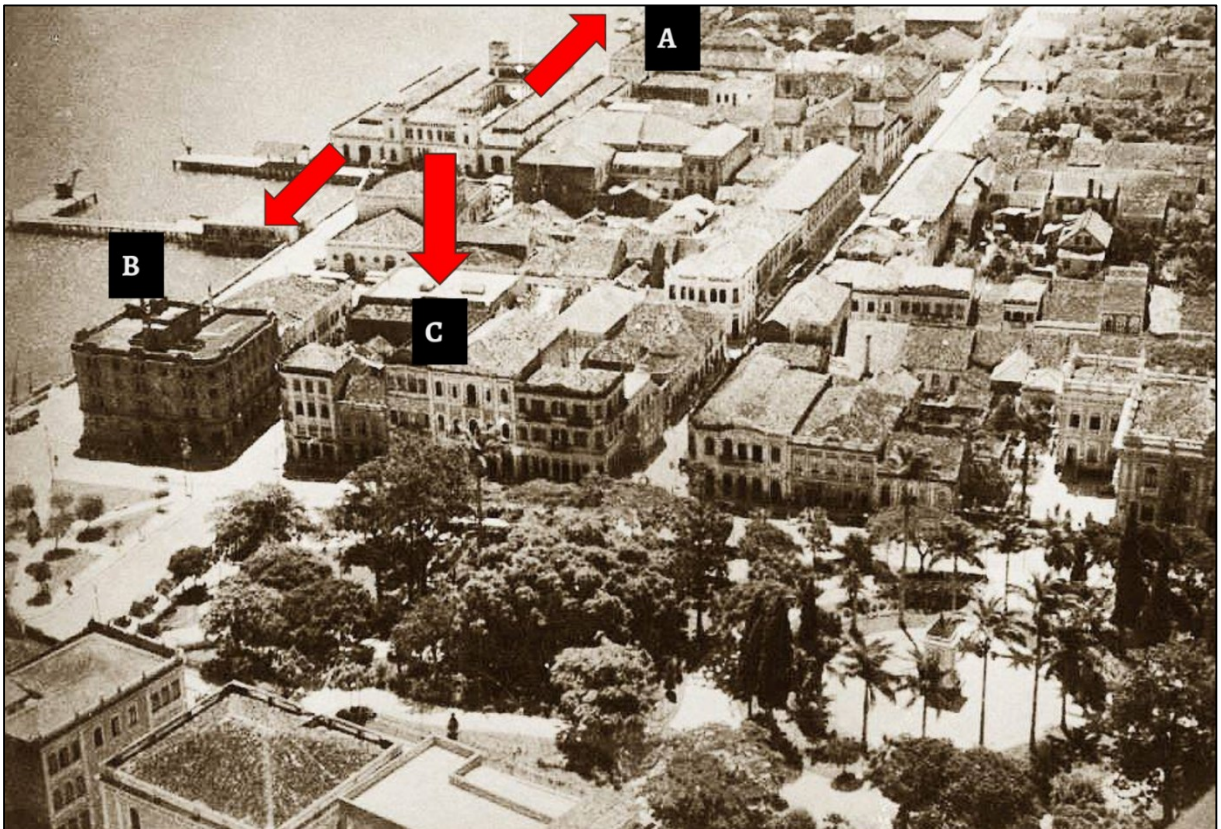
---

<sup>10</sup> Conforme o Portal do IPHAN, disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/343>. Acesso em: 13 jun. 2025.

<sup>11</sup> Conforme o Regimento Geral do ProfHistória de 2013 em seu art. 21, disponível em: <http://site.profhistoria.com.br/wp-content/uploads/2024/03/Regimento-Geral-do-ProfHistoria.pdf>. Acesso em: 13 jun. 2025.

Meu objetivo inicial era criar um roteiro que partisse do Mercado em direção a três pontos relevantes da cidade. Ao sair do Mercado e ir em direção às ruas Francisco Tolentino e Conselheiro Mafra (A), os alunos seriam direcionados a refletir sobre a importância do antigo bairro da Figueira. Nas imediações, estava o antigo porto, com seus estivadores, com a escravidão, a zona de meretrício e o abastecimento da cidade. Sair do Mercado e ir em direção à Prainha (B), levaria ao estudo da relação da parte central da cidade com o mar, rompida com os aterros da década de 1970. Uma terceira saída, em direção à Praça XV de Novembro (C), possibilitaria análises relacionadas ao primeiro prédio do Mercado e ao palácio do governo, trazendo para o contexto os olhares das autoridades para o local.

Figura 22 - Vista aérea da Praça XV de Novembro, com o Mercado ao fundo (de onde partem as setas)



Fonte: acervo da Casa da Memória Anita Hoepcke.

No entanto, as diversas leituras feitas durante o curso ProfHistória, levaram-me a rumos diferentes. Sair do Mercado poderia fazer o estudo deixar de focar em sua temática central e traria debates que poderiam desvirtuar a proposta original. O uso de roteiros tem uma potência educativa muito forte e, aos poucos, eles estão sendo cada vez mais utilizados dentro das dimensões propositivas do ProfHistória e rendendo estudos interessantes e perfeitamente

aplicáveis com os estudantes. No caso do Mercado, porém, entendo que o prédio e sua história abrem oportunidades para uma proposta diferenciada.

A proposta deste trabalho continua defendendo a ideia de caminhada, pois vejo que o ato de “caminhar”, seja ele de modo físico ou virtual, contribui para resgatar os diversos significados da cidade e, por consequência, do Mercado, por meio da construção de uma série de experiências. É caminhando que o estudante vai sair do seu ritmo frenético e raciocinar a respeito das mudanças que ocorreram ou estão ocorrendo. Carina Martins Costa e Thaísa de Queiroz Muniz (2022) defenderam que:

Caminhar na cidade, observando e percebendo o espaço, se tornou uma tarefa pouco comum em meio à correria do dia a dia. Como sensibilizar o olhar dos alunos para a leitura da cidade? Como devemos ler a cidade no presente para pensar nas suas relações com o passado e o futuro? E ainda mais necessário: como podemos ler para além do que vemos? É necessário aqui o desenvolvimento de sensibilidades para compreender essa cidade que sofreu tantas transformações. E talvez a inspiração possa estar na figura do flâneur (Costa; Muniz, 2022, p. 274).

Creio que a inclusão do *flâneur* é fundamental para o desenvolvimento da minha proposta. Mas em um mundo cercado pela tecnologia, a inclusão do *zappeur* também é essencial. A seu modo, os nossos estudantes caminham por um emaranhado de toques na tela do dispositivo digital, e despertar a atenção desses é um dos pontos centrais da minha dissertação.

## 4.2 A INCLUSÃO DOS CAMINHANTES

Incluir no percurso a imagem do *flâneur* e do *zappeur* foi a forma encontrada para atingir meu objetivo. A palavra original francesa *flâneur* significa “passear”, e é utilizada para designar também “carrinhos de bebê”, “espreguiçadeiras”, “mocassins” e “passeadores”. Charles Baudelaire (1821-1867) descreveu assim o *flâneur* em seu ensaio *O Pintor da Vida Moderna*, de 1863:

A multidão é seu universo, como o ar é o dos pássaros, como a água, o dos peixes. Sua paixão e profissão é desposar a multidão. Para o perfeito Flâneur, para o observador apaixonado, é um imenso júbilo fixar residência no numeroso, no ondulante, no movimento, no fugidio e no infinito. Estar fora de casa, e, contudo, sentir-se em casa onde quer que se encontre; ver o mundo, estar no centro do mundo e permanecer oculto no mundo, eis alguns dos pequenos prazeres desses espíritos independentes, apaixonados, imparciais, que a linguagem não pode definir senão toscamente. O observador é um príncipe que frui por toda parte do fato de estar incógnito (Baudelaire, 2010, p. 170-171).

Mais tarde, Walter Benjamin (1892-1940), em *Charles Baudelaire: um poeta lírico na era do alto capitalismo* (1994), destacou que essa figura urbana da modernidade era citada por outros estudiosos, artistas e escritores. Na maioria deles, o *flâneur* é uma figura que, por princípio, opõe-se a alguns lemas básicos da sociedade moderna capitalista, como estar com pressa e comprar coisas. Eles costumam questionar e imaginar a vida daqueles que passam, ouvir conversas, observar as roupas e os novos produtos nas lojas. Em Paris, inclusive, criou-se um modismo por volta de 1840 onde eles passeavam lentamente pelas galerias com uma tartaruga na coleira comandando o ritmo da caminhada, como se fosse um cachorro (Benjamin, 1994, p. 122). Talvez seja esse o grande sonho de qualquer professor. Fazer o aluno dar uma parada e ficar atento por alguns minutos ao conteúdo trabalhado em sala e fora dele. Não seria necessário ele cuidar de uma tartaruga, mas aumentar o foco do aluno é o grande desafio do educador atual.

Por sua vez, a figura do *zappeur* aparece em inúmeros momentos em sala de aula e nas diversas saídas de estudos feitas com os alunos. Mesmo não estando diante do aparelho, eles não seguem um roteiro pré-definido, preferindo guiar-se por aquilo que mais lhes chama a atenção. Em sua tese de doutorado, Marco Toledo de Assis Bastos (2005) usa também o termo *zapping* ou “zapeador”. Mais tarde, ao analisar a obra de Renato Cordeiro Gomes, ele passa a usar o termo *zappeur* para designar uma forma de vivenciar a cidade gerada pelo crescimento do mundo moderno e, posteriormente, da televisão e das mídias digitais. Para ele, dentro das cidades, o mundo virtual e o mundo físico se contagiam e não é mais possível o

[...] saudável passeio, mas o *zapping* esquizofrênico e sem referencial; [...]. Esse novo agente, o zapeador carece de uma identidade solidamente definida imergindo na amplitude de intercâmbios virtuais, sempre expansíveis. Intensidade, velocidade, descontinuidade e fragmentação, além de outros conceitos que tentam enquadrar a nova subjetividade contemporânea gravitam em torno da prática do *zapping*, desta identidade essencialmente apátrida (Bastos, 2005, p. 10, grifo do autor).

Renato Cordeiro Gomes (1996) faz citações anteriores ao *zappeur* ao analisar o cotidiano das cidades, fazendo, inclusive, a proposta de colocá-lo como o substituto do *flâneur* dentro do mundo pós-moderno. Segundo ele

O antigo *flâneur* absorvido pela multidão e pela massa não tem mais lugar na cidade da via expressa, na sociedade dominada pelas tecnologias comunicacionais. Talvez tenha cedido o lugar para o *zappeur* que, escolhendo pontos e fragmentos urbanos, pode montar sua imagem da cidade, longe da rua (Gomes; 1996, p. 22 apud Cordeiro, 2008, p. 34).

Ao estudar estas duas figuras denominadas *flâneur* e *zappeur* encontrei o modelo que considere ideal para desenvolver minha dimensão propositiva. Em determinados momentos, o *blasé* e o “homem da multidão” também aparecem no trabalho, mas explorei mais a fundo os dois primeiros, deixando possibilidades para que os professores, de acordo com os seus saberes e objetivos, optem ou não por usá-los ao analisar os perfis das turmas com as quais estiverem trabalhando.

### 4.3 OS CAMINHANTES SENSÍVEIS

No livro *A cidade para professores*, Sônia Miranda (2016) fala indiretamente do *flâneur* e convida a refletir poeticamente sobre os escritos de Walter Benjamin, destacando o fato de que “saber orientar-se numa cidade não significa muito. No entanto, perder-se numa cidade, como alguém se perde numa floresta, requer instrução” (Miranda; Medeiros; Almeida, 2016, p. 141). Segundo os autores, o “exercício de ir e vir, de ler e reler, de encontrar-se e perder-se revela imagens que imobilizam o instante, pois o retiram do continuum da História” (Miranda; Medeiros; Almeida, 2016, p. 141). Dentro do Mercado, o aluno precisa ficar livre para buscar aquilo que mais lhe chamar a atenção, de acordo com as vivências que ele traz de casa e da escola. O professor pode até oferecer possibilidades, mas é ele que vai determinar o que lhe parecer mais interessante naquele momento.

Creio que seja uma forma de desenvolvimento de sensibilidades na sua relação com a cidade, como escreveu Lana Mara de Castro Siman (2013):

Assim sendo, ler a cidade no presente, na sua relação com o passado e o futuro, requer o desenvolvimento das sensibilidades auditivas, visuais, táteis (e por que não olfativas?) requer a observação de minúcias, requer a curiosidade pelo inusitado, pelo desconhecido, pelo que se mostra estranho ou desconexo, pelas camadas do tempo que se declaram e se indiciam na sua materialidade e simbologia (Miranda; Siman, 2013, p. 47).

Para isso, é importante pensar a sala de aula, o Mercado e o próprio aparelho eletrônico como um “espaço do trânsito e do encontro” (Miranda; Siman, 2013, p. 49) e não como um simples ponto de parada e descanso. Podemos encontrar por lá “diversos discursos que criam o passado na imaginação das novas gerações; encontro de memórias e questões ainda não resolvidas no tempo presente.” (Miranda; Siman, 2013, p. 49). Dentro do Mercado e através da sua história, podemos encontrar diversas formas de ver e representar o passado de Florianópolis e dos alunos em geral, mesmo daqueles que nunca conviveram diretamente com o prédio.

Sei que é uma proposta ousada tentar atingir os diversos tipos de alunos dentro de uma sala de aula, mas não é o que nós professores tanto buscamos? Muitos se acomodam e trabalham apenas com os poucos interessados enquanto outros partem para o enfrentamento com os desinteressados e indisciplinados. Outros ainda ignoram o que ocorre em sala e apenas passam o tempo desejando, de forma insana, que a aula termine logo. Não estou aqui criticando os colegas e suas práticas, soluções e enfrentamento de dificuldades em sala. Estou apenas dizendo que isso ocorre comigo, dependendo do momento, do assunto ou da turma em que estou trabalhando.

Voltando ao *flâneur*,

Torna-se, por isso, cada vez mais necessário recuperar o flânar. E o exercício deve começar nas escolas. As escolas precisam ensinar seus alunos a se perder nas cidades. Devemos buscar compreender a cidade como educadora, como um texto que pode ser lido, construído e criado no coletivo por meio de propostas pedagógicas que busquem ir além dos espaços formais de ensino. O exercício de flânar constrói uma sensibilidade histórica. É capaz de promover a sensibilização do olhar sobre a realidade do mundo ao nosso redor. Talvez seja esse um dos postos-chave para se pensar na Educação e, principalmente, no ensino de História em tempos sombrios. Daquilo que giz e quadro não estão dando conta há muito tempo, talvez a cidade possa. Basta saber se tornar um caminhante, exercitar uma pedagogia do pedestre e flânar por aí (Costa; Muniz, 2022, p. 276).

Talvez o ponto essencial esteja em sensibilizar esse “olhar do estudante”. Mesmo na sala de aula, de forma virtual, creio ser possível desenvolver essa sensibilidade. Perceber que existe algo a mais, algo além daquilo que nos é apresentado. Olhar para si mesmo, para sua comunidade, e perceber que tudo está inserido dentro de um livro de história, de um site pedagógico ou de uma construção como o Mercado.

O flânar, o zapear e a sensibilidade histórica são três pontos essenciais que o estudo da história do Mercado Público permite desenvolver.

A relação entre cidade, ensino de História e patrimônio apresenta inúmeras outras possibilidades de cruzamentos, diálogos e interseções. Consideramos, em um momento de virtualização da cidade e das navegações digitais, que a produção de presença e sentido será fundamental para a retomada do espaço público após a pandemia (Costa; Muniz, 2022, p. 277).

Abordar patrimônios consagrados é uma forma de explorar esses pontos e de facilitar a interpretação e o entendimento de que os preceitos da Educação Patrimonial podem ser aplicados dentro das famílias, das escolas e das comunidades em geral. As cidades seriam, portanto,

Experiências limiáres, portadoras de trânsitos com muitos sentidos e possibilidades de descoberta, continuamente pautadas pela condição humana de existir e transformar-se no tempo, mas também um espaço passível de nos permitir a compreensão das estruturas do tempo histórico e a interpretação dos ritmos da sociedade, aspectos que nos deixam imprimir uma amplitude mais vasta e complexa ao tempo da Memória e às práticas de rememoração. Um espaço para educar em um sentido lato sensu. Educar sentidos, sociabilidades, pessoas humanas e, por que não... escolas e professores? (Miranda; Siman, 2013, p. 14-15).

Na elaboração do roteiro, também tomei cuidado para evitar o encaixe do Mercado em um modelo de aula tradicional dos tempos apressados e compartimentados em que vivemos. Como o prédio oferece muitas oportunidades para problematizar a cidade, as relações entre as pessoas e o Patrimônio não poderiam aparecer de forma enfraquecida, como um pequeno detalhe dentro dos contextos políticos e econômicos mais amplos.

#### 4.4 A ORGANIZAÇÃO DO SITE E DO PERCURSO

Usando como ponto de partida a ideia de que o Mercado pode contribuir para o Ensino de História por meio da Educação Patrimonial e utilizando as fontes como pistas, defini a dimensão propositiva da minha dissertação a partir dos seguintes procedimentos:

- a) Organização do site *Escamas do Tempo*<sup>12</sup>, utilizado como base para o “Roteiro Presencial/Virtual” e acessado diretamente por meio dos QR Codes instalados no Mercado, com a aba “Escamas”, dividida em oito diferentes estações com pistas para o estudo da história do prédio. Em sua parte inicial, a ser desenvolvida na escola como preparação para o percurso, o site apresenta uma “Contextualização”, acessando suas abas “Início”, “Tempo em Escamas”, “O Flâneur e o Zappeur” e “Conhecendo o Mercado”.
- b) Organização de um percurso no prédio do Mercado que permita ao estudante seguir a lógica de um controle remoto. O *zappeur*, ao partir do relógio instalado no vão central, tanto no site, de forma virtual, quanto no local, de forma presencial, vai vivenciar experiências dentro do Mercado Público, seguindo para a frente, para os lados ou mesmo para trás, de acordo com diversos rumos temporais e geográficos. No texto, entretanto, vou colocar sempre como primeira

---

<sup>12</sup> ESCAMAS DO TEMPO. 2025. Disponível em: <https://historiamercadopublico.com.br/>. Acesso em: 12 jun. 2025.

possibilidade a lógica do *flâneur*, que é caminhar para a frente de forma vagarosa e consciente.

- c) Seleção de fontes da história do Mercado, marcando diferentes tempos históricos e diferentes formas de sentir a história do local. Essas temáticas estarão interligadas durante todo o percurso, mas na exposição do texto se fez necessária uma numeração e uma sequência que podem ser seguidas de diferentes formas, de acordo com a vontade do professor ou dos caminhantes e zapeadores. Cada atividade terá questões denominadas “Análise de Pistas”, que também poderão ser alteradas pelos professores e pelos próprios estudantes.
- d) Organização de um material prévio, denominado “Material para os professores”, e disponível para download no site, para orientar os professores no trabalho em sala de aula com os alunos. O objetivo é definir discussões e trabalhar conceitos que serão utilizados durante o percurso.
- e) Criação de QR Codes<sup>13</sup> estrategicamente colocados dentro do Mercado (real ou virtual) para localizar as fontes destacadas, com o objetivo de possibilitar aos caminhantes a “escamação” de aspectos importantes da história do Mercado. A localização dos QR Codes obedece a uma sequência determinada pelo ritmo do relógio. Seguindo sempre à direita, será possível partir do vão central e circular pelas duas alas do Mercado, voltando ao ponto de partida.
- f) Análise das fontes e das práticas selecionadas.
- g) Resolução de atividades com diferentes níveis de dificuldades sobre os temas selecionados.

O site está organizado com uma página de abertura denominada “Início”, onde é apresentada a sua proposta, bem como as oito etapas que serão utilizadas como pistas e o mapa que servirá de guia para todo o percurso, com os locais acessados e oito QR Codes. A partir do acesso aos QR Codes, o estudante será direcionado para cada uma das etapas do percurso, denominadas “escamas”, onde encontrará questionamentos, orientações e direcionamentos que poderão ser modificados de acordo com os critérios e interesses do professor.

---

<sup>13</sup> Os QR codes (*Quick Response Code* ou Código de Resposta Rápida) foram criados em 1994 pela empresa japonesa Denso-Wave. A tecnologia é uma versão bidimensional do código de barras e transmite uma grande variedade de informações através de um scan. Capaz de armazenar inúmeros caracteres alfanuméricos, incluindo pontuação e caracteres especiais, o código pode codificar palavras e frases como, por exemplo, endereços da internet.

Figura 23 - Página de abertura do site *Escamas do Tempo*

**Escamas do Tempo - Do flâneur ao zapper: uma proposta de ensino de história com o Mercado Público de Florianópolis.**

**Nivaldo Jorge da Silva**

**Orientadora: Prof. Dra. Mônica Martins da Silva**

**Mestrado Profissional em Ensino de História**

Nivaldo Jorge da Silva

- Mestrando em História na Universidade Federal de Santa Catarina
- Graduado em História pela Universidade Federal de Santa Catarina
- Professor de História no Colégio Fórmula e na EEB Maria Claudete Hoffmann Domingos, em Palhoça, Santa Catarina.

Localização: Rua Jerônimo Coelho, 40 - Centro - Florianópolis

**Mapa do Mercado Público com as etapas do percurso e a localização dos QR-Codes**

Fonte: Ilustração original sem as rotas e os QR-Codes: NIENOW, Fábio. *Jornal Diário Catarinense* de 11/10/2014, p. 20-21. Link: [infograficos.fabio.nienow.com.br/mercado-publico-de-florianopolis](http://infograficos.fabio.nienow.com.br/mercado-publico-de-florianopolis), acesso em 19/03/2025.

Este site foi desenvolvido como parte da dimensão propositiva da dissertação produzida no curso de Mestrado Profissional em Ensino de História (PROEHISTÓRIA) da

Fonte: página inicial do site *Escamas do Tempo* (2025).

A segunda aba é denominada “O tempo em escamas” e explica a relação entre o Mercado, os peixes, as escamas e o tempo. Ela parte da ideia que o peixe simboliza o Mercado e que, se formos buscar os produtos que são vendidos no local desde a época das barraquinhas, certamente que a tainha, a corvina, a anchova, a cocoroça e a sardinha estarão presentes. E, junto com os peixes, a figura do escamador também é uma constante.

De início, somente servindo aos mais abastados, e hoje, em uma época em que poucos dominam a prática, o escamador é presença obrigatória em todas as peixarias. Alguns se tornaram famosos, como o Chico Escamador:

Mães e avós ainda lembram do Chico Escamador. Descia a escada lateral ao Mercado e, na mesa à beira-mar, com suas facas sempre afiadas, limpava os peixes. Tainhas, tainhotas, corvinas, escamava e ia colocando em uma caixinha. Era num piscar de olhos. Governava 40 kg de peixes quase todos os dias para o Bar do Joca. Escamar ou lonquear, Francisco Manuel da Rosa, era mestre da arte (Mesquita, 2002, p. 111).

“Governar” é um termo local para escamar. Lonquear significa tirar o couro ou raspar com a faca. Esses dois termos já antigos e pouco utilizados, juntamente com a figura do escamador, mostram outra faceta do Mercado: guardar passagens do tempo que foram aos poucos sendo apagadas, conscientemente ou não.

O prédio é composto por várias camadas de tinta, de materiais e de histórias. Cada uma delas pode ser comparada com as escamas de um peixe, que se tornam pistas do passado que podem ser levantadas aos poucos. Retirar essas escamas parece ser tarefa fácil para quem olha, mas requer um saber apurado e uma preparação prévia, pois “é preciso ressuscitar o implícito e o invisível à superfície, desenterrando aquilo que não mais se vê: o sugerido, o intuído e pressuposto, o transformado, o desaparecido e o lacunar, o ausente.” (Pesavento, 2004, p. 27).

Figura 24 - Segunda aba do site *Escamas do Tempo*



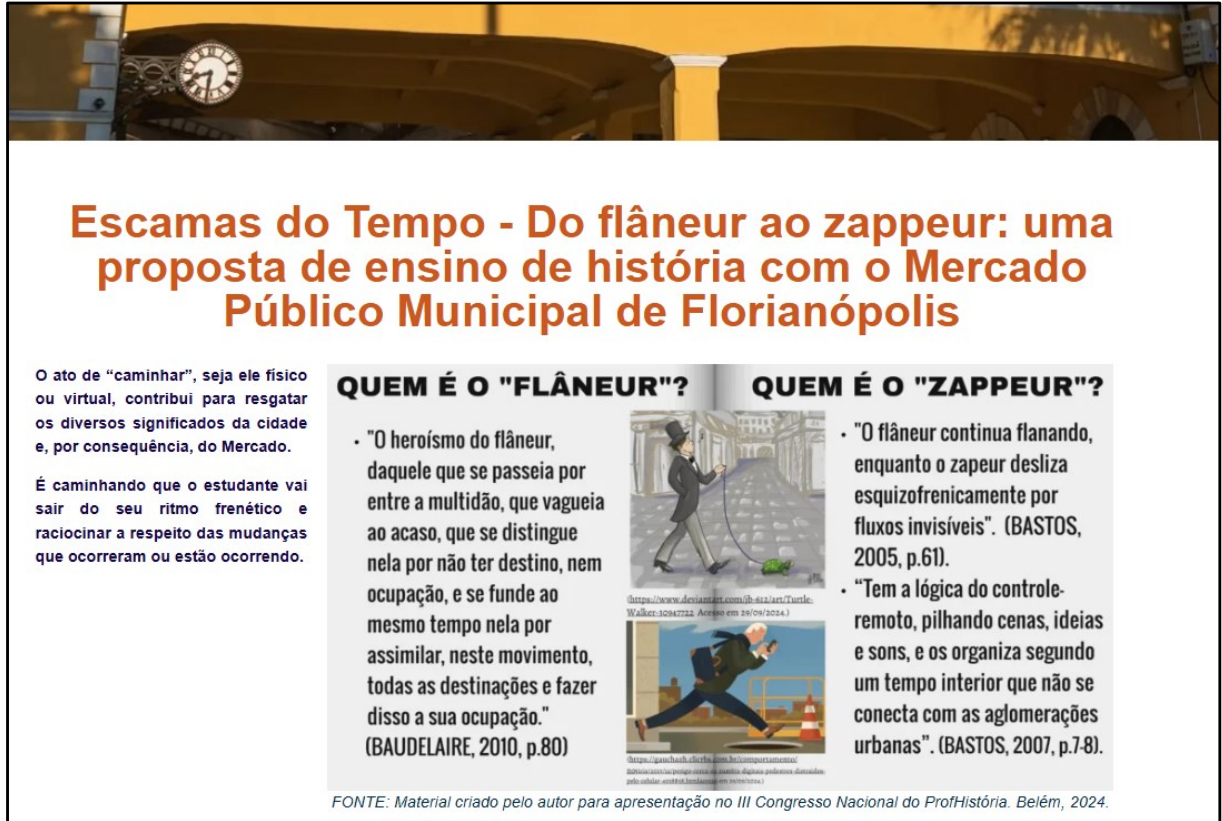
Fonte: seção “O tempo em escamas” do site *Escamas do Tempo* (2025).

A aba seguinte é denominada “O flâneur e o zappeur” e procura incluir a presença dos caminhantes no roteiro. O primeiro é o caminhante que, vagarosamente e sem rumo, vislumbra todos os detalhes de uma cidade. O segundo é o caminhante que, mesmo imerso em um infundável teclar e parecendo alheio ao mundo exterior, convive com uma rede de sons e ideias que refletem esse mundo exterior do qual ele parece desconectado.

A proposta do site é utilizar os caminhantes como fio condutor para desenvolver o olhar do estudante acerca de métodos de análise que levem a ver o patrimônio em uma

profundidade pouco costumeira a partir de pequenos detalhes. Eles vão usar as fontes como pistas de um passado que parece escondido nas paredes e corredores do Mercado.

Figura 25 - Terceira aba do site *Escamas do Tempo*



**Escamas do Tempo - Do flâneur ao zapper: uma proposta de ensino de história com o Mercado Público Municipal de Florianópolis**

O ato de “caminhar”, seja ele físico ou virtual, contribui para resgatar os diversos significados da cidade e, por consequência, do Mercado.

É caminhando que o estudante vai sair do seu ritmo frenético e raciocinar a respeito das mudanças que ocorreram ou estão ocorrendo.

**QUEM É O "FLÂNEUR"?**

- "O heroísmo do flâneur, daquele que se passeia por entre a multidão, que vagueia ao acaso, que se distingue nela por não ter destino, nem ocupação, e se funde ao mesmo tempo nela por assimilar, neste movimento, todas as destinações e fazer disso a sua ocupação." (BAUDELAIRE, 2010, p.80)

**QUEM É O "ZAPPEUR"?**

- "O flâneur continua flanando, enquanto o zapper desliza esquizofrenicamente por fluxos invisíveis". (BASTOS, 2005, p.61).
- "Tem a lógica do controle remoto, pilhando cenas, ideias e sons, e os organiza segundo um tempo interior que não se conecta com as aglomerações urbanas". (BASTOS, 2007, p.7-8).

Fonte: Material criado pelo autor para apresentação no III Congresso Nacional do ProfHistória. Belém, 2024.

Fonte: seção “Do flâneur ao zapper” do site *Escamas do Tempo* (2025).

A quarta parte do site, denominada “Conhecendo o Mercado”, já começa a trazer as “Fichas de Análise de Pistas”, pois já trabalha com algumas fontes relacionadas diretamente o prédio do Mercado. É o momento para aqueles que não conhecem o Mercado entrarem no prédio de forma virtual e prepararem-se para o percurso que está por vir. Logo na abertura, é feita a indicação para o acesso ao “tour virtual” oferecido pelo site oficial do Mercado Público Municipal de Florianópolis<sup>14</sup>. As fontes, por sua vez, tratam de um resumo básico da história das duas alas do Mercado e do grande incêndio ocorrido em 2005.

<sup>14</sup> MERCADO PÚBLICO DE FLORIANÓPOLIS. 2025. Disponível em: <https://mercadopublicofloripa.com.br/historia/>. Acesso em: 13 jun. 2025.

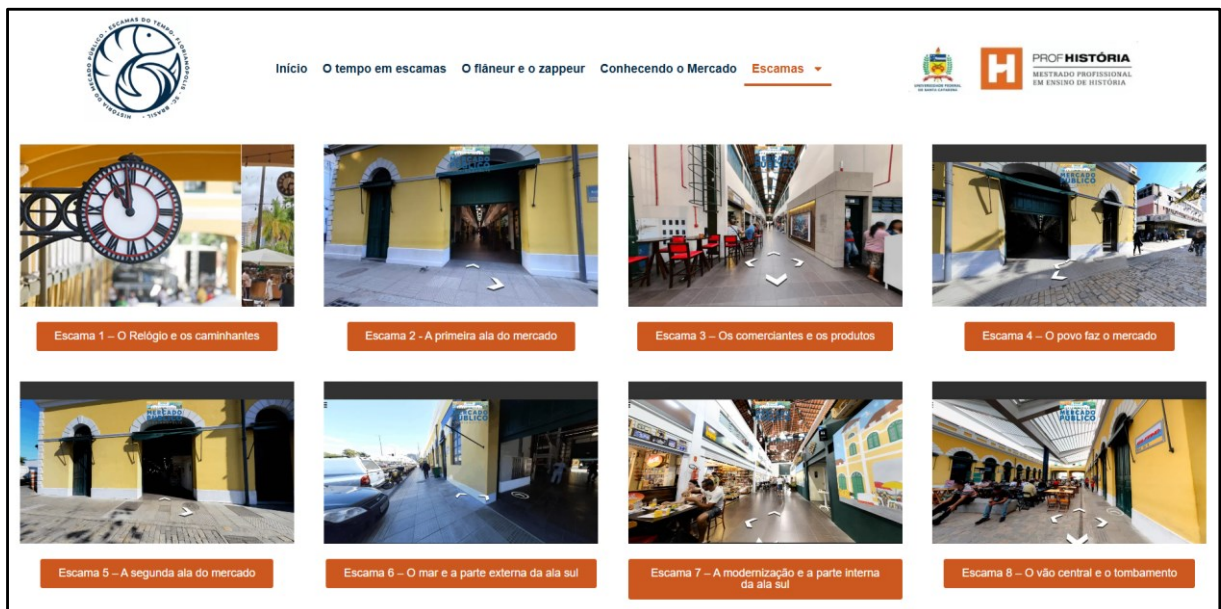
Figura 26 - Quarta aba do site *Escamas do Tempo*

Fonte: seção “Conhecendo o Mercado” do site *Escamas do Tempo* (2025).

A quinta aba do site é o roteiro propriamente dito. Antes de descrevê-lo, é importante incorporar ao percurso o termo “palimpsesto”, que significa basicamente aquilo que é reescrito em um mesmo local que foi apagado previamente. Os palimpsestos são abundantes dentro do Mercado e um dos objetivos do percurso é identificar alguns deles, para refletir sobre a forma como a patrimonialização de um bem é construída e reproduzida para as diferentes gerações. Segundo Sandra Jatahy Pesavento (2004), essa definição primeira do palimpsesto nos fornece uma chave para os olhos do historiador, quando se volta para o passado. Há uma escrita que se oculta sobre outra, mas que deixa traços; há um tempo que se escoou, mas que deixou vestígios que podem ser recuperados. Há uma superposição de camadas de experiência de vida que incitam ao trabalho de um desfolhamento, de uma espécie de arqueologia do olhar, para a obtenção daquilo que se encontra oculto, mas que deixou pegadas, talvez imperceptíveis, que é preciso descobrir (Pesavento, 2004, p. 26). Os palimpsestos seriam as escamas do tempo sendo retiradas, da mesma forma que Chico Escamador fazia com grande habilidade durante sua labuta diária.

Entendendo o Mercado como um palimpsesto, proponho aos estudantes e professores a retirada dessas camadas de tempo como fazem os escamadores de peixe. Com a habilidade técnica de quem aprendeu o ofício na mais tenra infância, mas com a sensibilidade necessária para saber que existem diferentes tipos de peixes e diferentes formas de “governá-los”, dependendo dos objetivos dos clientes. O Mercado, portanto, vai ser tratado como um grande peixe e as fontes com suas “pistas” serão as escamas, retiradas uma a uma de acordo com a habilidade e a sensibilidade do escamador-estudante.

Figura 27 - Quinta aba do site *Escamas do Tempo*, com o direcionamento para cada uma das oito escamas



Fonte: seção “Escamas” do site *Escamas do Tempo* (2025).

As “pistas” são uma estratégia para unir a ideia do palimpsesto com o “paradigma indiciário”, proposto por Carlo Ginzburg (1989). O historiador italiano sugeriu uma abordagem investigativa da história baseada em indícios, pistas e detalhes aparentemente marginais. Segundo ele, é “necessário examinar os pormenores mais negligenciáveis e menos influenciados” (Ginzburg, 1989, p. 141). Inspirado na metodologia dos detetives e na prática dos médicos ao diagnosticar doenças com base em sintomas sutis, esse paradigma é útil para analisar as diversas fontes, mesmo que elas sejam fragmentadas ou pouco explícitas. Ao aplicarmos o paradigma indiciário ao estudo da história do Mercado Público, vamos explorar diferentes tipos de fontes e indícios, como a documentação oficial, fotos, desenhos, artigos de jornais, vestígios arquitetônicos, depoimentos de comerciantes e clientes e pesquisas bibliográficas em geral.

Nessa parte do site, passo a apresentar, de forma contínua, as pistas para os estudantes retirarem durante o seu percurso, como se estivessem retirando as escamas de um peixe. As “fichas de análise de pistas” foram pensadas para os professores fazerem uma preparação para o trajeto, orientando o olhar dos estudantes para o trabalho de detetive proposto, tanto em sala quanto durante a visita presencial. No conjunto de sugestões, porém, deixo em aberto a liberação dos professores e estudantes para a procura e interpretação de suas próprias pistas, pois essa é a essência do *flâneur*, do *zappeur* e da proposta como um todo.

Figura 28 - Abertura da Escama 1, apresentando suas subdivisões e orientações

Inicio O tempo em escamas O flâneur e o zappeur Conhecendo o Mercado Escamas ▾

**Escama 1 - O Relógio e os caminchantes**

- Você está diante do relógio, o ponto central do nosso percurso.
- Pare diante dele e reflita sobre o tempo.
- Você vai começar a “manjar o tempo”, prática muito comum no Mercado, que é olhar para tudo ao seu redor e divagar sobre o que as pessoas estão fazendo ou pensando.
- Você já assistiu ao filme “Meia Noite em Paris”? Gil, o personagem principal, é levado a uma viagem no tempo a partir das escadarias da igreja de Saint-Etienne-du-Mont. Faça do relógio do Mercado a sua “máquina do tempo” e comece a viagem. E se você ainda não viu o filme, tenho certeza de que assistirá depois do percurso de hoje!
- Não esqueça de fazer as anotações no campo “Análise de Pista” e envie para o seu email e/ou para o email do professor. Se preferir, utilize uma folha de papel.
- Durante o percurso, que faz um círculo seguindo à direita, como os poiteiros de um relógio, pense como um verdadeiro detetive e procure as situações presentes no Mercado que não aparecem em um olhar incial e menos apurado. O importante é sair pelo Mercado, como um “flâneur” ou um “zappeur”.
- O “flâneur” quer conhecer o Mercado, perdendo-se nele. O “zappeur” aparenta estar perdido e não ligar para o Mercado, mas talvez tenha uma forma própria de explorá-lo e conhecê-lo.

O velhinho do cabo submarino - Iniciar

O “flâneur” e o “zappeur” - Iniciar

O modo tempo - Iniciar

Fonte: seção “Escama 1 – O Relógio e os caminchantes” do site *Escamas do Tempo* (2025).

Figura 29 - Trecho do site *Escamas do Tempo* com o detalhamento de uma subdivisão da Escama 1

Escama 1 - O relógio e os caminchantes

**O velhinho do cabo submarino**

IMAGEM 6. FOTO DO RELÓGIO INSTALADO NO VÃO CENTRAL DO MERCADO PÚBLICO

**O BIG BEN ILHÉU**

O relógio do antigo “Cabo Submarino” chamado de “Big Ben Ilhéu”, chegou à Florianópolis em 1911 e é um dos destaques do vão central do centenário prédio. Inicialmente instalado na rua João Pinto, era um apetrecho de grande utilidade para a multinacional inglesa “Western Telegraph”. Na década de 1970, quando o governo brasileiro nacionalizou as telecomunicações, criando a EMBRATEL e fechando os escritórios da empresa no país, alguém lembrou que o velho relógio combinaria com os ares do Mercado Público e doou-o à municipalidade em 1975. Desde então, o relógio está presente no prédio do Mercado, como se estivesse mostrando que, apesar do tempo passar, o passado e o futuro estão presentes naquele local.

Fonte: Jornal O Estado, Florianópolis, 14 de julho de 1991, p.10.

Fonte: Acervo do autor.

**FICHA DE ANÁLISE DE PISTAS**

Nome completo do aluno

Envie esta ficha para seu e-mail

Envie esta ficha para o e-mail do professor (opcional)

E-mail

E-mail

1) O relógio foi instalado no Mercado em 1975. Ao olhar para ele, que impressões você tem? Por que você acha que ele foi colocado nesse lugar? Amplie seu olhar além do relógio e estabeleça as diferenças temporais entre o prédio do Mercado e as construções dos arredores. Anote suas impressões para a discussão posterior em sala de aula.

Sua resposta

Enviar

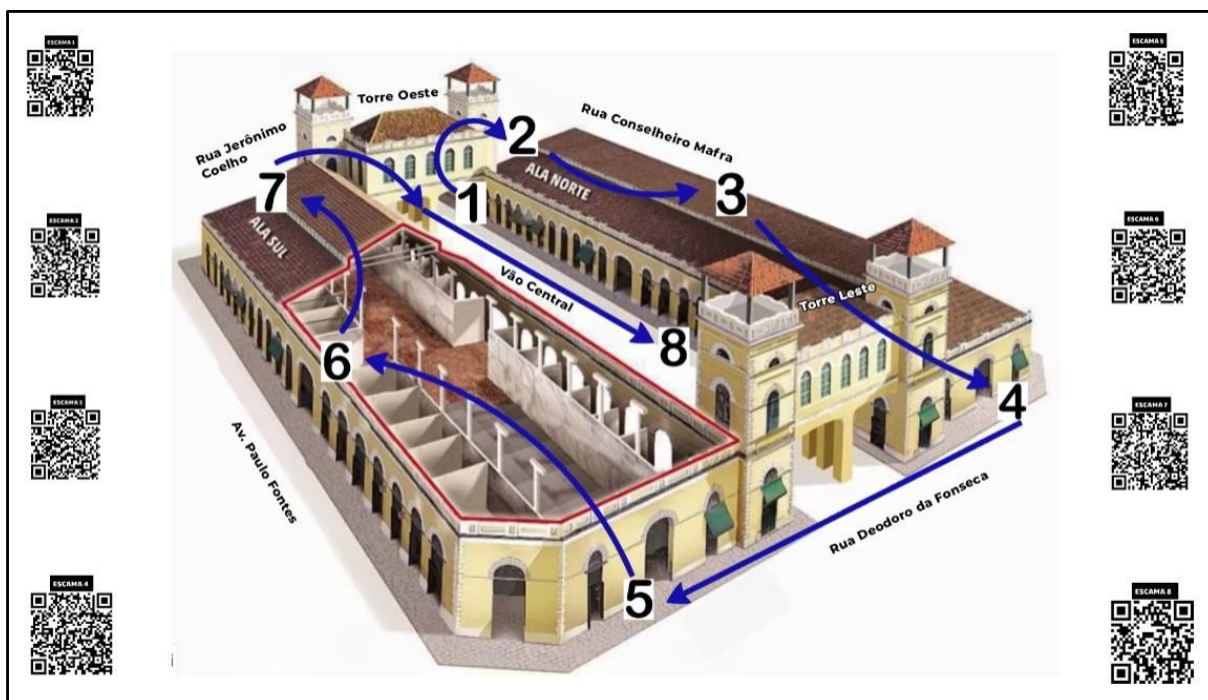
Fonte: seção “O Velhinho do cabo submarino” do site *Escamas do Tempo* (2025).

Cada escama, por sua vez, é dividida em pequenas estações, que apresentam as fontes e os questionamentos sugeridos para cada uma delas. As fontes podem ser imagens ou textos acadêmicos ou jornalísticos. Para facilitar o uso do aparelho eletrônico, característica essencial ao *zappeur*, as “fichas de análise de pistas” possuem espaços para anotações e possibilitam o envio automático, tanto para o professor quanto para o próprio estudante.

Retirar as oito escamas do Mercado é o propósito básico dos caminhantes durante seu percurso. Cada “Escama” trará fontes usadas como pistas que pretendem despertar olhares sobre diversos aspectos da história do Mercado Público Municipal de Florianópolis:

- 1) ESCAMA 1 – O RELÓGIO E OS CAMINHANTES: (início e introdução ao percurso): trabalha as diferentes formas de ver o tempo, presente em toda a caminhada, a partir do relógio do Mercado.
- 2) ESCAMA 2 – A ALA NORTE: trabalha a inauguração do prédio de 1899, denominado “ala norte”, a partir da sua entrada e caminhando pelo corredor central até o corredor lateral.
- 3) ESCAMA 3 – OS COMERCIANTES E OS PRODUTOS: trabalha os vendedores mais famosos e os produtos que marcam a história do local, a partir da caminhada pela parte externa (ou interna) da ala norte do Mercado.
- 4) ESCAMA 4 – O POVO: trabalha a participação das classes menos privilegiadas economicamente na construção da memória do local, a partir da saída da ala norte do Mercado.
- 5) ESCAMA 5 – A ALA SUL: trabalha as peixarias, as torres e a inauguração do prédio de 1931, denominado “ala sul”, a partir da sua entrada e da caminhada até o corredor lateral.
- 6) ESCAMA 6 – O MAR: trabalha a relação do Mercado e da cidade com o mar, a partir da área externa da ala sul.
- 7) ESCAMA 7 – A RESSIGNIFICAÇÃO: trabalha as mudanças recentes na estrutura e na mentalidade do local, a partir da caminhada pela parte interna da ala sul do Mercado.
- 8) ESCAMA 8 – O VÃO CENTRAL: trabalha as mudanças ocorridas na parte interna dos dois prédios, a partir da circulação pelo denominado “Centro Cultural Luiz Henrique Rosa”.

Figura 30 - Mapa do Mercado Público com as etapas do percurso e a localização dos QR Codes



Fonte: adaptado de Fábio Nienow (2014).

As estações, obviamente, não são independentes, e tanto o percurso virtual quanto o presencial permitem a interação entre elas. Os caminhantes irão identificar as diferentes “escamas”, acessar as informações por meio dos QR Codes instalados no Mercado ou no mapa disponibilizado no site e, a partir de suas próprias vivências e de seus conhecimentos, “governar” as camadas de tempo do Mercado.

O relógio será o ponto de partida e, em conjunto com o *flâneur* e o *zappeur*, um dos fios condutores que vão guiar o percurso pelas sete escamas. A partir dele, pensaremos sobre o tempo e, aos poucos, retirar as escamas que cobrem os diferentes tempos vividos dentro do Mercado. Ele também vai ser a base para o controle do tempo que iniciará no começo do percurso.

O caminhante vai percorrer o Mercado ao sabor dos estímulos externos, das pistas e dos QR Codes instalados. No final da caminhada, ele olhará novamente para o relógio e analisará se agiu como um *flâneur*, um *zappeur* ou mesmo como um *blasé*. Lembrando que não é um jogo ou uma atividade de imposição de rótulos, até porque essas atitudes dependem muito do momento, dos objetivos, da identificação e dos estímulos de cada um. É apenas um trabalho de percepção das sensações e do tempo. Tempo do estudante, tempo do professor, tempo da multidão e tempo do Mercado.

Iniciar com o relógio é uma forma encontrada para ter uma sequência de exposição dos conteúdos e do percurso, bem ao gosto do *flâneur*, que no Mercado até poderia ser chamado de “manja-tempo”, gíria local para aquele que não mostra muita preocupação com o trabalho. Mas os professores e os estudantes terão liberdade para começar em outros locais, afinal de contas, o *zappeur* tem a lógica do controle remoto e ele obedece apenas ao seu interesse de momento. Todo o percurso, portanto, é permeado de possibilidades sequenciais, bem ao gosto da sensibilidade do *zappeur*.

#### 4.5 A ORGANIZAÇÃO DO MATERIAL PARA OS PROFESSORES

Organizar o material para orientar os professores para trabalharem a Dimensão Propositiva da minha dissertação revelou-se um dos pontos mais difíceis de todo o trajeto que se iniciou em março de 2023, com as primeiras aulas no curso do Mestrado Profissional em História. Uma das colegas de curso costumava pedir para os professores irem “mais devagar”, estávamos “enferrujados” por tantos anos dentro de sala de aula e fora da academia.

Ela estava querendo alertar que, nas salas de aula do Ensino Fundamental e Médio, os professores resumem ao máximo seus conteúdos e suas falas para buscarem uma aproximação com os estudantes. Em turmas com 30 ou 40 adolescentes, o que impera é o “menos e mais rápido”. Já na academia, a exigência é que cada explicação venha acompanhada das suas fontes e suas justificativas e embasamentos teóricos.

Na organização do material para os professores e, por que não dizer, da dissertação como um todo, deparei-me com dilemas semelhantes. Como explorar a abundância de fontes e não cair na tentação de resumi-las a pequenos tópicos? Como apresentar o material de forma didática e acessível sem fugir das exigências de um trabalho acadêmico? Pensei inicialmente em confeccionar um material com textos complementares e aprofundamentos, para não “perder” todas as fontes de que dispunha e que não foram contempladas na dissertação ou no site.

Optei, porém, por ser fiel aos elementos básicos da dissertação, que são o *flâneur*, um caminhante despretenso, porém atento; e o *zappeur*, um caminhante apressado, porém conectado a tudo o que está a sua volta. Apresentar as etapas do site e incluir orientações metodológicas em pequenos quadros amarelos me pareceu a melhor forma de não trazer um exagero de materiais, que podem levar à perda de interesse por parte dos estudantes devido ao número muito grande de aulas explorando a mesma temática.

O quadro amarelo, colocado logo abaixo do início de cada um desses tópicos, orienta e dá sugestões ao professor em cada uma das etapas da contextualização e do roteiro. Um outro quadro menor, na cor rosa, apresenta sugestões de textos, artigos e sites em geral, que podem ser usados tanto para aprofundamento quanto para a busca de novos rumos para o trabalho com a proposta apresentada.

Figura 31 - Trecho do “Material para os Professores” com o quadro amarelo de orientações

**2 O TEMPO EM ESCAMAS**

**PROFESSOR:**

Nessa parte do site, faço a apresentação do termo que dá nome ao site. Procuo unir as figuras dos peixes e dos escamadores com as temporalidades do Mercado, criando uma linguagem metafórica para a proposta central do trabalho, que é colaborar para o estudante retirar as camadas de tempo do prédio do Mercado Público.

As escamas, que representam a passagem do tempo, serão o fio condutor para as descobertas feitas pelos estudantes. A ideia é levá-los a perceber a passagem de outros tempos na medida em que eles vão decifrando as pistas e permitir, já que o estudo e a vivência no Mercado são muito amplas, que eles criem suas próprias pistas e façam suas descobertas.

Sugiro que, antes do percurso e da apresentação do site, você trabalhe as experiências dos alunos em relação ao ato de “governar o peixe”, para em seguida, partir para a ideia de retirada de escamas do tempo do Mercado. Seria interessante pedir para que eles prestem atenção nessa prática nas peixarias próximas de suas casas e, durante o percurso, nas peixarias do Mercado.

Fonte: “Material para os professores” do site *Escamas do Tempo* (2025).

Como o site *Escamas do Tempo* apresenta diversas pistas para os estudantes explorarem durante o seu percurso, retirando-as, como se fossem as escamas de um peixe, as fichas denominadas “análise de pistas”, colocadas em azul nesse material, foram pensadas para orientar os professores na preparação para o trajeto, auxiliando os estudantes na apuração do olhar para o trabalho de detetive proposto.

As fichas de “análise de pistas” estão tanto no material do professor quanto no site, pois poderão ser utilizadas em sala ou na visita presencial. Em cada uma delas, o estudante tem a opção de enviar as suas anotações feitas, tanto para o seu próprio e-mail quanto para o e-mail do professor. Será de grande importância, porém, a liberação dos estudantes para a procura e

interpretação de suas próprias pistas, pois o Mercado é um grande palimpsesto a ser decifrado e a ideia de Patrimônio parte da vivência de cada estudante.

Na parte geral da contextualização, as abas “Início”, “Tempo em Escamas” e “O flâneur e o zapper” apresentam orientações gerais para o trabalho ainda em sala de aula. Uso como exemplo, a aba 2, denominada “Tempo em Escamas”, onde faço sugestões em relação às escamas, utilizadas para simbolizar as pistas apresentadas.

Figura 32 - Trecho do “Material para os Professores” com as orientações da aba “Conhecendo o Mercado”

**4 CONHECENDO O MERCADO**

**PROFESSOR:**

Esta atividade foi proposta para o estudante conhecer um pouco mais o prédio e a história do Mercado Público, facilitando a localização e a movimentação durante o percurso. A partir deste ponto, o site começa a apresentar a “Ficha de Análise de Pistas”. Aqui nas sugestões didáticas, apresento as “pistas” e dou algumas sugestões para a utilização delas. No entanto, como você, professor, tem sua vivência e conhece a realidade dos seus estudantes, deixo aberturas para que cada “pista” seja utilizada de acordo com os objetivos de momento.

No site, que está mais voltado para o percurso, onde o dinamismo é essencial, as questões devem ser direcionadas para respostas rápidas, alicerçadas nas observações momentâneas feitas pelos estudantes. Algumas questões, portanto, somente poderão ser aplicadas no pré e no pós-percurso.

O tour virtual, sugerido nas atividades, será importante para os estudantes que não conhecem o prédio se localizarem dentro dele e se prepararem para o percurso sugerido ou para o trajeto que irão escolher.

Nessa parte do site, o primeiro prédio construído para servir de Mercado Público na cidade também vai ser lembrado. Destaque para os estudantes que o primeiro Mercado Público foi construído a partir das barraquinhas de comércio que foram instaladas na praia em frente à atual Praça XV de Novembro, em um momento em que ainda se utilizava o trabalho escravizado, e um dos objetivos da sua construção foi também normatizar o comércio de rua desenvolvido por ambulantes, muitos desses sendo mulheres “quitadeiras” que vendiam variados produtos em seus tabuleiros. O prédio onde os estudantes entrarão foi construído para substituir o prédio anterior, inaugurado em 1851 e instalado na frente da atual Praça XV de Novembro. Em um tempo posterior, o prédio da Alfândega já havia sido construído (1876) e, um pouco mais tarde (1928-1974), o famoso Bar Miramar também seria visto justamente onde estava o primeiro prédio que serviu de Mercado Público.

Fonte: “Material para os professores” do site *Escamas do Tempo* (2025).

A aba “Conhecendo o Mercado” faz uma transição para o percurso, pois já entra diretamente no objeto de pesquisa e traz alguns questionamentos aos estudantes, que são devidamente orientados no quadro amarelo.

A partir da aba “Escamas”, quando tem início o percurso, foram incluídas orientações e sugestões no início de cada uma das oito etapas propostas.

Figura 33 - Trecho do “Material para os Professores” com as orientações sobre o trabalho com as escamas

**5.1 ESCAMA 1: O RELÓGIO E OS CAMINHANTES**

**PROFESSOR:**

Esta é a parte principal do site. As oito escamas trabalham com diferentes pistas acerca da história do Mercado e cada uma delas poderá ser acessada através dos QR-Codes instalados em pontos do percurso ou no mapa disponibilizado na abertura do site, no caso do roteiro virtual.

Ao acessar o QR-Code, o estudante vai ser enviado para onde estão colocadas as fotos do relógio e dos arredores do prédio em direção à rua Jerônimo Coelho e ao Camelódromo, acompanhadas de um pequeno texto explicativo sobre a instalação da peça no Mercado Público. O relógio é o ponto focal do percurso. Incentive os alunos a pararem diante dele e refletirem sobre o tempo. Sugiro que você assista ao filme *Meia Noite em Paris* para criar uma analogia entre o relógio do Mercado e as escadarias da igreja de Saint-Étienne-du-Mont, onde começa a viagem no tempo do protagonista.

Durante o percurso, que faz um círculo seguindo à direita, como os ponteiros de um relógio, instigue os estudantes a pensarem como verdadeiros detetives e procurar as situações presentes no Mercado que não aparecem em um olhar inicial e menos apurado. Provoque-os, para que eles saiam pelo Mercado, como um *flâneur* ou um *zappeur*. O *flâneur* quer conhecer o Mercado, perdendo-se nele. O *zappeur* aparenta estar perdido e não ligar para o Mercado, mas talvez tenha uma forma própria de explorá-lo e conhecê-lo.

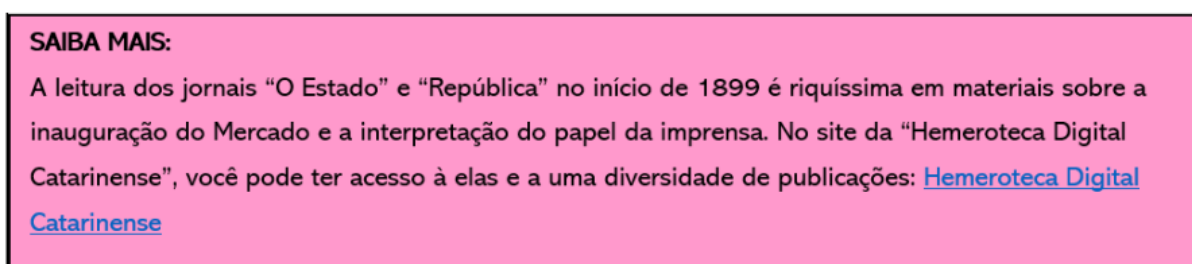
Na aba “Manja Tempo”, incentive-os a olhar para tudo ao redor e divagar sobre o que as pessoas estão fazendo ou pensando. “Manjar o tempo” é olhar para tudo ao seu redor e divagar sobre o que as pessoas estão fazendo ou pensando. É importante eles perceberem que o uso frequente de aparelhos eletrônicos é a forma atualizada de “manjar o tempo”. Chame a atenção dos seus alunos para a presença de diversas pessoas olhando as atividades que são praticadas. Seriam eles os “manja tempo”?

É interessante você pedir para os alunos fazerem anotações em seus cadernos ou em seus aparelhos eletrônicos, para que essas informações possam ser utilizadas para uma discussão posterior ou mesmo para um relatório de saída de estudo. A ficha “Análise de Pista” possibilita o envio de informações para o e-mail do aluno e/ou para o do professor. Lembre-se de que essas atividades permearão todo o percurso, pois o olhar para os arredores faz parte da proposta do paradigma indiciário.

Fonte: “Material para os professores” do site *Escamas do Tempo* (2025).

Um quadro rosa também é apresentado. Denominado “Saiba Mais”, ele tem a função de trazer ao professor a possibilidade de aprofundamento no conteúdo, com sugestões de sites, dissertações, livros e materiais em geral. Foi a forma encontrada para facilitar aos docentes o trabalho em sala e a criação de percursos próprios, dando direcionamentos diferentes de acordo com a proposta geral da Dimensão Propositiva.

Figura 34 - Trecho do “Material para os Professores” com o quadro rosa de aprofundamento



Fonte: “Material para os professores” do site *Escamas do Tempo* (2025).

Foi isso o que busquei com o “Material para os Professores”, ou seja, partir da minha prática para as orientações e sugestões a outros professores que têm as suas práticas e seus desafios diários. Apresentar propostas e sugestões que fogem do contexto da sala de aula é o mesmo do que apresentar o Patrimônio distante ao aluno. O interesse dos professores pelo material e pelo site pode ser maior se for apresentado a eles um projeto simples e direto, sem pretensões exageradas e desarticuladas do contexto diário que permeia as aulas de História em todo o país.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Mercado Público Municipal de Florianópolis é um marco dentro da história da cidade. A presença do prédio é uma constante dentro dos projetos idealizados para a capital do estado de Santa Catarina. Desde as primeiras barraquinhas, o espaço tem sido motivo de enfrentamentos entre os diversos grupos políticos, econômicos e sociais da cidade.

O prédio é um ponto de enfrentamento de ideias que buscavam e buscam um novo amanhã para a capital do estado de Santa Catarina. Ideias ligadas ao saneamento e à realocação de parte da população, assim como ao abastecimento e à exploração econômica, à remodelação urbanística e à exploração turística. É também um espaço de trabalho e de múltiplas sociabilidades, por meio do qual é possível abordar diferentes grupos sociais.

A visão passiva de contemplação, tão vendida aos turistas e explorada na mídia e na historiografia tradicional, colabora para que os estudantes e o público em geral vejam um Mercado como um espaço branco, elitizado e democrático. No entanto, busquei trabalhar esse marco urbano como um guia para levar ao reconhecimento de outros grupos sociais, de diferentes usos e de outras temporalidades que não podem ser esquecidas e, ao mesmo tempo, possibilitar a criação de mecanismos para que os estudantes e a população em geral construam conhecimentos acerca do espaço, reconhecendo as suas transformações e os seus diferentes sujeitos e práticas sociais e culturais.

No trabalho diário com o Ensino de História, busco analisar fontes diversas para levar aos alunos os desacertos e às histórias de vida das figuras consideradas históricas. Penso que o interesse pela História pode ser maior quando a compreensão desses temas ocorre por meio de práticas e construções cotidianas. A partir daí, tento ajudar a desenvolver a reflexão sobre os fatores que levam a uma série de práticas presentes atualmente. Procuro, portanto, trabalhar a análise crítica das questões relacionadas à Memória e ao Patrimônio Cultural, incentivando os educandos a buscarem formas diferentes de entender conceitos e perceber que eles são construídos historicamente.

Ao desenvolver discussões sobre as possibilidades de mobilizar a história do Mercado Público para criar uma proposta de Educação Patrimonial no Ensino de História, volto a lembrar que uma das minhas principais preocupações no início do ProfHistória era como utilizaria minhas pesquisas e minha experiência com o Mercado Público dentro do curso. O estudo de 30 anos sobre o Mercado e a publicação de uma obra de referência sobre o tema em 1996 me davam a tranquilidade para desenvolver um trabalho sobre a história do Mercado, mas a questão central estava no fato de conseguir relacionar a sala de aula com o Mercado Público, dentro dos

propósitos estabelecidos pelo curso do Mestrado Profissional em Ensino de História (ProfHistória).

Entre as diversas respostas trazidas pelos professores e pelo próprio curso, uma delas me marcou bastante. Em uma das aulas de História do Ensino de História, o professor Sandor Fernando Bringmann disse, em um momento de descontração, que “o ProfHistória está atrás dos seus cabelos brancos, Nivaldo”. Foi uma frase mágica, porque entendi que a minha experiência como professor era muito maior do que a experiência como escritor/pesquisador. Entrei em sala de aula pela primeira vez, em 1991, no então Grupo Escolar Venceslau Bueno, e o embranquecer dos meus cabelos é a demonstração visível da minha vivência e do aprofundamento dos meus conhecimentos sobre o Ensino de História.

A construção de uma proposta de Ensino de História dentro do Mercado Público de Florianópolis passou por essas reflexões. Acreditei ser possível um jeito diferente de fazer Educação Patrimonial no Ensino de História. Utilizar o Mercado como documento e não como monumento, e fazer uso de tecnologias e do entendimento que temos em mãos alunos que crescem, acumulam memórias e raciocinam dentro de um mundo digitalizado era o ponto central da minha proposta. Não tinha o objetivo de produzir cartilhas ou ensinar os colegas a trabalharem com o Mercado Público e com a Educação Patrimonial em geral.

O Mercado e suas diversas fontes, portanto, tornaram-se referências para os estudantes experienciarem sensações diferentes daquelas que vivem em seu cotidiano ou ao circular no local, compreendendo os usos do mercado à época da sua construção e atualmente, e vendo esse espaço como local de trabalho, abastecimento e comércio, e também como local onde diferentes sujeitos convivem e entram em conflito. Além de permitir compreender as transformações que ocorreram no Mercado e relacioná-las com as mudanças na própria cidade e seus processos de modernização, higienização e exclusão.

Entendendo que o Mercado deixa de ser um prédio comercial e turístico para se tornar apenas um documento ou objeto de estudo, busquei

[...] **reconhecer** e debater as camadas de História nos patrimônios; **visibilizar** memórias subalternizadas para se construir narrativas mais plurais da História dos povos do Brasil; **reparar**, de forma a introduzir a justiça na noção de verdade, pois tal como propõe Ricoeur, a justiça não necessariamente deve se opor à noção de verdade (Gil, 2021, p. 4, grifo da autora).

É como se o prédio estivesse mostrando que, apesar de o tempo passar, o passado e o futuro estão presentes, oferecendo inúmeras oportunidades de levar o estudante à desaceleração do seu ritmo e à reflexão sobre o que está à sua volta. Os fazeres e saberes presentes (ou

ausentes) no Mercado, através das camadas de História ali presentes, possibilitam ao estudante sair de seu “presentismo constante” e passar a olhar com mais atenção para o “banal, o detalhe, o instante, como possibilidade inquirir os muitos tempos que por ali se apresentam ou que se colocam de maneira ausente. Através dessa leitura minuciosa se abre a possibilidade para se perceber uma condição pretérita” (Miranda; Medeiros; Almeida, 2016, p. 108).

Vejo esse princípio como a melhor forma de colocar em prática uma concepção que não trata o Patrimônio como algo com vida própria, independente dos sujeitos sociais. É a forma de partir dos conhecimentos prévios do educando, oferecendo contrapontos e negociando significados por meio do conhecimento formal e conceitual dos professores e das academias, para levá-los à criação de uma ressignificação desses mesmos conceitos e à criação de novas narrativas.

Utilizando as fontes bibliográficas, os documentos oficiais e as notícias de jornais, mas inserindo um viés etnográfico por meio de observações no local, ressaltar aspectos distintos do prédio e, utilizando a documentação, analisei pontos, como as representações sociais em torno desse espaço público ao longo do tempo, buscando os diversos grupos sociais envolvidos e as suas manifestações dentro do Mercado, onde a vida privada e a vida pública se mesclam em alguns momentos, da mesma forma que foi construída uma fusão entre a história do prédio e a história da cidade, como parte do processo de valorização e patrimonialização do Mercado.

O trabalho com as fontes históricas, por meio do paradigma indiciário, traz consigo uma proposta de Ensino de História a partir dos princípios de uma educação sensível ou para o desenvolvimento das sensibilidades. Com isso, mobiliza diferentes estratégias para pensar um Ensino de História comprometido não apenas com o conteúdo, mas também com as experiências sensoriais, estéticas, políticas e procedimentais a partir de múltiplos exercícios de compreensão do pensamento histórico.

Buscando sair do Mercado vendido pela grande mídia e tão pesquisado por mim nesses 30 anos, para transformá-lo em uma ferramenta para desenvolver o Ensino de História, pensava em evitar uma pesquisa historiográfica sobre o Mercado e partir para uma dissertação apenas sobre o Ensino de História. Mas, ao longo do tempo, fui percebendo que toda a minha pesquisa e vivência estavam me levando para uma dissertação que mesclava esses dois pontos, pois a Educação Patrimonial como interpretação e questionamento do passado necessita da pesquisa histórica.

Iniciei a dissertação ligando minha vida pessoal à profissional. Passei por discussões sobre o Ensino de História e a Educação Patrimonial como um todo, e depois procurei abordar a história do Mercado a partir da construção do primeiro prédio, em meados do século XIX, e

a construção das duas alas do prédio atual, em 1899 e 1931. Posteriormente, contextualizei o período posterior à década de 1980, quando ocorreu o tombamento e a exploração turística passou a ditar as regras dentro do espaço.

Com isso, tracei um paralelo entre o Mercado harmonioso, seletivo e exclusivista apresentado à população pelas autoridades e o Mercado como espaço de disputas presente nas memórias dos seus antigos frequentadores e trabalhadores. Colocando essas situações, creio ter utilizado a pesquisa historiográfica sobre a história do Mercado como uma espécie de “guia” para ler o espaço e visibilizar suas diferentes camadas, vislumbrando sua grande densidade temporal e potencial para o Ensino de História, dentro da linha de pesquisa dos “Saberes Históricos em Diferentes Espaços de Memória”.

Uma questão que se colocava era a forma como eu incluiria o Mercado Público dentro de uma proposta de Ensino de História. As leituras me levaram à criação de um percurso presencial/virtual com a inclusão de figuras como o *flâneur* e o *zappeur*. Com eles, o percurso tornou-se significativo e provocador. Tanto em relação ao Mercado em si, quanto em relação aos desafios para o Ensino de História, já que nossas salas são repletas de alunos que replicam esses comportamentos, que parecem tão distantes entre si, mas que, na verdade, são complementares diante das vivências com as tecnologias atuais.

O *flâneur* caminha sem rumo pela cidade e faz parte da multidão, mas é alguém consciente das mudanças e procura analisá-las e entendê-las. Já o *zappeur* caminha pela cidade sem um roteiro pré-definido, preferindo guiar-se por aquilo que mais lhes chama a atenção no momento. Quando isso ocorre, fica atento ao local apenas por alguns momentos, mudando seu foco em seguida. Os dois, cada um a seu jeito, são guiados pelo acaso, pela intuição, pelos sons. Eles são provocados pelo exterior ou, no caso do *zappeur*, pelo exterior que pode também chegar até ele através de um aparelho eletrônico.

O uso dos QR Codes foi pensado com base no comportamento do *zappeur*. Guiado pelo acaso, ele vai sentir curiosidade por determinados pontos do Mercado, que poderão ser explicados, abrir uma discussão ou levar a outra situação colocada (ou não) em outro QR Code. O Mercado não tem começo, meio ou fim. É, portanto, um espaço ideal para *zappeur* e também para o *flâneur*. Para todos os lados que olha, ele pode desenvolver uma análise dos processos que já ocorreram ou estão ocorrendo.

A Educação Patrimonial é muito mais do que a enumeração de uma série de conceitos. Simone Scifoni (2016, p. 11) afirmou que tais conceitos estão relacionados ao contexto ao qual os sujeitos estão inseridos, e partem da realidade e da experiência prática para chegar ao que pode ser definido como cultura, memória, identidade e patrimônio. Partir da realidade para a

construção de conceitos seria uma forma de romper a visão tradicional da Educação Patrimonial.

Segundo o geógrafo humanista sino-americano Yi Fu Tuan (1983), entender um lugar é algo que está ligado à sua significação dentro de determinadas temporalidades. Segundo ele, para sentir um lugar todos os sentidos e todo o corpo humano trabalham, levando a uma transformação de determinado espaço em um lugar conhecido e sentimentalizado. O entendimento e a experiência do Mercado estão intrinsecamente ligados à transformação do espaço físico em um local familiar e emocionalmente significativo por meio da vivência e da construção de um senso de identidade com o ambiente.

Nesse sentido, o trabalho do professor é fundamental para a compreensão do processo de patrimonialização e dos diversos elementos simbólicos e identitários nele contidos. Desse modo, a mediação pedagógica deve caminhar para a inclusão do patrimônio oficializado na vida das pessoas, e para que isso faça sentido, deve ser percebido no cotidiano do estudante, e espaços como o Mercado Público, que concentra os vários setores da população, são fundamentais nesse processo.

Na dimensão propositiva, procurei levar o estudante, através do acesso aos QR Codes espalhados pelo prédio, a se perder temporal e geograficamente nos diversos caminhos do Mercado; a fazer questionamentos e, talvez, com o passar do tempo, tornar-se mais um a ser analisado dentro do contexto do Mercado; a direcioná-lo para as banalidades do Mercado que já foram novidades em outros tempos.

Creio que o percurso proporciona aos estudantes e professores uma forma de trabalhar a patrimonialização sem maiores formalidades e com a naturalização que sempre defendo em minhas saídas de estudo. O ato de deixar a escola e aprender nas ruas, nos museus e no Mercado é algo que precisa ser feito de forma naturalizada. O percurso dá essa possibilidade, já que pode ser acompanhado pelo aparelho eletrônico, sempre presente nas mãos do “estudante-zappeur” de hoje. Da mesma forma, o “estudante-flâneur” também fica à vontade, seguindo uma rota pré-estabelecida, mas que pode ser rompida a qualquer momento, de acordo com os estímulos que vão surgindo.

Espero assim poder contribuir com os professores e alunos da Educação Básica para a construção de um saber coletivo sem imposições e atendendo às particularidades de cada um. Espero também contribuir com a pesquisa histórica, já que o material apresenta e oferece uma série de fontes e caminhos para a pesquisa de vários outros aspectos do Mercado Público Municipal de Florianópolis.

## REFERÊNCIAS

1º DIA com mudanças no trânsito. **O Estado**, Florianópolis, 26 abr. 1984, p. 7.

3D WAREHOUSE. **Mercado Público de Florianópolis**. 21 mar. 2014. Disponível em: <https://embed-3dwarehouse-classic.sketchup.com/model/464e0ebc122713f7b8f4dad3747496a5/Mercado-P%C3%BAblico-de-Florian%C3%B3polis>. Acesso em: 12 jun. 2016.

A CÂMARA municipal aprovou. **Diário da Tarde**, Florianópolis, 25 out. 1955, p. 8.

A ILHA do turismo. **O Estado**, Florianópolis, 23 set. 1969, p. 4.

A INAUGURAÇÃO. **O Estado**, Florianópolis, 7 fev. 1899, p. 1.

A QUE será devido. **O Estado**, Florianópolis, 19 fev. 1899, p. 1.

ABREU, Regina; CHAGAS, Mário (org.). **Memória e patrimônio: ensaios contemporâneos**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

ACETYLENO. **República**, Florianópolis, 19 fev. 1899, p. 1.

ACOVEMAPUF luta para não privatizar o Mercado. **Folha da Cidade**, Florianópolis, dez. 1991, p. 3.

AINDA bem. **O Estado**, Florianópolis, 7 fev. 1899, p. 1.

ALANO, Natassia. A biopolítica e o espaço urbano: considerações sobre o Centro de Florianópolis. **RUA**, Campinas, SP, v. 25, n. 2, p. 441-467, 2019. DOI: 10.20396/rua.v25i2.8657562. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rua/article/view/8657562>. Acesso em: 9 jun. 2025.

ALVES, Felipe. Novo mix de produtos e lojas no Mercado Público de Florianópolis começa a ganhar forma. **ND+**, Florianópolis, 20 set. 2014. Disponível em: <https://ndmais.com.br/noticias/mix-variado-de-produtos-e-lojas-no-mercado-publico-de-florianopolis-comeca-a-ganhar-forma/>. Acesso em: 16 mar. 2025.

ANUÁRIO CATARINENSE. Florianópolis: 1951, Ano IV Nº 4, p. 27.

ARAÚJO, Hermetes Reis de. **A invenção do litoral: reformas urbanas e reajustamento social em Florianópolis na Primeira República**. 1989. Dissertação (Mestrado em História) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1989.

ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DE SANTA CATARINA. Ofícios da Câmara Municipal ao Presidente da Província. **Regulamento para o uso da Praça de Mercado**. Anexo ao Ofício de 21/12/1850, Fls. 120-126.

BARROS, Karin. Cobertura polêmica do Mercado Público de Florianópolis é finalista em prêmio nacional. **ND+**, Florianópolis, 1 jul. 2017. Disponível em: <https://ndmais.com.br/cultura/cobertura-polemica-do-mercado-publico-de-florianopolis-e-finalista-em-premio-nacional/>. Acesso em: 13 jun. 2025.

BASTOS, Marco Toledo de Assis. **A epifania digital dos chats** – escritura e subjetivação cibercultural. 2005. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

BASTOS, Marco Toledo de Assis. Flâneur, blasé, zappeur: variações sobre o tema do indivíduo. **E-Compós**, v. 10, 2007. DOI: <https://doi.org/10.30962/ec.200>. Disponível em: <https://www.e-compos.org.br/e-compos/article/view/200/201>. Acesso em: 9 jun. 2025.

BAUDELAIRE, Charles. **A Modernidade de Baudelaire**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

BAUDELAIRE, Charles. **O pintor da vida moderna**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

BENJAMIN, Walter. **Charles Baudelaire um lírico no auge do capitalismo**. 2. ed. Tradução: José Carlos Martins Barbosa e Hemerson Alves Baptista. Rio de Janeiro: Brasiliense, 1994. Obras escolhidas, v. 3.

BERGER, Paulo (org.). **Ilha de Santa Catarina: relatos de viajantes estrangeiros nos séculos XVIII e XIX**. 2. ed. Florianópolis: Editora da UFSC; Assembléia Legislativa, 1984.

BLANCH, Joan Pagès; MIRANDA, Sonia Regina. Cidade, Memória e Educação: conceitos para provocar sentidos no vivido. *In*: MIRANDA, Sonia Regina; SIMAN, Lana Mara de Castro (org.). **Cidade, Memória e Educação**. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2013. p. 59-92.

BLOG FLORIANÓPOLIS ONTEM E HOJE. Mercado Público, apenas uma ala - década de 1900. **Blog Florianópolis Ontem e Hoje**, 30 maio 2010a. Disponível em: <https://floripendio.blogspot.com/2010/05/florianopolis-antigo.html>. Acesso em: 12 jun. 2025.

BLOG FLORIANÓPOLIS ONTEM E HOJE. Mercado Público, na época Mercado Novo - 1902. **Blog Florianópolis Ontem e Hoje**, 30 maio 2010b. Disponível em: <https://floripendio.blogspot.com/2010/05/florianopolis-antigo.html>. Acesso em: 12 jun. 2025.

BLOG FOTOS ANTIGAS DE FLORIANÓPOLIS. Ano de 1894 - Aterro para a construção da ala norte do Mercado Público de Florianópolis. Ao fundo a antigo prédio da Alfândega. **Blog Fotos Antigas de Florianópolis**, 18 jul. 2011a. Disponível em: <https://fotosantigasflorianopolis.blogspot.com/>. Acesso em: 12 jun. 2025.

BLOG Fotos Antigas De Florianópolis. Década de 30 - A então praia do Vai Quem Quer, em frente à Rua Conselheiro Mafra ao lado do Mercado Público Municipal. **Blog Fotos Antigas de Florianópolis**, 18 jul. 2011b. Disponível em: <https://fotosantigasflorianopolis.blogspot.com/>. Acesso em: 12 jun. 2025.

BLOG FOTOS ANTIGAS DE FLORIANÓPOLIS. DÉCADA DE 50 - A esquerda a rua Conselheiro Mafra e ao fundo o Mercado Público Municipal. Ao fundo a antigo prédio da Alfândega. **Blog Fotos Antigas de Florianópolis**, 18 jul. 2011c. Disponível em: <https://fotosantigasflorianopolis.blogspot.com/>. Acesso em: 12 jun. 2025.

BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória: ensaios de Psicologia Social**. São Paulo: Ateliê, 2003.

BOX 32. **Box 32 – O Balcão mais democrático do Brasil**. 2025. Disponível em: <https://www.box32.com.br/>. Acesso em: 13 jun. 2025.

BOXES empregam 800 pessoas. **AN Capital**, Florianópolis, 5 fev. 2000, p. 1.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: 5 out. 1988. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm). Acesso em: 12 jun. 2025.

BRASIL. Decreto Presidencial n. 3.551, 04 de agosto de 2000. Institui o Registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial que constituem patrimônio cultural brasileiro, cria o Programa Nacional do Patrimônio Imaterial e dá outras providências. **Diário Oficial da União**: Brasília, DF, 5 ago. 2000.

BRASIL. Lei n. 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”, e dá outras providências. **Diário Oficial da União**: Brasília, DF, 10 jan. 2003.

BRASIL. **Lei n. 11.645, de 10 de março de 2008**. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei no 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”. Brasília, DF: 10 mar. 2008. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2008/lei/11645.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/11645.htm). Acesso em: 12 jun. 2025.

BRASIL. Ministério da Educação. **Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, DF: MEC, 1996. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/19394.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm). Acesso em: 10 jun. 2025.

CABRAL, Osvaldo Rodrigues. **Nossa Senhora do Desterro**. Florianópolis: Lunardelli, 1979. v. 1 Notícia. v. 2 Memória.

CALVINO, Ítalo. **As cidades invisíveis**. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

CARDOSO, Paulino de Jesus Francisco. **Negros em Desterro**: experiências de populações de origem africana em Florianópolis na segunda metade do século XIX. Itajaí: Casa Aberta, 2008.

CARRETERO, Mario. **Documentos de identidade**: a construção da memória histórica em um mundo globalizado. Porto Alegre: Artmed, 2010.

CASA de estuque foi construída no vão central do Mercado. **Jornal de Santa Catarina**, Blumenau, 10 jun. 1986, p. 6.

CAVALCANTI, Erinaldo Vicente. **A história ‘encastelada’ e o ensino ‘encurralado’**: escritos sobre história, ensino e formação docente. Curitiba: CRV, 2021.

CHALHOUB, Sidney. **Trabalho, lar e botequim**: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da belle époque. São Paulo: Brasiliense, 1986.

CHEREM, Rosângela Miranda. **Caminhos para muitos possíveis** – Desterro no final do Império. 1994. Dissertação (Mestrado) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 1994.

CHOAY, Françoise. **A alegoria do patrimônio**. São Paulo: Estação Liberdade; Editora Unesp, 2001.

COMEÇOU ontem. **República**, Florianópolis, 23 mar. 1899, p. 1.

COMERCIANTES iniciam mutirão para a limpeza do Mercado Público. **Jornal de Santa Catarina**, Blumenau, 25 jul. 1987, p. 24.

COMERCIANTES relembram incêndio que destruiu parte do Mercado Público de Florianópolis em 2005. **G1**, 6 nov. 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/sc/santa-catarina/noticia/2019/11/06/comerciantes-relembra-incendio-que-destruiu-parte-do-mercado-publico-de-florianopolis-em-2005.ghtml>. Acesso em: 13 jun. 2025.

COMO um estrangeiro viu Sta Catharina. **Gazeta**, Florianópolis, 2 fev. 1935, p. 2.

CORBIN, Alain. **Saberes e odores**. O olfato e o imaginário social nos séculos XVIII e XIX. São Paulo: Cia das letras. 1987

CORDEIRO, Sarita Costa Erthal. **Por vias e desvios**: um panorama sobre o protagonista de João Gilberto Noll em suas trilhas contemporâneas. 2008. Dissertação (Mestrado em Cognição e Linguagem) – Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, Campos dos Goytacazes, RJ, 2008.

CORRESPONDÊNCIA. **O Novo Íris**, Nossa Senhora do Desterro, 28 jan. 1851, p. 4.

COSTA, Carina Martins; MUNIZ, Thaísa de Queiroz. Aprender na cidade: entre o dédalo e o labirinto. **Revista Espacialidades**, Natal, v. 18, n. 1, p. 267-278, 2022. DOI: <https://doi.org/10.21680/1984-817X.2022v18n1ID26551>. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/espacialidades/article/view/26551/15589>. Acesso em: 14 jun. 2025.

DELOSANTOS, Cristian. MPSC pode solicitar interdição do Mercado Público de Florianópolis. **NSC Total**, Florianópolis, 14 mai. 2024. Disponível em: <https://www.nscotal.com.br/noticias/mpsc-pode-solicitar-interdicao-do-mercado-publico-de-florianopolis>. Acesso em: 22 maio 2024.

DEMARCHI, João Lorandi. Perspectivas para atuação em educação patrimonial. **Revista CPC**, São Paulo, n. 22, 2016. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.1980-4466.v0i22p267-291>. Disponível em: <https://revistas.usp.br/cpc/article/view/119941/122092>. Acesso em: 14 jun. 2025.

DESDE 1899 – A transformação do vão central do Mercado Público em seis imagens. **Floripa Centro**, Florianópolis, 30 maio 2019. Disponível em: <https://floripacentro.com.br/evolucao-do-vao-central-do-mercado-publico-em-quatro-imagens/>. Acesso em: 13 jun. 2025.

DEZ FOTOS para relembrar os 14 anos do incêndio no Mercado Público de Florianópolis. **Floripa Centro**, Florianópolis, 30 maio 2019. Disponível em: <https://floripacentro.com.br/14-fotos-para-relembrar-os-14-anos-do-incendio-no-mercado-publico-de-florianopolis/>. Acesso em: 13 jun. 2025.

DIOGO, Marciano. Pirão, o prato que faz parte da identidade cultural de Florianópolis. ND+, Florianópolis, 19 fev. 2025. Disponível em: <https://ndmais.com.br/gastronomia/pirao-o-prato-tipico-de-florianopolis-faz-parte-da-identidade-cultural-da-cidade/>. Acesso em: 17 jun. 2025.

É PRECISO descongestionar o mercado. **Folha Nova**, Florianópolis, 26 nov. 1926, p. 1.

ESCAMAS DO TEMPO. 2025. Disponível em: <https://historiamercadopublico.com.br/>. Acesso em: 12 jun. 2025.

ESPÍRITO “manezinho” supera as diferenças. **O Estado**, Florianópolis, 5 fev. 1999, p. 8.

ESTEBAN, M. Paz Sandim. **Bases conceituais da pesquisa Qualitativa**. Pesquisa Qualitativa em Educação. Porto Alegre: AMGH, 2010.

FLORIANÓPOLIS. **Coleção de leis do Município de Florianópolis - 1896-1901**. Disponível em: <https://leismunicipais.com.br/prefeitura/sc/florianopolis>. Acesso em: 2 maio 2024.

FLORIANÓPOLIS. **Decreto n. 035, de 20 de março de 1984**. Florianópolis: 1984. Disponível em: <https://leismunicipais.com.br/prefeitura/sc/florianopolis>. Acesso em: 2 maio 2024.

FLORIANÓPOLIS. Decreto n. 15.347, de 28 de outubro de 2015. Aprova o regulamento do Mercado Público Municipal de Florianópolis. **Diário Oficial Eletrônico do Município de Florianópolis**, Florianópolis, n. 1.577, 6 nov. 2015.

FLORIANÓPOLIS. **Decreto n. 20.043 de 18 de março de 2019**. Aprova o regulamento do Mercado Público Municipal de Florianópolis. Florianópolis: 2019. Disponível em: <https://leismunicipais.com.br/prefeitura/sc/florianopolis>. Acesso em: 2 maio 2024.

FLORIANÓPOLIS. **Decreto n. 25.093, de 2023**. Aprova o regulamento do Mercado Público Municipal de Florianópolis e da outras providências. Florianópolis: 2023. Disponível em: <https://www.cmf.sc.gov.br/proposicoes/decretos-executivos/2023/3/0/89640#:~:text=APROVA%20O%20REGULAMENTO%20DO%20MERCADO,o%20disposto%20nas%20Leis%20n.> Acesso em: 12 jun. 2025.

FLORIANÓPOLIS. **Lei Municipal n. 1.202, de 02 de abril de 1974**. Dispõe sobre a proteção do patrimônio histórico, artístico e natural do município e cria o órgão competente. Florianópolis: 1974. Disponível em: <https://leismunicipais.com.br/prefeitura/sc/florianopolis>. Acesso em: 2 maio 2024.

FLORIANÓPOLIS. **Lei Municipal n. 246 de 15 de novembro de 1955**. Código Municipal. Florianópolis: 1955. Disponível em: <https://leismunicipais.com.br/prefeitura/sc/florianopolis>. Acesso em: 2 maio 2024.

FLORIANÓPOLIS. **Lei municipal n. 256 de 28 de abril de 1898**. Florianópolis: 1898. Disponível em: <https://leismunicipais.com.br/prefeitura/sc/florianopolis>. Acesso em: 2 maio 2024.

FLORIANÓPOLIS. **Lei Municipal n. 7955 de 02 de setembro de 2009**. Dispõe sobre a implantação da política cultural locais da memória. Florianópolis: 2009. Disponível em: <https://leismunicipais.com.br/prefeitura/sc/florianopolis>. Acesso em: 2 maio 2024.

FLORIANÓPOLIS. **Lei Municipal n. 8209 de 19 de março de 2010**. Altera ementa e dispositivos da Lei n. 7955 de 2009. Florianópolis: 2010. Disponível em: <https://leismunicipais.com.br/prefeitura/sc/florianopolis>. Acesso em: 2 maio 2024.

FOI FRANQUEADA, ontem, ao público, a nova ala do mercado municipal. **República**, Florianópolis, 25 jan. 1931, p. 3.

FONSECA, Maria Cecília Londres. Para além da pedra e cal: por uma concepção. *In*: ABREU, Regina; CHAGAS, Mário (org.). **Memória e patrimônio**: ensaios contemporâneos. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

FONSECA, Maria Cecília Londres. Referências Culturais: base para Novas Políticas de Patrimônio. *In*: IPEA. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. **Políticas Sociais: acompanhamento e análise**. Brasília: IPEA, 2021. p. 111-120. Disponível em: [https://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/10796/1/Políticas\\_Sociais\\_n28.pdf](https://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/10796/1/Políticas_Sociais_n28.pdf). Acesso em: 10 jun. 2025.

FOTOS: veja antes e depois do Mercado Público de Florianópolis. **ND+**, 5 fev. 2022. Disponível em: <https://ndmais.com.br/cultura/fotos-veja-antes-e-depois-do-mercado-publico-de-florianopolis/>. Acesso em: 12 jun. 2025.

FREITAS, Ítalo. A pedagogia da História de Murilo Mendes (São Paulo, 1935). **Saeculum**, [S. l.], n. 11, 2004. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/srh/article/view/11306>. Acesso em: 9 jun. 2025.

GAGLIOTI, Patricia Stahl. Tudo o que você encontra no Mercado Público Municipal de Florianópolis. **ND+**, Florianópolis, 4 dez. 2024. Disponível em: <https://ndmais.com.br/turismo/tudo-o-que-voce-encontra-no-mercado-publico-municipal-de-florianopolis/>. Acesso em: 13 jun. 2025.

GALPÃO do peixe. **República**, Nossa Senhora do Desterro, 31 jan. 1891, p. 3.

GIL, Carmem Zeli de Vargas. Educação patrimonial no ensino de História: reconhecer, valorizar e reparar. **Palavras ABEHrtas**, n. 4, out. 2021. Disponível em: <https://palavrasabehrtas.abeh.org.br/index.php/palavrasABEHrtas/article/view/38/27>. Acesso em: 14 jun. 2025.

GIL, Carmem Zeli de Vargas. Estágio de docência em história: saberes e práticas na educação para o patrimônio. *In*: GIL, Carmem; TRINDADE, Rhuan (org.). **Patrimônio Cultural e Ensino de História**. Porto Alegre: Edelbra, 2014, p. 37-51.

GIL, Carmem Zeli de Vargas; PASSAMAI, Zita Rosane. Educação Patrimonial: Percursos, concepções e apropriações. **Mouseion Revista Eletrônica Unilassale**, Canoas, n. 19, 2014.

GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história**. Tradução: Frederico Carotti. São Paulo: Cia. das Letras 1989.

GONÇALVES, José Reginaldo. Os museus e a cidades. *In*: ABREU, Regina; CHAGAS, Mário (org.). **Memória e patrimônio: ensaios contemporâneos**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

GOVERNO do município. **República**, Florianópolis, 17 jan. 1896, p. 1.

HORTA, Maria de Lourdes Parreiras *et al.* **Guia básico de educação patrimonial**. Brasília: IPHAN, Museu Imperial, 1999.

IHGSC. Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina. 2025. Disponível em: <https://www.ihgsc.org/>. Acesso em: 13 jun. 2025.

INAUGURAÇÃO hoje do supermercado da avenida Mauro Ramos. **O Estado**, Florianópolis, 29, jan. 1971, p. 2.

INAUGURA-SE, hoje, o novo Mercado. **O Estado**, Florianópolis, 05 fev. 1899, p. 1.

INTERESSES municipais. **O Estado**, Florianópolis, 10 fev. 1899a, p. 1.

INTERESSES municipais. **O Estado**, Florianópolis, 12 mar. 1899b, p. 1.

INTERESSES municipais. **O Estado**, Florianópolis, 18 fev. 1899c, p. 1.

INTERESSES municipais. **O Estado**, Florianópolis, 9 fev. 1899d, p. 1.

JORNAL DE SANTA CATARINA, 2 fev. 1984, p. 16.

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro passado**: contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto; PUC-Rio, 2006.

LENZI, Maria Helena. **A invenção de Florianópolis como cidade turística**: discursos, paisagens e relações de poder. 2016. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

LIBANÊS está há 52 anos no balcão do Bazar Mansur. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 1 fev. 1999, p. 18.

LIMA, Monica. História, patrimônio e memória sensível: o cais do Valongo no Rio de Janeiro. **Outros Tempos: Pesquisa Em Foco - História**, v. 15, n. 26, p. 98-111, 2018. DOI: <https://doi.org/10.18817/ot.v15i26.657>. Disponível em: [https://www.outrostempos.uema.br/index.php/outros\\_tempos\\_uma/article/view/657/pdf](https://www.outrostempos.uema.br/index.php/outros_tempos_uma/article/view/657/pdf). Acesso em: 14 jun. 2025.

MAIA, Cauane. Mercado Público de Florianópolis tem origem nos tabuleiros das Pretas. **Catarinas**, Florianópolis, 8 dez. 2023. Disponível em: <https://catarinas.info/colunas/mercado-publico-de-florianopolis-origem-tabuleiros-das-pretas/>. Acesso em: 10 jun. 2025.

MANEZINHO adotivo faz 80 anos. **O Estado**, Florianópolis, 14 jul. 1991, p. 10.

MANSUR, Gedeão. **Entrevista concedida a Nivaldo Jorge da Silva**. Florianópolis, 8 abr. 1991. [Entrevista concedida pessoalmente].

MEL para apanhar... voto. **O Estado**, Florianópolis, 29 dez. 1896, p. 1.

MENEGHELLO, Danuza. **Na roda de rua de capoeira**: o Mercado Público de Florianópolis e a resistência política. 2018. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018.

MERCADO de tradições. **O Estado**, Florianópolis, 05 fev. 1999, p. 2 (caderno especial – 100 anos de Mercado Público).

MERCADO novo. **República**, Florianópolis, 7 fev. 1899, p. 1.

MERCADO PÚBLICO DE FLORIANÓPOLIS. 2025. Disponível em: <https://mercadopublicofloripa.com.br/historia/>. Acesso em: 13 jun. 2025.

MERCADO PÚBLICO DE FLORIANÓPOLIS. **A história do Mercado Público de Florianópolis**. 2025. Disponível em: <https://mercadopublicofloripa.com.br/historia/>. Acesso em: 13 jun. 2025.

MERCADO PÚBLICO DE FLORIANÓPOLIS. **Patrimônio artístico, histórico e arquitetônico**. Florianópolis, 2024. Disponível em: <https://mercadopublicofloripa.com.br/>. Acesso em: 11 jun. 2024.

MERCADO público. **República**, Florianópolis, 7 jan. 1932, p. 2.

MESQUITA, Ricardo Moreira de. **Mercado: do mané ao turista**. Florianópolis. Ed. do Autor, 2002.

MIRANDA, Sonia Regina; SIMAN, Lana Mara de Castro. **Cidade, Memória e Educação**. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2013.

MIRANDA, Sonia; MEDEIROS, Andrea Borges; ALMEIDA, Fabiana Rodrigues (org.). **A cidade para professores**. Juiz de Fora, MG: FUNALFA, 2016.

MONTEIRO, Ana Maria; PENNA, Fernando de Araújo. Ensino de História: saberes em lugares de fronteira. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 36, n. 1, p. 191-211, jan./abr. 2011. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/15080/11518>. Acesso em: 14 jun. 2025.

MORESCO, Júlio Junior. **Primavera do Leste/MT: educação patrimonial, ‘mídia didática’ e lugares de memória**. 2018. Dissertação (Mestrado em Ensino de História) – Universidade Federal do Mato Grosso, Cuiabá, 2018.

NIENOW, Fábio. Plano Diretor das praias. **Blog Fábio Nienow**, 13 out. 2014. Disponível em: <https://nienow.blogspot.com/2014/10/mercado-publico-de-florianopolis.html>. Acesso em: 12 jun. 2025.

NONNENMACHER, Marilange. **Vida e morte Miramar Memórias urbanas nos espaços soterrados da cidade**. 2007. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2007.

NONNENMACHER, Marilange. **Vida e morte Miramar: memórias urbanas nos espaços soterrados da cidade**. 2007. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2007.

NOSTALGIA marca reinauguração do Mercado Público. **O Estado**, Florianópolis, 16 dez. 1988, p. 15.

NOVO mercado. **O Estado**, Florianópolis, 14 mai. 1925, p. 5.

NOVO mercado. **República**, Florianópolis, 02 fev. 1899, p. 1.

NOVO mercado. **República**, Florianópolis, 29 dez. 1896, p. 1.

O GALPÃO. **Jornal do Commercio**, Nossa Senhora do Desterro, 5 fev. 1890, p. 2.

O ILUSTRE senhor. **República**, Florianópolis, 1 jan. 1899, p. 1.

O MERCADO novo. **O Estado**, Florianópolis, 2 fev. 1899, p. 1.

O MERCADO. **O Estado**, Florianópolis, 17 jan. 1899, p. 1.

O MUTIRÃO. **O Estado**, Florianópolis, 29 jul. 1987, p. 5.

O NOVO mercado. **Ilha Verde**, Florianópolis, ago. 1930, p. 20.

O VELHO mercado. **O Estado**, Florianópolis, 6 jan. 1931, p. 1.

OLIVEIRA, Tueilon de. **A urbanidade nas relações entre o mercado público, cidade e a borda d'água na cidade litorânea luso-brasileira: estudo de caso de Laguna, Florianópolis e São Francisco do Sul**. 2016. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016.

OUTROS grandes incêndios. **A Notícia**, Florianópolis, 20 ago. 2005, p. 5.

PASSERINI, Luísa. **A memória entre política e emoção**. São Paulo: Letra e Voz, 2011, p. 93-133. Parte 2 – Gêneros e subjetividade.

PASSOS, André Fernandes. Representações artísticas sobre a presença africana em Desterro (Ilha de Santa Catarina) no século XIX. *In: Revista Santa Catarina em História*, v. 13, n. 1, 2019. Disponível em: <https://ojs.sites.ufsc.br/index.php/sceh/article/view/973/2797>. Acesso em: 14 jun. 2025.

PEREIRA, Nilton Mullet; MEINERZ, Carla Beatriz; PACIEVITCH, Caroline. Viver e pensar a docência em história diante das demandas sociais e identitárias do século XXI. **Revista História & Ensino**, Londrina, v. 21, n. 2, p. 31-53, jul./dez. 2015. DOI: <https://doi.org/10.5433/2238-3018.2015v21n2p31>. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/histensino/article/view/23850/17616>. Acesso em: 14 jun. 2025.

PEREIRA, Nilton Mullet; SEFFNER, Fernando (2009). O que pode o ensino de História? Sobre o uso de fontes na sala de aula. **Anos 90**, v. 15, n. 28, p. 113–128. DOI: <https://doi.org/10.22456/1983-201X.7961>. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/anos90/article/view/7961/4750>. Acesso em: 14 jun. 2025.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Com os olhos no passado: a cidade como palimpsesto. **Esboços: Histórias Em Contextos Globais**, v. 11, n. 11, p. 25-30, 2004. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/esbocos/article/view/334>. Acesso em: 9 jun. 2025.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & História Cultural**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2003.

PINTAUDI, Silvana Maria. Os mercados públicos: metamorfoses de um espaço na história urbana. **Cidades**, São Paulo, v. 3, n. 5, p. 81-100, 2006. DOI: <https://doi.org/10.36661/2448-1092.2006v3n5.12783>. Disponível em: <https://periodicos.uffs.edu.br/index.php/cidades/article/view/12783/8352>. Acesso em: 14 jun. 2025.

PINTOR é eletrocutado no Mercado. **O Estado**, Florianópolis, 1 out. 1983, p. 6.

POPULAÇÃO de Florianópolis. **Ilha Verde**, Florianópolis, jul. 1930, p. 14.

POZZO, Renata Rogowski. **Modernidade capitalista em Florianópolis-SC e a dinâmica do centro urbano**. 2010. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2010.

PREFEITO FAZ vistoria no Mercado Público. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 14 jul. 1987, p. 5.

PROFHISTÓRIA. Mestrado Profissional em Ensino de História. **Regimento Geral do Mestrado Profissional em Ensino de História**. Disponível em: <http://site.profhistoria.com.br/wp-content/uploads/2024/03/Regimento-Geral-do-ProfHistoria.pdf>. Acesso em: 10 jun. 2025.

RECUPERAÇÃO do mercado Público começou com raspagem do prédio. **O Estado**, Florianópolis, 10 jul. 1983, p. 9.

REFORMADO, Mercado Público é reinaugurado com muita festa. **O Estado**, Florianópolis, 17 dez. 1988, p. 9.

RELÓGIO inglês do Mercado Público completa 110 anos: para funcionar é preciso dar corda uma vez por semana. **Floripa Centro**, Florianópolis, 23 jan. 2021. Disponível em: <https://floripacentro.com.br/relogio-ingles-do-mercado-publico-completa-110-anos-para-funcionar-e-preciso-dar-corda-uma-vez-por-semana/>. Acesso em: 17 jun. 2025.

SAGI, Luciana Carla. **Capacidade institucional para a gestão do turismo**: estudo de caso do estado de Santa Catarina. 2006. Dissertação (Mestrado em Hospitalidade) – Universidade Anhembi-Morumbi, São Paulo, 2006.

SANTA AFRO CATARINA. 2025. Disponível em: <http://santaafrocatarina.blogspot.com.br/>. Acesso em: 10 jun. 2025.

SANTA CATARINA. Associação dos Comerciantes e Varejistas do Mercado Público. **Diário Oficial do Estado de Santa Catarina**, Florianópolis, ano 53, n. 12.953, 12 maio 1986.

SANTA CATARINA. Fala do Vice-Presidente da Província, Amorim do Valle. **Praça do Mercado**. Cidade do Desterro: Typographia Provincial, 1. mar. 1849. p. 45. Disponível em: <https://archive.org/details/rpescatarina1849a/mode/2up?q=154>. Acesso em: 17 jun. 2025.

SANTA CATARINA. Prefeitura Municipal de Florianópolis. Decreto n. 002/88. Regulamenta as atividades do fundo de reserva do Mercado Público Municipal, constitui o Conselho da Administração do Fundo e dá outras providências. **Diário Oficial do Estado de Santa Catarina**, Florianópolis, ano 53, n. 13.368, 8 jan. 1988.

SANTA CATARINA. Tombamento provisório do Mercado Público Municipal de Florianópolis. **Diário Oficial do Estado de Santa Catarina**, Florianópolis, 30 ago. 2021.

SANTOS, André Luiz. **Do mar ao morro: a geografia da pobreza urbana em Florianópolis**. 2009. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.

SANTOS, André Luiz. **Do mar ao morro: a geografia da pobreza urbana em Florianópolis**. 2009. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.

SANTOS, Carina Santiago. **Um lugar chamado Figueira: experiências de africanos e afrodescendentes nas duas últimas décadas do século XIX**. 2005. TCC (Graduação em História) – Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2005.

SANTOS, Paulo Cesar. **Espaço e Memória: o Aterro da Baía Sul e o desencontro marítimo de Florianópolis**. 1997. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1997.

SAÚDE ameaça interditar Mercado. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 14 set. 1987, p. 9.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora; CAINELLI, Marlene. **Ensinar História**. São Paulo: Scipione, 2004.

SCHMITZ, Paulo Clóvis. **Histórias do Mercado**. Florianópolis: Editora Caminho de Dentro, 2017.

SCIFONI, Simone. Desafios para uma nova educação patrimonial. **Revista Teias**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 48, p. 5-16, 2016. DOI: <https://doi.org/10.12957/teias.2017.25231>. Disponível em: <http://educa.fcc.org.br/pdf/tei/v18n48/1518-5370-tei-18-48-0005.pdf>. Acesso em: 14 jun. 2025.

SCIFONI, Simone. Patrimônio e educação no Brasil: o que há de novo? **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 42, p. 1-13, 2022. DOI: <https://doi.org/10.1590/ES.255310>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/zK7BLX6XmXMX5QnZFhLbRBS/>. Acesso em: 14 jun. 2025.

SILVA, Ady Brígido. **O mercado do meu tempo: sua história e vida**. Florianópolis: Gráfica Inicial, 2023.

SILVA, Diego Vernille. **Mercados Públicos em São Paulo: arquitetura, inserção urbana e contemporaneidade**. 2017. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e urbanismo) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

SILVA, Nivaldo Jorge da. **A descoberta do Mercado Público**. Florianópolis: CorGraphic, 1996.

SILVA, Nivaldo Jorge da. **Pontos para a História do Mercado Público Municipal de Florianópolis**. 1991. TCC (Graduação) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1991.

SILVA, Rodrigo Manoel Dias. Educação patrimonial e a dissolução das monoidentidades. **Educar em Revista**, Curitiba, n. 56, p. 207-224, abr./jun. 2015. DOI: <https://doi.org/10.1590/0104-4060.38374>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/er/a/CrGQj8StgXMrqhszrMj9ytQ/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 14 jun. 2025.

SIMÕES, Aldírio. **Retratos à luz da pomboca**. Florianópolis: IOESC, 1997.

SIQUEIRA, Marina Toneli. **Entre a prática e o discurso: a formação de espaços simbólicos na Florianópolis contemporânea**. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

SMITH, Laurajane. Desafiando o Discurso Autorizado de Patrimônio. **Caderno Virtual De Turismo**, v. 21, n. 2, 140-154, 2021. DOI: <https://doi.org/10.18472/cvt.21n2.2021.1957>. Disponível em: <https://www.ivt.coppe.ufrj.br/caderno/article/view/1957/749>. Acesso em: 14 jun. 2025.

SOLICITADAS. **República**, Florianópolis, 11 fev. 1899, p. 1.

SOUZA, Igor Alexandre Nascimento; THOMPSON, Analucia. A educação patrimonial no âmbito da Política Nacional de Patrimônio Cultural *In*: TOLENTINO, Átila; BRAGA, Emanuel Oliveira. **Educação patrimonial: políticas, relações de poder e ações afirmativas**. Caderno Temático 5. João Pessoa: IPHAN-PB; Casa do Patrimônio da Paraíba, 2016. p. 12-24.

TEIXEIRA, Luiz Eduardo Fontoura. **Espaços públicos da orla marítima do centro histórico de Florianópolis: o lugar do Mercado**. 2002. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2002.

TOLENTINO, Átila. Educação Patrimonial Decolonial: perspectiva e entraves nas práticas de patrimonialização federal. **Sillogés**, Porto Alegre, v. 1, n.1, p. 41-60, jan./jul. 2018.

Disponível em:

[https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/15091/1/Educacao\\_Patrimonial\\_Decolonial\\_perspect%20-%20Atila%20Tolentino.pdf](https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/15091/1/Educacao_Patrimonial_Decolonial_perspect%20-%20Atila%20Tolentino.pdf). Acesso em: 14 jun. 2025.

TOLENTINO, Átila. O que não é educação patrimonial: cinco falácias sobre seu conceito e sua prática. *In*: TOLENTINO, Átila; BRAGA, Emanuel Oliveira. **Educação patrimonial: políticas, relações de poder e ações afirmativas**. Caderno Temático 5. João Pessoa: IPHAN-PB; Casa do Patrimônio da Paraíba, 2016. p. 38-48.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência**. São Paulo: Difel, 1983.

TURISMO – Destino da Ilha de Santa Catarina. **O Estado**, Florianópolis, 1 nov. 1955, p. 4.

VEIGA, Eliane Veras da. **Florianópolis: memória urbana**. Florianópolis: Fundação Franklin Cascaes, 2008.

YAMAMOTO, André R. P. I. Reconstruindo o Mercado Público de Florianópolis. **Revista Santa Catarina em História**, Florianópolis, v. 1, n. 1, 2008. Disponível em:

<https://ojs.sites.ufsc.br/index.php/sceh/article/view/419/114>. Acesso em: 14 jun. 2025.

ZANELA, Cláudia Cristina. **Atrás da porta: o discurso sobre o turismo na Ilha de Santa Catarina (1983-1998)**. 1999. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1999.

## **APÊNDICE A - Material para os professores**

Nivaldo Jorge da Silva

**Escamas do tempo - do *flâneur* ao *zappeur*:**  
uma proposta de Ensino de História  
com o Mercado Público de Florianópolis

**MATERIAL PARA OS PROFESSORES**



Florianópolis, 2025

### LISTA DE IMAGENS

IMAGEM 1 - MAPA DO MERCADO PÚBLICO COM AS ETAPAS DO PERCURSO E A LOCALIZAÇÃO DOS QR CODES.....	8
IMAGEM 2 - REPRESENTAÇÕES DO <i>FLÂNEUR</i> E DO <i>ZAPPEUR</i> .....	13
IMAGEM 3 - OPÇÕES DA SEÇÃO “O MERCADO” DO SITE OFICIAL DO MERCADO PÚBLICO DE FLORIANÓPOLIS .....	16
IMAGEM 4 - INFOGRÁFICO COM AS DUAS ALAS DO MERCADO E AS RUAS NO SEU ENTORNO.....	18
IMAGEM 5 – MERCADO DO DESTERRO EM 1867 – LITOGRAFIA DE JOSEF BRÜGGEMANN .....	30
IMAGEM 6 - FOTOS DO RELÓGIO INSTALADO NO VÃO CENTRAL DO MERCADO PÚBLICO .....	22
IMAGEM 7 – REPRESENTAÇÕES DOS CAMINHANTES.....	23
IMAGEM 8 - FOTOS DO RELÓGIO NO MERCADO E NA RUA JOÃO PINTO, NA SEDE DA EMPRESA TELEGRÁFICA.....	24
IMAGEM 9 - ATERRO ONDE FOI CONSTRUÍDA A PRIMEIRA ALA (NORTE) DO MERCADO PÚBLICO, INAUGURADA EM 5 DE FEVEREIRO DE 1899.....	27
IMAGEM 10 - FOTO DO MERCADO NO INÍCIO DO SÉCULO XX.....	28
IMAGEM 11 – FOTO DO INCÊNDIO OCORRIDO EM 2005, QUE DESTRUIU A ALA NORTE DO MERCADO .....	30
IMAGEM 12 - INTERIOR DO MERCADO NA DÉCADA DE 1920.....	32
IMAGEM 13 - CAIS DO MERCADO NA DÉCADA DE 1920 .....	33
IMAGEM 14 - BOX COM HORTIFRUTIGRANJEIROS NO MERCADO ATUAL .....	35
IMAGEM 15 - REFEIÇÃO SERVIDA NO MERCADO .....	37
IMAGEM 16 - FOTO DO LENDÁRIO COMERCIANTE GEDEÃO MANSUR.....	39
IMAGEM 17 - REPORTAGEM SOBRE O COMERCIANTE JOSÉ RAPOSO .....	40
IMAGEM 18 - RECORTE DO SITE “CATARINAS” REFERENTE À PRESENÇA DAS MULHERES NEGRAS NO ANTIGO MERCADO PÚBLICO .....	42
IMAGEM 19 - PARTE EXTERNA DA ALA NORTE DO MERCADO NA ATUAL RUA CONSELHEIRO MAFRA - 1910 .....	44
IMAGEM 20 - NOTÍCIA DO JORNAL <i>AN CAPITAL</i> COM ALGUNS TIPOS POPULARES DO MERCADO .....	45
IMAGEM 21 - MERCADO PÚBLICO NA DÉCADA DE 1970 .....	47

IMAGEM 22 - VISTA DO MERCADO NA DÉCADA DE 1960, A PARTIR DO LOCAL ONDE HOJE ESTÁ INSTALADO O CAMELÓDROMO MUNICIPAL .....	49
IMAGEM 23 - VISTA AÉREA DO MERCADO .....	51
IMAGEM 24 - COMÉRCIO DE PEIXE NO LADO DE FORA DA ALA NORTE DO MERCADO, ONDE HOJE É O VÃO CENTRAL (DÉCADA DE 1920).....	52
IMAGEM 25 - ÁREA DO CAIS DO MERCADO EM FINS DA DÉCADA DE 1910 .....	54
IMAGEM 26 - DESEMBARQUE DE PRODUTOS NO MERCADO PÚBLICO POR VOLTA DE 1930 .....	55
IMAGEM 27 - PRAIA DO VAI QUEM QUER, AO LADO DO MERCADO, NA ATUAL RUA FRANCISCO TOLENTINO – FOTO DA DÉCADA DE 1930 .....	56
IMAGEM 28 - MONTAGEM COM UMA FOTO ATUAL E OUTRA ANTERIOR AOS ATERROS .....	57
IMAGEM 29 - FOTO DO CAIS DO MERCADO NA DÉCADA DE 1920 .....	59
IMAGEM 30 - REPORTAGEM SOBRE A NECESSIDADE DE DESENVOLVIMENTO DO TURISMO EM FLORIANÓPOLIS .....	62
IMAGEM 31 - ORESTE MELLO, IDEALIZADOR E PRIMEIRO PRESIDENTE DA ASSOCIAÇÃO DOS COMERCIANTES, DISCURSANDO NA CERIMÔNIA DE TOMBAMENTO.....	63
IMAGEM 32 - RECORTE DO SITE OFICIAL DO BOX 32.....	64
IMAGEM 33 – BETO BARREIROS E SEU GILDO .....	65
IMAGEM 34 - O VÃO CENTRAL (FOTO ATUAL) .....	67
IMAGEM 35 - FOTO DO VÃO CENTRAL NA DÉCADA DE 1960, AINDA COM A CIRCULAÇÃO DE VEÍCULOS .....	70
IMAGEM 36 - FOTOS DO VÃO CENTRAL EM 1996.....	70
IMAGEM 37 - VÃO CENTRAL COM COBERTURA E FECHADO PARA VEÍCULOS .....	71
IMAGEM 38 - REPORTAGEM SOBRE O FECHAMENTO DO VÃO CENTRAL .....	72
IMAGEM 39 - PEQUENA REFORMA DO MERCADO NA DÉCADA DE 1980.....	73
IMAGEM 40 - FOTO DA PLACA ALUSIVA AO TOMBAMENTO DO PRÉDIO.....	75
IMAGEM 41 - PÁGINA DE ABERTURA DO SITE OFICIAL DO MERCADO PÚBLICO .....	77

## SUMÁRIO

<b>1 INÍCIO - APRESENTAÇÃO DO SITE .....</b>	<b>6</b>
<b>2 O TEMPO EM ESCAMAS .....</b>	<b>11</b>
<b>3 O FLÂNEUR E O ZAPPEUR .....</b>	<b>13</b>
<b>4 CONHECENDO O MERCADO .....</b>	<b>16</b>
4.1 O MERCADO ATUAL.....	17
4.2 O MERCADO VELHO.....	19
<b>5 ESCAMAS.....</b>	<b>21</b>
5.1 ESCAMA 1: O RELÓGIO E OS CAMINHANTES .....	21
5.1.1 O VELHINHO DO CABO SUBMARINO.....	22
5.1.2 O “FLÂNEUR” E O “ZAPPEUR” .....	23
5.1.3 O MANJA TEMPO.....	24
5.2 ESCAMA 2: A PRIMEIRA ALA DO MERCADO (ALA NORTE) .....	26
5.2.1 O TERRENO.....	27
5.2.2 A PEDRA FUNDAMENTAL.....	27
5.2.3 A INAUGURAÇÃO .....	28
5.2.4 MERCADO EM CHAMAS .....	30
5.3 ESCAMA 3 – OS COMERCIANTES E OS PRODUTOS.....	32
5.3.1 TEM DE TUDO .....	32
5.3.2 “O MERCADO É ALEGRE E BULIÇOSO” .....	33
5.3.3 É DIA DA FEIRA .....	34
5.3.4 MANJUVA FRITA E PIRÃO DE NYLON .....	37
5.3.5 O SORRISO DO MERCADO.....	39
5.4 ESCAMA 4 – O POVO FAZ O MERCADO .....	42
5.4.1 AS QUITANDEIRAS DO PRIMEIRO MERCADO .....	42
5.4.2 O POVO NOS PRIMÓRDIOS DO MERCADO.....	44
5.4.3 ALGUMAS FIGURAS MARCANTES.....	45
5.5 ESCAMA 5 – A SEGUNDA ALA DO MERCADO (ALA SUL) .....	49
5.5.1 FRANQUEADO AO POVO– 1931.....	49
5.5.2 AS QUATRO TORRES .....	51

5.5.3 QUANDO O MERCADO ALIMENTAVA A CIDADE .....	52
5.6 ESCAMA 6: O MAR E A PARTE EXTERNA DA ALA SUL .....	53
5.6.1 O CAIS DO MERCADO E A PRAIA DO VAI QUEM QUER.....	54
5.6.2 QUANDO O MAR COMEÇOU A “ATRAPALHAR” .....	57
5.6.3 “PARECE QUE AINDA OUÇO O BARULHO DO MAR...” .....	59
5.7 ESCAMA 7 – A MODERNIZAÇÃO E A PARTE INTERNA DA ALA SUL .....	61
5.7.1 QUE VENHAM OS FORASTEIROS .....	62
5.7.2 A ASSOCIAÇÃO.....	63
5.7.3 UM BAR METIDO A BESTA .....	64
5.7.4 ARTE E EXOTISMO.....	65
5.7.5 “O POVO NÃO ESTÁ MAIS ALI DENTRO” .....	67
5.8 ESCAMA 8 – O VÃO CENTRAL E O TOMBAMENTO.....	69
5.8.1 CARROS X GENTE .....	70
5.8.2 O FECHAMENTO DO VÃO CENTRAL .....	72
5.8.3 O TOMBAMENTO.....	73
5.8.4 A PATRIMONIALIZAÇÃO.....	75
<b>6 QR CODES PARA IMPRESSÃO .....</b>	<b>79</b>
6.1 QR-CODE DA ESCAMA 1 .....	79
6.2 QR-CODE DA ESCAMA 2.....	80
6.3 QR-CODE DA ESCAMA 3.....	80
6.4 QR-CODE DA ESCAMA 4.....	81
6.5 QR-CODE DA ESCAMA 5.....	81
6.6 QR-CODE DA ESCAMA 6.....	82
6.7 QR-CODE DA ESCAMA 7.....	82
6.8 QR-CODE DA ESCAMA 8.....	83

## MATERIAL PARA OS PROFESSORES

### PROFESSOR:

Este material tem o objetivo de orientá-lo para trabalhar em sala de aula e durante o percurso com o site <https://historiamercadopublico.com.br> (Escamas do Tempo). Um quadro amarelo como este, colocado logo abaixo do início de cada tópico, vai acompanhá-lo em todo o material preparado aos docentes. O quadro rosa, presente apenas neste “Material para os Professores”, vai apresentar sugestões de leitura para o aprofundamento dos temas

O site “Escamas do Tempo” apresenta diversas pistas para os estudantes explorarem durante o seu percurso, “retirando-as” como se fossem as escamas de um peixe. As fichas chamadas de “análise de pistas”, colocadas em azul neste material, foram pensadas para orientar os professores na preparação para o trajeto, auxiliando os estudantes na apuração do olhar para o trabalho de investigação proposto.

Essas fichas de “análise de pistas” estão tanto no material do professor quanto no site e poderão ser utilizadas em sala ou na visita presencial. Em cada uma delas, o estudante tem a opção de enviar as suas anotações feitas tanto para o seu próprio e-mail quanto para o e-mail do professor. Será de grande importância, no entanto, a liberação dos estudantes para a procura e interpretação de suas próprias pistas.

O site envolve a parte da CONTEXTUALIZAÇÃO, que é a preparação para o percurso e a apresentação do material e o ROTEIRO propriamente dito, com informações gerais e orientações sobre o percurso presencial ou virtual. A CONTEXTUALIZAÇÃO está subdividida em quatro abas:

- 1) INÍCIO: apresentação geral do site e do projeto.
- 2) ESCAMAS DO TEMPO: orientação geral sobre o título do site e a relação entre peixes, escamas, mercado e tempo.
- 3) DO FLÂNEUR AO ZAPPEUR: apresentação dos termos e sua aplicação dentro do projeto.
- 4) CONHECENDO O MERCADO: Material com atividades e um tour virtual para o conhecimento prévio do Mercado e para a organização do percurso.

O ROTEIRO envolve o percurso presencial/virtual como um todo e está na quinta aba do site:

- 5) ESCAMAS: material subdividido em oito estações, com diferentes materiais e atividades, acessado por meio de um mapa colocado no site (roteiro virtual) ou diretamente no Mercado, através dos QR-Codes lá instalados. É o ponto central do projeto.

## 1 INÍCIO - APRESENTAÇÃO DO SITE

O site *Escamas do Tempo* foi desenvolvido como parte da dimensão Propositiva da dissertação intitulada *Escamas do Tempo - Do flâneur ao zappeur: uma proposta de Ensino de História com o Mercado Público de Florianópolis*, produzida no curso do Mestrado Profissional em Ensino de História (ProfHistória), da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), com a orientação da Professora Doutora Mônica Martins da Silva.

Com uma proposta de Ensino de História a partir do estudo do Mercado Público Municipal de Florianópolis, o site oferece estratégias para que o trabalho com a memória, as identidades, as narrativas históricas e a sensibilidades estejam presentes nesse espaço público.

Inaugurado em 05 de fevereiro de 1899, o Mercado Público Municipal de Florianópolis é divulgado nos meios de comunicação e nas propagandas turísticas como uma passarela da cidade e um lugar onde todos convivem em harmonia. No entanto, sua história é marcada por apagamentos e enfrentamentos entre diferentes discursos. O Mercado é um espaço de ofícios e saberes e, portanto, uma janela para a compreensão de muitas mudanças pelas quais a cidade passou ao longo dos séculos XIX e XX. Por meio da pesquisa bibliográfica, da análise de fontes oficiais e de notícias de jornais, o trabalho com esse marco urbano pretende levar ao reconhecimento de outras temporalidades e possibilitar a criação de mecanismos para que os estudantes e a população em geral construam conhecimentos e reconheçam as transformações que ocorreram nesse espaço e os diferentes sujeitos e práticas sociais e culturais presentes no Mercado.

O site pedagógico traz a proposta de diferentes percursos dentro do Mercado para possibilitar o trabalho do *FLÂNEUR*, aquele que caminha sem rumo pela cidade, mas é alguém consciente das mudanças e procura analisá-las e entendê-las; e do *ZAPPEUR*, aquele que caminha pela cidade sem um roteiro pré-definido, preferindo guiar-se por aquilo que mais lhes chama a atenção no momento.

O percurso sugerido inicia a partir do relógio, escolha que decorre de um recurso de didatização proposto para promover uma sequência de exposição dos conteúdos e do percurso, bem ao gosto do *flâneur*. Mas os professores e os estudantes terão liberdade para começar em outros locais, afinal de contas, o *zappeur* tem a lógica do controle remoto e obedece apenas ao seu interesse de momento. Todo o percurso, portanto, é permeado de possibilidades sequenciais, bem ao gosto da sensibilidade do *zappeur*.

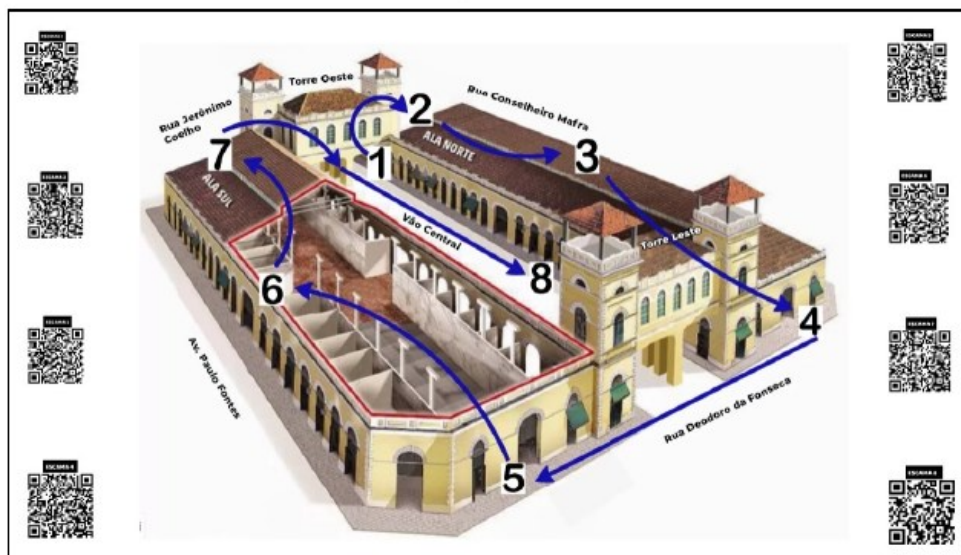
O percurso vai começar no vão central do Mercado Público de Florianópolis, diante do relógio que fica na torre oeste, em direção à rua Jerônimo Coelho. Olhar para o relógio é

refletir sobre o tempo e sobre os diferentes tempos e diferentes formas de passagem do tempo. O relógio possui uma conexão óbvia e direta com a questão das temporalidades e a passagem e a percepção do tempo serão fundamentais em nosso percurso. No entanto, outros pontos do Mercado também nos remeterão a esse pensar sobre o tempo e a refletir acerca da Educação Patrimonial.

Esses pontos foram divididos em oito estações que foram denominadas “escamas do tempo”. São elas:

- 1) ESCAMA 1 – O RELÓGIO E OS CAMINHANTES: trabalha as diferentes formas de ver o tempo, presente em toda a caminhada, a partir do relógio do Mercado (início e introdução do percurso).
- 2) ESCAMA 2 – A ALA NORTE: trabalha a inauguração do prédio de 1899, Denominado “ala norte”, a partir da sua entrada e caminhando pelo corredor central até o corredor lateral.
- 3) ESCAMA 3 – OS COMERCIANTES E OS PRODUTOS: trabalha os vendedores mais famosos e os produtos que marcam a história do local, a partir da caminhada pela parte externa (ou interna) da ala norte do Mercado.
- 4) ESCAMA 4 – O POVO: trabalha a participação das classes menos privilegiadas economicamente na construção da memória do local, a partir da saída da ala norte do Mercado.
- 5) ESCAMA 5 – A ALA SUL: trabalha as peixarias, as torres e a inauguração do prédio de 1931, denominado “ala sul”, a partir da sua entrada e da caminhada até o corredor lateral.
- 6) ESCAMA 6 – O MAR: trabalha a relação do Mercado e da cidade com o mar, a partir da área externa da ala sul.
- 7) ESCAMA 7 – A RESSIGNIFICAÇÃO: trabalha as mudanças recentes na estrutura e na mentalidade do local, a partir da caminhada pela parte interna da ala sul do Mercado.
- 8) ESCAMA 8 – O VÃO CENTRAL: trabalha as mudanças ocorridas na parte interna dos dois prédios, a partir da circulação pelo denominado “Centro Cultural Luiz Henrique Rosa”.

IMAGEM 1 - MAPA DO MERCADO PÚBLICO COM AS ETAPAS DO PERCURSO E A LOCALIZAÇÃO DOS QR CODES



Fonte: adaptado de NIENOW, Fábio. Plano Diretor das praias. **Blog Fábio Nienow**, 13 out. 2014. Disponível em: <https://nienow.blogspot.com/2014/10/mercado-publico-de-florianopolis.html>. Acesso em: 12 jun. 2025.

As estações, obviamente, não são independentes, e tanto o percurso virtual quanto o presencial permitem a interação entre elas. Os caminhantes identificarão as diferentes “escamas”, acessando as informações por meio dos QR Codes instalados no Mercado ou no mapa disponibilizado no site e, a partir de suas próprias vivências e de seus conhecimentos, “governarão” as camadas de tempo do Mercado.

O relógio será o ponto de partida e, em conjunto com o *flâneur* e o *zappeur*, um dos fios condutores que vão guiar o percurso pelas sete escamas. A partir dele, pensaremos sobre o tempo e, aos poucos, retiraremos as escamas que cobrem os diferentes tempos vividos dentro do Mercado. Ele também vai ser a base para o controle do tempo que iniciará no começo do percurso.

O caminhante vai percorrer o Mercado ao sabor dos estímulos externos, das pistas e dos QR Codes instalados. No final da caminhada, ele olhará novamente para o relógio e analisará se agiu como um *flâneur*, um *zappeur* ou mesmo como um *blasé*. Lembrando que não é um jogo ou uma atividade de imposição de rótulos, até porque essas atitudes dependem muito do momento, dos objetivos, da identificação e dos estímulos de cada um. É apenas um trabalho de percepção das sensações e do tempo. Tempo do estudante, tempo do professor, tempo da multidão e tempo do Mercado.

Iniciar com o relógio é uma forma encontrada para ter uma sequência de exposição dos conteúdos e do percurso, bem ao gosto do *flâneur*, que no Mercado até poderia ser chamado de “manja-tempo”, gíria local para aquele que não mostra muita preocupação com o trabalho. Mas os professores e os estudantes terão liberdade para começar em outros locais, afinal de contas, o *zappeur* tem a lógica do controle remoto e ele obedece apenas ao seu interesse de momento. Todo o percurso, portanto, é permeado de possibilidades sequenciais, bem ao gosto da sensibilidade do *zappeur*.

Usando como ponto de partida a ideia de que o Mercado pode contribuir para o Ensino de História por meio da Educação Patrimonial e utilizando as fontes como pistas, defini a dimensão propositiva da minha dissertação a partir dos seguintes procedimentos:

- a) Organização do site *Escamas do Tempo* (<https://historiamercadopublico.com.br>), utilizado como base para o “Roteiro Presencial/Virtual” e acessado diretamente por meio dos QR Codes instalados no Mercado, com a aba “Escamas” dividida em oito diferentes estações com pistas para o estudo da história do prédio. Em sua parte inicial, a ser desenvolvida na escola como preparação para o percurso, o site apresenta uma “Contextualização”, acessando suas abas “Início”, “Tempo em Escamas”, “O Flâneur e o Zappeur” e “Conhecendo o Mercado”.
- b) Organização de um percurso no prédio do Mercado que permita ao estudante seguir a lógica de um controle remoto. O *zappeur*, ao partir do relógio instalado no vão central, tanto no site, de forma virtual, quanto no local, de forma presencial, vai vivenciar experiências dentro do Mercado Público, seguindo para a frente, para os lados ou mesmo para trás, de acordo com diversos rumos temporais e geográficos. No texto, entretanto, vou colocar sempre como primeira possibilidade a lógica do *flâneur*, que é caminhar para a frente de forma vagarosa e consciente.
- c) Seleção de fontes da história do Mercado, marcando diferentes tempos históricos e diferentes formas de sentir a história do local. Essas temáticas estarão interligadas durante todo o percurso, mas na exposição do texto se fez necessária uma numeração e uma sequência que podem ser seguidas de diferentes formas, de acordo com a vontade do professor ou dos caminhantes e zapeadores. Cada atividade terá questões denominadas “Análise de Pistas”, que também poderão ser alteradas pelos professores e pelos próprios estudantes.

- d) Organização de um material prévio, denominado “Material para os professores”, disponível para download no site, para orientar os professores no trabalho em sala de aula com os alunos. O objetivo é definir discussões e trabalhar conceitos que serão utilizados durante o percurso.
- e) Criação de QR Codes<sup>1</sup> estrategicamente colocados dentro do Mercado (real ou virtual) para localizar as fontes destacadas, com o objetivo de possibilitar aos caminhantes a “escamação” de aspectos importantes da história do Mercado. A localização dos QR Codes obedece a uma sequência determinada pelo ritmo do relógio. Seguindo sempre à direita, será possível partir do vão central e circular pelas duas alas do Mercado, voltando ao ponto de partida.
- f) Análise das fontes e das práticas selecionadas.
- g) Resolução de atividades com diferentes níveis de dificuldades sobre os temas selecionados.

O site está organizado com uma página de abertura denominada “Início”, onde é apresentada a sua proposta, bem como as oito etapas que serão utilizadas como pistas e o mapa que servirá de guia para todo o percurso, com os locais acessados e oito QR Codes. A partir do acesso aos QR Codes, o estudante será direcionado para cada uma das etapas do percurso, denominadas “escamas”, onde encontrará questionamentos, orientações e direcionamentos que poderão ser modificados de acordo com os critérios e interesses do professor.

É de extrema importância destacar que, depois da chegada ao Mercado (mesmo que virtualmente), o estudante terá acesso às informações basicamente através dos QR Codes. Contraditoriamente, a tendência é que esse será um momento em que aqueles mais identificados com o zappeur buscarão informações mais profundas nas outras partes do site ou continuarão em sua corrida ansiosa pelos novos QR Codes. Já os mais identificados com o *flâneur*, provavelmente seguirão as informações dadas e buscarão no seu entorno os sinais necessários para uma melhor compreensão do processo. Novamente, não é o caso de rotular os alunos como mais ou menos interessados, pois cada um responde aos estímulos de acordo com a sua relação com a tecnologia, com os seus conhecimentos prévios e a sua sensibilidade de momento

---

<sup>1</sup> Os QR codes (*Quick Response Code* ou Código de Resposta Rápida) foram criados em 1994 pela empresa japonesa Denso-Wave. A tecnologia é uma versão bidimensional do código de barras e transmite uma grande variedade de informações através de um scan. Capaz de armazenar inúmeros caracteres alfanuméricos, incluindo pontuação e caracteres especiais, o código pode codificar palavras e frases como, por exemplo, endereços da internet.

## 2 O TEMPO EM ESCAMAS

### PROFESSOR:

Nessa parte do site, faça a apresentação do termo que dá nome ao site. Procuo unir as figuras dos peixes e dos escamadores com as temporalidades do Mercado, criando uma linguagem metafórica para a proposta central do trabalho, que é colaborar para o estudante retirar as camadas de tempo do prédio do Mercado Público.

As escamas, que representam a passagem do tempo, serão o fio condutor para as descobertas feitas pelos estudantes. A ideia é levá-los a perceber a passagem de outros tempos na medida em que eles vão decifrando as pistas e permitir, já que o estudo e a vivência no Mercado são muito amplas, que eles criem suas próprias pistas e façam suas descobertas.

Sugiro que, antes do percurso e da apresentação do site, você trabalhe as experiências dos alunos em relação ao ato de “governar o peixe”, para em seguida, partir para a ideia de retirada de escamas do tempo do Mercado. Seria interessante pedir para que eles prestem atenção nessa prática nas peixarias próximas de suas casas e, durante o percurso, nas peixarias do Mercado.

O peixe simboliza o Mercado. Se formos buscar os produtos que são vendidos no local desde a época das barraquinhas, certamente tainha, corvina, anchova, cocoroca e sardinha estarão presentes. E junto com eles, a figura do escamador também é uma constante. De início, somente servindo aos mais abastados, e hoje, em uma época em que poucos dominam a prática, o escamador é presença obrigatório em todas as peixarias. Alguns se tornaram famosos, como o Chico Escamador:

Mães e avós ainda lembram do Chico Escamador. Descia a escada lateral ao Mercado e, na mesa à beira-mar, com suas facas sempre afiadas, limpava os peixes. Tainhas, tainhotas, corvinas, escamava e ia colocando em uma caixinha. Era num piscar de olhos. Governava 40 kg de peixes quase todos os dias para o Bar do Joca. Escamar ou lonquear, Francisco Manuel da Rosa, era mestre da arte (MESQUITA, Ricardo Moreira de. **Mercado**: do mané ao turista. Florianópolis. Ed. do Autor, 2002, p. 111).

“Governar” é um termo local para escamar. Lonquear significa tirar o couro ou raspar com a faca. Esses dois termos já antigos e pouco utilizados, juntamente com a figura do escamador, mostram outra faceta do Mercado: guardar passagens do tempo que foram aos poucos sendo apagadas, conscientemente ou não.

O prédio é composto por várias camadas de tinta, de materiais e de histórias. Cada uma delas pode ser comparada com as escamas de um peixe, que se tornam pistas do passado que

podem ser levantadas aos poucos. Retirar essas escamas parece ser tarefa fácil para quem olha, mas requer um saber apurado e uma preparação prévia, pois “é preciso ressuscitar o implícito e o invisível à superfície, desenterrando aquilo que não mais se vê: o sugerido, o intuído e pressuposto, o transformado, o desaparecido e o lacunar, o ausente.” (PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & História Cultural**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2003, p. 27).

Nesse site, o Mercado vai ser tratado como um grande peixe e as fontes, com suas “pistas”, serão as escamas, retiradas uma a uma de acordo com a habilidade e a sensibilidade do escamador-estudante.

Usar as escamas sendo retiradas de um peixe revela um Mercado tratado como um “palimpsesto”, sendo apagado e reescrito continuamente. Proponho, portanto, aos estudantes e professores, a retirada dessas camadas de tempo como fazem os escamadores de peixe. Os palimpsestos são abundantes dentro do Mercado e o objetivo da proposta é identificar alguns deles, para refletir sobre a forma como a patrimonialização de um bem é construída e reproduzida para as diferentes gerações de acordo com os interesses dos grupos que estão no poder.

As escamas do tempo serão retiradas, da mesma forma que Chico Escamador fazia com grande habilidade durante sua labuta diária. Com a habilidade técnica de quem aprendeu o ofício na mais tenra infância, mas com a sensibilidade necessária para saber que existem diferentes tipos de peixes e diferentes formas de “governá-los”, dependendo dos objetivos dos clientes.

### 3 O FLÂNEUR E O ZAPPEUR

#### PROFESSOR:

Chegamos à terceira parte do site, onde apresento as figuras do *flâneur* e do *zappeur*. Lembre-se que essas duas figuras irão acompanhar todo o percurso. O caminhante vai flânar ou zapear de acordo com os seus interesses e estímulos recebidos.

Ainda na sala de aula, depois de apresentar as duas figuras aos estudantes, instigue-os a buscarem suas identificações com cada uma delas. O texto também fala de uma terceira figura denominada *blasé* e introduzi-la na discussão poderia chamar ainda mais a atenção para a temática.

#### IMAGEM 2 - REPRESENTAÇÕES DO FLÂNEUR E DO ZAPPEUR

QUEM É O "FLÂNEUR"?	QUEM É O "ZAPPEUR"?
<ul style="list-style-type: none"> <li>• "O heroísmo do flâneur, daquele que se passeia por entre a multidão, que vagueia ao acaso, que se distingue nela por não ter destino, nem ocupação, e se funde ao mesmo tempo nela por assimilar, neste movimento, todas as destinações e fazer disso a sua ocupação." (BAUDELAIRE, 2010, p.80)</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• "O flâneur continua flânando, enquanto o zapeur desliza esquizofrenicamente por fluxos invisíveis". (BASTOS, 2005, p.61).</li> <li>• "Tem a lógica do controle-remoto, pilhando cenas, ideias e sons, e os organiza segundo um tempo interior que não se conecta com as aglomerações urbanas". (BASTOS, 2007, p.7-8).</li> </ul>

Fonte: material criado pelo autor para apresentação no III Congresso Nacional do ProfHistória, ocorrido em Belém no ano de 2024.

O ato de "caminhar", seja ele físico ou virtual, contribui para resgatar os diversos significados da cidade e, por consequência, do Mercado. É caminhando que o estudante vai sair do seu ritmo frenético e raciocinar a respeito das mudanças que ocorreram ou estão ocorrendo.

José Reginaldo Gonçalves (2003), em seu texto *Os museus e a cidades* (ABREU, Regina; CHAGAS, Mário (org.). **Memória e patrimônio: ensaios contemporâneos**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.), analisou a obra de Walter Benjamin (BENJAMIN, Walter. **Charles Baudelaire um lírico no auge do capitalismo**. 2. ed. Tradução: José Carlos Martins Barbosa e Hemerson Alves Baptista. Rio de Janeiro: Brasiliense, 1994. Obras escolhidas, v. 3.) e citou

experiências do mundo moderno e o surgimento de duas figuras, denominadas *flâneur* e *blasé*. O primeiro é aquele que caminha e vislumbra todos os detalhes de uma cidade. O segundo é aquele que caminha no ritmo dos outros, perdendo o contato com o ambiente que está a sua volta.

Marco Toledo de Assis Bastos (2007) apresentou uma outra figura que venho percebendo em sala de aula desde antes da febre dos aparelhos celulares e seus assemelhados. Trata-se do *zappeur*, que é aquele que “tem a lógica do controle-remoto, pilhando cenas, ideias e sons, e os organiza segundo um tempo interior que não se conecta com as aglomerações urbanas” (BASTOS, Marco Toledo de Assis. *Flâneur, blasé, zappeur: variações sobre o tema do indivíduo*. **E-Compós**, v. 10, 2007, p. 7-8). Ele não segue um roteiro pré-definido:

O flâneur quer se perder na cidade, exercício impossível ao blasé, para quem todos os becos e vielas são idênticos em sua conformação metropolitana. Com o zappeur é também diferente. Os movimentos pela cidade são sincopados, combinando pacotes de subjetividade com figuras de seu imaginário. O nexos é, uma vez mais, inteiramente dado na esfera privada (BASTOS, Marco Toledo de Assis. *Flâneur, blasé, zappeur: variações sobre o tema do indivíduo*. **E-Compós**, v. 10, 2007. p. 7-8).

A intensidade dos movimentos dentro do Mercado, as constantes mudanças ocorridas no local, os estudos do ProfHistória e a experiência de 33 anos de sala de aula me mostraram que muitos dos estudantes têm dificuldades para focar em um único cenário e pressa para acabar as tarefas, sejam as desenvolvidas em sala de aula, as saídas de estudo ou mesmo a navegação em sua página preferida. Pensando nisso, desenvolvi a ideia de que um roteiro virtual/presencial para o Mercado Público seria o mais indicado para possibilitar o trabalho do *flâneur* e do *zappeur* e, ainda, tentar provocar o interesse do *blasé*.

Inúmeros pontos do prédio podem chamar a atenção do frequentador, destacando-se o relógio, os produtos, os bares ou qualquer ação que porventura esteja ocorrendo e que chame a atenção dos presentes. Ele caminha pelo Mercado ao sabor da visão ou da audição. O que lhe chamar a atenção será motivo para uma apreciação ou um questionamento rápido. Pode ser um produto, uma música, uma conversa ou mesmo uma parte do prédio. Dependendo do estímulo e da sua identificação, sua atenção poderá se alongar.

Busco, portanto, dentro das camadas de História do Mercado, muitas vezes escondidas pelo tempo e pelos diferentes discursos, caminhos para os estudantes buscarem indícios, fazerem averiguações e refletirem sobre o presente e o passado. A proposta é utilizar a ideia do caráter artesanal do ofício do historiador, treinando o olhar do estudante para dominar métodos de análise que o levem a ver o patrimônio em uma profundidade pouco costumeira a partir de

pequenos detalhes. A ideia é utilizar fontes como “pistas”, remetendo ao “paradigma indiciário”, do historiador Carlo Ginzburg (GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história.** Tradução: Frederico Carotti. São Paulo: Cia. das Letras 1989.), que propõe uma abordagem investigativa da história baseada em indícios, pistas e detalhes aparentemente marginais, inspirado na metodologia dos detetives e na prática dos médicos ao diagnosticar doenças com base em sintomas sutis.

Creio que é uma forma de dar liberdade para que o estudante faça suas próprias leituras dos patrimônios, partindo da sua realidade e deixando em aberto as possibilidades para que ele faça seu próprio roteiro, da forma como achar mais interessante, seja ele um *flâneur*, um *zappeur* ou mesmo um *blasé*.

#### 4 CONHECENDO O MERCADO

##### PROFESSOR:

Esta atividade foi proposta para o estudante conhecer um pouco mais o prédio e a história do Mercado Público, facilitando a localização e a movimentação durante o percurso. A partir deste ponto, o site começa a apresentar a “Ficha de Análise de Pistas”. Aqui nas sugestões didáticas, apresento as “pistas” e dou algumas sugestões para a utilização delas. No entanto, como você, professor, tem sua vivência e conhece a realidade dos seus estudantes, deixo aberturas para que cada “pista” seja utilizada de acordo com os objetivos de momento.

No site, que está mais voltado para o percurso, onde o dinamismo é essencial, as questões devem ser direcionadas para respostas rápidas, alicerçadas nas observações momentâneas feitas pelos estudantes. Algumas questões, portanto, somente poderão ser aplicadas no pré e no pós-percurso.

O tour virtual, sugerido nas atividades, será importante para os estudantes que não conhecem o prédio se localizarem dentro dele e se prepararem para o percurso sugerido ou para o trajeto que irão escolher.

Nessa parte do site, o primeiro prédio construído para servir de Mercado Público na cidade também vai ser lembrado. Destaque para os estudantes que o primeiro Mercado Público foi construído a partir das barraquinhas de comércio que foram instaladas na praia em frente à atual Praça XV de Novembro, em um momento em que ainda se utilizava o trabalho escravizado, e um dos objetivos da sua construção foi também normatizar o comércio de rua desenvolvido por ambulantes, muitos desses sendo mulheres “quitadeiras” que vendiam variados produtos em seus tabuleiros. O prédio onde os estudantes entrarão foi construído para substituir o prédio anterior, inaugurado em 1851 e instalado na frente da atual Praça XV de Novembro. Em um tempo posterior, o prédio da Alfândega já havia sido construído (1876) e, um pouco mais tarde (1928-1974), o famoso Bar Miramar também seria visto justamente onde estava o primeiro prédio que serviu de Mercado Público.

#### IMAGEM 3 - OPÇÕES DA SEÇÃO “O MERCADO” DO SITE OFICIAL DO MERCADO PÚBLICO DE FLORIANÓPOLIS



Fonte: MERCADO PÚBLICO DE FLORIANÓPOLIS. 2025. Disponível em: <https://mercadopublicofloripa.com.br/>. Acesso em: 13 jun. 2025.

**SAIBA MAIS:**

O livro *A Descoberta do Mercado Público* (SILVA, Nivaldo Jorge da. **A descoberta do Mercado Público.** Florianópolis: Cor Graphic, 1996) é uma boa obra de referência para uma introdução à história do Mercado Público Municipal de Florianópolis. Baseado em meu Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado à Universidade Federal de Santa Catarina, a obra pode ser usada como um importante ponto de apoio para o trabalho em sala de aula

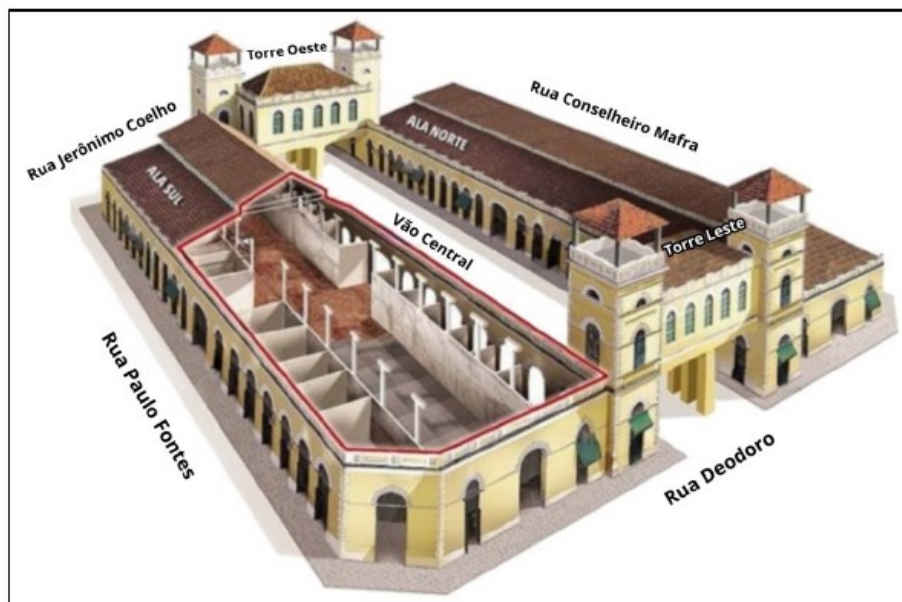
#### 4.1 O MERCADO ATUAL

O Mercado atual foi inaugurado em 05 de fevereiro de 1899 (ala norte) e teve uma segunda ala (sul) aberta em 24 de janeiro de 1931. A partir da inauguração da segunda ala, podemos buscar um panorama até os dias atuais, encontrando fatos relevantes que transformaram completamente a estrutura física e social do Mercado Público. O primeiro foi a instalação das câmaras frigoríficas em 1939, que fez com que os alimentos em decomposição não fossem mais jogados ao mar como de costume, deixando de atrair multidões de famintos para o local.

Em seguida, no final da década de 1960 e início da década de 1970, o fechamento do porto, a construção dos aterros e a instalação das primeiras grandes redes de supermercados, tiraram do Mercado a função de abastecedor quase que exclusivo da cidade. No mesmo momento, o incremento do turismo em Santa Catarina, que fez com que os grupos dirigentes buscassem incluir o mercado em um rol de atrações turísticas, com a instalação no local de bares, restaurantes e lojas de artigos importados.

O cenário de momento mostra a parte final da transição que vem desde o surgimento das grandes redes de supermercados em Florianópolis. Com o fechamento do porto, o rompimento da relação direta com o mar e a perda de sua original função de abastecimento de gêneros alimentícios para a população, ocorreu nos corredores e nos 118 boxes (79 na Ala Norte e 39 na Ala Sul) do Mercado um processo de ressignificação que, acompanhado do crescimento da exploração turística, consistiu na criação de locais dentro do Mercado que atendessem aos desejos das classes mais altas da população.

**IMAGEM 4 - INFOGRÁFICO COM AS DUAS ALAS DO MERCADO E AS RUAS NO SEU ENTORNO**



Fonte: adaptado de NIENOW, Fábio. Plano Diretor das praias. **Blog Fábio Nienow**, 13 out. 2014. Disponível em: <https://nienow.blogspot.com/2014/10/mercado-publico-de-florianopolis.html>. Acesso em: 12 jun. 2025.

**SAIBA MAIS:**

Sobre os nomes das ruas de Florianópolis, sugiro a leitura do livro "*Florianópolis, Memória Urbana*, de Eliane Veras da Veiga (VEIGA, Eliane Veras da. **Florianópolis: memória urbana**. Florianópolis: Fundação Franklin Cascaes, 2008).

**FICHA DE ANÁLISE DE PISTAS:**

O texto traz fatores que mudaram as funções do Mercado nos últimos 100 anos. Identifique-os.	
No infográfico (Imagem 4), identifique as quatro ruas no entorno do Mercado e a data de inauguração das duas alas.	
O vão central do Mercado originalmente fazia parte de uma rua. Pesquise o nome dessa rua.	

## 4.2 O MERCADO VELHO

### IMAGEM 5 - MERCADO DO DESTERRO EM 1867 - LITOGRAFIA DE JOSEF BRÜGGEMANN



Fonte: acervo de Ylmar Corrêa Neto (PASSOS, André Fernandes. Representações artísticas sobre a presença africana em Desterro (Ilha de Santa Catarina) no século XIX. In: **Revista Santa Catarina em História**, v. 13, n. 1, 2019, p. 110. Disponível em: <https://ojs.sites.ufsc.br/index.php/sceh/article/view/973/2797>. Acesso em: 14 jun. 2025.)

FIQUE ATENTO: A litografia é uma técnica que envolve a criação de marcas (ou desenhos) sobre uma matriz (pedra calcária) com um lápis gorduroso. Em seguida, essa pedra é prensada sobre um papel, reproduzindo a imagem inicial. Joseph Brüggemann era um paisagista alemão que ficou dois anos em Santa Catarina (1866-1867), quando efetuou três cópias litográficas da pintura acima. Para mais informações consulte: [http://hemeroteca.ciasc.sc.gov.br/blumenau%20em%20cadernos/1961/BLU1961010\\_out.pdf](http://hemeroteca.ciasc.sc.gov.br/blumenau%20em%20cadernos/1961/BLU1961010_out.pdf)

O primeiro prédio para servir de Mercado Público em Florianópolis foi inaugurado em 06 de janeiro de 1851, na praia em frente à praça central da cidade. Sua construção ocorreu após uma série de discussões a respeito do local ideal para a sua instalação.

Seis anos antes, em 1845, devido à visita do Imperador D. Pedro II à cidade, as “barraquinhas”, nome usado genericamente para designar os primeiros aglomerados de mercadores, foram retiradas da frente da “Praça da Matriz” e armadas nas proximidades de Santa Bárbara e Ponte do Vinagre, onde hoje se situa o prédio da Capitania dos Portos, local um pouco mais afastado e que era tido como o mais imundo da cidade na época.

No entanto, o grupo ligado ao influente comerciante e deputado João Pinto da Luz queria que o Mercado fosse construído justamente na praia em frente à praça, onde estavam as “barraquinhas”, já que sua casa comercial estava instalada ao lado da praça, no início da rua que hoje leva o seu nome. Esse grupo acabou triunfando e o prédio inaugurado em 1851 permaneceu no local até 1899.

**SAIBA MAIS:**

O site *Santa Afro Catarina* (<http://santaafrocatarina.blogspot.com.br/>) apresenta o módulo viver de quitandas, que vai contar a história do primeiro Mercado Público de Nossa Senhora do Desterro. Da mesma forma, o livro *A descoberta do Mercado Público* (SILVA, Nivaldo Jorge da. **A descoberta do Mercado Público**. Florianópolis: Cor Graphic, 1996) e a dissertação trazem pontos importantes acerca do prédio.

**FICHA DE ANÁLISE DE PISTAS:**

Analise atentamente a Imagem 5 e descreva as características do primeiro prédio construído para servir de Mercado, bem como as pessoas ao redor do prédio e as atividades que elas estão praticando.	
--	--

## 5 ESCAMAS

### (ROTEIRO – ACESSADAS DIRETAMENTE DO MERCADO OU DO MAPA INSERIDO NO SITE ATRAVÉS DOS QR CODES)

#### 5.1 ESCAMA 1: O RELÓGIO E OS CAMINHANTES

**PROFESSOR:**

Esta é a parte principal do site. As oito escamas trabalham com diferentes pistas acerca da história do Mercado e cada uma delas poderá ser acessada através dos QR-Codes instalados em pontos do percurso ou no mapa disponibilizado na abertura do site, no caso do roteiro virtual.

Ao acessar o QR-Code, o estudante vai ser enviado para onde estão colocadas as fotos do relógio e dos arredores do prédio em direção à rua Jerônimo Coelho e ao Camelódromo, acompanhadas de um pequeno texto explicativo sobre a instalação da peça no Mercado Público. O relógio é o ponto focal do percurso. Incentive os alunos a pararem diante dele e refletirem sobre o tempo. Sugiro que você assista ao filme *Meia Noite em Paris* para criar uma analogia entre o relógio do Mercado e as escadarias da igreja de Saint-Étienne-du-Mont, onde começa a viagem no tempo do protagonista.

Durante o percurso, que faz um círculo seguindo à direita, como os ponteiros de um relógio, instigue os estudantes a pensarem como verdadeiros detetives e procurar as situações presentes no Mercado que não aparecem em um olhar inicial e menos apurado. Provoque-os, para que eles saiam pelo Mercado, como um *flâneur* ou um *zappeur*. O *flâneur* quer conhecer o Mercado, perdendo-se nele. O *zappeur* aparenta estar perdido e não ligar para o Mercado, mas talvez tenha uma forma própria de explorá-lo e conhecê-lo.

Na aba "Manja Tempo", incentive-os a olhar para tudo ao redor e divagar sobre o que as pessoas estão fazendo ou pensando. "Manjar o tempo" é olhar para tudo ao seu redor e divagar sobre o que as pessoas estão fazendo ou pensando. É importante eles perceberem que o uso frequente de aparelhos eletrônicos é a forma atualizada de "manjar o tempo". Chame a atenção dos seus alunos para a presença de diversas pessoas olhando as atividades que são praticadas. Seriam eles os "manja tempo"?

É interessante você pedir para os alunos fazerem anotações em seus cadernos ou em seus aparelhos eletrônicos, para que essas informações possam ser utilizadas para uma discussão posterior ou mesmo para um relatório de saída de estudo. A ficha "Análise de Pista" possibilita o envio de informações para o e-mail do aluno e/ou para o do professor. Lembre-se de que essas atividades permearão todo o percurso, pois o olhar para os arredores faz parte da proposta do paradigma indiciário.

### 5.1.1 O VELHINHO DO CABO SUBMARINO

#### IMAGEM 6 - FOTOS DO RELÓGIO INSTALADO NO VÃO CENTRAL DO MERCADO PÚBLICO



Fonte: acervo do autor.

#### O BIG BEN ILHÉU

O relógio do antigo “Cabo Submarino”, chamado de “Big Ben Ilhéu”, chegou à Florianópolis em 1911 e é um dos destaques do vão central do centenário prédio. Inicialmente instalado na rua João Pinto, era um apetrecho de grande utilidade para a multinacional inglesa *Western Telegraph*. Na década de 1970, quando o governo brasileiro nacionalizou as telecomunicações, criando a EMBRATEL e fechando os escritórios da empresa no país, alguém lembrou que o velho relógio combinaria com os ares do Mercado Público e doou-o à municipalidade em 1975 (MANEZINHO adotivo faz 80 anos. **O Estado**, Florianópolis, 14 jul. 1991, p. 10). Desde então, o relógio está presente no prédio do Mercado, como se estivesse mostrando que, apesar de o tempo passar, o passado e o futuro estão presentes naquele local.

**FICHA DE ANÁLISE DE PISTAS:**

O relógio foi instalado no Mercado em 1975. Ao olhar para ele, que impressões você tem? Por que você acha que ele foi colocado nesse lugar? Amplie seu olhar além do relógio e estabeleça as diferenças temporais entre o prédio do Mercado e as construções dos arredores. Anote suas impressões para a discussão posterior em sala de aula.

**5.1.2 O “FLÂNEUR” E O “ZAPPEUR”****IMAGEM 7 – REPRESENTAÇÕES DOS CAMINHANTES**

Fonte: material criado pelo autor para apresentação no III Congresso Nacional do ProfHistória, ocorrido em Belém no ano de 2024.

24

O *flâneur*, que pode ser traduzido por passeador, é aquele que caminha e vislumbra todos os detalhes de uma cidade. Ele costuma questionar e imaginar a vida daqueles que passam, ouvir conversas, observar as roupas e os novos produtos nas lojas. “Ele vê o mundo, está no centro do mundo, mas está oculto do mundo” (BAUDELAIRE, Charles. **A Modernidade de Baudelaire**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988, p. 170-171).

O *zappeur*, que traduzo como passeador conectado, é aquele que tem a lógica de um aparelho celular, acumulando cenas, ideias e sons, tendo seu próprio tempo e, aparentemente, desconectado do mundo exterior. Ele não segue um roteiro pré-definido, mas guia-se apenas pela subjetividade estabelecida pelos estímulos momentâneos.

FICHA DE ANÁLISE DE PISTAS:	
Discuta com os seus amigos a respeito dos termos <i>flâneur</i> e <i>zappeur</i> . Com qual deles você mais se identifica?	

### 5.1.3 O MANJA TEMPO

#### IMAGEM 8 - FOTOS DO RELÓGIO NO MERCADO E NA RUA JOÃO PINTO, NA SEDE DA EMPRESA TELEGRÁFICA



Fonte: RELÓGIO inglês do Mercado Público completa 110 anos: para funcionar é preciso dar corda uma vez por semana. **Floripa Centro**, Florianópolis, 23 jan. 2021. Disponível em: <https://floripacentro.com.br/relogio-ingles-do-mercado-publico-completa-110-anos-para-funcionar-e-preciso-dar-corda-uma-vez-por-semana/>. Acesso em: 17 jun. 2025.

Edson Sprigmann, conhecido como o “samambaia do Mercado”, é um dos tantos personagens que marcaram o cotidiano do Mercado Público. Vivendo de pequenos trabalhos, sentado nos balcões dos bares, contando histórias de sua vida, rindo e fazendo rir, é descrito pelo cronista Aldírio Simões como um “manja tempo”. Segundo ele, o “manja tempo” é “um observador do movimento da cidade” e “alguém que observa o tempo passar”.

**SAIBA MAIS:**

O livro “Retratos à Luz da Pomboca” (SIMÕES, Aldírio. Retratos à luz da pomboca. Florianópolis: IOESC, 1997.) traz uma série de figuras conhecidas do Mercado Público e de Florianópolis de uma forma geral. Cabe aqui citar que, em 2006, o Mercado Público Municipal passou a levar o nome do jornalista Aldírio Simões, autor do livro em questão.

**FICHA DE ANÁLISE DE PISTAS:**

O termo “manja tempo” é muito utilizado dentro do Mercado. Procure tornar-se um deles e, olhando para o relógio, observe o tempo passar, o movimento de pessoas e imagine você em outras épocas olhando desse mesmo ponto. O que poderia estar vendo ou sentindo? Que odores e sons você poderia encontrar nesse ambiente?

**PRÓXIMA ETAPA SUGERIDA:**

Siga em frente pelo vão central, pegue à direita na rua Jerônimo Coelho e caminhe até a entrada da ala norte para encontrar o QR Code da ESCAMA 2. De acordo com o gosto do *zappeur*, também será possível acessar diretamente os outros QR Codes listados a seguir:

- a) No acesso lateral da ala norte que vai para a rua Conselheiro Mafra (Escama 3).
- b) Na entrada/saída da ala norte pela rua Deodoro da Fonseca (Escama 4).
- c) Na entrada/saída da ala sul pela rua Deodoro da Fonseca (Escama 5)
- d) No acesso lateral da ala sul que vai para a rua Paulo Fontes (Escama 6).
- e) Na entrada/saída da ala sul pela rua Jerônimo Coelho (Escama 7).
- e) No vão central, embaixo da torre próxima à rua Deodoro da Fonseca (Escama 8).

**PROFESSOR:** na transição entre as escamas, os estudantes terão acesso direto ao mapa com o roteiro sugerido para o percurso e com a localização dos QR Codes.

## 5.2 ESCAMA 2: A PRIMEIRA ALA DO MERCADO (ALA NORTE)

### PROFESSOR:

Durante todo o percurso, fique atento ao trabalho de olhar para os arredores e para o entorno do Mercado Público. Nesse ponto, antes de entrar na ala norte, olhe para trás e veja possibilidades diversas. Começando pela Ponte Hercílio Luz, inaugurada em 1926, passando pelo porto, desativado em 1965 e chegando à rua da Figueira, mais tarde chamada de Francisco Tolentino. Nesse caso, você poderia chamar a atenção dos alunos para o fato de que vem daí o nome do time de futebol Figueirense, e não da figueira da Praça XV de Novembro.

Não esqueça que o futebol é um dos temas preferidos pelos trabalhadores e comerciantes do Mercado e que a rivalidade Avaí x Figueirense faz parte do cotidiano do local, com foguetórios, simulações de enterro do adversário e provocações das mais diversas. A observação das antigas atividades comerciais e do Camelódromo Municipal, inaugurado em 1997, também se fazem importantes, pois muitos dos comerciantes que lá atuam iniciaram suas atividades no Mercado Público. O mesmo ocorre com as lojas das ruas Conselheiro Mafra e Francisco Tolentino.

Chegou o momento de entrar na ala norte do Mercado, inaugurada em 05 de fevereiro de 1899 e construída sobre um aterro feito com barro retirado dos altos da Rua da República, atual Felipe Schmidt. O objetivo da atividade é entender a importância da construção do prédio para a cidade e reconhecer as práticas ali efetuadas.

O objetivo da atividade é viajar no tempo e viver em uma cidade que estava saindo da Revolução Federalista (1893-1894), mudando de nome de Desterro para Florianópolis (1894) e começando a falar em eletricidade, redes de água encanada, automóveis, avenidas e até mesmo de uma ponte para ligar a ilha ao continente. Ao trabalhar os relatos sobre as inaugurações dos prédios, oriente seus alunos a interpretar os diferentes discursos dos órgãos de imprensa e os interesses econômicos e políticos por trás dessas notícias.

Nessa parte do percurso, o incêndio de 2005 também será lembrado. Converse com os estudantes a respeito desse fato trágico, discuta sobre ele e reflita a respeito dos cuidados necessários quanto ao uso e preservação de prédios mais antigos. Reflita também sobre as perdas sofridas pelos comerciantes e frequentadores.

### 5.2.1 O TERRENO

#### IMAGEM 9 - ATERRO ONDE FOI CONSTRUÍDA A PRIMEIRA ALA (NORTE) DO MERCADO PÚBLICO, INAUGURADA EM 5 DE FEVEREIRO DE 1899



Fonte: disponível em: <https://www.facebook.com/floripaantiga>. Acesso em: 13 jun. 2025. (data provável 1896)

### 5.2.2 A PEDRA FUNDAMENTAL

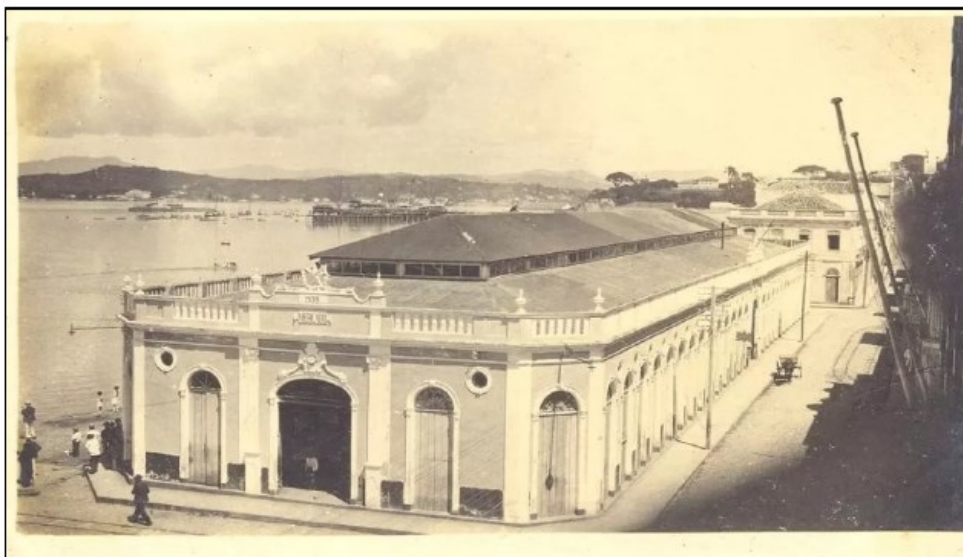
“Foi colocada ontem, à 1 ½ hora da tarde, a pedra fundamental do edifício do novo mercado, perante grande concorrência [...]. Depois de colocada a pedra, foi servido um copo d’água oferecido às pessoas presentes por uma comissão do comércio, [...]. O local em que vai ser edificado o novo mercado estava embandeirado tocando durante a festa a banda musical do Corpo de Segurança.”

(Fonte: NOVO mercado. **República**, Florianópolis, 29 dez. 1896, p. 1.)

FICHA DE ANÁLISE DE PISTAS:	
<p>Observe com atenção a Imagem 9 e anote os elementos que estão presentes. No canto direito da imagem, aparecem animais que supostamente seriam urubus. Reflita sobre o que a sua presença mostra em relação ao local onde o Mercado foi construído.</p>	

### 5.2.3 A INAUGURAÇÃO

#### IMAGEM 10 - FOTO DO MERCADO NO INÍCIO DO SÉCULO XX



Fonte: acervo da Casa da Memória Anita Hoepcke.

#### CABEÇA QUEBRADA

“A inauguração do mercado novo foi adubada com um pequenino conflito de que resultou uma cabeça quebrada. Mau sinal!”

(Fonte: INTERESSES municipais. **O Estado**, Florianópolis, 9 fev. 1899, p. 1.)

#### MERCADO MAL PLANEJADO

“As obras públicas, ei-las: o mercado novo, mal planejado e pessimamente construído e que, a continuar em serviço, será, dentro em pouco, uma manta de retalhos, dos quais o primeiro é o célebre acréscimo de tábuas brutas, que transformaram os talhos da carne em currais separados, separando os consumidores do gênero procurado”

(Fonte: INTERESSES municipais. **O Estado**, Florianópolis, 9 fev. 1899, p. 1.)

### MERCADO COM AS REGRAS DA ESTÉTICA

“Melhoramentos e mais melhoramentos: eis o programa da superintendência municipal, que vai executando sem mais desfalecimentos [...]. O mercado novo é exemplo frisante. Planejado de acordo com as regras da estética e obedecendo suas linhas à técnica de construção; servindo aos interesses da população, de modo a evitar-se todos os inconvenientes do velho pardiheiro da praça, lá se acha, ao longo da rua Altino Correa, o belo edifício, construído de forma a corroborar o interesse do governo municipal pelo bem geral do povo.”

(Fonte: NOVO mercado. **República**, Florianópolis, 02 fev. 1899, p. 1.)

#### SAIBA MAIS:

A leitura dos jornais *O Estado* e *República* no início de 1899 é riquíssima em materiais sobre a inauguração do Mercado e a interpretação do papel da imprensa. No site da *Hemeroteca Digital Catarinense* (<http://hemeroteca.ciasc.sc.gov.br/>), você pode ter acesso a elas e a uma diversidade de publicações.

#### FICHA DE ANÁLISE DE PISTAS:

<p>Anote as críticas e elogios apontadas pelos jornais ao Mercado. Durante o seu percurso, busque esses elementos no Mercado atual.</p>	
---	--

### 5.2.4 MERCADO EM CHAMAS

#### IMAGEM 11 - FOTO DO INCÊNDIO OCORRIDO EM 2005, QUE DESTRUIU A ALA NORTE DO MERCADO



Fonte: DEZ FOTOS para relembrar os 14 anos do incêndio no Mercado Público de Florianópolis. **Floripa Centro**, Florianópolis, 30 maio 2019. Disponível em: <https://floripacentro.com.br/14-fotos-para-relembrar-os-14-anos-do-incendio-no-mercado-publico-de-florianopolis/> Acesso em: 13 jun. 2025.

### O FOGO PULAVA

O Mercado Público já havia passado por dois incêndios: Um menor em 1999 e outro maior em junho de 1988. Na década de 80 o restaurante dele foi um dos nove estabelecimentos do mercado destruídos pelo fogo e ele reviveu aquele dia 17 anos depois, no incêndio de 2005.

“O fogo não vinha, ele pulava. A gente teve que sair de dentro do bar porque na porta o calor no rosto da gente era suportável”, diz Renato Andrino Manoel dos Santos.

A fumaça podia ser visto do alto do Morro da Cruz e por quem chegava na capital, pela ponte.

O teto do Mercado desabou depois de meia hora que o fogo começou. Cerca de 150 pessoas trabalharam no local e muitos eram pessoas comuns que passavam pelo local. Mesmo sem proteção, ajudavam do jeito que conseguiam. O fogo foi controlado mais de uma hora depois.

Os dias seguintes foram de trabalho para retirar o que sobrou dos escombros e acomodar os sentimentos de dor. “Eu não sei como segurei essa barra. O movimento que eu tinha, como acabou tão rápido com o acontecimento tão trágico”, lamenta Lauro Raimundo de Paulo.

(Fonte: COMERCIANTES relembram incêndio que destruiu parte do Mercado Público de Florianópolis em 2005. **G1**, 6 nov. 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/sc/santa-catarina/noticia/2019/11/06/comerciantes-relembram-incendio-que-destruiu-parte-do-mercado-publico-de-florianopolis-em-2005.ghtml>. Acesso em: 13 jun. 2025.)

**SAIBA MAIS:**

**COMO OCORREU**

- 1** O incêndio iniciou por volta das 20h20 da noite, no box número 25, onde funcionava o restaurante Porto da Fruta.
- 2** Em poucas estruturas, o fogo se alastrou pela ala norte, facilitado pelo estuque de roupas, calçados e artigos de plástico, além da madeira e divisórias.
- 3** As primeiras viaturas dos bombeiros chegaram ao local cerca de 15 minutos após o início do incêndio. As 20h30, começou a operação contra as chamas.
- 4** Por volta das 23h20, estavam no local cerca de 30 bombeiros, 40 guardas municipais e com policiais militares, que auxiliaram no isolamento da área. A essa altura, o incêndio já estava sob controle.
- 5** O incêndio destruiu toda a parte interna e a cobertura da ala norte, a mais antiga do Mercado Público, junto à rua Conselheiro Mafra.
- 6** Houve momentos de tensão. Primeiro, quando o fogo se aproximou de seis botões de gás industrial usados pelo restaurante. Os bombeiros encaminharam toda a área com o objetivo de isolar as panelas e impedir que fossem atingidas. Depois, a explosão de fogueira de artifício numa loja no lado central provocou temor em alguns motoristas.



Fonte: OUTROS grandes incêndios. A Notícia, Florianópolis, 20 ago. 2005, p. 5.

**SAIBA MAIS:**

**OUTROS GRANDE INCÊNDIOS**

**5 de abril de 1994**



Uma das maiores tragédias aconteceu no Hospital de Caridade. O fogo começou à noite e destruiu 70% da área construída do hospital que, na época, tinha 228 anos. As lacareadas atingiram quase toda a edificação e provocaram a morte de nove pessoas que estavam internadas para tratamento. A comunidade de Florianópolis e de outras cidades iniciaram uma campanha para auxiliar na reconstrução do hospital. O Hospital de Caridade restituiu as portas em 22 de agosto de 1994, com 162 leitos e administrado pela Irmandade Senhor Jesus dos Passos.

**14 de abril de 1996**



O Centro Tecnológico da Universidade Federal de Santa Catarina teve dois prédios destruídos pelo fogo na última década. Em 14 de abril de 1996, um incêndio consumiu mais ou metade do prédio do curso de Engenharia Civil, Equipamentos. Um novo prédio de engenharia foi construído em outro local, às margens da estrada geral do Córrego Grande. Em maio de ano passado, o prédio do curso de arquitetura também foi atingido por um incêndio. O fogo destruiu o setor administrativo.

**16 de maio de 1998**



A população acordou com a destruição de um dos prédios históricos da Lagoa da Abitanga. O incêndio na Casa Coelho começou por volta das 4 horas, mas os bombeiros trabalharam no local durante toda a manhã. Um homem morreu asfixiado. Somente às 13 horas os portais do Corpo de Bombeiros conseguiram entrar no local. O prédio de três andares foi totalmente consumido pelas chamas, que teriam começado no segundo pavimento. Na edificação funcionava uma loja de roupas e tecidos. Hoje, o prédio foi todo restaurado e reaberto.

**29 de outubro de 2003**



Outro incêndio marcou a Capital, teve consequências para toda a cidade. Uma explosão e galeria subterrânea da Ponte Colôm Salles comprometeu a linha de transmissão de energia. Os bombeiros trabalharam durante várias horas para controlar o fogo, que chegou a danificar parte do setor da periferia. A Celgesp organizou uma operação de emergência para a montagem de uma linha de transmissão provisória, feita a partir da suspensão de Coqueiros. No mês de 1º novembro, a energia elétrica foi restabelecida.

Fonte: OUTROS grandes incêndios. A Notícia, Florianópolis, 20 ago. 2005, p. 5.

**FICHA DE ANÁLISE DE PISTAS:**

A Imagem 11 e o texto tratam do grande incêndio de 2005. Pesquise na internet sobre as suas causas e sobre as mudanças desenvolvidas no Mercado após as grandes reformas realizadas a partir desse incêndio.

**PROXIMA ETAPA SUGERIDA:**

Siga em frente e entre na ala norte do Mercado. Se preferir, vá até a rua Conselheiro Mafra e siga pela parte externa até o corredor lateral. Nesse local está o QR Code da ESCAMA 3.

### 5.3 ESCAMA 3 – OS COMERCIANTES E OS PRODUTOS

**PROFESSOR:**

Você está chegando com os seus estudantes no centro da ala norte do Mercado, com a possibilidade de seguir em frente pelo corredor central ou acessar o corredor lateral e circular pela rua Conselheiro Mafra e pela ala externa do Mercado, onde é grande a presença de comerciantes árabes, portugueses e de outras nacionalidades.

O objetivo principal é analisar as pistas que levam aos produtos vendidos no Mercado e aos comerciantes em geral. Nesta parte da atividade, você vai preparar os estudantes para um olhar diferente sobre os produtos vendidos atualmente no Mercado que, em muitos casos, não são condizentes com os que eram vendidos em seus primórdios. Discuta com eles sobre os fatores que levaram a essas mudanças

No percurso presencial, oriente-os a procurar produtos que remontam aos anos 1920 e 1930. Nas pistas que estão mais voltadas para o paladar, incentive seus alunos a conversarem a respeito de suas experiências com os alimentos citados. Se for possível, peça para eles experimentarem algum produto considerado diferente durante o percurso presencial.

Oriente os estudantes a voltarem os olhos para descortinar as pistas em relação aos comerciantes do Mercado. A leitura dos recortes mostra que eles vêm de diversas origens. Discuta com os alunos o motivo disso acontecer justamente no Mercado.

#### 5.3.1 TEM DE TUDO

#### IMAGEM 12 - INTERIOR DO MERCADO NA DÉCADA DE 1920



Fonte: acervo do IHGSC. Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina. 2025. Disponível em: <https://www.ihgsc.org/> Acesso em: 13 jun. 2025.

**FICHA DE ANÁLISE DE PISTAS:**

Analise a Imagem 12 e identifique os produtos à venda no Mercado na década de 1920. Fique atento também à forma como os produtos eram expostos à venda e compare com a forma como os produtos são expostos hoje.

**5.3.2 “O MERCADO É ALEGRE E BULIÇOSO”****IMAGEM 13 - CAIS DO MERCADO NA DÉCADA DE 1920**

Fonte: disponível em: <https://fotosantigasflorianopolis.blogspot.com/> . Acesso em: 12 jun. 2025.

**MERCADORIAS HETEROGÊNEAS**

“O Mercado é alegre e buliçoso, mercadorias muito heterogêneas, provisões de toda classe, bilhas e potes de barro, chapéus de palha, penas de aves exóticas, miniaturas de canoas talhadas no garapuvu. Há negros de tipos tão extravagantes, que se hesita se eles se vendem também, por curiosidade.”

(Fonte: COMO um estrangeiro viu Sta Catharina. **Gazeta**, Florianópolis, 2 fev. 1935, p. 2)

**FICHA DE ANÁLISE DE PISTAS:**

O texto acima mostra o Mercado nos anos 1930 a partir da visão de um milionário alemão chamado Germann Fress. Identifique os estereótipos e preconceitos contidos na descrição desse personagem e reflita porque ele se referia ao mercado e as pessoas que o frequentava dessa forma.

**5.3.3 É DIA DA FEIRA****IMAGEM 14 - BOX COM HORTIFRUTIGRANJEIROS NO MERCADO ATUAL**

Fonte: MERCADO PÚBLICO DE FLORIANÓPOLIS, 2025. Disponível em: <https://mercadopublicofloripa.com.br/>. Acesso em: 13 jun. 2025.

## OS ARMAZÉNS

Naquela parte assim também chamada Ala Norte  
Ali situados estavam os conhecidos e chamados Armazéns  
Vendiam fumo em Rolo; banha em lata, e até outros Bens  
À época era dos Negócios e o Armazém o mais forte.

Às quartas-feiras era então chamado o 'Dia da feira'  
Em sacos; Milho, feijão e a famosa 'Farinha de Mandioca'  
Naquele tempo ainda não havia a conhecida Tapioca  
Todo esse Cereal era à época de produção – a tal caseira.

“Ala Norte

Naquela parte assim também chamada Ala Norte  
Ali situados estavam os conhecidos e chamados Armazéns  
Vendiam fumo em Rolo; banha em lata, e até outros Bens  
À época era dos Negócios e o Armazém o mais forte.  
Às quartas-feiras era então chamado o 'Dia da feira'  
Em sacos; Milho, feijão e a famosa 'Farinha de Mandioca'  
Naquele tempo ainda não havia a conhecida Tapioca  
Todo esse Cereal era à época de produção – a tal caseira.”

(Fonte: SILVA, Ady Brígido. **O mercado do meu tempo**: sua história e vida. Florianópolis: Gráfica Inicial, 2023, p. 83-84).

### SAIBA MAIS:

Ady Brígido Silva é um dos maiores conhecedores do Mercado. Cresceu praticamente dentro do prédio, que frequenta até hoje. Do alto dos seus mais de noventa anos, ainda fala com vigor a respeito das suas vivências, contando histórias maravilhosas a respeito do Mercado. O livro citado como fonte, intitulado *O Mercado do meu tempo: sua história e vida* (SILVA, Ady Brígido. **O mercado do meu tempo**: sua história e vida. Florianópolis: Gráfica Inicial, 2023) traz algumas dessas histórias.

**FICHA DE ANÁLISE DE PISTAS:**

Segundo Ady Brígido Silva, a ala norte, por volta dos anos 1950, era reservada para a denominada “feira livre”. Você está percebendo a mesma situação no Mercado nesse momento? Os produtos citados ainda estão à venda no local?

**5.3.4 MANJUVA FRITA E PIRÃO DE NYLON****IMAGEM 15 - REFEIÇÃO SERVIDA NO MERCADO**

Fonte: DIOGO, Marciano. Pirão, o prato que faz parte da identidade cultural de Florianópolis. **ND+**, Florianópolis, 19 fev. 2025. Disponível em: <https://ndmais.com.br/gastronomia/pirao-o-prato-tipico-de-florianopolis-faz-parte-da-identidade-cultural-da-cidade/>. Acesso em: 17 jun. 2025.

### ARMAZÉM DA DONA CLARA

“Armazém da Dona Clara

Da Dona Clara, um ‘velho e bastante sortido Armazém

No ‘caderno’ ela vendia e tudo se fazia ali anotado

À época era o ‘famoso’ e bastante conhecido - o Fiado

Ela vendia de tudo, até a ‘galinha penada, também.

Naquele sortido Armazém uma salsicha ali se vendia

Uma tal de ‘Lebabux’ que era de sua própria fabricação

Em amarrado com cordão e de um bom gosto ‘alemão’

Com diferenciado tempero, exclusivo, e que não Ardia.

No Armazém da Dona Clara; uma especial Senhora

O Gerente, um alemão então chamado Bubi atendia

Marcava a conta, tudo então anotado e assim fazia

Ali até galinha viva era vendida e abatia na hora.”

(Fonte: SILVA, Ady Brígido. **O mercado do meu tempo**: sua história e vida. Florianópolis: Gráfica Inicial, 2023, p. 42-43).

Dona Ursa ‘imitava’ Chef e produzia pratos ‘meio manezinhos’.

Exemplo: Farofa de pinhão com farofa de ova frita, especial.

Também sem esquecer a ‘manjuva frita’, crocante; até no Carnaval.

E o ‘linguiça Blumenau’ com pirão de nylon; uns ‘Pitelzinhos’.”

(Fonte: SILVA, Ady Brígido. **O mercado do meu tempo**: sua história e vida. Florianópolis: Gráfica Inicial, 2023, p. 61).

<b>FICHA DE ANÁLISE DE PISTAS:</b>	
Identifique os produtos "diferentes" vendidos no Mercado e converse com seus colegas sobre aqueles que você conhece ou já consumiu.	
Identifique também, a partir do texto, os diferentes ofícios manuais praticados dentro do Mercado.	
Em seu percurso, quais ofícios manuais ainda são praticados dentro do Mercado?	

### 5.3.5 O SORRISO DO MERCADO

#### IMAGEM 16 - FOTO DO LENDÁRIO COMERCIANTE GEDEÃO MANSUR



**HISTÓRICO:** Gedeão Mansur está sempre bem-humorado e disposto para o trabalho

Fonte: LIBANÊS está há 52 anos no balcão do Bazar Mansur. *Diário Catarinense*, Florianópolis, 1 fev. 1999, p. 18.

### O LIBANÊS DAS PANELAS

“[...] Ao todo, são 52 anos de trabalho – sem tirar férias – atrás do balcão do Bazar Mansur, no Vão do Mercado. No início, Gedeão vendia produtos de armarinho e tecidos. Depois que os seis filhos começaram a estudar, ele decidiu mudar e passou a oferecer todo o tipo de artigos de alumínio. Uma coisa, porém, não se alterou: a disposição para o trabalho e o seu bom humor [...]”.

(Fonte: LIBANÊS está há 52 anos no balcão do Bazar Mansur. *Diário Catarinense*, Florianópolis, 1 fev. 1999, p. 18.)

### IMAGEM 17 - REPORTAGEM SOBRE O COMERCIANTE JOSÉ RAPOSO



Fonte: MARTINS, Celso. Amadeo Galego, Antônio Bernardo e José Raposo encontram no estabelecimento espaço para abrir suas lojas de armarinhos. *O Estado*, Florianópolis, 5 fev. 1999, p. 8.

### O RAPOSO PORTUGUÊS

“Não são poucas as nacionalidades presentes no Mercado. Há lojas de famílias libanesas, portuguesas, italianas, típicas açorianas e absolutamente nativas. Eles se especializam em algum tipo de comércio (os libaneses, por exemplo, gostam de trabalhar com confecções) e não costumam trocar de ponto com muita facilidade. Alguns deles, como José Antônio Raposo, português de Miranda D’Ouro, está há 33 anos no mesmo box. ‘Sinto o Mercado como se fosse um patrimônio da família’, diz José.”

(Fonte: ESPÍRITO “manezinho” supera as diferenças. *O Estado*, Florianópolis, 5 fev. 1999, p. 8.)

**FICHA DE ANÁLISE DE PISTAS:**

Os textos citam as diversas origens dos comerciantes do Mercado. Durante o percurso, identifique algumas das diferentes nacionalidades presentes no local.

**PRÓXIMA ETAPA SUGERIDA:**

Siga em frente pela ala norte do Mercado até a saída para a rua Deodoro da Fonseca. Nesse local está o QR Code da ESCAMA 4.

## 5.4 ESCAMA 4 – O POVO FAZ O MERCADO

### PROFESSOR:

Neste momento, você está saindo da ala norte do Mercado. Chegou o momento de refletir sobre quem realmente construiu o Mercado. Foram os governantes que aparecem nas placas que estão no vão central ou foi o povo que buscava diferentes formas de sobrevivência e convivência?

Discuta com os estudantes o fato de o Mercado ser considerado “mal visto” por alguns setores da população. Quais eram esses segmentos? Para eles, o Mercado ainda é um lugar “malvisto”? Nesta parte da busca de pistas, você vai orientar seus alunos sobre a presença negra, feminina e dos pobres em geral no Mercado Público. É importante mostrar que o Mercado atual está embranquecido e elitizado, mas suas origens remontam aos grupos mais pobres da população.

Oriente também os estudantes para o fato de que o grande número de pessoas que circulava em torno do porto e do Mercado era um atrativo para a venda de produtos baratos que garantiam o sustento das famílias menos abastadas. Na parte das figuras populares, discuta os motivos para que determinadas pessoas tenham ficado tão marcadas na história do Mercado.

Os textos *Um lugar mal visto* e *Prá mim, tu mentes* tratam o Mercado como um lugar de mentirosos e que não deve ser frequentado pelas classes mais abastadas, principalmente pelas mulheres. Oriente seus alunos a discutir sobre como são formados esses estereótipos e discuta o fato de que muitas mulheres deram origem ao Mercado. Será que aquelas mulheres não eram “de respeito”?

### 5.4.1 AS QUITANDEIRAS DO PRIMEIRO MERCADO

#### IMAGEM 18 - RECORTE DO SITE “CATARINAS” REFERENTE À PRESENÇA DAS MULHERES NEGRAS NO ANTIGO MERCADO PÚBLICO



Fonte: MAIA, Cauane. Mercado Público de Florianópolis tem origem nos tabuleiros das Pretas. *Catarinas*, Florianópolis, 8 dez. 2023. Disponível em: <https://catarinas.info/colunas/mercado-publico-de-florianopolis-origem-tabuleiros-das-pretas/>. Acesso em: 10 jun. 2025.

## O PROTAGONISMO NEGRO

“A história do Mercado Público de Florianópolis deve posicionar o protagonismo negro local em sua conformação. Afinal, foram as quitadeiras, quituteiras e pombeiros de descendência africana que motivaram a sua construção, em 1851. E, mais ainda, foram essas/esses trabalhadoras(es), exploradas(os) dentro do sistema escravagista do século 19, que dinamizaram o ofício do comércio na cidade. As mulheres de descendência africana da Freguesia do Desterro vendiam diversos produtos, como doces, legumes, frutas, comida preparada e peixe seco. No entanto, a presença dessas trabalhadoras negras no centro da capital da província causava desconforto na elite e legisladores locais, que estavam preocupados com uma ideia de embelezamento e estética da cidade. Segundo eles, era necessário remover essas mulheres do local para garantir o ‘bom gosto’ e a ‘formosidade’ do espaço.”

(Fonte: MAIA, Cauane. Mercado Público de Florianópolis tem origem nos tabuleiros das Pretas. **Catarinas**, Florianópolis, 8 dez. 2023. Disponível em: <https://catarinas.info/colunas/mercado-publico-de-florianopolis-origem-tabuleiros-das-pretas/>. Acesso em: 10 jun. 2025.)

### SAIBA MAIS:

A dissertação de Danuza Meneghello, intitulada *Na roda de rua de capoeira: o mercado público de florianópolis e a resistência política*, traz importantes leituras e fontes sobre a presença e os apagamentos dos negros no Mercado Público e que pode ser acessado em:

<https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/188527/001085892.pdf?sequence=1&isAllowed=y>.

Outra importante fonte sobre o tema é o artigo *Aos pés dos pretos e pretas quitadeiras: experiências de trabalho e estratégias de vida em torno do primeiro mercado público de Desterro – 1840-1890*, que pode ser acessado em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/afroasia/article/view/21266>.

### FICHA DE ANÁLISE DE PISTAS:

De acordo com o texto, quais motivos levaram a elite local do século XIX a preocupar-se com a presença negra no Mercado? Reflita sobre essa forma de pensar e converse com os seus colegas sobre a importância de lembrar a presença de pessoas negras nas origens do mercado.

Durante o seu percurso, observe a presença e as atividades das mulheres no Mercado. Entre elas, você identifica mulheres negras? Quais atividades estão praticando?

#### 5.4.2 O POVO NOS PRIMÓDIOS DO MERCADO

##### IMAGEM 19 - PARTE EXTERNA DA ALA NORTE DO MERCADO NA ATUAL RUA CONSELHEIRO MAFRA - 1910



A Rua do Comércio, década de 1910. O povo no cotidiano tradicional e a cidade em transformação: leiteiro; soldados; carregadores; meninos e homens negros descalços; homens de terno e palhinha; mulheres com trouxas de roupa, carroceiros; carroças com material de construção. Em primeiro plano o Mercado Público e à esquerda, em destaque, a Alfândega, a rua calçada com granito, a linha do bonde e as linhas da rede telefônica. Acervo do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina.

Fonte: SANTOS, André Luiz. **Do mar ao morro**: a geografia da pobreza urbana em Florianópolis. 2009. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009. Disponível em: <https://labcs.paginas.ufsc.br/files/2011/12/Tese-03-PGCN0383-T.pdf>. Acesso em: 13 jun. 2025.

**FICHA DE ANÁLISE DE PISTAS:**

Analise a Imagem 19 e, durante o seu percurso, reflita sobre a diversidade de trabalhadores e ofícios presentes nas atividades do mercado. Isso existe ainda hoje? Você visualizou cenas semelhantes à imagem do início do século XX?

**5.4.3 ALGUMAS FIGURAS MARCANTES****IMAGEM 20 - NOTÍCIA DO JORNAL *AN CAPITAL* COM ALGUNS TIPOS POPULARES DO MERCADO**

Fonte BOXES empregam 800 pessoas. *AN Capital*, Florianópolis, 5 fev. 2000, p. 1.

### DANDO UM BORDEJO NO MERCADO

“Uma destas pessoas é Ademar de Oliveira, 49 anos, o Ben Jonson. Ben adquiriu fama durante o tempo que trabalhou como garçom no box 32, mas desde os 7 anos ele circula pelo local. Nos tempos em que era garoto, Ben catava papel pelo Centro da cidade e também passava diariamente pelo mercado, onde ajudava a descarregar peixe [...]. Atualmente ele faz o jogo do bicho no mercado, onde vive praticamente o dia inteiro. Outro personagem diário é Luiz Mário de Jesus, 57 anos, o Nego Lixa. Nascido em Coqueiros, desde os 19 anos ele faz biscate no lugar, geralmente trabalhando com entrega de carne e peixe [...]. Das personalidades que por ali circulam, a mais famosa é Pasqualina Paulina Martins, 56 anos [...]. Pasqualina vive com um salário mínimo que recebe como pensão do marido que morreu faz quase 12 anos. Durante este período começou a trabalhar no mercado. Inicialmente vendendo alho e mais tarde optou pela venda da raspadinha [...]. Outro personagem é o tubaronense Edson Martins, 44 anos e morador de Florianópolis há 30, Vive ‘bordejando’ no mercado como ele mesmo define. Compra e vende peixes. Tanto abastece os boxes, como vende o peixe para restaurantes (JL).”

(Fonte BOXES empregam 800 pessoas. **AN Capital**, Florianópolis, 5 fev. 2000, p. 1.)

#### FICHA DE ANÁLISE DE PISTAS:

Quais os personagens citados na matéria do jornal e quais as atividades praticadas por eles no Mercado? Você consegue identificar algumas dessas atividades durante o percurso?	
---	--

#### 5.4.4 UM LUGAR MAL VISTO

##### IMAGEM 21 - MERCADO PÚBLICO NA DÉCADA DE 1970



Fonte: acervo Casa da Memória Anita Hoepcke.

#### LUGAR DE DESOCUPADOS

“Houve época em que famílias de respeito não entravam no Mercado Público. Mais que isso, nem chegavam perto, afastadas pelo cheiro forte do peixe, pela higiene precária e pela identificação do lugar com o mais genuíno comércio popular. A ideia é de que ali só havia pobres, negros e desocupados, disse um comerciante quando perguntado sobre o conceito do Mercado em tempos pretéritos. Além disso, havia as moças que faziam ponto ali perto, nas esquinas da Francisco Tolentino e Conselheiro Mafra com a 7 de Setembro, Álvaro de Carvalho, Jerônimo Coelho e Deodoro. Se garantiam a alegria dos portuários do cais, elas assustavam as senhoras que vinham da missa na igreja São Francisco e as comportadas atendedoras nas lojinhas próximas à orla.”

(Fonte: SCHMITZ, Paulo Clóvis. **Histórias do Mercado**. Florianópolis: Editora Caminho de Dentro, 2017, p. 41-42).

**SAIBA MAIS:**

Além do livro de Paulo Clóvis Schmitz, citado como fonte, sugiro também a leitura de *Mercado: do Mané ao Turista* de Ricardo Moreira de Mesquita (MESQUITA, Ricardo Moreira de. **Mercado: do mané ao turista**. Florianópolis: Ed. do autor, 2002.).

**“PRÁ MIM, TU MENTES”**

“Terra pródiga em parir mentirosos, Florianópolis tem no Mercado Público um território propício a invencionices e pilhérias. São histórias de garoupas gigantes, vacas no telhado, festas de bruxas nas pedras de Itaguaçu, rádios encontrados nas entranhas de baiacus.

Brincadeiras marcadas por zoação e que combinavam com um modo de vida que foi se perdendo na medida em que a cidade se urbanizava. Ainda assim, passar pelo vão central da ala sul do Mercado é um convite a ouvir coisas do arco da velha. Uma expressão corriqueira no interior da Ilha — ‘prá mim, tu mentes’ — dá a medida de como é bom desconfiar de tudo.”.

(Fonte: SCHMITZ, Paulo Clóvis. **Histórias do Mercado**. Florianópolis: Editora Caminho de Dentro, 2017, p. 23).

**FICHA DE ANÁLISE DE PISTAS:**

Os dois textos trazem uma série de estereótipos e preconceitos em relação aos frequentadores do Mercado em outras épocas. Identifique-os e, durante o percurso, converse com os seus colegas a respeito da possível continuidade dessas práticas nos dias atuais.

**PRÓXIMA ETAPA SUGERIDA:**

Saia da ala norte, pegue à direita na rua Deodoro da Fonseca, passe direto pelo vão central e chegue à entrada da ala sul, onde está o QR Code da ESCAMA 5.

### 5.5 ESCAMA 5 – A SEGUNDA ALA DO MERCADO (ALA SUL)

#### PROFESSOR:

Chegou o momento de entrar na ala mais recente do prédio. Inaugurada 32 anos após a ala norte, em 24 de janeiro de 1931, ela é a parte mais concorrida do Mercado atualmente, pois conta com as peixarias e com os bares mais famosos.

O objetivo da atividade é trabalhar com o contexto da inauguração dessa ala e analisar a venda do peixe, que é o tipo de comércio mais marcante do Mercado. Oriente seus estudantes a fazerem uma visita às torres, criadas em 1932, juntamente com as pontes suspensas que as ligam. A administração do Mercado, inclusive, funciona na torre da parte oeste.

As peixarias são um símbolo do Mercado. Converse com os seus alunos sobre os diversos tipos de pescados e frutos do mar ali vendidos. É também o momento de conhecer um pouco melhor a atividade dos escamadores, que foram citados no início do percurso.

#### 5.5.1 FRANQUEADO AO POVO– 1931

#### IMAGEM 22 - VISTA DO MERCADO NA DÉCADA DE 1960, A PARTIR DO LOCAL ONDE HOJE ESTÁ INSTALADO O CAMELÓDROMO MUNICIPAL



Fonte: acervo Casa da Memória Anita Hoepcke.

**EXCELENTE IMPRESSÃO**

“Na manhã de ontem, o mercado foi finalmente franqueado ao povo, para a venda de pescado e de carne. Os açougues, de irrepreensível asseio, apresentavam agradável aspecto, estando todos os açougueiros e seus auxiliares vestidos e cobertos de aventais e gorros brancos. Esses açougues, segundo verificamos, serão em número de 16, sendo 13 destinados exclusivamente à venda de carne verde. Dos três restantes, um é reservado à venda de miúdos e os outros dois à de carne de porco. Não podemos deixar, ao terminar estas rápidas notas, de registrar aqui a excelente impressão que nos causou a inauguração do mercado novo.”

(Fonte: FOI FRANQUEADA, ontem, ao público, a nova ala do mercado municipal. **República**, Florianópolis, 25 jan. 1931, p. 3.)

<b>FICHA DE ANÁLISE DE PISTAS:</b>	
Leia o artigo do jornal República e reflita sobre a necessidade da construção de uma nova ala para o Mercado apenas 30 anos depois da inauguração da ala anterior. Olhe em direção ao prédio, já que você ainda está na parte externa, e imagine o Mercado sem a ala sul. Anote para posterior discussão em sala de aula.	

### 5.5.2 AS QUATRO TORRES

#### IMAGEM 23 - VISTA AÉREA DO MERCADO



Fonte: BARROS, Karin. Cobertura polêmica do Mercado Público de Florianópolis é finalista em prêmio nacional. **ND+**, Florianópolis, 1 jul. 2017. Disponível em: <https://ndmais.com.br/cultura/cobertura-polemica-do-mercado-publico-de-florianopolis-e-finalista-em-premio-nacional/>. Acesso em: 13 jun. 2025.

#### LIGANDO AS ALAS

As obras de ampliação do Mercado de 1899 foram complementadas com a ligação entre as duas alas, feita com a construção de duas pontes com torreões nos seus dois extremos. A parte antiga sofreu diversas modificações na fachada e na parte interna para se tornar idêntica à nova. O vão central, a partir dos aterros feitos na década de 1970, tornou-se a continuação da Rua Francisco Tolentino e foi aberto para o trânsito de veículos até seu fechamento em 1985. A inauguração da obra de reforma e ampliação ocorreu em 06 de janeiro de 1932.

#### FICHA DE ANÁLISE DE PISTAS:

<p>Observe as pontes e as torres, tanto na Imagem 23 quanto durante o seu percurso. Se possível, suba as escadarias que dão acesso a elas, tanto na rua Jerônimo Coelho, quanto na rua Deodoro da Fonseca e anote as atividades que são desenvolvidas por lá.</p>	
---	--

### 5.5.3 QUANDO O MERCADO ALIMENTAVA A CIDADE

#### IMAGEM 24 - COMÉRCIO DE PEIXE NO LADO DE FORA DA ALA NORTE DO MERCADO, ONDE HOJE É O VÃO CENTRAL (DÉCADA DE 1920)



Fonte: MERCADO PÚBLICO DE FLORIANÓPOLIS. *A história do Mercado Público de Florianópolis*. 2025. Disponível em: <https://mercadopublicofloripa.com.br/historia/>. Acesso em: 13 jun. 2025.

#### ANÁLISE DE PISTA:

Qual atividade está sendo praticada na Imagem 24? Observe a ala externa, compare-a com a foto dos anos 1920 e visualize como essa atividade é feita nos dias de hoje.

#### PRÓXIMA ETAPA SUGERIDA:

Siga em frente e entre na ala sul do Mercado. Se preferir, vá até a rua Paulo Fontes e siga pela parte externa até o corredor lateral. Nesse local está o QR Code da ESCAMA 6.

### 5.6 ESCAMA 6: O MAR E A PARTE EXTERNA DA ALA SUL

**PROFESSOR:**

Ao caminhar no lado externo da ala sul do Mercado e olhar para o aterro da Baía Sul, construído entre 1972 e 1974, é possível ver o terminal urbano e as pontes ao fundo. Em outros tempos, as ondas do mar batiam nas paredes e o peixe chegava em canoas para abastecer o Mercado. Além do barulho das ondas, o alarido das pessoas mais pobres que costumavam esperar os restos de alimentos que seriam jogados ao mar também era ouvido. Nesta parte do trajeto, você vai orientar seus alunos a refletirem, com base em imagens e textos, sobre a relação direta com o mar, observando a parte externa das peixarias, as embarcações e a forma como os produtos chegavam e saíam do Mercado. O mar, no entanto, é apenas uma lembrança, mas o seu cheiro ainda está presente. É o momento de você orientar os estudantes sobre as relações da cidade com o mar, que é de namoro e rejeição, conforme o texto. Namoro, porque a cidade tem boa parte do seu território em uma ilha e a relação com o mar é frequente e necessária. Rejeição, devido aos aterros, que distanciaram o centro urbano do mar.

Essas relações de amor e rejeição fazem pouco sentido para os dias de hoje, em que boa parte da população já nasceu com o aterro. Questione os estudantes a respeito da rejeição citada no texto, e que está ligada diretamente à necessidade de valorização da opção rodoviária no processo de expansão urbana da capital de Santa Catarina. Os aterros sobre o mar refletem a rejeição, pois a opção marítima estava sendo posta para um segundo plano, em nome de uma série de interesses econômicos e urbanísticos.

Da mesma forma, questione também a relação de amor. Tanto na época em que o abastecimento vinha do mar quanto agora, quando o “cheiro do mar” presente no Mercado é colocado como um atrativo turístico. Veja que, mesmo que o mar não esteja mais presente, ele é “vendido” como se ainda fizesse parte do Mercado. É importante destacar que a construção dos aterros está diretamente ligada ao desenvolvimento turístico da cidade, que tem no mar o seu maior chamariz. No entanto, o turismo somente cresceu no Mercado após a construção dos aterros.

Converse com os estudantes sobre a região da Figueira, conhecida por ser moradia dos estivadores e das prostitutas, que na época era a área preferida dos boêmios da cidade. O nome de praia do “Vai Quem Quer” traz um pouco dessa conotação de desprezo encampada pelos grupos mais abastados.

A poesia de Ady Brígido Silva trata de memórias de cheiros e sons referentes à ligação do Mercado com o mar. Oriente seus alunos a respeito das memórias dos mais antigos e incentive-os a conversar com essas pessoas durante o seu percurso presencial, para ver se algumas delas falam que vão até o local para “sentir o cheiro do mar”. O escritor Ady Brígido Silva, inclusive, afirma que a modernização tirou a identidade da cidade.

### 5.6.1 O CAIS DO MERCADO E A PRAIA DO VAI QUEM QUER

#### IMAGEM 25 - ÁREA DO CAIS DO MERCADO EM FINS DA DÉCADA DE 1910



Fonte: acervo do IHGSC. Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina. 2025. Disponível em: <https://www.ihgsc.org/>. Acesso em: 13 jun. 2025.

#### FICHA DE ANÁLISE DE PISTAS:

Observe a Imagem 25 e descreva a cena representada. Você percebeu a presença de crianças? Discuta com seus colegas a respeito do que as crianças poderiam estar fazendo no Mercado naquele momento.

**IMAGEM 26 - DESEMBARQUE DE PRODUTOS NO MERCADO PÚBLICO POR  
VOLTA DE 1930**



Fonte: disponível em: <https://fotosantigasflorianopolis.blogspot.com/> . Acesso em: 12 jun. 2025.

**FICHA DE ANÁLISE DE PISTAS:**

Observe a Imagem 26.  
Quantas pessoas você  
identifica na cena  
representada? O que elas  
estão fazendo? No centro  
da imagem, há um homem  
no chão. Levante hipóteses  
sobre sua atividade. Em  
seguida, reflita qual a sua  
relação com as demais  
pessoas da cena.

**IMAGEM 27 - PRAIA DO VAI QUEM QUER, AO LADO DO MERCADO, NA ATUAL RUA FRANCISCO TOLENTINO – FOTO DA DÉCADA DE 1930**



Fonte: disponível em: <https://fotosantigasflorianopolis.blogspot.com/> . Acesso em: 12 jun. 2025.

**SAIBA MAIS:**

Sobre a região da Figueira e o entorno das partes sul e oeste do Mercado Público, sugiro as seguintes leituras:

- SANTOS, André Luiz. **Do mar ao morro: a geografia da pobreza urbana em Florianópolis**. 2009. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009. Disponível em: <https://labcs.paginas.ufsc.br/files/2011/12/Tese-03-PGCN0383-T.pdf>. Acesso em: 13 jun. 2025.
- SANTOS, Carina Santiago. **Um lugar chamado Figueira: experiências de africanos e afrodescendentes nas duas últimas décadas do século XIX**. 2005. TCC (Graduação em História) – Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2005. Disponível em: [https://www.pmf.sc.gov.br/arquivos/arquivos/pdf/02\\_01\\_2017\\_14.38.50.db3b207af1b2a3494f33be66301905d2.pdf](https://www.pmf.sc.gov.br/arquivos/arquivos/pdf/02_01_2017_14.38.50.db3b207af1b2a3494f33be66301905d2.pdf). Acesso em: 13 jun. 2025.
- TEIXEIRA, Luiz Eduardo Fontoura. **Espaços públicos da orla marítima do centro histórico de Florianópolis: o lugar do Mercado**. 2002. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2002. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/30364966.pdf>. Acesso em: 13 jun. 2025.

**FICHA DE ANÁLISE DE PISTAS:**

Analise a Imagem 27 e descreva com atenção as atividades que estão sendo praticadas. Em seu percurso, você consegue identificar o local de onde essa foto foi tirada?

**5.6.2 QUANDO O MAR COMEÇOU A “ATRAPALHAR”****IMAGEM 28 - MONTAGEM COM UMA FOTO ATUAL E OUTRA ANTERIOR AOS ATERROS**

Fonte: FOTOS: veja antes e depois do Mercado Público de Florianópolis. **ND+**, 5 fev. 2022. Disponível em: <https://ndmais.com.br/cultura/fotos-veja-antes-e-depois-do-mercado-publico-de-florianopolis>

## O ATERRO

“Florianópolis, até o início dos anos 70, tinha o mar junto ao centro histórico. O mar, seu ritmo, seu cheiro, seu ‘temperamento’, as práticas, usos e técnicas por ele demandados, implicam na maneira das pessoas relacionarem-se com este meio. Seus hábitos, enfim, suas formas de produzir cultura, todos os seus equipamentos sociotécnicos ligados ao mar, compõem a maritimidade do lugar. Existia um contínuo entre a cidade e o mar. Existiam rampas, trapiches, praia, escadas, que permitiam o acesso às águas, amuradas que evitavam os naufrágios dos automóveis. O Aterro não só afastou o centro histórico do mar, mas fundamentalmente, anulou a maritimidade desta parte da ilha.”

(Fonte: SANTOS, Paulo Cesar. Espaço e Memória: o Aterro da Baía Sul e o desencontro marítimo de Florianópolis. 1997. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1997, p. 82. Disponível em: <https://core.ac.uk/reader/30358460> Acesso em: 13 jun. 2025)

### SAIBA MAIS:

Além da obra citada, você pode encontrar mais informações em:

- NONNENMACHER, Marilange. **Vida e morte Miramar Memórias urbanas nos espaços soterrados da cidade**. 2007. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2007. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/106595>. Acesso em: 13 jun. 2025.
- OLIVEIRA, Tueilon de. **A urbanidade nas relações entre o mercado público, cidade e a borda d’água na cidade litorânea luso-brasileira**: estudo de caso de Laguna, Florianópolis e São Francisco do Sul. 2016. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/188703>. Acesso em: 13 jun. 2025.

### FICHA DE ANÁLISE DE PISTAS:

A Imagem 28 faz uma comparação do Mercado Público em dois momentos diferentes. O que você identifica na parte direita? E na parte esquerda? Quais as semelhanças e diferenças entre elas?

Circule pela parte externa da área sul e reflita sobre as razões que justificaram a construção do aterro e sobre como seria esse lugar hoje sem o aterro, com o mar ainda chegando até o Mercado.

### 5.6.3 “PARECE QUE AINDA OUÇO O BARULHO DO MAR...”

#### IMAGEM 29 - FOTO DO CAIS DO MERCADO NA DÉCADA DE 1920



Fonte: acervo Casa da Memória Anita Hoepcke.

#### O MAR ABRIGAVA O MERCADO OU O MERCADO ABRIGAVA O MAR?

“Pelo lado do mar, ao sul, estavam as muito famosas Peixarias  
E ai aquele cheiro quase insuportável: a conhecida Maresia  
Tão forte, que, quase chegava a espantar toda a Freguesia  
Sem frigorífico aquela ‘Inhaca’ quase impedia as iguarias

Naquela parte do Mercado, ali ela também servia  
Para alguns marmanjos fazerem a tal ‘desaguada’  
Assim, aquele ‘mau cheiro’ também era da ‘Mijassada’  
Era ‘Escurinho’ e, assim, nenhum problema ali Havia.

“O Mar

Se era o Mar que lhe abrigava ou Ele abrigava o Mar, é a dúvida  
Aquele ‘chacoalhar’ das ondas parece-me que ainda ouço o ruído  
Diz o popular que ‘recordar é viver’ pois assim vivo imbuído  
O passado me é lembrado e me alegre escrevê-lo. Tudo sob medida!”

(Fonte: SILVA, Ady Brígido. **O mercado do meu tempo**: sua história e vida. Florianópolis: Gráfica Inicial, 2023, p. 25-26, 156).

**FICHA DE ANÁLISE DE PISTAS:**

Nascido em 1936, o escritor Ady Brígido Silva tem uma relação com o Mercado que vem desde a sua infância, na década de 1840. Leia seus textos e reflita sobre os cheiros, ruídos e atividades que ele identifica. Em seguida, observe se eles ainda estão presentes no Mercado durante seu percurso.

**PRÓXIMA ETAPA SUGERIDA:**

Siga em frente pela ala sul do Mercado. Próximo à saída para a rua Jerônimo Coelho. Nesse local está o QR Code da ESCAMA 7.

### 5.7 ESCAMA 7 – A MODERNIZAÇÃO E A PARTE INTERNA DA ALA SUL

**PROFESSOR:**

Você está passando pela área mais concorrida do Mercado atualmente, pois conta com as peixarias e com os bares mais famosos. Nesta parte da atividade, você vai orientar seus alunos sobre o papel do turismo nas mudanças ocorridas no Mercado Público nos últimos 40 anos.

As pistas iniciais trazem relatos das décadas de 1950, quando a mentalidade turística começou a ser implantada; e 1980, quando já estava se tornando dominante. É a hora de orientar os estudantes sobre a participação direta dos comerciantes nas mudanças ocorridas no Mercado nos últimos anos. O objetivo é discutir os diferentes planos e olhares criados ao longo do tempo, pois as mudanças no Mercado são frutos de uma série de estratégias que vêm sendo criadas há mais de 50 anos. Incentive os estudantes a circularem pelo Mercado, ir ao Box 32 e a outros locais semelhantes e analisar as questões de higiene, os preços, a clientela e os produtos oferecidos.

A discussão sobre a democratização do Mercado é importante, pois é apenas uma peça de propaganda. Oriente os estudantes sobre o processo de elitização que vem ocorrendo desde os anos 1980. Trabalhe bastante com o conceito de ressignificação, que seria o mais apropriado para o momento. Um olhar importante é buscar o que está no Mercado desde suas origens e que, mesmo com as mudanças, continua presente e atraindo os turistas. Inclua na discussão os elementos que foram oferecidos posteriormente e que são voltados apenas para a exploração turística. Discuta com eles o que o prédio oferece a partir da sua estrutura arquitetônica e da sua história.

Oriente os estudantes a observarem os frequentadores e os produtos oferecidos no Mercado Público e enumerarem os locais que mais chamam a atenção dos turistas e os locais ou produtos que somente estão ali por causa do turismo.



## TURISMO – DESTINO DA ILHA DE SANTA CATARINA

“Florianópolis necessita desvencilhar-se do marasmo em que vive. Necessita ser conhecida lá fora. Urgem providências no sentido de que nossa encantadora Ilha seja como outras cidades visitada por turistas, por forasteiros que venham conhecer as nossas belezas naturais.”

(Fonte: TURISMO – Destino da Ilha de Santa Catarina. *O Estado*, Florianópolis, 1 nov. 1955, p. 4)

### FICHA DE ANÁLISE DE PISTAS:

Segundo a notícia, datada de 1955, qual seria a solução para Florianópolis sair do “marasmo” em que vivia?	
--	--

### 5.7.2 A ASSOCIAÇÃO

#### IMAGEM 31 - ORESTE MELLO, IDEALIZADOR E PRIMEIRO PRESIDENTE DA ASSOCIAÇÃO DOS COMERCIANTES, DISCURSANDO NA CERIMÔNIA DE TOMBAMENTO



Fonte: MERCADO de tradições. *O Estado*, Florianópolis, 05 fev. 1999, p. 2 (caderno especial – 100 anos de Mercado Público).

## A ACOVEMAPUF

Em busca de novos rumos para o Mercado, foi fundada em 1980 a Associação dos Comerciantes e Varejistas do Mercado Público Municipal de Florianópolis (ACOVEMAPUF), que passou a atuar diretamente nas decisões tomadas pelos órgãos públicos em relação ao local.

Esse é um momento importante, pois vemos que os comerciantes percebem que não são meros coadjuvantes no processo de transformação do Mercado. Foram eles que, entendendo e convivendo com as demandas dos frequentadores e turistas naquele momento se organizaram e modernizaram o Mercado para atrair e fidelizar ainda mais a nova clientela.

FICHA DE ANÁLISE DE PISTAS:	
<p>Os comerciantes tiveram um papel fundamental na ressignificação do Mercado. Reflita e discuta com os seus colegas quais as demandas de frequentadores e turistas foram atendidas pelos comerciantes para atrair novos clientes.</p>	

### 5.7.3 UM BAR METIDO A BESTA

#### IMAGEM 32 - RECORTE DO SITE OFICIAL DO BOX 32

**Box 32**  
*O balcão mais democrático do Brasil.*

O bar revitalizou o antigo mercado, tornando-se o principal ponto de encontro do local ao atrair para o seu balcão pessoas de todas as classes e tendências sociais. Por este motivo, ganhou o apelido de balcão mais democrático do País. Hoje, o Box 32 uma atração turística da cidade tão conhecida quanto o próprio Mercado Público, por onde circulam diariamente vinte mil pessoas.

Foi o primeiro bar do Brasil a receber o prêmio Top de Marketing da ADVB - Associação dos Dirigentes de Vendas do Brasil, seção de Santa Catarina, no ano de 1989 e pela segunda vez em 2000.



Fonte: BOX 32. **Box 32** – O Balcão mais democrático do Brasil. 2025. Disponível em: <https://www.box32.com.br/>. Acesso em: 13 jun. 2025.

“Numa manhã de 1984, [...] peguei-me perplexo com o surgimento de um botequim entre picanhas, anchovas, cenouras e laranjas [...]. O proprietário do modesto bar, Roberto Henrique Barreiros da Silva, acena para que eu me aproxime, trocamos um tímido cumprimento e ele festeja a minha presença ao servir-me um cálice de cachaça de boa procedência, dissertando em seguida sobre os seus objetivos comerciais. Nascia o prodigioso BOX 32, um botequim metido a besta que virou sucesso nacional e tornou-se um forte referencial de Florianópolis. [...] O sucesso do bar deve-se exclusivamente ao talento, à capacidade e à criatividade de Beto Barreiros. Ele está cheio de razão quando diz ‘eu sou o pau da barraca do meu circo’, e quando indagado sobre a sua performance e as transformações ocorridas no Mercado, responde enfático: ‘Antes o Mercado fedia, hoje tem um odor peculiar.’”

(Fonte: SIMÕES, Aldirio. **Retratos à luz da pomboca**. Florianópolis: IOESC, 1997, p. 394-396).

#### FICHA DE ANÁLISE DE PISTAS:

A partir da Imagem 33 e do texto discuta com seus colegas o significado dos termos “balcão democrático”, “bar metido a besta” e “odor peculiar”. Discuta também se eles ainda fazem sentido na atual configuração do Mercado.

### 5.7.4 ARTE E EXOTISMO

#### IMAGEM 33 – BETO BARREIROS E SEU GILDO



Fonte: a imagem à esquerda está disponível em: <https://www.box32.com.br/>. Acesso em 31 dez. 2024.; e imagem à direita é acervo do autor.

### ARTESANATO E GALERIA DE ARTE

“Mas não é só da tradição pesqueira e peixeira que se vive o Mercado Público Municipal. Ela também é representada pelas lojas de artesanato, como aquelas que vendem peças feitas com renda de bilro, herança da ocupação açoriana em Florianópolis. Aliás, a loja das rendeiras é parada turística obrigatória dentro do mercado. Fácil por ali é garantir lembrancinhas que estampam diferentes referências à Ilha da Magia, dos barcos às bruxas. As lojas de artesanato estão dispostas na Ala Norte do empreendimento [...]. Deixando o agito comercial no piso térreo, no piso superior do prédio histórico os visitantes encontram uma galeria de artes. A Sala José Cipriano da Silva recebe com regularidade diferentes exposições de artistas catarinenses, do Brasil e até do exterior, a serem conferidas pelo público gratuitamente.”

(Fonte: GAGLIOTI, Patricia Stahl. Tudo o que você encontra no Mercado Público Municipal de Florianópolis. **ND+**, Florianópolis, 4 dez. 2024. Disponível em: <https://ndmais.com.br/turismo/tudo-o-que-voce-encontra-no-mercado-publico-municipal-de-florianopolis/>. Acesso em: 13 jun. 2025.)

### RÃ, COELHO E JACARÉ

“De gelatos italianos a carnes de rã, coelho e jacaré. De crepe de massa de pão de queijo a produtos naturais e orgânicos do Norte e Nordeste do país [...]. Cortes nobres de carnes bovinas como aberdeen angus, hereford, carne seca e frescal se misturam a carnes exóticas como rã, jacaré, coelho e capivara e frutos do mar como vieira, lula, polvo, tilápia e botarga (a ova da tainha). Os diferentes tipos de carne são a especialidades do Emporium 12, além de especiarias enlatadas como polvo, ostra, mexilhão e truta defumados.”

(Fonte: ALVES, Felipe. Novo mix de produtos e lojas no Mercado Público de Florianópolis começa a ganhar forma. **ND+**, 20 set. 2014. Disponível em: <https://ndmais.com.br/noticias/mix-variado-de-produtos-e-lojas-no-mercado-publico-de-florianopolis-comeca-a-ganhar-forma/>. Acesso em: 16 mar. 2025.)

FICHA DE ANÁLISE DE PISTAS:	
Durante seu percurso, fique atento aos diferentes atrativos para os turistas presentes no Mercado. Discuta com os seus colegas a respeito das diferenças entre eles e sobre quais deles estão diretamente ligados à cultura local.	

### 5.7.5 “O POVO NÃO ESTÁ MAIS ALI DENTRO”

#### IMAGEM 34 - O VÃO CENTRAL (FOTO ATUAL)



Fonte: acervo do autor.

#### TIRARAM A ALMA DO MERCADO

“Então eu não passo mais pelo Mercado hoje em dia, eu não passo, eu passo por fora, eu passo pela Conselheiro Mafra. Só quando for para comprar peixe, é a única exceção, quando for para comprar peixe, um camarão. Mas eu não passo mais no Mercado, porque pra mim eles tiraram a alma do Mercado, sabe, porque eles, o povo não tá mais ali dentro, essa onda de ser tudo gourmet, além dos preços que é mais para uma classe diferente que um povão mesmo, para mim, acabaram com o Mercado, por enquanto. [...]”

(Fonte: MENEGHELLO, Danuza. **Na roda de rua de capoeira: o Mercado Público de Florianópolis e a resistência política**. 2018. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018.)

**FICHA DE ANÁLISE DE PISTAS:**

Os dois textos acima retratam uma visão diferente da resignificação do prédio. Observe atentamente o Mercado e discuta com seus colegas se o povo realmente deixou de frequentar o local.

**PRÓXIMA ETAPA SUGERIDA:**

Saia da ala sul pela porta da rua Jerônimo Coelho, vire à direita, circule pelo vão central e, na coluna de sustentação da torre leste, acesse o QR Code da ESCAMA 8.

## 5.8 ESCAMA 8 – O VÃO CENTRAL E O TOMBAMENTO

### PROFESSOR:

Agora chegou o momento de voltar ao vão central para vivenciar as experiências dessa área tão marcante do Mercado. Criado em 1931, após a conclusão da ala sul, o local foi batizado em 1985 com o nome do músico Luís Henrique Rosa. É uma área totalmente aberta que já foi até o leito de uma rua com grande trânsito de automóveis. No entanto, a circulação de pessoas no local é cada vez mais controlada, da mesma forma que as atividades culturais.

O fechamento do vão central facilitou a circulação de pessoas no local, no entanto, os depoimentos mostram que, aos poucos, as pessoas de menor poder aquisitivo tiveram sua circulação cerceada dentro do prédio. Discuta essas questões com os estudantes. Discuta com os estudantes como ocorre o controle das pessoas dentro do Mercado. Fale sobre os vigilantes, os preços, os olhares, as câmeras e outros artifícios criados para afastar as classes menos abastadas do local.

É no vão central que está a placa alusiva ao tombamento oficial do prédio em 1984. A patrimonialização oficial é a culminância de um processo que vai sendo construído na relação diária entre a população e o bem tombado. Se ocorrerem questionamentos, trabalhe em sala com os conceitos de memória e patrimônio, bem como com o artigo 216 da Constituição Federal e o Decreto 3.551/2000.

Na parte inicial da atividade, você vai analisar imagens que trazem três momentos diferentes do vão central. Inicie uma discussão no sentido de não haver um plano para o uso do local, que foi sendo modificado ao longo do tempo. Oriente os estudantes a conversarem com seus familiares e com os comerciantes para buscar relatos sobre o vão central antes do fechamento para o trânsito de automóveis.

Na última pista, oriente os estudantes a olharem para o relógio e a refletirem sobre a passagem do tempo dentro do Mercado. Trabalhe com a ideia de que o Mercado continua a ser ressignificado, com suas múltiplas camadas e múltiplos usos, desenvolvendo a ideia de construção contínua da patrimonialização, que vem sendo construída desde a época das barraquinhas e continuará a ser construída daqui para a frente.

Termine o percurso discutindo a participação de cada um deles dentro da construção dessa patrimonialização.

### 5.8.1 CARROS X GENTE

#### IMAGEM 35 - FOTO DO VÃO CENTRAL NA DÉCADA DE 1960, AINDA COM A CIRCULAÇÃO DE VEÍCULOS



Fonte: DESDE 1899 – A transformação do vão central do Mercado Público em seis imagens. **Floripa Centro**, Florianópolis, 30 maio 2019. Disponível em: <https://floripacentro.com.br/evolucao-do-vao-central-do-mercado-publico-em-quatro-imagens/>. Acesso em: 13 jun. 2025.

#### IMAGEM 36 - FOTOS DO VÃO CENTRAL EM 1996



Fonte: acervo de Édio Mello.

**IMAGEM 37 - VÃO CENTRAL COM COBERTURA E FECHADO PARA VEÍCULOS**



Fonte: DESDE 1899 – A transformação do vão central do Mercado Público em seis imagens. **Floripa Centro**, Florianópolis, 30 maio 2019. Disponível em: <https://floripacentro.com.br/evolucao-do-vao-central-do-mercado-publico-em-quatro-imagens/>. Acesso em: 13 jun. 2025.

**FICHA DE ANÁLISE DE PISTAS:**

Sente em uma das mesas do vão central, olhe ao redor, observe as imagens 18, 19 e 20 e anote suas impressões sobre como seria estar sentado nesse mesmo local nas décadas de 1960 e 1990.

## 5.8.2 O FECHAMENTO DO VÃO CENTRAL

### IMAGEM 38 - REPORTAGEM SOBRE O FECHAMENTO DO VÃO CENTRAL



Fonte: 1º DIA com mudanças no trânsito. **O Estado**, Florianópolis, 26 abr. 1984, p. 7.

### PRIMEIRO DIA COM MUDANÇAS NO TRÂNSITO

"Valter Costa Nazario, proprietário do Vando Armazém tem esperanças de que 'tudo isso não passa de um dia'. Para ele, 'hoje (ontem) foi um desastre'. Em dias normais tinha sempre uma média de cinco a seis clientes a qualquer hora e ontem o armazém ficou vazio durante 15 minutos, algo inédito que perturbou os quatro empregados. Acha que o tipo de comércio que pratica (secos e molhados) será prejudicado por algum tempo até que sua fiel clientela se acostume a carregar as compras até o estacionamento mais próximo. Outro tradicional comerciante do Mercado e da área interdita ao tráfego, Gedeão Mansur, da Casa Mansur, aplaudiu a medida do Detran 'por não mais suportar que a gente pobre e inocente morra aqui na minha frente ou seja atropelada por alguns malucos no volante que andam por aí.' Sua freguesia caiu ontem, mas ele esperava por isso."

(Fonte: 1º DIA com mudanças no trânsito. **O Estado**, Florianópolis, 26 abr. 1984, p. 7.)

**FICHA DE ANÁLISE DE PISTAS:**

O primeiro comerciante disse que o fechamento do vão central foi um desastre, enquanto o segundo aplaudiu a medida. Reflita sobre os motivos que os levaram a ter opiniões opostas.

**5.8.3 O TOMBAMENTO****IMAGEM 39 - PEQUENA REFORMA DO MERCADO NA DÉCADA DE 1980**

Fonte: RECUPERAÇÃO do mercado Público começou com raspagem do prédio. **O Estado**, Florianópolis, 10 jul. 1983, p. 9.

### TOMBADO OU TOMBANDO?

O tombamento oficial do prédio pela Prefeitura Municipal de Florianópolis ocorreu por meio do Decreto n. 035/84 de 20 de março de 1984. A cerimônia de assinatura do registro oficial do Mercado no Livro de Tombos da cidade deu-se no vão central, quando o prefeito Cláudio Ávila da Silva e diversas autoridades presentes destacaram a enorme importância do Mercado para a história da cidade. Curiosamente, muitos torciam para que o evento demorasse o mínimo de tempo possível, pois temiam que o prédio caísse sobre suas cabeças. Lamentável, mas na época alguns mal-informados acreditavam que o falado “tombamento” representaria a queda do histórico prédio, que era seu estado de penúria e abandono, conforme um artigo do jornal “O Estado”:

Infestado de cupim, centenas de goteiras, nenhum banheiro, instalações elétricas inexplicavelmente inacabadas, sujeira amontoada em muitos cantos e apenas dois extintores de incêndio para todo o prédio, as 300 pessoas que trabalham diariamente nos 136 boxes do velho Mercado Público Municipal de Florianópolis, convivem a todo instante com a insegurança, acrescida de inevitáveis e constrangedores apuros de ordem fisiológica, aliviadas por incursões apressadas ao mictório do terminal urbano de passageiros, distante uns 300 metros. Nunca, desde que foi construído em 1898, este tradicional ponto de vendas e comércio esteve com sua imagem tão comprometida junto ao público como atualmente. (Fonte: RECUPERAÇÃO do mercado Público começou com raspagem do prédio. **O Estado**, Florianópolis, 10 jul. 1983, p. 9.).

FICHA DE ANÁLISE DE PISTAS:	
Explique o significado da palavra “tombamento”.	
O jornal O Estado descreve a situação de penúria do prédio em 1983. Durante seu percurso, você observou problemas semelhantes?	

#### 5.8.4 A PATRIMONIALIZAÇÃO

##### IMAGEM 40 - FOTO DA PLACA ALUSIVA AO TOMBAMENTO DO PRÉDIO



Fonte: acervo do autor.

#### CONSTITUIÇÃO DE 1988 – ARTIGO 216

“Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem:

- I. as formas de expressão;
- II. os modos de criar, fazer e viver;
- III. as criações científicas, artísticas e tecnológicas;
- IV. as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais;
- V. os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico”.

(Fonte: BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: 5 out. 1988. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm). Acesso em: 12 jun. 2025.)

**SAIBA MAIS:**

Sugiro a leitura de um texto de autoria de Átila Tolentino (2016), *Cinco falácias da educação patrimonial*, que pode ser encontrado no link:

[http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/caderno\\_tematico\\_educacao\\_patrimonial\\_05.pdf](http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/caderno_tematico_educacao_patrimonial_05.pdf), na página 39.

A respeito do controle das pessoas e dos novos olhares para o Mercado, os dois artigos abaixo, fornecem subsídios importantes para a discussão:

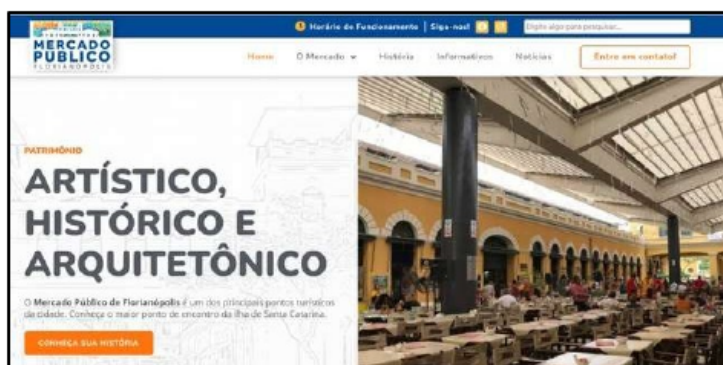
- YAMAMOTO, André R. P. I. Reconstruindo o Mercado Público de Florianópolis. **Revista Santa Catarina em História**, Florianópolis, v. 1, n. 1, 2008. Disponível em <https://ojs.sites.ufsc.br/index.php/sceh/article/view/419> Acesso em: 13 jun. 2025.
- ALANO, Natassia. A biopolítica e o espaço urbano: considerações sobre o Centro de Florianópolis. **RUA**, Campinas, SP, v. 25, n. 2, p. 441-467, 2019. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rua/article/view/8657562>. Acesso em: 13 jun. 2025.

**FICHA DE ANÁLISE DE PISTAS:**

Depois de percorrer todo o prédio, leia o trecho da constituição de 1988 e discuta com seus colegas o significado da palavra patrimônio, segundo o documento e se você considera o Mercado como um patrimônio.	
É importante que o mercado seja reconhecido como patrimônio? Quais pontos e situações presentes no local que levam você a entender o Mercado como Patrimônio Cultural?	
Quais outros bens culturais da cidade você considera que também são Patrimônio Cultural?	

### 5.8.5 TERMINA O CAMINHAR, MAS O TEMPO CONTINUA A PASSAR

#### IMAGEM 41 - PÁGINA DE ABERTURA DO SITE OFICIAL DO MERCADO PÚBLICO



Fonte: MERCADO PÚBLICO DE FLORIANÓPOLIS. 2025. Disponível em: <https://mercadopublicofloripa.com.br>. Acesso em: 13 jun. 2025.

#### O TEMPO CONTINUA A PASSAR

O Mercado continua tendo múltiplas camadas e múltiplos usos. Originalmente, era um lugar de abastecimento da cidade. Com a desativação do porto, a instalação dos aterros, a chegada das grandes redes de supermercados e uma série de outras mudanças políticas, econômicas e geoespaciais, os comerciantes buscaram novas estratégias para manter o lugar vivo e consolidado como patrimônio histórico, artístico e arquitetônico. Mas ele continua sendo um lugar de compra, de trabalho e de troca de experiências.

O que vai ocorrer daqui para a frente, as relações e necessidades diárias vão dizer. Mas é certo que novas escamas vão sendo criadas e, no futuro, alguém estará fazendo esse roteiro e dizendo, cheio de saudosismo, que em 2025 o Mercado era lindo e maravilhoso. Assim como disseram as pessoas com quem você teve contato durante o percurso que está por terminar, ou talvez por começar, pois o Mercado, assim como o tempo, não tem começo, meio ou fim.

Tanto o Mercado quanto os outros patrimônios que você conhece não foram dados por alguém à população. Ele não “é assim porque sempre foi assim”. Espero que, depois desse percurso e das suas aulas de História, você perceba que ele foi sendo “construído pelas pessoas para ser assim”.

Dê uma última olhada para o relógio. Ele mostra que o tempo continua a colocar escamas sobre o Mercado. Você retirou algumas, mas um verdadeiro escamador do tempo

nunca termina o seu trabalho. Volte para a escola, para casa e para sua comunidade e olhe de outra forma para as escamas que formam sua vida e sua história.

<b>FICHA DE ANÁLISE DE PISTAS:</b>	
Depois de percorrer todo o Mercado e pensar sobre a questão da patrimonialização, converse com os seus colegas sobre o que vocês aprenderam durante o percurso. Escolha palavras que sintetizem o que vocês aprenderam, o que mais gostaram de aprender e o que mais os surpreendeu.	
A expressão “o Mercado é uma vitrine da cidade” faz sentido para vocês?	
Discuta com seus colegas sobre a forma como essa visita impacta a visão que vocês tinham do Mercado anteriormente.	

## 6 QR CODES PARA IMPRESSÃO

**PROFESSOR:**

Caso você decida fazer apenas o percurso virtual, estou disponibilizando os QR Codes de cada uma das etapas do percurso em tamanho ampliado para impressão. Creio que essa é uma forma de aguçar o interesse do *zappeur*, pois ele não precisará seguir o percurso indicado e ficará livre para caminhar de acordo com os interesses de momento.

### 6.1 QR-CODE DA ESCAMA 1



**6.2 QR-CODE DA ESCAMA 2**



**6.3 QR-CODE DA ESCAMA 3**



**6.4 QR-CODE DA ESCAMA 4**



**6.5 QR-CODE DA ESCAMA 5**



**6.6 QR-CODE DA ESCAMA 6**



**6.7 QR-CODE DA ESCAMA 7**



6.8 QR-CODE DA ESCAMA 8

